

# A Doutrina Secreta

A Síntese da Ciência, Religião e Filosofia

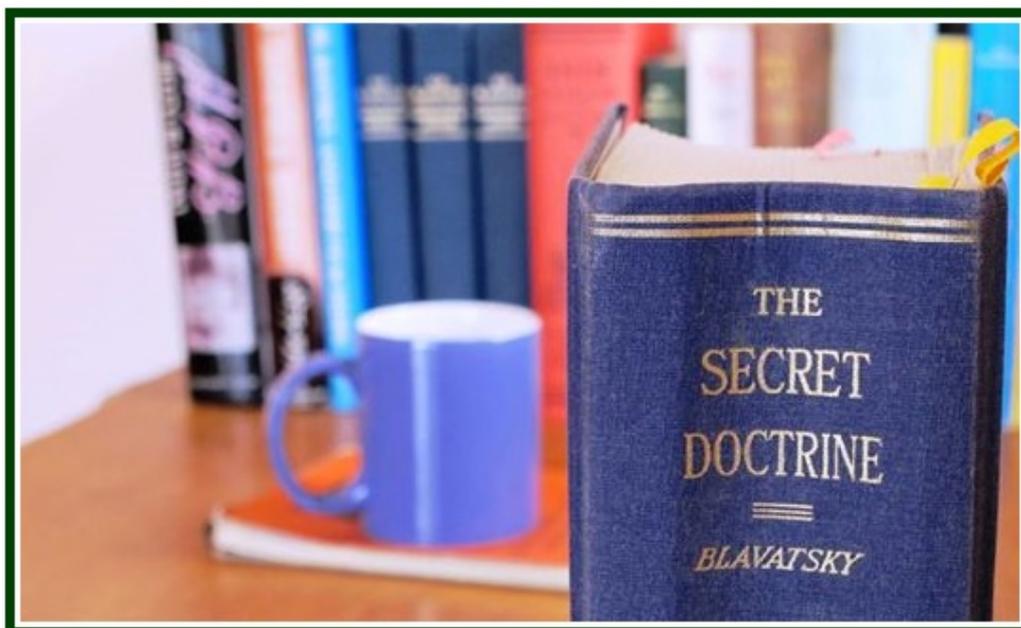
Helena P. Blavatsky

Autora de “Ísis Sem Véu”

सत्यात् नास्ति परो धर्मः ।

“Não há Religião mais elevada que a Verdade”

Vol. I – COSMOGÊNESE



**The Aquarian Theosophist**

# A Doutrina Secreta

## A Síntese da Ciência, Religião e Filosofia

de **Helena P. Blavatsky** (1831-1891)

Tradução da Edição Original de 1888, conforme a edição fac-similar publicada pela “Theosophy Company”, de Los Angeles, em 1925, 1947 e 1982. Tradução de Carlos Cardoso Aveline, com apoio e revisão de outros associados da Loja Independente de Teosofistas.

## Nota Da Edição Luso-Brasileira

A presente tradução é publicada gradualmente, online. A tarefa teve início em 8 de maio de 2012.

Cada nota do tradutor ao pé de uma página é identificada ao final pelas palavras “(Nota do Tradutor)”. As notas da autora são identificadas com as palavras “(Nota de H. P. Blavatsky)”, também ao final.

São consultadas durante o trabalho diferentes edições da obra em vários idiomas, inclusive a correta edição preparada por Boris de Zirkoff (TPH, Adyar, Índia, 1979). Nas notas ao pé de página, com alguma frequência são dadas informações bibliográficas mais detalhadas, conforme constam na edição de Boris.

Os interessados em saber mais sobre este projeto editorial e participar dele como trabalhadores voluntários devem escrever para o email [indelodge@gmail.com](mailto:indelodge@gmail.com).

Um fragmento do início do Volume II pode ser localizado através do *Sumário da Primeira Etapa da Tradução*.

O leitor perceberá que a linguagem com que “**A Doutrina Secreta**” aborda os processos cósmicos e humanos é complexa e causa perplexidade. Este é o preço a pagar por um processo invisível, mas extraordinário. O estudo da obra ativa novos circuitos cerebrais e acelera o nascimento individual de uma consciência capaz de compreender diretamente o Cosmos.

A dificuldade funciona como recurso pedagógico. Serve para garantir que só entenderemos a obra na medida do mérito que tivermos. E o mérito é dado pelo nosso grau de concentração em assuntos universais.

A compreensão avança por camadas. Ela depende do ponto a que tivermos chegado na arte de combinar a amplitude ilimitada de horizontes com fatores como concentração, desapego em relação a coisas inferiores, e unidirecionalidade interior. Seja qual for o nosso nível de autopreparação, possuiremos a chave para a compreensão do nível correspondente de leitura. Tentando incessantemente, o estudante reúne pouco a pouco a energia necessária e vai alcançando novos níveis de compreensão.

Não é por acaso que “A Doutrina Secreta” gira em torno de dois conjuntos de versos orientais de grande beleza interior. A religiosidade profunda é poética. A maior parte dos clássicos da sabedoria eterna expressa a harmonia rítmica e transcendente de tudo o que há. As mitologias e escrituras sagradas de quase todos os povos exemplificam o fato. É correto, portanto, dizer que a vida do universo e a vida de cada alma devem ser estudadas através da compreensão poética, embora elas não estejam presas a esta linguagem.

A estrutura básica desta obra-prima da literatura esotérica moderna consiste de comentários a dois conjuntos de versos do Livro das Estâncias de Dzyan. O primeiro deles possui sete Estâncias ou Estrofes.<sup>1</sup> O segundo, doze Estâncias, ou, mais precisamente, trechos seletos delas. Estas doze estâncias, sem comentários, estão já presentes neste começo de tradução.

O primeiro conjunto de Estâncias explica a origem do Cosmos: a *Cosmogênese* é o tema do primeiro volume.<sup>2</sup> Cada Estância se desdobra em vários *Slokas* ou conjuntos de dois versos. O segundo conjunto de Estâncias explica a origem do ser humano, ou *Antropogênese*, que constitui o tema do segundo volume. Assim, a estrutura central da obra gira em torno de dezenove estâncias poéticas, sendo sete apresentadas no primeiro volume, e doze no segundo.

(CCA)

000

---

<sup>1</sup> A palavra *estância*, sinônimo de *estrofe*, designa um conjunto de versos que normalmente possui um sentido completo. (Nota do Tradutor)

<sup>2</sup> A edição autêntica e original, que estamos traduzindo, possui dois volumes. A edição adulterada por Annie Besant e publicada no Brasil pela Editora Pensamento apresenta seis volumes e rompeu não só o conteúdo original, mas também a estrutura oculta e numerológica da obra, que combina os números sete e doze. Para mais detalhes, veja em nossos websites o artigo “*O Resgate de ‘A Doutrina Secreta’: Versão Ilegítima da Obra Foi Abandonada Em Inglês Mas Ainda Circula em Português*”. (Nota do Tradutor)

# Sumário

## Da Primeira Etapa da Tradução

### Volume I

#### Cosmogênese

Prefácio da Edição Fac-similar Norte-Americana de 1947 .....	6
Prefácio da Autora .....	8
Introdução.....	11
Proêmio .....	42

#### **Parte I do Volume I A Evolução Cósmica**

Sete Estâncias do Livro de Dzyan .....	65
Estância I - A Noite do Universo .....	73
Estância II - A Ideia de Diferenciação .....	88
Estância III - O Despertar do Cosmos .....	97
Estância IV - As Hierarquias Setenárias .....	118
Estância V - Fohat, O Filho das Hierarquias Setenárias .....	137
Estância VI - Nosso Mundo, Seu Crescimento e Desenvolvimento .....	164
Algumas Concepções Teosóficas Iniciais e Erradas Sobre os Planetas, as Rondas, e o Ser Humano.....	178

Fatos e Explicações Adicionais Sobre os Globos e as Mônadas.....	196
Estância VI - Continuação .....	
Estância VII - Os Pais do Homem na Terra .....	
Resumindo .....	

**Parte II do Volume I**  
**A Evolução do Simbolismo em Sua Ordem Aproximada**

(.....) (.....) (.....)

**Parte III do Volume I**  
**A Ciência e a Doutrina Secreta, Comparadas**

(.....) (.....) (.....)

**Volume II**  
**Antropogênese**

**Fragmento da Parte I do Volume II**

As Estâncias da Antropogênese no Volume Secreto de Dzyan.....	214
---	-----

**(A tradução continuará)**

## Prefácio da Edição Fac-similar Norte-Americana de 1947

O Movimento Teosófico do século 19 começou em 1875. A DOUTRINA SECRETA, publicada pela primeira vez em 1888, foi escrita pela senhora H. P. Blavatsky para estabelecer um registro autêntico dos ensinamentos da filosofia teosófica. “A DOUTRINA SECRETA”, disse ela, “não é um tratado ou uma série de teorias vagas, mas contém tudo o que pode ser transmitido ao mundo neste século”. [1]

Em torno de 1925, cinquenta anos depois da fundação do Movimento em Nova Iorque, a primeira edição da obra estava esgotada já havia muito tempo. Naquele momento, o ponto médio do ciclo de cem anos do Movimento Teosófico, a Theosophy Company tornou disponível pela primeira vez uma edição fac-similar da grande obra da senhora Blavatsky, com uma reprodução fotográfica da edição original. O atual volume é idêntico às impressões anteriores, embora tenha sido impresso a partir de novas chapas.

Além da edição original de 1888 - a única autorizada pela senhora Blavatsky - apareceram várias outras edições desta obra. Uma delas, a chamada “Terceira Edição Revisada”, de 1893, está distorcida e com muitos milhares de alterações, algumas das quais são triviais, enquanto outras são verdadeiras mutilações do texto original.

Mais adiante, foi incluído nesta suposta “Edição Revisada” de A DOUTRINA SECRETA um ilegítimo “Terceiro Volume”. Ele foi lançado em 1897, seis anos depois da morte de H. P. Blavatsky. Compilado de papéis vários achados em seus arquivos, este volume não faz parte da DOUTRINA SECRETA original escrita pela senhora Blavatsky. [2]

A “Terceira Edição Revisada” deu lugar a outra edição em 1938, esta vez com *seis* volumes, que foi chamada de “Edição de Adyar”. Esta edição é substancialmente a mesma versão “revisada”, com as exceções do acréscimo de índices remissivos, de um texto biográfico sobre a autora, de várias mudanças tipográficas e de um texto tentando justificar a publicação do ilegítimo “terceiro volume”.

Houve ainda outra edição de A DOUTRINA SECRETA. Neste caso, com a exceção de “correções” sem fundamento, feitas nas expressões sânscritas usadas pela autora, e de um acréscimo de material sectário irrelevante, trata-se de uma reprodução virtualmente fiel do texto original. A sua autenticidade exata, no entanto, não pode ser confirmada sem uma cansativa comparação com a edição original.

A DOCTRINA SECRETA autêntica tem apenas dois volumes. Como foi escrito inicialmente, A DOCTRINA SECRETA devia ser publicada em quatro volumes, mas só dois volumes foram dados por H. P. B. ao editor. Os dois volumes restantes, embora completos, foram retirados por ela por razões claramente indicadas ao final do segundo volume da edição original. [3]

Com a presente impressão de A DOCTRINA SECRETA, a Theosophy Company continua cumprindo sua função de tornar acessíveis aos estudantes e interessados edições inalteradas da literatura original do Movimento Teosófico.

Os dois volumes da edição original estão aqui reunidos em um só volume para maior comodidade dos estudantes; em todos os outros aspectos, esta edição é um fac-símile exato da edição original e isso é algo em que se pode confiar.

The Theosophy Company, 17 de Novembro de 1947.

## NOTAS:

[1] A frase pertence à segunda metade da Introdução da presente obra. Na edição original em inglês, p. xxxviii do volume I. (Nota do Tradutor)

[2] A edição brasileira da Ed. Pensamento de “A Doutrina Secreta” tem seis volumes. Os dois primeiros correspondem ao primeiro volume da edição falsificada de 1897. Os volumes 3 e 4 correspondem ao volume 2 da edição adulterada. Os volumes 5 e 6 correspondem ao terceiro volume, fabricado por Annie Besant em 1897. (Nota do Tradutor)

[3] “The Secret Doctrine”, Theosophy Company, volume II, p. 798. Trata-se do parágrafo que encerra o volume II da obra. Nele H. P. B. diz:

“Enquanto o lixo acumulado durante eras não for afastado das mentes dos teosofistas a quem estes volumes são dedicados, é impossível que o ensinamento mais prático contido no Terceiro Volume seja compreendido. Em consequência disso, a questão sobre se os dois últimos volumes serão publicados algum dia - embora eles estejam *quase* prontos - depende inteiramente do que os Teosofistas e Místicos fizerem, quando tiverem em suas mãos os volumes I e II.” (Nota do Tradutor)

000000000000

# A Doutrina Secreta

A Síntese da Ciência, Religião e Filosofia

por H. P. Blavatsky

Vol. I - COSMOGÊNESE

**Dedico esta Obra a todos  
os Verdadeiros Teosofistas, em  
todos os Países e de todas as Raças,  
porque eles fizeram com que ela fosse  
necessária e ela foi escrita para eles.**

## Prefácio da Autora

A autora - ou, mais precisamente, a redatora - sente que é necessário desculpar-se pela longa demora na aparição desta obra. O atraso ocorreu devido a problemas de saúde e à magnitude da tarefa. Mesmo os dois volumes agora publicados não completam o projeto, e eles não tratam exaustivamente os assuntos abordados. Já foi preparada uma grande quantidade de material sobre a história do ocultismo [1] através das vidas dos grandes Adeptos [2] da Raça Ariana [3], mostrando a influência da filosofia oculta sobre a conduta na vida, tal como é e tal como deveria ser. Caso os volumes atuais encontrem uma recepção favorável, não serão medidos esforços para que o plano da obra seja realizado integralmente. O terceiro volume está inteiramente pronto; o quarto, quase pronto.

Este plano, devemos acrescentar, não existia quando a preparação da obra foi anunciada pela primeira vez. De acordo com a intenção inicial, “A Doutrina Secreta” seria uma versão corrigida e aumentada de “Ísis Sem Véu”. Pouco depois, no entanto, viu-se que era necessário um método diferente para as explicações que se poderia acrescentar ao que já havia sido dado ao mundo em “Ísis Sem Véu” e outras obras dedicadas à ciência esotérica. Por esse motivo, os presentes volumes não contêm, ao todo, nem sequer vinte páginas de “Ísis Sem Véu”.

A autora não considera necessário pedir pela generosa compreensão dos leitores e críticos em relação aos muitos erros de estilo literário, ou em relação ao inglês imperfeito que pode ser encontrado nestas páginas. Ela é estrangeira, e o seu conhecimento deste idioma foi adquirido numa etapa madura da vida. A língua inglesa é usada porque oferece o meio mais amplamente difundido para a transmissão das verdades que é seu dever colocar diante do mundo.

Estas verdades não são apresentadas, de modo algum, como uma *revelação*. A autora tampouco reivindica a posição de reveladora de um conhecimento místico agora divulgado publicamente pela primeira vez na história do mundo. O que está contido nesta obra pode ser encontrado em fragmentos espalhados ao longo de milhares de volumes que formam as escrituras das grandes religiões asiáticas e das primeiras religiões da Europa, oculto sob hieróglifos e símbolos, e até aqui despercebido devido a este véu. O que se tenta fazer agora é reunir os antigos ensinamentos e fazer deles um todo harmonioso e contínuo. A única vantagem que a autora tem em relação aos seus predecessores é que ela não necessita recorrer a especulações e teorias pessoais. Esta obra é o registro parcial do que ela própria aprendeu com estudantes mais avançados, e que foi complementado, apenas em alguns poucos detalhes, pelos resultados do seu próprio estudo e da sua observação. A publicação de muitos destes fatos tornou-se necessária devido às especulações fantasiosas e sem fundamento em que caíram durante os últimos anos muitos teosofistas e estudantes da tradição mística, enquanto tentavam produzir um sistema completo de pensamento a partir dos poucos fatos comunicados antes a eles.

É desnecessário explicar que este livro não contém a Doutrina Secreta toda, mas um número seletivo de fragmentos dos seus aspectos fundamentais, ao mesmo tempo que é dada, nele, uma especial atenção a certos fatos captados por diversos escritores e distorcidos até uma situação em que passam a estar muito distantes da verdade.

Mas talvez seja desejável afirmar inequivocamente que os ensinamentos contidos nestes volumes, por mais fragmentários e incompletos que sejam, não pertencem exclusivamente ao Hinduísmo, nem ao Zoroastrismo, nem à religião dos caldeus ou à religião egípcia; e tampouco ao Budismo, ao Islamismo, ao Judaísmo ou Cristianismo. A Doutrina Secreta é a essência de todas estas religiões. Inspirados pela Doutrina Secreta em suas origens, os vários esquemas religiosos são agora colocados novamente no seu elemento original, a partir do qual cada mistério ou crença surgiu, cresceu e se materializou.

É mais do que provável que o livro seja visto por grande parte do público como um romance dos mais fantásticos: quem ouviu falar, alguma vez, do livro de Dzryan?

A autora, portanto, está preparada para assumir completa responsabilidade pelo conteúdo desta obra, e para enfrentar a acusação de haver inventado tudo o que escreveu. Ela está plenamente consciente de que a obra tem muitas falhas. O que ela afirma é que, embora a obra pareça romântica para muitos leitores, a sua coerência lógica e a sua consistência capacitam este novo Gênesis para estar, pelo menos, no mesmo nível que a “hipótese de trabalho” tão amplamente aceita pela ciência moderna. Além disso, esta obra merece consideração, não porque tenha como apoio alguma autoridade dogmática, mas porque segue firmemente a Natureza, e obedece às leis da uniformidade e da analogia.

A meta desta obra pode ser descrita do seguinte modo: mostrar que a Natureza não é “uma aglomeração casual de átomos”, e indicar ao ser humano o seu lugar correto no esquema do Universo; resgatar da degradação as verdades arcaicas que estão na base de todas as religiões; e revelar, até certo ponto, a unidade fundamental da qual todas elas surgem; e, finalmente, mostrar que o lado oculto da Natureza nunca foi enfocado pela Ciência da civilização moderna.

Se isso tiver sido obtido, mesmo em pequena medida, a autora estará contente. A obra foi escrita para servir à humanidade, e deve ser julgada pela humanidade e pelas futuras gerações. Sua autora não reconhece a validade de nenhum tribunal inferior a estes. Ela está acostumada ao desrespeito. Calúnia é algo que enfrenta diariamente; diante da maledicência, ela sorri com silencioso desprezo.

*De minimis non curat lex.* [4]

Londres, Outubro, 1888.

H. P. B.

## NOTAS:

[1] Ocultismo, ou filosofia esotérica, nada tem a ver com “artes ocultas”, mas se refere à ciência que leva à compreensão altruísta do universo e da vida, situado além do mundo da forma e por isso “oculto”. O essencial é invisível aos olhos. A filosofia oculta ou esotérica investiga aquilo que é transcendente, e faz isso a partir do ponto de vista da ética universal e com base no princípio do respeito por todos os seres. (Nota do Tradutor)

[2] Adeptos; Sábios, Iniciados, Proficientes na Ciência Secreta. (Nota do Tradutor)

[3] Em teosofia, o termo “Raça” corresponde a um tipo humano abrangente, que transcende características físicas, inclui diversas etnias e equivale a quase toda a humanidade, influenciando fortemente a totalidade dela. Através da reencarnação, as mesmas almas devem passar sucessivamente por todas as Raças. A evolução ao longo das Raças é um

processo da humanidade como um todo. Seria um absurdo, portanto, pensar em “superioridade” ou “inferioridade” de alguma raça em relação a outras. Durante o século vinte, no entanto, o termo “raça” foi deturpado pelos líderes criminosos do nazismo e do fascismo, que contavam ao atacar a democracia com o discreto apoio do Vaticano, na Itália e na Alemanha. (Veja, a respeito, o texto “**A Teosofia e a Segunda Guerra Mundial**”, que está disponível em nossos websites associados.) Para a filosofia esotérica, a “Raça Ariana” é o grupo humano descendente dos Árias, os sábios habitantes da Índia antiga. A filosofia teosófica ensina a lei da fraternidade universal entre todos os povos, raças e etnias, e afirma a igualdade de todos perante a lei da justiça universal. (Nota do Tradutor)

[4] “De minimis non curat Lex”. Tradução do latim: “A lei não leva em conta ninharias.” Trata-se de uma paráfrase da frase latina “De minimis non curat praetor”, “o juiz não leva em conta ninharias”. (Nota do Tradutor)

0000000

# Introdução

**“Ouvir gentilmente, julgar com amabilidade.”<sup>3</sup>**

**Shakespeare**

Desde a aparição da literatura teosófica na Inglaterra, tornou-se um costume chamar os seus ensinamentos de “Budismo Esotérico”. E, como diz um velho provérbio baseado na experiência cotidiana - depois que o Erro se torna um hábito, “ele desce por um plano inclinado, enquanto a Verdade tem que subir laboriosamente abrindo caminho montanha acima.”<sup>4</sup>

As velhas verdades conhecidas de todos são, frequentemente, as mais sábias. A mente humana dificilmente fica completamente livre de preconceitos, e frequentemente opiniões decisivas são formadas antes de um exame atento de todos os aspectos de um assunto. Dizemos isso como uma referência ao duplo erro predominante hoje, (a) de limitar a Teosofia ao Budismo; e (b) de confundir os princípios da filosofia religiosa ensinada por Gautama, o Buddha, com as doutrinas

---

<sup>3</sup> Citação do final do prólogo da peça “A Vida do Rei Henry V”, de William Shakespeare. (Nota do Tradutor)

<sup>4</sup> Neste ponto, estamos na metade superior da página xvii do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

esboçadas no livro “O Budismo Esotérico”.<sup>5</sup> Seria difícil imaginar algo mais errôneo do que isso. O fato tornou possível aos nossos inimigos encontrar uma arma eficiente contra a teosofia, porque, como um destacado estudioso do idioma páli enfaticamente afirmou, não há no volume mencionado “nem esoterismo nem Budismo”. As verdades esotéricas apresentadas na obra do Sr. Sinnett haviam cessado de ser esotéricas no momento em que foram tornadas públicas; e o livro não contém a religião de Buddha, mas simplesmente alguns princípios de um ensinamento até aqui oculto que são agora complementados amplamente, aumentados e explicados nos presentes volumes. Mas mesmo estes últimos, embora divulgando muitos princípios fundamentais *da DOCTRINA SECRETA oriental*, erguem apenas uma pequena ponta do escuro véu. Porque ninguém, nem mesmo o maior adepto vivo, teria permissão para, caso ele pudesse - ou quisesse - divulgar promiscuamente para um mundo desrespeitoso e descrente, aquilo que tem sido tão eficazmente escondido do mundo durante longos éons e eras.

“O Budismo Esotérico” foi uma excelente obra com um título muito infeliz, embora seu título quisesse dizer exatamente o que diz o título da presente obra, “DOCTRINA SECRETA”. Ele demonstrou ser infeliz porque as pessoas têm sempre o hábito de julgar as coisas pela aparência e não pelo significado; e também porque o erro agora se tornou tão universal que até a maior parte dos próprios membros da Sociedade Teosófica <sup>6</sup> se tornaram vítimas da mesma concepção errada. Desde o início, no entanto, brâmanes e outros protestaram contra o título. Para ser justa comigo mesma, devo acrescentar que “O Budismo Esotérico” só foi apresentado a mim quando já era um volume completo, e eu não tinha ideia de qual seria a grafia adotada pelo autor para a palavra “Budh-ismo”.

A responsabilidade pela situação deve ser atribuída a aqueles que, tendo sido os primeiros a abordar publicamente o tema, deixaram de assinalar a diferença entre “Buddhismo” <sup>7</sup> - o sistema religioso de ética ensinado pelo Senhor Gautama, e

---

<sup>5</sup> Referência ao livro “O Budismo Esotérico”, de A. P. Sinnett. A obra foi publicada no Brasil pela Editora Pensamento. Título original em inglês, “Esoteric Buddhism”. (Nota do Tradutor)

<sup>6</sup> Sociedade Teosófica; esta é uma referência à Sociedade Teosófica original, que deixou de existir pouco depois de 1891, quando morreu Helena Blavatsky. Em 1894-1895, Annie Besant liderou uma campanha política radical contra William Judge, provocando a fragmentação do movimento teosófico. No século 21, o movimento tem um grau bastante grande de diversidade organizativa. Portanto, cada vez que uma obra clássica de teosofia se refere a “Sociedade Teosófica”, deve-se ler “Movimento Teosófico”. (Nota do Tradutor)

<sup>7</sup> Buddhismo; embora em português a palavra seja grafada normalmente como “budismo”, seguimos neste trecho da tradução a grafia etimológica da palavra - que é mais próxima da língua inglesa - para que o leitor possa acompanhar o raciocínio de H. P. B. O uso em português da grafia etimológica em palavras como “buddhismo” e “Buddha” seria útil para estabelecer uma relação mais direta com o verdadeiro significado destes termos, que se referem a **Buddhi**, o sexto princípio da consciência humana ou “luz espiritual”. No entanto, usaremos na presente tradução a grafia etimológica apenas nas situações que se referem à presente argumentação. Fora dos limites desta discussão etimológica, grafaremos a palavra

chamado assim em função do seu título de Buda, “o Iluminado” - e *Budha*, “Sabedoria” ou conhecimento (*Vidya*), a função cognitiva, que vem da raiz sânscrita “Budh”, *saber*. Nós, teosofistas da Índia, somos os verdadeiros culpados, embora, na época, tenhamos feito o possível para corrigir o erro. (Veja “The Theosophist”, Junho de 1883) <sup>8</sup>. Evitar este erro lamentável de denominação teria sido fácil: seria suficiente mudar a grafia da palavra, e de comum acordo falar e escrever “Budhismo”, ao invés de “Buddhismo”. Este último termo tampouco está corretamente grafado, porque em inglês o correto seria “Buddhism”, e os seus seguidores seriam “Buddhaists”. <sup>9</sup>

Esta explicação é absolutamente necessária no começo de uma obra como esta. A “Religião da Sabedoria” é uma herança de todas as nações, no mundo inteiro, embora tenha sido afirmado em “O Budismo Esotérico” (no *Prefácio* à edição original) que “dois anos atrás (isto é, 1883) nem eu *nem qualquer outro europeu vivo* sabia o alfabeto da Ciência, aqui colocada pela primeira vez em forma científica”, etc. Este erro deve ter surgido inadvertidamente no texto. Porque a presente redatora já conhecia tudo o que está “divulgado” em “O Budismo Esotérico” - e muito mais do que isso - *muitos anos* antes que se tornasse dever dela (em 1880) transmitir uma pequena parcela da Doutrina Secreta a dois cavalheiros *europeus*, um dos quais é o autor de “O Budismo Esotérico”; e seguramente a presente redatora tem o indubitável, embora, para ela, vago, privilégio de ser europeia de nascimento e por educação. Além disso, uma parte considerável da filosofia exposta pelo Sr. Sinnett foi ensinada na América do Norte, inclusive antes que o livro “Ísis Sem Véu” fosse publicado, a dois europeus e a meu colega, o coronel H. S. Olcott. Dos três instrutores que este último cavalheiro teve, o primeiro foi um Iniciado húngaro, o segundo um egípcio, o terceiro um hindu. Na medida do que foi permitido, o coronel Olcott transmitiu de várias maneiras uma parte destes ensinamentos; se os outros dois não fizeram isso, foi simplesmente porque não tiveram autorização, e porque o momento para eles trabalharem publicamente não chegou. Mas para outros indivíduos já chegou o momento de trabalhar em público, e a aparição de vários livros interessantes do Sr. Sinnett é uma prova visível deste fato. É importante acima de tudo compreender que nenhum livro teosófico adquire qualquer valor adicional com base em pretensão de autoridade.

Etimologicamente, *Adi*, ou *Adhi* Budha, a *única* (ou a Primeira) “Suprema Sabedoria” é um termo usado por Aryasanga em seus tratados secretos, e, hoje, por todos os místicos budistas do Norte. É um termo Sânscrito, e um título dado pelos

---

budismo e termos derivados tal como se usa hoje normalmente no idioma português. (Nota do Tradutor)

<sup>8</sup> Junho de 1883. A data da referência está errada no original em inglês. Na verdade, a edição de “The Theosophist” em que foi tentado esclarecer o problema é a de junho de 1884. O título do texto, assinado por “A Brahman Theosophist”, é “Esoteric Buddhism and Hinduism”. Veja, naquela edição, as pp. 223-225. (Nota do Tradutor)

<sup>9</sup> Buddhism, Buddhaists; em português, os termos equivalentes seriam “Buddhaísmo” e “Buddhaístas”. (Nota do Tradutor)

primeiros Árias à divindade Desconhecida; a palavra “Brahmâ” não é encontrada nos Vedas e nas primeiras obras. Significa a Sabedoria absoluta, e “Adi-bhuta” é traduzido como “a causa primeira e não-criada de tudo” por Fitzedward Hall. Éons de duração indizível devem ter passado antes de o epíteto “Buddha” ter sido tão humanizado, digamos assim, a ponto de permitir o seu uso em relação a seres mortais, e finalmente a sua atribuição a um ser cujas virtudes e conhecimento fizeram com que recebesse o título de “Buddha de Sabedoria inalterada”. *Bodha* significa a posse inata de uma “compreensão” ou intelecto divinos; “Buddha”, a sua aquisição através de esforços pessoais e mérito próprio; enquanto *Buddhi* é a faculdade de conhecer o canal através do qual o conhecimento divino chega até o “Ego”, o discernimento do bem e do mal, e também a “consciência divina”; e a “Alma Espiritual”, que é o veículo de *Atma*. “Quando *Buddhi* absorve nosso EGO-ísmo (quando o destrói) com todos os seus *Vikaras*, Avalôkitêshvara se torna manifesto para nós, e Nirvana, ou *Mukti*, é alcançado”. “*Mukti*” é o mesmo que Nirvana, isto é, liberdade das redes de “*Maya*” ou *ilusão*. “*Bodhi*” é também o nome de um estado específico de êxtase, chamado *Samadhi*, e durante o qual o indivíduo alcança a culminação do conhecimento espiritual.

Insensatos são aqueles que, com um ódio cego e já inviável contra o buddhismo - e, por extensão, contra o “budhismo” - negam os seus ensinamentos esotéricos (que são os mesmos dos brâmanes) apenas porque o título sugere o que para eles, monoteístas, são doutrinas nocivas. *Insensatos* é o termo correto em relação a eles. Porque só a filosofia esotérica pode enfrentar, nesta época de materialismo crasso e ilógico, os repetidos ataques contra tudo o que o ser humano considera mais valioso e sagrado em sua vida espiritual interna. O verdadeiro filósofo, o estudante da Sabedoria Divina, deixa inteiramente de lado as personalidades, crenças dogmáticas e religiões específicas. Além disso, a filosofia esotérica reconcilia todas as religiões, retira de cada uma as suas vestes externas e humanas, e mostra que a raiz de cada uma delas é idêntica à raiz de todas as outras grandes religiões. Isto comprova a necessidade de um Princípio Divino absoluto na natureza. Ela não nega a Divindade, assim como não nega o Sol. A filosofia esotérica nunca negou Deus na Natureza, nem a Divindade como o *Ente*<sup>10</sup> absoluto e abstrato. Ela apenas se recusa a aceitar qualquer um dos deuses das chamadas religiões monoteístas, deuses criados pelo ser humano à sua própria imagem e semelhança, uma blasfêmia e uma triste caricatura do Sempre Incognoscível. Além disso, as evidências que pretendemos colocar diante do leitor incluem os ensinamentos esotéricos de todo o mundo, desde o início da nossa humanidade, e o ocultismo buddhista ocupa neles apenas o seu legítimo lugar e nada mais. De fato, as partes secretas de “*Dan*” ou “*Jan-na*”<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Ente; no original em inglês, “ens”, ente ou entidade, algo que tem existência real. (Nota do Tradutor)

<sup>11</sup> *Dan*, que agora se transformou em *ch'an* na fonética do chinês e do tibetano modernos, é o termo geral usado nas escolas esotéricas e sua literatura. Nos livros antigos, a palavra *Jana* é definida como “reformular a si mesmo através da meditação e do conhecimento”, um segundo nascimento *interior*. Disso vem o termo *Dzan*, foneticamente *Djan*, o “Livro de *Dzyan*”. (Nota de H. P. Blavatsky) [**Subnota do Tradutor:** A palavra *Jnana*, de *Jnana Ioga*, tem a mesma origem.]

(“*Dhyan*”) da metafísica de Gautama - embora pareçam grandiosas para alguém que não esteja familiarizado com os princípios da antiga Religião da Sabedoria - são apenas uma porção muito pequena do todo. O Reformador Hindu limitou os seus ensinamentos públicos ao aspecto puramente moral e fisiológico da Religião da Sabedoria, à Ética e ao SER HUMANO, apenas. O grande Instrutor jamais abordou em suas palestras públicas as coisas “invisíveis e incorpóreas” e o mistério do Ser fora da nossa esfera terrestre, reservando as coisas ocultas para o círculo seletivo dos seus Arhats. Estes recebiam a sua Iniciação na famosa caverna Saptaparna (ou a *Sattapanni* de Mahavansa), perto do Monte Baibhâr (Webhâra nos manuscritos páli). Esta caverna estava em Rajagriha, a antiga capital de Mogadha, e foi a caverna *Cheta* de Fa-hian, como supõem corretamente alguns arqueólogos .<sup>12</sup>

O tempo e a imaginação humana empobreceram a pureza e a filosofia destes ensinamentos, depois que eles foram transplantados - durante o processo do seu trabalho de proselitismo - do círculo secreto e sagrado dos Arhats para solos menos preparados que a Índia para receber concepções metafísicas; ou seja, quando foram transferidos para a China, o Japão, o Sião<sup>13</sup> e a Birmânia. O modo como a pureza pristina destas revelações grandiosas foi tratada pode ser visto quando se observa as formas modernas de algumas das antigas escolas budhistas chamadas “esotéricas”, não só na China e outros países budhistas em geral, mas também em não poucos casos no Tibete, onde foram deixadas sob a direção de Lamas não-iniciados e inovadores mongóis.

Assim, pedimos ao leitor que tenha presente a diferença muito importante entre *Buddhismo ortodoxo* - isto é, os ensinamentos públicos de Gautama, o Buddha - e o seu *Budhismo* esotérico. A sua Doutrina Secreta, no entanto, não era de modo algum diferente da doutrina esotérica dos brâmanes da época. O Buddha era filho do solo ária, nascido hindu, Kshatrya<sup>14</sup> e discípulo dos “nascidos pela segunda vez” (os brâmanes iniciados) ou Dwijas. Os ensinamentos do Buddha, portanto, não podiam ser diferentes das doutrinas dos brâmanes, porque toda a reforma budhista consistiu apenas em divulgar uma parte daquilo que havia sido mantido fora do alcance dos que não faziam parte do círculo “encantado” dos Iniciados do Templo e dos ascetas. Mesmo impossibilitado - devido a seus votos de segredo - de transmitir tudo o que lhe havia sido ensinado, o Buddha divulgou uma filosofia construída sobre o solo do verdadeiro conhecimento esotérico, e deu ao mundo apenas o corpo *externo* material do conhecimento, mantendo a sua *alma* para os Eleitos. (Ver também o volume II.) Muitos eruditos chineses, entre os orientistas, ouviram falar da “Doutrina da Alma”. Nenhum deles parece ter compreendido a sua real importância e seu significado.

---

<sup>12</sup> Acreditamos que o Sr. Beglor, engenheiro-chefe em Buddhagaya e um destacado arqueólogo, foi o primeiro a descobrir isso. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>13</sup> Sião; atual Tailândia. (Nota do Tradutor)

<sup>14</sup> Kshatrya; o termo é sânscrito e designa a casta indiana dos guerreiros. (Nota do Tradutor)

Esta doutrina foi preservada secretamente - demasiado secretamente, talvez - dentro do santuário. O mistério que envolvia o seu principal conceito e suas principais aspirações - o Nirvana - desafiou e estimulou tanto a curiosidade dos eruditos que a estudaram, que, sendo incapazes de resolver o problema logicamente e de desatar o nó Górdio, eles o cortaram <sup>15</sup>, declarando que o Nirvana significava *absoluta aniquilação*.

Em torno da primeira quarta parte deste século <sup>16</sup>, apareceu no mundo um novo tipo de literatura que, a cada ano, se tornou mais bem definida em sua tendência. Sendo baseada, segundo ela própria afirma, nas pesquisas eruditas de especialistas em sânscrito e orientistas em geral, era considerada científica. Atribuiu-se às religiões, aos mitos e aos símbolos hindus, egípcios e de outros povos qualquer coisa que o especialista em símbolos quisesse ver neles, adotando-se, deste modo, a rudimentar forma *externa* ao invés do significado *interno*. Obras extremamente notáveis por suas hábeis deduções e especulações em círculo vicioso, com conclusões previamente determinadas trocando de lugar com as premissas, como nos silogismos de mais de um especialista em sânscrito e páli, apareceram em rápida sucessão e inundaram bibliotecas com dissertações mais dedicadas a religiosidades fálicas e sexuais do que à verdadeira simbologia, e cada uma contradizendo as outras.

Esta talvez seja a verdadeira razão pela qual o esboço de algumas verdades fundamentais da Doutrina Secreta das eras Arcaicas tem agora autorização para vir a público, depois de longos milênios do mais profundo silêncio e do mais profundo segredo. Digo de propósito "*algumas* verdades", porque o que deve permanecer no silêncio não poderia ser dito ainda que escrevêssemos cem volumes, nem poderia ser transmitido às gerações atuais de saduceus.<sup>17</sup> Mas mesmo o pouco que agora é dado ao público é melhor do que um completo silêncio sobre estas verdades de importância decisiva. O mundo de hoje, na sua corrida enlouquecida em direção ao desconhecido - algo que ele tende a confundir com o incognoscível sempre que o problema está além do alcance da ciência física - está progredindo rapidamente no plano material, o plano inverso ao da espiritualidade. Tornou-se agora uma vasta arena - um verdadeiro vale da discórdia e da eterna luta - uma necrópole em que estão enterradas as aspirações mais sagradas da nossa Alma Espiritual. A cada

---

<sup>15</sup> Nó Górdio; um nó, em uma corda, que é praticamente impossível de desatar, e que simboliza, portanto, um problema aparentemente sem solução. Uma alternativa que surge é "cortar o nó", isto é, adotar uma medida radical e fora das regras convencionais. A expressão se refere a uma lenda segundo a qual Alexandre, o Grande, cortou o "nó Górdio" com sua espada. (Nota do Tradutor)

<sup>16</sup> "Deste século"; isto é, do século 19. (Nota do Tradutor)

<sup>17</sup> Saduceus; sacerdotes profissionais das classes aristocráticas judaicas, no mundo antigo. Os saduceus defendiam a leitura literal da Bíblia judaica (conforme "*Webster Unabridged Encyclopedic Dictionary*"). Eles foram responsáveis pela morte de Jesus, segundo dizem as narrativas do Novo Testamento. Ver "*A Concise Encyclopedia of Christianity*", by Geoffrey Parrinder, OneWorld, Oxford. (Nota do Tradutor)

geração, esta alma se torna mais paralisada e atrofiada. <sup>18</sup> Os “afáveis infíeis e consumados libertinos da sociedade”, de que fala Greeley, dão pouca importância ao renascimento das ciências *mortas* do passado; mas há uma minoria expressiva de estudantes sérios que têm direito a aprender as poucas verdades que podem ser dadas a eles agora; e *agora* muito mais do que há dez anos atrás, quando “Ísis Sem Véu” foi publicada; ou mesmo do que quando apareceram outras tentativas - posteriores a “Ísis Sem Véu” - de explicar os mistérios da ciência esotérica.

Um dos maiores argumentos - e o mais sério deles - a serem usados contra o valor e a confiabilidade da obra diz respeito às ESTÂNCIAS preliminares: “Como é possível verificar as afirmações feitas nelas?” É verdade que, embora grande parte das obras sânscritas, chinesas, e mongóis citadas nos presentes volumes sejam conhecidas por alguns orientistas, a principal obra, da qual são reproduzidas as Estâncias, não está em poder de bibliotecas europeias. O Livro de Dzyan (ou “Dzan”) é completamente desconhecido dos nossos filólogos, ou, pelo menos, eles nunca ouviram falar dele com este nome. Isso, naturalmente, é um grande obstáculo para aqueles que seguem os métodos de pesquisa recomendados pela Ciência oficial; mas para os estudantes de Ocultismo e para todo Ocultista legítimo o fato terá pouca importância. A maior parte das Doutrinas divulgadas está espalhada por centenas e milhares de manuscritos sânscritos, alguns já traduzidos - e desfigurados como de costume em suas interpretações -; outros ainda esperando por sua vez. Todo estudioso tem, portanto, a possibilidade de verificar as afirmativas feitas aqui e de testar a maior parte das citações. Será difícil localizar a origem das referências a alguns fatos novos (*novos* apenas para o orientalista profano), e de algumas passagens reproduzidas dos Comentários. Além disso, vários dos ensinamentos foram transmitidos até agora oralmente; no entanto, mesmo estes são, todos, mencionados indiretamente nos volumes quase incontáveis das literaturas sagradas dos templos bramânicos, chineses e tibetanos.

Em todo caso, e sejam quais forem as críticas malévolas a serem feitas contra a redatora desta obra, há um fato inegável. Os membros de várias escolas esotéricas, cuja sede central está além dos Himalaias <sup>19</sup>, e cujas ramificações podem ser encontradas na China, no Japão, na Índia, no Tibete e mesmo na Síria, além da América do Sul, afirmam ter em sua posse a *soma total* das obras sagradas e filosóficas, em volumes manuscritos e impressos; todas as obras, de fato, que já foram escritas, em quaisquer idiomas ou caracteres, desde que começou a arte de

---

<sup>18</sup> “Alma se torna mais paralisada”. Ao escrever esta frase na década de 1880, o futuro diante de H. P. Blavatsky incluía o século vinte, com duas grandes guerras mundiais que iriam destruir uma e outra vez a Europa, além das bombas atômicas e da guerra fria que ameaçariam com a possibilidade de uma hecatombe capaz de aniquilar subitamente a população humana. Em relação ao século 20, a missão de H. P. B. visava, entre outras coisas, impedir o pior fortalecendo as bases da fraternidade universal. A missão teve êxito. A situação no século 21 é bem diferente. (Nota do Tradutor)

<sup>19</sup> Além dos Himalaias; isto é, ao Norte desta Cordilheira. (Nota do Tradutor)

escrever, incluindo os hieróglifos ideográficos, o alfabeto de Cadmo <sup>20</sup> e o Devanagari <sup>21</sup>.

Tem sido afirmado ao longo do tempo que desde a destruição da Biblioteca de Alexandria (veja “Ísis Sem Véu”<sup>22</sup>, Ed. Pensamento, Vol. III, pp. 33-34) cada uma das obras cujo conteúdo poderia levar o profano a uma descoberta e uma compreensão nítidas de alguns dos mistérios da Ciência Secreta foi cuidadosamente localizado, graças aos esforços combinados dos membros das Fraternidades. Aqueles que sabem acrescentam, além disso, que, uma vez localizadas, três cópias de cada obra foram deixadas de lado e guardadas em segurança, e todas as outras foram destruídas. Na Índia, os últimos manuscritos preciosos foram reunidos e ocultados durante o reinado do imperador Akbar. <sup>23</sup>

Afirma-se, além disso, que cada um dos livros sagrados desta categoria, cujo texto não estava suficientemente velado através de simbolismos, ou que fazia qualquer referência direta aos mistérios da antiguidade, foi cuidadosamente copiado em caracteres criptográficos, de modo a impossibilitar a sua leitura por parte até mesmo dos melhores e mais inteligentes paleógrafos, sendo depois também destruído até a última cópia. Durante o reinado de Akbar <sup>24</sup>, alguns fanáticos membros da corte, descontentes com o interesse pecaminoso do imperador por investigar a religião dos infiéis, ajudaram, eles próprios, aos brâmanes no esforço de ocultar os seus manuscritos. Entre eles estava Badáoni, que sentia um *horror indisfarçável* diante da mania de Akbar em relação às religiões idólatras. <sup>25</sup>

---

<sup>20</sup> Cadmo; na mitologia clássica, herói fenício que introduziu no mundo grego o alfabeto e a escrita. Fundou a cidade de Tebas. (Nota do Tradutor)

<sup>21</sup> Devanagari; etimologicamente “A língua ou as letras dos devas (deuses)”. O alfabeto do idioma sânscrito. O mesmo alfabeto é usado para outros idiomas indianos, como o hindi. (Nota do Tradutor).

<sup>22</sup> Na edição original; “Isis Unveiled”, H. P. Blavatsky, Theosophy Co., Los Angeles, volume II, p. 27. (Nota do Tradutor).

<sup>23</sup> O professor Max Müller mostra que nenhuma oferta de suborno ou ameaça feita por Akbar foi suficiente para obter dos brâmanes o texto original dos Vedas; e, afirma, orgulhosamente, que os orientistas europeus o possuem (“*Introdução à Ciência da Religião*”, “*Introduction to the Science of Religion*”, 1873, p. 23). Que a Europa possua o *texto completo* é altamente duvidoso, e no futuro os orientistas podem ter surpresas muito desagradáveis. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>24</sup> Akbar foi um imperador muçulmano, liberal e que estimulava as artes, a ciência e a literatura. (Nota do Tradutor)

<sup>25</sup> Badáoni escreveu em seu *Muntakhab em Tawarikh*: “Sua Majestade gostava de investigações sobre as seitas destes infiéis (que são tão numerosos que não podem ser contados, e possuem um número infindável de *livros de revelações*) ..... Dado o fato de que eles (os Sramana e brâmanes) ultrapassam outros eruditos em seus tratados sobre moral e sobre ciências físicas e religiosas, e alcançam um alto grau de *conhecimento do futuro*, de poder espiritual e de perfeição humana, eles trouxeram provas baseadas na razão e em testemunhos e estabeleceram estas doutrinas de modo tão firme que já ninguém podia

Além disso, em todas as lamaserías <sup>26</sup> grandes e ricas há galerias subterrâneas e *bibliotecas em cavernas*, cortadas na rocha, sempre que o *gonpa* <sup>27</sup> e o *lhakhang* <sup>28</sup> estão situados em montanhas. Mais além do Tsaydam ocidental, nas passagens solitárias de *Kuen-lun* <sup>29</sup>, há vários locais ocultos com estas características.<sup>30</sup> Ao longo da cordilheira de Altyn-Toga, cujo solo nenhum europeu jamais pisou até o momento, há uma certa aldeia perdida em um profundo desfiladeiro. É um pequeno agrupamento de casas, mais uma vila do que um monastério, com um templo de aparência pobre, e um velho lama, um eremita, que vive perto para cuidar dele. Os peregrinos dizem que as galerias e salões subterrâneos sob a aldeia contêm uma coleção de livros cujo número, de acordo com os informes dados, é tão grande que eles não poderiam ser alojados nem mesmo no Museu Britânico. <sup>31</sup>

É muito provável que tudo isso cause um sorriso de dúvida. Mas antes de negar a autenticidade de tais relatos <sup>32</sup>, o leitor deve fazer uma pausa e refletir sobre os

---

provocar uma só dúvida na consciência de Sua Majestade, ainda que montanhas se transformassem em pó ou o céu se abrisse ao meio.” Esta obra “foi mantida em segredo, e não foi publicada até o reinado de Jahangir.” (“Ain i Akbari”, tradução do Dr. Blochmann, p. 104, nota.) (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>26</sup> Lamaserías; monastérios dos lamas. (Nota do Tradutor)

<sup>27</sup> Gonpa; palavra tibetana que significa “monastério”. (Nota do Tradutor)

<sup>28</sup> Lhakhang; palavra tibetana. Significa templo, especialmente subterrâneo. (Nota do Tradutor)

<sup>29</sup> As montanhas Karakorum, na região ocidental do Tibete. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>30</sup> Um Mestre de Sabedoria escreveu em 1880 sobre esta região dos Himalaias: “... Um dia destes, eu descia os desfiladeiros do Kouenlun - que vocês chamam Karakorum - e vi desabar uma avalanche. Eu tinha ido pessoalmente até o nosso chefe para submeter a ele a importante oferta do sr. Hume, e estava cruzando o desfiladeiro em direção a Ladakh na volta para casa. (...) Exatamente quando eu estava desfrutando a tranquilidade impressionante que geralmente se segue a esse cataclisma (...) fui bruscamente chamado aos meus sentidos. (...)” (“**Cartas dos Mahatmas**”, Editora Teosófica, Brasília, 2001, Volume I, Carta 5, p. 54.) (Nota do Tradutor)

<sup>31</sup> De acordo com a mesma tradição, as regiões agora desoladas da terra seca de Tarim - um verdadeiro deserto no coração do Turquestão - estavam cobertas na antiguidade por cidades ricas e florescentes. Hoje em dia, só alguns poucos oásis verdes dão alívio à sua solidão sem vida. Um deles, surgido no sepulcro de uma vasta cidade engolida e encoberta pelo solo arenoso do deserto, não pertence a ninguém, mas é com frequência visitado por mongóis e budistas. A mesma tradição fala de imensos prédios subterrâneos, e de grandes corredores cheios de cerâmicas e cilindros. Pode ser que seja apenas um rumor sem fundamento. Talvez seja um fato real. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>32</sup> Em “Cartas dos Mahatmas” há descrição de um dos refúgios usados pelos Mestres dos Himalaias. O raja-iogue escreve para um discípulo leigo inglês: “Em certo lugar que não pode ser mencionado a estranhos, existe um abismo, atravessado por uma frágil ponte de fibras entrelaçadas, com uma impetuosa correnteza em baixo. O mais intrépido membro dos seus clubes de alpinismo dificilmente ousaria aventurar-se a passá-la, porque a ponte está

seguintes fatos, que são bem conhecidos. As pesquisas coletivas dos orientalistas, e especialmente os esforços de anos recentes feitos por estudiosos de filologia comparada e da Ciência das Religiões, levaram à comprovação de que um número imenso, incalculável, de manuscritos, e mesmo de livros impressos *que se sabe que existiram, agora já não podem ser encontrados*. Eles desapareceram sem deixar o menor vestígio. Se fossem obras sem importância, poderiam ter sido deixados à mercê da destruição natural ao longo do tempo, e até os seus nomes teriam sido apagados da memória humana. Mas não é isso o que acontece, porque, como agora foi comprovado, a maior parte deles continha as verdadeiras chaves interpretativas de obras ainda existentes, e *inteiramente incompreensíveis* para a maior parte dos seus leitores, *sem estes volumes adicionais de Comentários e explicações*. Este é o caso, por exemplo, das obras de Lao-tzu, o predecessor de Confúcio.<sup>33</sup>

Afirma-se que ele escreveu 930 livros sobre Ética e religiões, e *setenta* sobre magia, com *um total de mil*. Sua grande obra, no entanto, o *coração* da sua doutrina, o “Tao-te-King”, ou a sagrada escritura do *Tao-tzu*, possui, como mostra Stanislas Julien <sup>34</sup>, apenas “cerca de 5.000 palavras” (*Tao-te-King*, p. XXVII), não mais que uma dúzia de páginas; e no entanto o professor Max Müller considera que “o texto é ininteligível sem comentários, de modo que o Sr. Julien teve que consultar mais de sessenta comentadores para realizar a sua tradução”, o mais antigo dos quais é do ano 163 antes da era cristã, e *não antes*, como vemos. Durante os quatro séculos e meio que precederam *o mais antigo* dos comentadores houve tempo suficiente para que a verdadeira doutrina de Lao-tzu fosse velada para todos, com a exceção dos seus sacerdotes iniciados.<sup>35</sup> Os japoneses, entre os quais encontramos hoje os mais

---

pendurada como uma teia de aranha e *parece* apodrecida e intransponível. E, no entanto, não é assim; e aquele que ousa enfrentar a prova e tem êxito - como o terá se for correto que ele tenha permissão - chega a um desfiladeiro cujo cenário é de uma beleza insuperável - a um dos *nossos* lugares, e a algumas pessoas *nossas*, algo em relação ao qual não há anotação ou registro entre geógrafos europeus. À distância do arremesso de uma pedra desde o velho monastério de Lamas ergue-se a antiga torre dentro da qual surgiram gerações de *Bodhisatwas*. (...)” (“**Cartas dos Mahatmas**”, Volume I, Carta 29, pp. 153-154.) (Nota do Tradutor)

<sup>33</sup> “Se olharmos para a China, veremos que a religião de Confúcio se baseia nos cinco livros *King* e nos quatro livros *Shu*, eles próprios de uma extensão considerável e rodeados de volumosos Comentários, sem os quais nem mesmo o mais sábio dos eruditos tentaria explorar *as profundezas do seu cânone sagrado*.” (“*Introdução à Ciência da Religião*”, “*Introduction to the Science of Religion*”, p. 114, 1873, Max Müller). Mas eles não as exploraram, e este é o motivo de um protesto por parte dos confucionistas, conforme reclamou um destacado erudito daquela corrente de pensamento, em Paris, em 1881. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>34</sup> O sinólogo Stanislas Julien (13 de abril 1797 - 14 de fevereiro de 1873) publicou sua versão do *Tao-te-King* em 1842, em francês. (Nota do Tradutor)

<sup>35</sup> Sobre a importância da China para os Mestres de Sabedoria, cabe levar em conta estas palavras escritas por um deles a um discípulo leigo ocidental: “...Nós, do Tibete e da China...” (“**Cartas dos Mahatmas**”, Vol. II, Carta 136, p. 314.) Os Mestres não veem separação entre os dois países. (Nota do Tradutor)

eruditos sacerdotes e seguidores de Lao-tzu, simplesmente riem diante dos erros grosseiros e das hipóteses formuladas pelos especialistas europeus em cultura chinesa; e a tradição afirma que os comentários aos quais os sinólogos ocidentais têm acesso não são os registros *realmente ocultos*, mas apenas véus intencionais, e que os verdadeiros comentários, assim como quase todos os textos, *desapareceram* há muito tempo dos olhos do profano.

Se observamos a literatura antiga das religiões semíticas, e a escritura dos caldeus, a irmã mais velha e instrutora (se não a fonte direta) da Bíblia de Moisés, que é por sua vez a base e o ponto inicial do cristianismo - quais são as descobertas dos eruditos? O que resta, atualmente, para perpetuar a memória das antigas religiões da Babilônia, para registrar o vasto ciclo de observações astronômicas dos magos caldeus, e para justificar a tradição da sua literatura esplêndida e notavelmente oculta? Apenas uns poucos fragmentos, que *são atribuídos* a Beroso.

Tais fragmentos, no entanto, são quase destituídos de valor, mesmo como uma pista que poderia indicar a natureza do que foi perdido, porque passaram pelas mãos do reverendo Bispo de Cesareia <sup>36</sup> - o automeado censor e editor dos documentos sagrados das religiões de outros povos - e sem dúvida têm até hoje a marca de suas mãos notavelmente verazes e confiáveis. Qual é a história deste tratado sobre aquela que foi a grande religião da Babilônia?

Ele foi escrito em grego por Beroso, um sacerdote do templo de Baal <sup>37</sup>, para Alexandre o Grande, a partir dos registros astronômicos e cronológicos preservados pelos sacerdotes daquele templo, que cobriam um período de 200.000 anos. Agora está perdido. No século um antes da era cristã, Alexander Polyhistor fez uma série de transcrições parciais da obra - *também perdidas*. Eusébio usou estas transcrições ao escrever sua *Chronicon* (270-340, era cristã). Os pontos de semelhança - quase identidade - entre as escrituras judaicas e caldaicas <sup>38</sup> tornaram estas últimas <sup>39</sup> extremamente perigosas para Eusébio, em seu papel de defensor e proclamador da nova fé que havia adotado as escrituras judaicas, e que havia adotado, com elas, uma cronologia absurda. Está confirmado que Eusébio não preservou as Tabelas

---

<sup>36</sup> Cesareia; cidade fundada por Herodes no século um antes da era cristã, e situada no atual território de Israel. (Nota do Tradutor)

<sup>37</sup> Baal; “Belus” em latim. Divindade babilônica e do primeiro período da história judaica, mais tarde transformada em “demônio”. (Nota do Tradutor)

<sup>38</sup> Algo que foi descoberto só *agora*, através das descobertas feitas por George Smith (veja-se o seu livro “Chaldean Account of Genesis”), e que, graças a este falsificador armênio, enganou a todas as *nações civilizadas* durante mais de 1500 anos, fazendo com que elas aceitassem os relatos judaicos como *Revelação Divina direta!* (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>39</sup> A edição de 1876 do livro “**Chaldean Account of Genesis**”, de George Smith - citada por H. P. B. na nota imediatamente anterior a esta - foi reeditada em 1994 por Wizards Bookshelf, de San Diego, Califórnia, em 1994. A edição é fac-similar e tem 320 pp., incluindo um índice remissivo. (Nota do Tradutor)

Sincrônicas Egípcias, de Manetho <sup>40</sup>, e tanto é assim que Bunsen <sup>41</sup> o acusa de mutilar a história de modo extremamente inescrupuloso. E tanto Sócrates, um historiador do século cinco, como Syncellus, vice-patriarca de Constantinopla (século oito), o denunciam como o mais audaz e desesperado falsificador.

Será então provável que ele tenha tratado com mais respeito os documentos caldeus, que já estavam ameaçando a nova religião - aceita de modo tão apressado?

De modo que, com a exceção destes fragmentos mais do que duvidosos, toda a literatura sagrada dos caldeus desapareceu dos olhos do profano tão completamente quanto a perdida Atlântida. Alguns fatos que fazem parte da História escrita por Beroso são dados na parte II do volume II da presente obra, e podem lançar uma grande luz sobre a verdadeira origem dos Anjos Caídos, personificados por Bel <sup>42</sup> e pelo Dragão.

Examinando agora a literatura Ária mais antiga, o Rig-Veda, se o estudante seguir estritamente os dados fornecidos pelos próprios orientalistas citados acima, verá que embora o Rig-Veda contenha apenas “cerca de 10.580 versos, ou 1.028 hinos”, e apesar dos Brahmanas <sup>43</sup> e da massa de interpretações e comentários, ele até hoje não é compreendido corretamente. Qual é a razão disso? Evidentemente, isso ocorre porque os próprios Brahmanas, “os tratados escolásticos e mais antigos sobre os hinos primitivos”, *requerem também uma chave interpretativa*, a que os orientalistas não tiveram acesso.

O que dizem sobre a literatura budista os eruditos? Será que eles a possuem toda e completa? Seguramente não. Apesar dos 325 volumes do *Kanjur* e do *Tanjur* dos budistas do Norte - dos quais cada volume, conforme nos é dito, “pesa entre meio quilo e dois quilos e meio” - nada, na verdade, é conhecido sobre o lamaísmo. No entanto, considera-se que o cânone sagrado dos templos do Sul contém 29.368.000 letras no Saddharma alankâra <sup>44</sup>, ou, sem contar tratados e comentários, “cinco ou seis vezes mais que a Bíblia”, já que esta última, segundo as palavras do professor Max Müller, tem apenas 3.567.180 letras. Apesar, portanto, destes “325 volumes” (*na realidade*, são 333 volumes, com o *Kanjur* possuindo 108, e o *Tanjur* 225 volumes), “os tradutores, ao invés de fornecer-nos versões corretas, intercalaram

---

<sup>40</sup> Manetho, ou Maneton; historiador egípcio antigo. (Nota do Tradutor)

<sup>41</sup> “Egypt’s Place in History”, Bunsen, vol. I, p. 200. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>42</sup> Bel; uma variante do nome Baal. Ver nota algumas linhas acima. (Nota do Tradutor)

<sup>43</sup> Brahmanas; literalmente “que pertencem aos brâmanes”. Textos compostos por, e para, os brâmanes. Parte dos Vedas que ensina aos brâmanes sobre o uso dos hinos. (“A Classical Dictionary of Hindu Mythology”, John Dowson, Munshiram Manoharlal Publishers, New Delhi, India, 1973). Os Brahmanas contêm instruções para os iniciados. (“Theosophical Glossary”, Theosophy Co.) (Nota do Tradutor)

<sup>44</sup> Spence Hardy, “The Legends and Theories of the Buddhists”, p. 66. (Nota de H. P. Blavatsky).

nas obras os *seus próprios comentários*, com a intenção de justificar as doutrinas das suas várias escolas.”<sup>45</sup> Além disso, “de acordo com uma tradição preservada pelas escolas budistas tanto do Sul como do Norte, o cânone sagrado budista incluía inicialmente 80.000 ou 84.000 tratados, *mas a maior parte deles foi perdida*, de modo que permaneceram apenas 6.000”, diz o professor ao seu público. Foram “perdidas”, como de costume, para os europeus. Mas quem pode ter certeza de que elas estão perdidas também para os budistas e os brâmanes?

Considerando o caráter sagrado que os budistas atribuem a cada linha escrita sobre Buddha ou sua “Boa Lei”, a perda de cerca de 76.000 *tratados* parece miraculosa<sup>46</sup>. Se fosse o *contrário*, qualquer um que conheça o curso natural dos fatos aceitaria a afirmação de que, destes 76.000, cinco ou seis mil tratados *poderiam ter sido* destruídos durante as perseguições na Índia e a emigração daquele país. Mas como está bem estabelecido que os Arhats budistas começaram o seu êxodo religioso para propagar a nova fé além de Caxemira e dos Himalaias já no ano 300 antes da era atual<sup>47</sup>, e que eles chegaram à China no ano 61 da era cristã<sup>48</sup>, quando Kashyapa, convidado pelo imperador Ming-ti, foi até lá para familiarizar o “Filho do Céu” com as doutrinas budistas, parece estranho ouvir os orientalistas falarem de uma tal perda como se ela fosse realmente possível. Eles parecem não admitir nem por um momento a possibilidade de que os textos estejam *perdidos* apenas para o Ocidente e para *eles próprios*; ou de que o povo asiático possa ter a audácia, quase inimaginável, de manter os seus textos mais sagrados fora do alcance dos estrangeiros, recusando-se assim a entregá-los para a profanação e o uso inadequado por parte de povos tão “vastamente superiores” a eles.

Devido às lamentações feitas e às numerosas confissões de parte de quase todos os orientalistas (veja-se, por exemplo, as “Lectures” [“Palestras”] de Max Müller) o público pode ter certeza de que, (a) os estudantes de religiões antigas têm na verdade informações excessivamente escassas para construir conclusões finais, como geralmente fazem, em relação às religiões antigas; e (b) esta falta de dados não impede de modo algum que eles sejam dogmáticos a esse respeito. Poderíamos pensar que, graças aos numerosos registros da teogonia e mistérios egípcios ainda preservados nos clássicos, e em um bom número de obras dos escritores antigos, pelo menos os ritos e as doutrinas do Egito dos faraós deveriam estar bem

---

<sup>45</sup> “Buddhism in Tibet”, p. 78. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>46</sup> H. P. B. está mencionando aqui um número médio. A estimativa do número de tratados oscila entre os extremos de 80.000 e 84.000. No caso do número menor, 80.000 menos 6.000 textos que foram preservados seriam 74.000. Na outra ponta, 84.000 menos 6.000 preservados são 78.000. A média entre 74.000 e 78.000 é 76.000. (Nota do Tradutor)

<sup>47</sup> C. Lassen (“Indische Alterthumskunde”, vol. II, p. 1091; ed. 1874) mostra um monastério budista construído na serra de Kailas no ano de 137 antes da era cristã; e o general Cunningham menciona data anterior a esta. (Nota de H. P. Blavatsky) [**Subnota do Tradutor:** Seguimos aqui os dados bibliográficos indicados na edição de B. de Zirkoff. Neste ponto, estamos na p. xxviii do original em inglês.]

<sup>48</sup> Reverendo T. Edkins, “Chinese Buddhism”. (Nota de H. P. Blavatsky)

compreendidos; e melhor compreendidos, pelo menos, do que as filosofias e o panteísmo abstrusos da Índia, de cuja religião e idioma a Europa dificilmente tinha alguma ideia antes do começo do século atual.<sup>49</sup> Ao longo do Nilo e de todo o país, existem até agora e são exumadas a cada ano e todos os dias novas relíquias que contam com eloquência a sua própria história. Apesar disso, a compreensão não ocorre. O próprio filólogo erudito de Oxford confessa a verdade ao dizer: “Embora (.....) <sup>50</sup>, temos ainda erguidas as pirâmides e as ruínas de templos e labirintos, com suas paredes cobertas de inscrições hieroglíficas e estranhas pinturas de deuses e deusas. (.....) Em rolos de papiros que parecem desafiar a passagem do tempo, temos até fragmentos do que podemos chamar de livros sagrados dos antigos egípcios; e no entanto, apesar de muitos dos antigos registros desta raça misteriosa terem sido decifrados, a tendência dominante da religião do Egito e a intenção original da sua adoração cerimonial *estão longe de serem completamente* compreendidas por nós.” <sup>51</sup> Neste caso, novamente, os misteriosos documentos em hieróglifos permanecem, mas desapareceram as chaves indispensáveis para que eles sejam inteligíveis.

No entanto, tendo descoberto que “há uma conexão natural entre a língua e a religião”, e, em segundo lugar, que houve uma religião ariana *comum* antes da separação da raça ariana; uma religião semítica *comum* antes da separação da raça semítica; e uma religião turaniana <sup>52</sup> *comum* antes da separação dos chineses e das outras tribos pertencentes ao grupo turaniano; e tendo, na realidade, descoberto apenas “três centros antigos de religião” e “três centros linguísticos”, e embora ignore tudo sobre aquelas religiões e línguas primitivas, o professor não hesita ao declarar que “foi obtida uma *base* verdadeiramente *histórica* para um enfoque científico daquelas primeiras religiões do mundo!”

Um “enfoque científico” sobre um assunto não garante que haja uma “base histórica”; e com dados disponíveis tão escassos, nenhum filólogo, nem sequer entre os mais eminentes, tem condições de apresentar suas próprias conclusões como fatos *históricos*. Sem dúvida, o eminente orientalista comprovou diante do mundo que, de acordo com a lei das regras fonéticas formuladas por Grimm, Odin e o Buddha eram dois personagens diferentes, bastante diferentes um do outro; e ele demonstrou isso

---

<sup>49</sup> “Século atual”; século 19. (Nota do Tradutor)

<sup>50</sup> Estamos à altura da metade inferior da p. xxviii do original em inglês. Foram omitidas palavras nesta citação, o que prejudica o sentido da frase. Em sua edição, Boris de Zirkoff omite a palavra “Embora”, para que a frase faça sentido. (Nota do Tradutor)

<sup>51</sup> Nossos maiores egiptólogos sabem tão pouco dos ritos funerários dos egípcios e das marcas externas diferenciando o sexo das múmias, que cometem erros ridículos. Um ou dois anos atrás, um equívoco deste tipo foi descoberto em Boulaq, no Cairo. A múmia, segundo se pensava, da esposa de um faraó sem importância, foi identificada, afinal - graças a uma inscrição descoberta em um amuleto pendurado ao seu pescoço - como sendo a múmia de Sesostris, o maior rei do Egito! (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>52</sup> Turaniana, turaniano; relativo aos povos do sul da Rússia e do Turquestão, e com traços mongólicos. (Nota do Tradutor)

*cientificamente*. No entanto, quando ele aproveita a oportunidade para acrescentar que Odin “foi adorado como divindade suprema *durante um período muito anterior à época dos Vedas* e de Homero” (*Compar. Theol.*, p. 318), diz isso sem a menor “base *histórica*”. Ele trata a *história* e os *fatos* como se estivessem a serviço das suas próprias conclusões, o que pode ser muito “científico”, do ponto de vista dos estudiosos de temas orientais, mas fica extremamente longe da verdade dos fatos. No caso dos Vedas, as visões contraditórias sobre a questão cronológica, defendidas pelos vários eminentes orientistas e filólogos desde Martin Haug até o próprio Sr. Max Müller, são uma prova evidente de que a afirmação não tem base *histórica*, e que a suposta “evidência interna”, ao invés de ser um farol confiável por cuja luz alguém pode orientar-se, é frequentemente como uma abóbora iluminada do dia das bruxas <sup>53</sup>. A Ciência da moderna Mitologia Comparada tampouco tem qualquer prova melhor para mostrar que os doutos escritores que insistiram ao longo dos últimos cem anos, mais ou menos, que deve ter havido “fragmentos de uma revelação primitiva, dada aos ancestrais de toda raça humana (.....) preservados nos templos da Grécia e Itália”, estavam inteiramente errados. Porque é isso que todos os Iniciados e pândits <sup>54</sup> Orientais têm estado dizendo ao mundo de tempos em tempos. Um destacado sacerdote cingalês <sup>55</sup> assegurou à autora ser um fato bem conhecido que os tratados budistas mais importantes, pertencentes ao cânone sagrado, estavam guardados à parte *em países e lugares inacessíveis aos pândits europeus*. O falecido Swami Dayanand Sarasvati, o maior sanscritista da Índia em sua época, disse a mesma coisa a alguns membros da Sociedade Teosófica, com relação a antigas obras bramânicas. Quando foi dito a ele que o professor Max Müller havia declarado ao público das suas “Palestras” que as teorias (.....) “segundo as quais *havia uma revelação primitiva e sobrenatural*, dada aos pais da raça humana, tem o apoio de poucos atualmente”, - o homem santo e sábio ri. Sua resposta foi significativa. “Se o Sr. *Moksh Mooller*”, era assim que ele pronunciava o nome, “fosse um brâmane e viesse falar comigo, eu poderia levá-lo a uma caverna *gupta* (uma cripta secreta) perto de Okhee Math, nos Himalaias, onde ele não demoraria muito para descobrir que tudo aquilo que cruzou o *Kalapani* (as águas escuras do oceano) desde a Índia até a Europa foram só *pedaços de cópias descartadas de algumas passagens dos nossos livros sagrados*. Um dia *existiu* e ainda existe uma ‘primitiva revelação’; ela jamais se perderá, e irá reaparecer; embora os Mlechchhas <sup>56</sup> tenham, é claro, que esperar.”

---

<sup>53</sup> Abóbora iluminada, *Jack-o'-lantern*, no original em inglês. Referência à abóbora iluminada usada no dia das bruxas, ou Halloween. (Nota do Tradutor)

<sup>54</sup> Pândits; do sânscrito, “eruditos”. (Nota do Tradutor)

<sup>55</sup> Cingalês; nativo do Ceilão, atual Sri Lanka. (Nota do Tradutor)

<sup>56</sup> Mlechchhas; poucas páginas mais adiante, na p. xxxiv do original em inglês, H.P. Blavatsky traduz o termo “Mlechchhas” como “párias, selvagens, aqueles que estão fora da civilização Ária”. (Nota do Tradutor)

Diante de novas perguntas sobre este ponto, ele nada respondeu. Isso ocorreu em Meerut <sup>57</sup>, em 1880.

Sem dúvida foi cruel o embuste que os brâmanes aplicaram em Calcutá no século passado ao coronel Wilford e ao Sir William Jones. Mas foi merecido, e a culpa naquele episódio cabe apenas aos próprios Missionários e ao coronel Wilford. Os missionários, com base no testemunho do próprio Sir William Jones (ver *Asiat. Res.*, Vol. I, p. 272), foram suficientemente tolos para sustentar a ideia de que “os hindus mesmo hoje em dia são quase cristãos, porque o seu Brahmâ, Vishnu e Mahesa são nada mais e nada menos que a trindade cristã”.<sup>58</sup> Foi uma boa lição. O fato fez com que os eruditos orientalistas ficassem duplamente cautelosos. Mas talvez isso os tenha tornado também excessivamente tímidos, e pode ser que tenha feito, como reação, com que o pêndulo das conclusões abandonadas se inclinasse demasiado para o outro lado. Porque aquele “primeiro acesso ao mercado bramânico”, feito pelo coronel Wilford, agora criou uma necessidade e um desejo evidentes, nos orientalistas, de declararem quase todos os manuscritos sânscritos arcaicos como textos tão modernos quanto o adequado para que seja dada uma oportunidade aos missionários. O fato de que estes últimos aproveitam tais oportunidades até o limite máximo das suas capacidades mentais é demonstrado pelas tentativas absurdas dos missionários no sentido de provar que toda a história purânica sobre Krishna foi *plagiada da Bíblia pelos brâmanes!* Mas os fatos citados pelo professor de Oxford em suas Palestras sobre a “Ciência da Religião”, e que se referem às agora famosas interpolações feitas para o benefício e a tristeza do Cel. Wilford, não interferem de modo algum com as conclusões a que deve chegar inevitavelmente alguém que estuda a Doutrina Secreta. Porque, se os resultados mostram que nem o *Novo* nem o *Velho* Testamento pegaram nada emprestado da religião mais antiga dos brâmanes e dos budistas, isso não significa que os judeus não obtiveram tudo o que sabiam dos documentos caldaicos, estes últimos tendo sido mutilados mais tarde por Eusébio. Quanto aos caldeus, eles obtiveram sem dúvida alguma o seu conhecimento original com os brâmanes. Rawlinson mostra uma influência inegavelmente védica na mitologia mais antiga da Babilônia; e o coronel Vans Kennedy há muito tempo declarou corretamente que a Babilônia foi, desde a sua origem, um local da sabedoria sânscrita e brâmane. Mas todas estas provas devem perder valor, devido à última teoria produzida pelo Prof. Max Müller. Todos sabem do que se trata. O código das leis fonéticas se tornou agora um solvente universal para toda identificação e “ligação” entre os deuses das muitas nações. Assim, embora a mãe de Mercúrio (Budha, Thot-Hermes, etc.) fosse Maia, a mãe de Buddha (Gautama), sendo também Mâyâ; e embora a mãe de Jesus fosse igualmente Maya (ilusão,

---

<sup>57</sup> Meerut; cidade situada no Estado indiano de Uttar Pradesh. Fica a 70 quilômetros da capital da Índia, Nova Delhi. Meerut é uma cidade antiga. (Nota do Tradutor)

<sup>58</sup> Veja “Introduction to the Science of Religion” (“Introdução à Ciência da Religião”), de Max Müller, palestra “Sobre Falsas Analogias em Teologia Comparada”, pp. 288 e 296 e pp. seguintes. Isso tem relação com a habilidosa falsificação (em folhas inseridas em velhos manuscritos purânicos), em idioma sânscrito correto e arcaico, de tudo aquilo que os pândits do Cel. Wilford haviam escutado dele sobre Adão e Abraão, Noé e os seus três filhos, etc., etc. (Nota de H. P. Blavatsky)

porque Maria é *Mare*, o Mar, a grande ilusão simbolicamente) -, ainda assim, estes três personagens não estão conectados, nem podem ter qualquer ligação, desde que Bopp “estabeleceu seu código de leis fonéticas”.

Nos seus esforços para reunir os muitos fios da história não-escrita, foi um passo audacioso da parte dos nossos orientalistas a negação, *a priori*, de tudo o que não seja compatível com as suas conclusões específicas. Assim, enquanto a cada dia são feitas novas descobertas sobre grandes artes e ciências que existiram em momentos situados muito longe na noite do tempo, até o conhecimento da escrita é recusado a algumas das nações mais antigas, e atribui-se a elas barbarismo, ao invés de cultura. No entanto, os vestígios de uma imensa civilização, mesmo na Ásia Central, ainda são encontrados. Esta civilização é inegavelmente *pré-histórica*. E como poderia haver uma civilização sem forma alguma de literatura, sem anais ou crônicas? O simples bom senso deveria ser suficiente para suplementar os elos perdidos da história das nações que já não existem mais. O muro gigantesco e ininterrupto de montanhas que cerca o planalto do Tibete, desde o curso superior do rio Khuan-Khé até as montanhas Kara-Korum foi testemunha de uma civilização durante milhares de anos e teria estranhos segredos a contar para a humanidade. As porções oriental e central destas regiões - a Nan-Schayn e a Altyne-taga - estiveram em certa época cobertas de cidades que bem poderiam competir com as da Babilônia. Todo um período geológico passou pela terra desde que aquelas cidades deixaram de viver, conforme comprovam os pequenos morros de areia em movimento, e o solo estéril, e agora morto, das imensas planícies centrais da bacia do Tarim. Só as suas zonas de fronteira são conhecidas, e superficialmente, pelo viajante. Nestas planícies arenosas há água, e são encontrados, nelas, oásis plenos de vida que nenhum europeu jamais pisou, e cujo solo agora é traiçoeiro. Entre estes oásis verdejantes há alguns que são inteiramente inacessíveis mesmo para o trabalhador profano nativo. Furacões podem “mudar as areias de lugar e levar para longe planícies inteiras”; mas eles não têm o poder de destruir o que está além do seu alcance. Construídos em níveis profundos da Terra, os depósitos subterrâneos estão seguros. E como as entradas para eles estão escondidas nestes oásis, não há perigo de que alguém possa descobri-los, ainda que vários exércitos invadissem as áreas abandonadas e arenosas onde -

“Nenhum pequeno lago, arbusto algum, casa nenhuma são vistos,  
E a cordilheira rodeia como um biombo irregular  
As planícies ressequidas do deserto sem umidade alguma...”

Mas não é necessário que o leitor atravesse o deserto, porque as mesmas provas de civilizações antigas podem ser encontradas em regiões relativamente populosas do mesmo país. O oásis de Tchertchen, por exemplo, situado cerca de 1.330 metros acima do nível do rio Tchertchen-D'arya, está rodeado em todos os lados pelas ruínas de cidades antigas. Ali, cerca de 3.000 seres humanos são os remanescentes de cerca de uma centena de raças e nações, e até os nomes destes povos são desconhecidos dos nossos etnólogos. Um antropólogo se sentiria mais do que perplexo se quisesse classificar, dividir e subdividir tais nações; especialmente porque, como se tivessem caído da lua, os respectivos descendentes destas raças e tribos *antediluvianas* desconhecem os seus próprios ancestrais. Quando

questionados sobre sua origem, respondem que não sabem de onde vieram seus ancestrais, mas que ouviram dizer que as suas *primeiras* gerações (as mais antigas) eram governadas pelos grandes espíritos destes desertos. Isso pode ser atribuído à ignorância e à superstição; mas, tendo em vista os ensinamentos da Doutrina Secreta, esta resposta pode estar baseada na tradição primitiva. Apenas a tribo de Khorassan alega ter vindo do que agora se conhece como Afeganistão, muito antes da época de Alexandre, e traz conhecimentos lendários que corroboram esta afirmativa. Um viajante russo, o coronel (agora general) Prjevalsky, encontrou perto do oásis de Tchertchen as ruínas de duas cidades enormes, a mais velha das quais, de acordo com a tradição local, foi arruinada há três mil anos por um herói gigante; e a outra foi destruída pelos mongóis no século 10 da era atual. “Devido à movimentação das areias e ao vento do deserto, o local das duas cidades está agora encoberto por relíquias estranhas e heterogêneas, inclusive louça quebrada, utensílios de cozinha e ossos humanos. Os nativos frequentemente encontram moedas de cobre e ouro, prata fundida, lingotes, diamantes e turquesas, e o que é mais interessante, vidro quebrado.....”. “Caixões funerários feitos de alguma madeira perene, e também material com corpos embalsamados e bem conservados ..... As múmias masculinas são todas de homens extremamente altos, fortes, com longos cabelos ondulados ..... Foi encontrada uma galeria com doze homens mortos *sentados*. Em outra ocasião, em uma urna funerária separada, encontramos uma mulher jovem. Seus olhos estavam fechados com discos dourados, e as mandíbulas eram mantidas firmes graças a uma espécie de diadema de ouro que ia desde abaixo do seu queixo até o topo da cabeça. Estava vestida com uma roupa de lã estreita, com o peito coberto de estrelas douradas, e os pés permaneciam nus.” (De uma palestra de N. M. Prjevalsky.) A isso, o famoso viajante acrescenta que ao longo de toda a sua jornada pelo rio Tchertchen ele e seus companheiros de viagem ouviram lendas sobre vinte e três cidades que foram enterradas, eras atrás, pelas mutáveis areias do deserto. A mesma tradição existe no Lob-nor e no oásis de Kerya.

Os vestígios desta civilização e outras tradições semelhantes nos levam a acreditar nos conhecimentos lendários, aceitos por eruditos da Índia e da Mongólia, segundo os quais há imensas bibliotecas resgatadas das areias, cuidadosamente preservadas junto com várias relíquias dos antigos conhecimentos MÁGICOS.

Recapitulemos. A Doutrina Secreta foi a religião universalmente propagada no mundo antigo e pré-histórico. As provas da sua difusão, os registros autênticos da sua história, e um conjunto completo de documentos mostrando o seu caráter e sua presença em todas as nações, junto com o ensinamento de todos os seus grandes adeptos, existem até hoje nas criptas secretas das bibliotecas que pertencem à Fraternidade Oculta.

Esta afirmativa se torna mais aceitável se levarmos em conta os seguintes fatos: a tradição segundo a qual milhares de antigos pergaminhos foram salvos quando a biblioteca de Alexandria foi destruída; os milhares de obras sânscritas que desapareceram na Índia durante o reinado de Akbar; a tradição universal, na China e no Japão, segundo a qual os verdadeiros textos antigos, com os comentários indispensáveis para a sua compreensão e somando muitos milhares de volumes,

foram retirados há longo tempo do alcance de mãos profanas; a desapareição da vasta literatura oculta e sagrada da Babilônia; a perda das chaves indispensáveis para a solução de milhares de enigmas apresentados pelos registros hieroglíficos do Egito; a tradição na Índia segundo a qual os verdadeiros comentários secretos imprescindíveis para que o Veda seja compreendido, embora já não visíveis para olhos profanos, ainda permanecem ao alcance do iniciado, ocultos em cavernas e criptas secretas; e uma crença idêntica entre os budistas, com relação aos seus próprios livros secretos.

Os Ocultistas afirmam que todas estas obras existem e permanecerão em segurança, fora do alcance das mãos saqueadoras do Ocidente, até reaparecer em uma era mais iluminada, pela qual, segundo as palavras do Swami Dayanand Sarasvati, “os Mlechchhas (párias, selvagens, aqueles que estão fora da civilização Ária) terão de esperar”.

Porque não é por culpa dos iniciados que estes documentos estão agora “perdidos” para o profano. As normas adotadas por eles a este respeito não foram ditadas por um sentimento de egoísmo, ou por algum desejo de monopolizar o conhecimento sagrado que é fonte de vida. Houve porções da Ciência Secreta que tiveram que ficar afastadas do olhar profano durante eras incalculáveis, mas isso ocorreu porque transmitir segredos de tamanha importância para multidões despreparadas seria o mesmo que dar a uma criança uma vela acesa em um paiol cheio de pólvora.

Uma pergunta surge frequentemente nas mentes dos estudantes, quando são feitas afirmações como esta, e cabe esboçar uma resposta.

“Podemos entender”, dizem eles, “a necessidade de esconder da multidão segredos tais como o Vril <sup>59</sup>, a força que destrói rochas, descoberta por J. W. Keeley, da Filadélfia. Mas não podemos compreender que haja qualquer perigo na revelação de uma doutrina tão puramente filosófica como a evolução das cadeias planetárias.”

O perigo era o seguinte: doutrinas como a das cadeias planetárias, ou a das sete raças, dão de imediato uma indicação sobre a natureza setenária do ser humano, porque cada princípio tem uma correlação com um plano, um planeta, e uma raça; e os princípios humanos estão, em cada plano, correlacionados a forças ocultas setenárias, das quais, as que operam nos planos mais elevados dispõem de um poder tremendo. De modo que toda divisão setenária dá imediatamente uma pista na direção de poderes ocultos tremendos. O abuso destes poderes causaria uma desgraça incalculável para a humanidade. Esta talvez não seja uma pista para a geração atual <sup>60</sup>- especialmente no Ocidente. Ela está protegida pela sua própria

---

<sup>59</sup> Vril; força sutil que rompe os muros do mundo físico e é usada pela humanidade no romance póstumo de Sir Edward Bulwer-Lytton “**The Coming Race**” (“**A Raça Futura**”). Tem relação com o poder do som. A atual energia atômica é uma expressão grosseira da mesma energia. (Nota do Tradutor)

<sup>60</sup> Geração atual; como “A Doutrina Secreta” foi publicada em 1888, a expressão “geração atual” inclui até o início do século vinte. No plano físico, na década de 1930 começou a

cegueira e sua descrença materialista e ignorante em relação ao que é oculto; mas trata-se de uma pista, mesmo assim, que teria sido, no entanto, muito real nos primeiros séculos da era cristã, para pessoas profundamente convictas da realidade do ocultismo, vivendo no início de uma era de degradação, que os tornava vulneráveis ao abuso de poderes ocultos e à feitiçaria do pior tipo.

Os documentos foram ocultados, é verdade, mas a existência deste conhecimento nunca foi tratada como um segredo pelos Hierofantes do Templo, no qual os MISTÉRIOS têm sido sempre uma disciplina e um estímulo à virtude. A notícia deste conhecimento é muito antiga, e foi divulgada repetidamente pelos grandes adeptos, desde Pitágoras e Platão até os neoplatônicos. Foi a nova religião dos nazarenos que provocou uma mudança para o pior ao longo dos séculos.

Além disso, há um fato bastante conhecido e curioso, confirmado para esta redatora por um respeitável cidadão que esteve vinculado durante anos a uma embaixada russa. Vários documentos guardados nas Bibliotecas Imperiais de São Petersburgo demonstram que, mesmo em um período tão recente quanto os dias em que a franco-maçonaria e as sociedades secretas de místicos floresciam sem restrições na Rússia, isto é, no final do último século e princípio do século atual <sup>61</sup>, mais de um místico russo viajou até o Tibete através dos Urais<sup>62</sup>, em busca de conhecimento e iniciação *nas criptas desconhecidas da Ásia Central*. E mais de um deles voltou, anos depois, com um generoso estoque de informações que jamais poderiam ser adquiridas na Europa. Vários exemplos poderiam ser citados, e nomes bem conhecidos seriam divulgados se tal publicidade não fosse causar perturbação aos parentes, que ainda vivem, de tais iniciados. Que seja feita uma pesquisa nos anais e na história da franco-maçonaria nos arquivos da metrópole russa, e esta afirmação será confirmada.

Esta é uma corroboração de algo que já foi dito muitas vezes antes, infelizmente de modo imprudente. Ao invés de beneficiar a humanidade, as violentas acusações de invenção deliberada e falsificação, feitas contra quem divulgava um fato verdadeiro embora pouco conhecido, geraram mau Carma para os injuriadores. Mas agora a divulgação é um fato consumado e a verdade não deve mais ser negada, sejam quais

---

corrida atômica entre a Alemanha nazista e os países democráticos. Em 1945, bombas atômicas dos Estados Unidos destruíram Hiroshima e Nagasaki. No plano mental, na mesma década de 1930, o nazismo desenvolveu novas técnicas de propaganda subliminar e semi-hipnótica, capazes de controlar a consciência de populações inteiras através de fatores subconscientes. Estas técnicas de manipulação foram em grande parte absorvidas e incorporadas ao mundo democrático depois da segunda guerra mundial, e são hoje usadas como táticas de propaganda para fins comerciais ou políticos. No século 21, ocorrem também outras formas de despertar das forças mentais. Graças à boa lei do carma, cada vez que elas são colocadas a serviço do egoísmo o resultado é desastroso - até que se aprenda a lição da ética no uso do conhecimento. (Nota do Tradutor)

<sup>61</sup> Isto é, final do século 18 e começo do século 19. (Nota do Tradutor)

<sup>62</sup> Montes Urais; cadeia de montanhas que forma uma fronteira natural entre a Europa e a Ásia. (Nota do Tradutor)

forem as consequências. “Esta é uma nova religião?” - pode-se perguntar. De modo algum. Não é uma *religião*, nem é uma filosofia *nova*; porque, como já foi dito, ela é tão antiga quanto o ser humano pensante. Os seus princípios não são publicados agora pela primeira vez, e foram cautelosamente divulgados, e ensinados, por mais de um Iniciado Europeu - especialmente por Ragon.<sup>63</sup>

Mais de um grande erudito já afirmou que nenhum fundador de religião, seja ariano, semita ou turaniano, jamais *inventou* uma religião nova, ou revelou uma verdade nova. Todos os fundadores foram *transmissores* e não professores originais. Foram autores de novas formas e interpretações; mas as verdades sobre as quais estas se baseavam eram tão antigas quanto a humanidade. Eles selecionavam uma ou mais grandes verdades - reais e visíveis apenas para um verdadeiro sábio e vidente. Eles as destacavam das muitas verdades reveladas à humanidade no começo, e que foram preservadas e perpetuadas nos *áditos*<sup>64</sup> dos templos através da iniciação, durante os MISTÉRIOS e através de transmissão pessoal. E então eles ensinavam estas verdades às massas. Assim, cada nação recebeu por sua vez uma ou outra destas verdades sob o véu do seu próprio simbolismo local e específico. À medida que o tempo passava, surgia um culto mais ou menos filosófico, um panteão sob a forma de mitos. Deste modo, Confúcio, um legislador muito antigo na cronologia histórica, mas um Sábio bastante moderno na História do Mundo, é apresentado pelo Dr. Legge<sup>65</sup> como “enfaticamente um *transmissor*, não um produtor”. E o Dr. Legge transcreve estas palavras de Confúcio: “Eu só passo adiante; não crio coisas novas. Acredito nos antigos e portanto sou amigo deles.”<sup>66</sup> (Citado em “Science of Religions” - “A Ciência das Religiões” - de Max Müller.)

Esta escritora também é amiga dos antigos, e portanto acredita neles, assim como nos herdeiros modernos da antiga Sabedoria. E, como acredita em ambos, ela transmite o que recebeu e aprendeu a todos os que o aceitarem. Quanto àqueles que irão rejeitar o testemunho dela - isto é, a grande maioria - ela não atribuirá a eles má intenção, porque eles estarão tão corretos à sua própria maneira, ao negar, quanto ela estará correta ao afirmar, já que eles e ela olham para a VERDADE desde dois pontos de vista inteiramente diferentes. De acordo com as regras do conhecimento crítico acadêmico, o orientalista deve rejeitar *a priori* qualquer evidência que não puder verificar completamente por si mesmo. E como poderia um erudito ocidental aceitar por ouvir dizer algo sobre o qual não sabe coisa alguma? De fato, o que é dado nestes volumes é selecionado a partir tanto de ensinamentos *orais* quanto de ensinamentos escritos. Esta primeira parcela das doutrinas esotéricas está baseada

---

<sup>63</sup> Ragon; o pensador J. M. Ragon nasceu em 1781 e viveu até 1862. No volume II da edição original em inglês da presente obra, H. P. B. menciona o fato de que Ragon fundou a famosa sociedade maçônica dos Trinosofistas (p. 575). J. M. Ragon escreveu numerosas obras, entre elas “Maçonnerie Occulte”. (Nota do Tradutor)

<sup>64</sup> Áditos; câmaras secretas nos templos antigos. (Nota do Tradutor)

<sup>65</sup> “Lun-Yu” (“Analectos”), parágrafo 1, A, Schott, “Chinesische Literatur”, p. 7. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>66</sup> “Life of Confucius”, p. 96. (Nota de H. P. Blavatsky)

em Estâncias que são os registros documentais de um povo desconhecido pela Etnologia. Alega-se que estas doutrinas estão escritas em um idioma ausente da lista de línguas e dialetos conhecidos pela filologia; afirma-se que elas emanam de uma fonte (o Ocultismo) que é repudiada pela ciência; e, finalmente, elas são oferecidas através de um instrumento incessantemente atacado perante o mundo por todos os que detestam verdades desconfortáveis, ou que pretendem defender algum passatempo predileto seu. Portanto, deve-se esperar e aceitar antecipadamente a rejeição destes ensinamentos. Ninguém que descreva a si mesmo como um “erudito acadêmico” em qualquer departamento das ciências exatas terá permissão para levar a sério estes ensinamentos. Eles serão ridicularizados e rejeitados *a priori* neste século; mas só neste século. Por que no século vinte da nossa era os eruditos acadêmicos irão começar a reconhecer que a *Doutrina Secreta* não foi inventada nem exagerada, mas, ao contrário, apenas esboçada <sup>67</sup>; e, finalmente, que os seus ensinamentos são anteriores aos Vedas. <sup>68</sup> Estes últimos não foram até cinquenta anos atrás ridicularizados, rejeitados e qualificados como uma “falsificação moderna”? O sânscrito não foi proclamado em certo momento como um dialeto derivado do grego, segundo Lemprière e outros eruditos? Em torno de 1820, diz o Prof. Max Müller, os livros sagrados dos brâmanes, dos zoroastristas e dos budistas “eram todos quase completamente desconhecidos, a sua própria existência era motivo de dúvidas, e não havia um só erudito capaz de traduzir uma linha dos Vedas ..... do Zend Avesta, ou ..... do Tripitaka budista”, e agora está demonstrado que os Vedas são uma obra da mais alta antiguidade, cuja “preservação é quase um milagre” (“Lecture on the Vedas”).

O mesmo será dito da Doutrina Secreta Arcaica, quando forem dadas provas da sua inegável existência, e da existência dos seus registros e documentos. Mas será necessário que passem séculos, antes que muito mais material possa ser divulgado. Ao afirmar que as chaves para os mistérios do zodíaco foram quase perdidas para o mundo, esta escritora destacou, em “Ísis Sem Véu”, cerca de dez anos atrás: “A chave mencionada deve ser girada *sete* vezes antes que todo o sistema se revele.

---

<sup>67</sup> Albert Einstein era leitor de “A Doutrina Secreta”, segundo informa documentadamente Sylvia Cranston no livro “Helena Blavatsky” (Editora Teosófica, Brasília, 1997, 678 pp.; ver pp. 20, 474, 651, e 594). Outros exemplos notáveis, entre os muitos cientistas que trabalharam já no século vinte com conceitos da filosofia esotérica, são Fritjof Capra (“O Tao da Física” e “O Ponto de Mutação”), Rupert Sheldrake, David Bohm, Amit Goswami e Fred Hoyle (“O Universo Inteligente”). Os nomes são tão numerosos que seria impossível elencá-los. (Nota do Tradutor)

<sup>68</sup> Não há pretensão a fazer *profecia*. Esta é uma afirmação baseada em conhecimento dos fatos. A cada século, é feito um esforço para mostrar ao mundo que o Ocultismo não é uma vã superstição. Uma vez que surge permissão para deixar a porta entreaberta, ela se abrirá um pouco mais a cada século. Chegou o tempo de um conhecimento mais sério do que foi permitido até aqui, embora ainda muito limitado. (Nota de H. P. Blavatsky)

Nós daremos a ela apenas *uma* volta, e assim permitiremos ao profano um vislumbre do mistério. Feliz é aquele que compreende o todo!”<sup>69</sup>

O mesmo pode ser dito do sistema Esotérico inteiro. Uma volta na chave, e não mais do que isso, foi dada com “ÍISIS”. Um grande número de explicações adicionais é dado nos presentes volumes. Naquela época a escritora tinha um conhecimento limitado da língua em que a obra foi escrita, e ainda era proibida a divulgação de muitas coisas de que hoje se fala livremente. No século vinte, algum discípulo melhor informado, e muito mais adequado, pode ser mandado pelos Mestres de Sabedoria para dar provas finais e irrefutáveis de que existe uma ciência chamada *Gupta-Vidya*; e de que - assim como as nascentes antigamente desconhecidas do rio Nilo - a fonte de todas as religiões e filosofias hoje conhecidas no mundo ficou esquecida e perdida para a humanidade, mas agora é, finalmente, reencontrada.

Uma obra como esta não deve ser iniciada com um simples *Prefácio*. Seria melhor iniciá-la com um volume<sup>70</sup>; e um volume que apresente  *fatos*, não apenas especulações, porque a DOCTRINA SECRETA não é um tratado ou uma série de teorias vagas, mas contém tudo o que pode ser transmitido ao mundo neste século.

Seria pior que inútil publicar nestas páginas os trechos dos ensinamentos esotéricos que agora foram liberados do confinamento, a menos que ficasse estabelecida antes a confirmação - ou pelo menos a *probabilidade* - da existência autêntica de tais ensinamentos. A respeito das afirmações que agora serão feitas, deve ficar claro que elas são confirmadas por várias autoridades, os filósofos da antiguidade, os clássicos e até mesmo certos Pais da Igreja, alguns dos quais conheciam estas doutrinas porque as haviam estudado, e haviam visto e lido obras sobre elas. Alguns deles haviam sido inclusive iniciados pessoalmente nos Mistérios antigos, durante os quais as doutrinas arcanas eram simbolicamente representadas. Teremos de dar nomes históricos, confiáveis. Citaremos autores bem conhecidos, antigos e modernos, de capacitação reconhecida, de bom discernimento e com legitimidade. E também iremos indicar o nome de alguns sábios das artes e da ciência secretas, e ainda os mistérios destas últimas, tal como eles são divulgados, ou melhor, *parcialmente* apresentados diante do público na sua estranha forma arcaica.

“Como será feito isso? Qual é a melhor maneira de alcançar tal objetivo?” Estas foram as perguntas sempre recorrentes. Para tornar o nosso plano mais claro, vamos usar uma imagem. Quando um viajante, vindo de um país que já foi bem explorado, chega subitamente à fronteira de uma *terra incognita* que está separada e fora do seu campo de visão, devido a uma formidável barreira de rochas que torna a passagem

---

<sup>69</sup> Página 461, volume II, da edição original em inglês de “Isis Unveiled”. Na edição brasileira da Ed. Pensamento de “Ísis Sem Véu”, a mesma passagem é traduzida com outras palavras à p. 97 do volume IV. (Nota do Tradutor)

<sup>70</sup> De fato, somando as páginas do Prefácio, da Introdução e do Proêmio de “A Doutrina Secreta”, o leitor tem material equivalente ao de um volume, pequeno, mas substancial. (Nota do Tradutor)

impossível, ele ainda pode recusar-se a aceitar o fim dos seus planos de explorador. O avanço está fora de cogitação. O viajante não conseguirá visitar pessoalmente a região misteriosa, mas está ao seu alcance descobrir um meio de examiná-la do ponto mais próximo possível. Com base no conhecimento das paisagens que viu antes, ele sabe que obterá uma ideia geral bastante correta do que está além da barreira se subir até o pico mais elevado das alturas que estão à sua frente. Uma vez lá, poderá olhar à vontade para a paisagem além da barreira, comparando o que percebe vagamente com o que já deixou para trás. Graças a seus próprios esforços, ele agora está além da linha do nevoeiro e dos rochedos íngremes rodeados de nuvens.

Um tal ponto de observação preliminar não pode ser oferecido nestes dois volumes a aqueles que gostariam de obter uma compreensão mais correta dos mistérios dos períodos pré-arcaicos dados nos textos. Mas, se o leitor tiver paciência, poderá olhar para o estado atual das crenças e religiões na Europa, comparando-o com o que a História conhece das eras anteriores e posteriores ao começo da era Cristã. Então ele será capaz de ver isso tudo no Volume III desta obra.

O Volume III apresentará uma breve recapitulação dos principais adeptos conhecidos pela história <sup>71</sup>, e será descrita nele a decadência dos mistérios, depois da qual começou a desapareção, e finalmente a eliminação na memória humana, da real natureza da iniciação e da Ciência Sagrada. A partir daquele momento os seus ensinamentos se tornaram Ocultos, e a Magia passou a usar com demasiada frequência o nome - respeitável, mas frequentemente enganoso - de Filosofia Hermética. Assim como o verdadeiro Ocultismo predominou entre os Místicos durante os séculos anteriores à nossa era, a Magia, ou mais precisamente a Feitiçaria, com suas Artes Ocultas, seguiu-se ao começo do cristianismo.

Por maiores e mais intensos que tenham sido os esforços dos fanáticos para apagar durante aqueles primeiros séculos todos os vestígios do trabalho intelectual e mental dos pagãos, eles fracassaram. Mas o mesmo espírito do demônio escuro do fanatismo e da intolerância perverteu sistematicamente, desde então, cada página iluminada das épocas pré-cristãs. Mesmo nos seus registros imprecisos, a História

---

<sup>71</sup> No primeiro parágrafo do Prefácio à presente obra, H. P. B. escreveu: “Já foi preparada uma grande quantidade de material sobre a história do ocultismo através das vidas dos grandes Adeptos (.....). Caso os volumes atuais encontrem uma recepção favorável, não serão medidos esforços para que o plano da obra seja realizado integralmente. O terceiro volume está inteiramente pronto; o quarto, quase pronto.” O terceiro e o quarto volume jamais foram publicados por H. P. B. É possível, portanto, que a recepção dada pelos teosofistas aos dois primeiros volumes não tenha sido suficientemente boa. De fato, pouco depois da morte de H. P. B. em 1891, o movimento teosófico passou a ficar desorientado, afastou-se dos ensinamentos originais e fragmentou-se. O reerguimento do esforço teosófico autêntico, começado no século 20, deverá acelerar-se no século 21. Felizmente, uma parte do material a que alude H. P. B. está publicada no volume XIV dos “Collected Writings” (Escritos Reunidos) de H. P. Blavatsky, editados por Boris de Zirkoff. O volume XIV apareceu em 1985. (Nota do Tradutor)

tem reunido o suficiente daquilo que sobreviveu para lançar uma luz imparcial sobre o conjunto. Que o leitor, então, permaneça um pouco junto à redatora, no ponto de observação que foi selecionado. A ele é solicitado que dê toda atenção àquele milênio que separa o período pré-cristão do período pós-cristão, em torno do ano UM da Natividade. Este acontecimento - seja ou não historicamente correto - tem servido apesar de tudo como um primeiro sinal da construção dos muitos baluartes de defesa contra qualquer possível retorno, ou mesmo contra qualquer compreensão, das odiadas religiões do Passado. Elas são odiadas e *temidas* porque lançam uma luz clara sobre a nova, e intencionalmente velada, interpretação daquilo que agora é conhecido como “Nova Revelação”.

Apesar dos esforços sobre-humanos dos primeiros padres cristãos para apagar a Doutrina Secreta da memória humana, todos eles falharam. A verdade nunca pode ser destruída; por isso aconteceu o fracasso da tentativa de eliminar da face da Terra qualquer vestígio daquela Sabedoria antiga, e de acorrentar e amordaçar cada testemunha que a conhecia. Basta pensar nos milhares, e talvez milhões de manuscritos que foram queimados; nos monumentos, com suas inscrições e símbolos pictóricos demasiado reveladores, que foram transformados em pó; nos bandos de eremitas e ascetas primitivos que percorreram as ruínas das cidades do Alto Egito e do Baixo Egito, no deserto e nas montanhas, procurando e destruindo todo obelisco e pilar, manuscrito ou pergaminho que tivessem o símbolo do *tau* ou qualquer outro signo adotado como seu pela nova fé. Assim o leitor verá claramente por que restaram tão poucas coisas dos registros do Passado. Verdadeiramente, os espíritos demoníacos do fanatismo do Cristianismo primitivo e medieval e do Islamismo preferiram permanecer desde o início na escuridão e na ignorância; e ambos fizeram

“ ----- o sol ficar vermelho de sangue, a terra ser um túmulo,  
o túmulo um inferno, e o próprio inferno ser feito de trevas ainda mais escuras!”

As duas religiões conquistaram os seus seguidores com a ponta da espada; ambas construíram seus templos sobre o *sacrifício religioso de vítimas humanas*. No portal do século I da nossa era, pairam fatalmente as palavras de mau agouro “o CARMA DE ISRAEL”. Sobre o portal do nosso próprio século, o futuro vidente poderá ver outras palavras, que assinalarão o Carma da astuciosa manipulação da HISTÓRIA, com acontecimentos sendo distorcidos conscientemente, e grandes personagens sendo caluniados pela posteridade, fatos sendo alterados até ficarem irreconhecíveis, entre os dois carros de Jaganâtha <sup>72</sup> - o Fanatismo e o Materialismo; um deles aceitando coisas em excesso, o outro negando tudo. Sábio é aquele que permanece no ponto de ouro, o ponto intermediário, e acredita na eterna justiça que equilibra todas as coisas. Diz Faigi Diwan, a “testemunha dos discursos maravilhosos de um

---

<sup>72</sup> Carro de Jaganâtha - a expressão, do sânscrito, significa alguma força ou objeto de grande poder destrutivo. Também se refere a uma imagem de Krishna anualmente carregada em uma grande carroça, na Índia antiga, e sob cujas rodas diz a tradição que devotos se atiravam para serem esmagados. Ver “Webster’s Encyclopedic Unabridged Dictionary of the English Language”. (Nota do Tradutor)

livre-pensador que pertence a mil seitas”: “Na assembleia do dia da ressurreição, quando as coisas do passado forem perdoadas, os pecados dos Ka’bah serão perdoados pelo bem do pó das igrejas cristãs”.<sup>73</sup> A isso, o professor Max Müller responde: “Os pecados do Islamismo são *tão destituídos de valor como o pó do Cristianismo. No dia da ressurreição tanto os muçulmanos como os cristãos verão a vaidade das suas doutrinas religiosas.* Os homens entram em conflito por causa da religião na terra; no céu eles descobrirão que só há uma religião verdadeira - a adoração do ESPÍRITO de Deus.”<sup>74</sup>

Em outras palavras, “NÃO HÁ RELIGIÃO (OU LEI) MAIS ELEVADA QUE A VERDADE” - “SATYAT NASTI PARO DHARMAH” - o lema do Maharajá de Benares, adotado pela Sociedade Teosófica.

Como já foi dito no *Prefácio*, “A Doutrina Secreta” não é uma versão de “Ísis Sem Véu”, embora esta tenha sido a intenção inicial. “A Doutrina Secreta” explica aquela obra, e, embora seja inteiramente independente de “Ísis Sem Véu”, é um corolário indispensável para ela. Muito do que foi escrito em ÍSIS não pôde ser compreendido pelos teosofistas naquela época. “A Doutrina Secreta” vai lançar agora uma nova luz sobre muitos problemas deixados sem resolver na primeira obra, especialmente nas suas primeiras páginas, que nunca foram compreendidas.

Como “Ísis” está voltada principalmente para as filosofias dos nossos tempos históricos e para o simbolismo das nações que não existem mais, só foi possível colocar nos seus dois volumes uma visão rápida do panorama do Ocultismo. Na presente obra, são dadas uma detalhada Cosmogonia e a evolução das quatro raças que precederam a nossa Humanidade da Quinta raça. Agora, dois grandes volumes explicam apenas aquilo que foi afirmado na primeira página de ÍSIS SEM VÉU e em algumas alusões espalhadas por vários lugares daquela obra toda. Os presentes volumes também não são uma tentativa de apresentar um catálogo abrangente das Ciências Arcaicas, antes de serem superados problemas tão importantes como a Evolução Cósmica e Planetária, e o desenvolvimento gradual das misteriosas Humanidades e raças que precederam a Humanidade “Adâmica”. Portanto, a presente tentativa de elucidar alguns mistérios da Filosofia Esotérica é na verdade bastante diferente da obra anterior. Como exemplo, o leitor pode fazer um exame do que segue.

O volume I de “Ísis” começa fazendo uma referência a “um livro antigo”, -

“... Tão antigo que os nossos antiquários modernos poderiam ficar um tempo indefinido avaliando as suas páginas, sem chegar a um acordo quanto à natureza do tecido sobre o qual foi escrito. Atualmente existe um único exemplar original do livro. O mais antigo dos textos hebreus sobre o conhecimento oculto - o *Siphrah Dzeniouta* - foi compilado dele, quando ele já era considerado uma relíquia literária.

---

<sup>73</sup> Na ocasião, só restará pó das igrejas cristãs. (Nota do Tradutor)

<sup>74</sup> “Lectures on the Science of Religion”, F. Max Müller, p. 257. (Nota de H. P. Blavatsky)

Uma das suas ilustrações representa a Essência Divina emanando de ADÃO <sup>75</sup> como um arco luminoso que passa a formar um círculo; e depois, tendo alcançado o ponto mais alto da sua circunferência, a glória inefável se inclina ao retorno outra vez, e volta à terra trazendo em seu vórtice um tipo mais elevado de humanidade. Na medida em que ela se aproxima cada vez mais do nosso planeta, a Emissão se torna menos iluminada, até que, ao tocar o chão, ela é tão escura como a noite.” <sup>76</sup>

O “Livro muito antigo” é a obra original da qual os muitos volumes de *Kiu-ti* foram compilados. Não só *Kiu-ti* e *Siphrah Dzeniouta*, mas até mesmo o *Sepher Jezirah* <sup>77</sup>, a obra atribuída pelos cabalistas hebreus ao seu Patriarca Abraão (!) <sup>78</sup>, o livro do *Shu-King*, a Bíblia primitiva da China, os sagrados volumes de Thot-Hermes no Egito, os Puranas, na Índia, e o *Livro dos Números* dos caldeus, assim como o próprio *Pentateuco*, todos eles são derivados daquele pequeno volume original. <sup>79</sup> A tradição diz que o livro foi escrito em *Senzar*, a língua sacerdotal secreta, com base nas palavras dos Seres Divinos, que as ditaram aos filhos da Luz, na Ásia Central, logo no início da (nossa) quinta raça; porque houve um tempo em que o seu idioma, (o *Sen-zar*) era conhecido pelos Iniciados em todas as nações. Os ancestrais dos Toltecas <sup>80</sup> entendiam este idioma com tanta facilidade como os habitantes da perdida Atlântida, que o herdaram por sua vez, dos sábios da terceira Raça, os *Manushis*, que o aprenderam diretamente dos *Devas* da segunda e primeira Raças. A “ilustração” mencionada em “Ísis” se refere à evolução destas Raças e da nossa Humanidade da quarta e da quinta Raças, no Manvântara ou “Ronda” de Vaivasvata.

---

<sup>75</sup> O nome é usado no sentido da palavra grega *ἄνθρωπος*. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>76</sup> Neste ponto há uma complexidade adicional. Na Carta 18, à p. 121 do volume I de “Cartas dos Mahatmas” (Ed. Teosófica, Brasília, 2001), um Mestre de Sabedoria assinala um erro de revisão no trecho inicial de “Ísis” que H. P. B. está comentando. Ele afirma que na verdade Adão emana da Essência Divina, ao contrário do que diz, equivocadamente, “Ísis”. O fato confirma a ideia de que nenhum trabalho editorial é infalível. Os bons editores são aqueles que admitem os seus erros e os corrigem. A imperfeição externa estimula a pesquisa independente, e a compreensão deve ser interna. (Nota do Tradutor)

<sup>77</sup> O rabino Jehoshua Ben Chananea, que morreu em torno do ano 72 da era atual, declarou abertamente que havia feito “milagres” através do *Livro de Sepher Jezireh*, e desafiou todos os céticos. Franck, fazendo uma citação do *Talmude* babilônico, menciona outros dois taumaturgos, os rabinos Chanina e Oshoi. (Veja “Jerusalem Talmud, Sanhedrin”, c. 7, etc.; e “*Franck*”, pp. 55-56.) Muitos dos Ocultistas, Alquimistas, e Cabalistas medievais diziam a mesma coisa, e mesmo um *Mago* moderno e mais recente, Eliphaz Levi, afirma isso publicamente em seus livros sobre Magia. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>78</sup> Na sua edição de “The Secret Doctrine”, Boris de Zirkoff dá mais dados sobre a obra de “Franck”, citada na nota anterior. Trata-se de “La Kabbale”, A. Franck, edição de 1843, I, p. 78. (Nota do Tradutor)

<sup>79</sup> Cabe destacar um fato de grande importância potencial: nestas linhas H. P. Blavatsky está afirmando claramente que a literatura judaica tem uma origem esotérica e autêntica. (Nota do Tradutor)

<sup>80</sup> Toltecas; povo indígena pré-colombiano do altiplano central do México. (Nota do Tradutor)

Cada Ronda é composta dos Yugas dos sete períodos da Humanidade.<sup>81</sup> Quatro destes períodos já foram ultrapassados em *nosso* ciclo de vida; e a região do ponto médio do quinto período foi alcançada. A ilustração é simbólica, naturalmente; e ela abrange o processo desde o início. O velho livro, tendo descrito a Evolução Cósmica e explicado a origem de tudo na terra, inclusive do ser humano físico, ele descreve a verdadeira história das raças desde a *Primeira* até a Quinta (a nossa) raça, e não vai mais além. Ele se interrompe no início do *Kali Yuga*, há precisamente 4989 anos atrás<sup>82</sup>, quando ocorreu a morte de Krishna, o brilhante “Deus-Sol”, o herói e reformador.

Mas há outro livro. Nenhum dos que o possuem o veem como muito antigo, porque nasceu ao mesmo tempo que a Idade Negra<sup>83</sup> e é tão velho quanto ela, isto é, tem 5.000 anos. Dentro de aproximadamente nove anos<sup>84</sup> se completará o primeiro ciclo de 5.000 anos do grande ciclo de Kali Yuga. E então a última profecia contida neste livro (o primeiro livro dos registros proféticos da Idade Negra) se terá realizado. Não será preciso esperar um longo tempo. Muitos de nós testemunharão o Nascimento do Novo Ciclo, em cujo final não poucas contas serão acertadas entre as raças. O volume II das Profecias está quase pronto, e vem sendo preparado desde o tempo do grande sucessor de Buddha, Shankaracharia.

Deve ser registrado ainda um ponto importante e que - pelo menos para os Cabalistas Cristãos e seus estudantes - está em primeiro lugar na lista de provas da existência de uma Sabedoria primordial e universal. Os ensinamentos eram pelo menos parcialmente conhecidos por vários Pais da Igreja. Afirma-se, com base em dados puramente históricos, que Orígenes, Sinésio, e mesmo Clemente de Alexandria foram iniciados nos mistérios antes de acrescentar ao neoplatonismo da escola de Alexandria o neoplatonismo dos Gnósticos, sob um véu cristão. Além disso, algumas das doutrinas das escolas Secretas - embora não todas, longe disso - foram preservadas no Vaticano, e têm sido, desde então, parte dos mistérios desfigurados pela igreja latina a partir do programa original do cristianismo. Um exemplo é o dogma da Concepção Imaculada, agora interpretado como algo material. Disso surgiram as maiores perseguições promovidas pela igreja católica romana contra o Ocultismo, a Maçonaria, e o misticismo *heterodoxo* em geral.

---

<sup>81</sup> Yuga; uma das quatro Idades do mundo que formam o ciclo manvantárico. Assim, a evolução humana tem sete períodos, mas o manvântara do mundo se divide em quatro Yugas. (Nota do Tradutor)

<sup>82</sup> “Precisamente 4.989 anos atrás”. Podemos ver na p. 665 do volume I da edição original em inglês de “The Secret Doctrine” que o Kali Yuga começou em 17 / 18 de fevereiro de 3102 antes da era cristã. Portanto, este parágrafo de H. P. B. deve ter sido escrito no ano de 1887. (Nota do Tradutor)

<sup>83</sup> Idade Negra: Kali Yuga. (Nota do Tradutor)

<sup>84</sup> “Dentro de aproximadamente nove anos”. Poucas notas acima (veja a nota de pé de página que inicia com a palavra “Precisamente”), constatamos que este trecho de “A Doutrina Secreta” foi escrito em 1887. Portanto, as palavras “Dentro de aproximadamente nove anos” se referem a 1896-1897. (Nota do Tradutor)

Os dias de Constantino foram o último ponto de mutação da história, o período da Suprema luta, que terminou, no mundo Ocidental, por suprimir as velhas religiões em favor da nova, construída sobre os corpos das mais antigas. Desde Constantino a visão do Passado distante, além do “Dilúvio” e do Jardim do Éden, passou a ser forçosa e implacavelmente impedida através de todos os meios, justos e injustos, impedindo-se o olhar indiscreto das gerações posteriores. Cada assunto foi bloqueado. Cada registro histórico capturado foi objeto de destruição. E, no entanto, ainda permanece um número suficiente de registros, mesmo mutilados, que nos permitem dizer que eles constituem farta comprovação da real existência de uma Doutrina Original. Os fragmentos sobreviveram a cataclismos geológicos e políticos, para contar a história; e cada um deles nos mostra evidências de que a Sabedoria atualmente *Secreta* foi antes a origem, a fonte perene e sempre ativa, na qual se alimentaram todas as suas correntes - as religiões de todos os povos - desde a primeira até a última. Este período, iniciado com Buddha e Pitágoras numa extremidade e terminado com os Neoplatônicos e Gnósticos na outra ponta, é o único foco ainda presente na História no qual convergem pela última vez os raios claros da luz vinda dos éons de tempo passado, e não obscurecida pelas mãos do fanatismo.

Isso se refere à necessidade que a redatora tem de sempre explicar os fatos do Passado mais remoto através de evidências reunidas no período histórico. Era o único meio disponível, sob pena de ser mais uma vez acusada de não ter método ou sistema. O público deve ser informado dos esforços de muitos adeptos de dimensão mundial, de poetas, escritores e clássicos de todas as eras que eram iniciados, no sentido de preservar nos registros da Humanidade o Conhecimento da existência, pelo menos, de uma tal filosofia, se não dos seus princípios fundamentais. Os Iniciados de 1888 permaneceriam de fato incompreensíveis e sempre como um mito aparentemente impossível, se não fosse demonstrado que Iniciados semelhantes viveram em todas as outras eras da história. Isto só poderia ser feito dando indicações detalhadas sobre onde se pode encontrar menções a estes grandes personagens, que foram precedidos e seguidos por uma linha longa e interminável de outros Mestres famosos das artes, Antediluvianos e Pós-diluvianos. Só assim poderia ser demonstrado, com base em fontes pertencendo em parte à tradição e em parte à História, que o conhecimento do Oculto e dos poderes que ele confere ao ser humano não é de modo algum uma ficção, mas é tão antigo quanto o próprio mundo.

Aos meus juízes passados e futuros, portanto - sejam eles críticos literários sérios ou apenas aqueles dervixes <sup>85</sup> uivantes da literatura que julgam um livro conforme a popularidade ou impopularidade do nome do autor, e que, tendo lançado no máximo um rápido olhar sobre o seu conteúdo, apressam-se como *bacilos* mortais a buscar os pontos mais fracos do corpo -, eu nada tenho a dizer. Tampouco vou levar em conta os caluniadores enlouquecidos - felizmente poucos - que esperam chamar atenção do

---

<sup>85</sup> Dervixes; ascetas religiosos muçulmanos que expressam sua religiosidade dançando e girando. (Nota do Tradutor)

público lançando descrédito sobre cada escritor cujo nome é mais conhecido que os deles próprios, escumando e latindo diante da sua sombra. Estes, depois de manter durante anos a tese de que as doutrinas ensinadas em “The Theosophist”, e que culminaram no livro “O Budismo Esotérico”, *tinham sido todas inventadas por esta redatora*, finalmente se voltaram em outra direção e denunciaram “Ísis Sem Véu” e o resto como plágio de Eliphaz Levi (!), Paracelso (!!), e, *mirabile dictu*<sup>86</sup>, do budismo e do bramanismo (!!!). Do mesmo modo Renan poderia ser acusado de haver roubado sua obra “Vie de Jésus” dos Evangelhos, e Max Müller de haver roubado seus “Sacred Books of the East” ou seus “Fragmentos” das filosofias dos brâmanes e de Gautama, o Buddha. Mas, para o público em geral e os leitores de “A Doutrina Secreta”, posso repetir o que tenho dito constantemente, e que agora coloco nas palavras de Montaigne: Senhores, “EU FIZ AQUI APENAS UM BUQUÊ DE FLORES SELECIONADAS, E NADA TRAGO QUE SEJA MEU, EXCETO O LAÇO QUE AS REÚNE.”

Despedacem o “cordão”, ou cortem-no em tiras menores, se quiserem. Quanto ao buquê de FATOS - vocês nunca poderão destruí-lo. Podem apenas ignorá-lo e nada mais.

Concluiremos com algumas palavras sobre este volume I. Esta INTRODUÇÃO prefacia a Parte da obra dedicada principalmente à Cosmogonia, e alguns dos temas trazidos podem parecer fora de lugar; mas há mais uma consideração a fazer, além das que foram mencionadas acima, em relação aos motivos que me levam a fazer tal abordagem aqui. Cada leitor irá inevitavelmente julgar as afirmativas feitas desde o ponto de vista do seu próprio conhecimento, da sua experiência, da sua consciência, e com base no que ele já aprendeu. A redatora é obrigada a ter sempre presente este fato. Disso decorrem também as frequentes referências neste primeiro volume a questões que, propriamente falando, pertencem a uma parte posterior da obra -, mas pelas quais não se poderia passar em silêncio, sob pena de o leitor desprezar o livro como uma verdadeira história de fadas, uma ficção fabricada em cérebro moderno.

Assim, o *Passado* irá ajudar a compreender o PRESENTE, e o *Presente* ajudará a apreciar melhor o PASSADO. Os erros de hoje devem ser explicados e eliminados. No entanto é mais do que provável - e nas circunstâncias atuais isso equivale a uma certeza - que, mais uma vez, o testemunho da História e de longas eras não será suficiente para impressionar a ninguém, além daqueles que são muito intuitivos, e isso significa dizer, muito poucos. Mas neste, como em todos os casos semelhantes, os *sinceros* e os *fiéis* podem ter a satisfação de apresentar ao cético saduceu moderno a prova matemática e o registro de sua endurecida obstinação e fanatismo. Ainda existe em algum lugar na Academia Francesa a famosa lei das probabilidades, que certos matemáticos expressaram por um processo algébrico para benefício dos céticos. A lei diz o seguinte: se duas pessoas dão seu testemunho sobre um fato, e assim transmitem a este acontecimento, cada uma,  $5/6$  de certeza, o fato terá então  $35/36$  de certeza, isto é, a sua probabilidade terá uma relação de 35 para 1 se comparada com a sua improbabilidade. Se três evidências semelhantes forem

---

<sup>86</sup> “*Mirabile dictu*”; interjeição que significa: “palavras maravilhosas!” (Nota do Tradutor)

reunidas, a margem de certeza chegará a 215/216. A concordância de dez pessoas, dando cada uma  $\frac{1}{2}$  de certeza, irá produzir 1023/1024, etc., etc.<sup>87</sup> O Ocultista pode ficar satisfeito com isso, e não necessita de mais nada.<sup>88</sup>

00000

---

<sup>87</sup> Esta é uma expressão matemática do processo pelo qual emerge um novo hábito social, mais saudável, e do modo como um carma novo e regenerador é plantado. Se dez pessoas percebem corretamente a realidade, será mais fácil que uma décima-primeira pessoa alcance a mesma visão: trata-se de uma reação em cadeia. Citando a Academia Francesa, H. P. B. antecipa deste modo o que ficaria conhecido no século vinte - no campo da ciência popular - como “o fenômeno do centésimo macaco”. Veja-se o livro “The Hundredth Monkey” (“O Centésimo Macaco”), de Ken Keyes, Vision Books, 1982. A base científica convencional do fenômeno específico do centésimo macaco, um evento supostamente ocorrido na ilha de Koshima, é questionada por Ron Amundson e outros autores (Veja o livro “The Hundredth Monkey and Other Paradigms of the Paranormal”, edited by Kendrick Frazier, Prometheus Books, N.Y., 400 pp., 1991, pp. 171-181). O questionamento não invalida a ideia central do *mito do centésimo macaco*, que funciona como metáfora do processo de adoção de novos hábitos saudáveis na dinâmica social, a partir de pequenas experiências inovadoras. A ideia de um *centésimo pioneiro* simboliza o momento em que uma ideia correta e inovadora deixa de ser pioneira para ser adotada pela comunidade em geral. O episódio ilustra a força do exemplo e a importância dos *Poucos* que abrem caminho para uma situação humana melhor. No comentário (c) à Estância V, sloka 4, deste volume I, o leitor encontra estas palavras de HPB: “Se você pegar uma lamparina comum e a mantiver abastecida com óleo, poderá acender em sua chama as velas, os lampiões e os fogos do planeta inteiro, sem que a chama inicial diminua.” (Nota do Tradutor)

<sup>88</sup> Neste ponto, estamos no final da página xlvi do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

# Proêmio

## Páginas de um Período Pré-Histórico

Diante da visão da redatora está um Manuscrito Arcaico, uma coleção de folhas de palmeira que, devido a algum processo específico desconhecido, se tornaram imunes em relação a água, fogo e ar.

Na primeira página há um disco imaculadamente branco sobre um fundo preto embaçado. Na página seguinte, o mesmo disco, mas com um ponto central. A primeira imagem representa o Cosmos em sua Eternidade, antes do redespertar da Energia ainda adormecida; a emanção da Palavra segundo os sistemas posteriores.

O ponto no Disco até aqui imaculado - o Espaço e a Eternidade em Pralaya <sup>89</sup> - simboliza a aurora da diferenciação. Este é o ponto no “Ovo do Mundo” (Veja a parte II do volume I, “O Ovo do Mundo”), é o germe dentro deste último, que se transformará no Universo, o TODO, o Cosmos cíclico e ilimitado. Este germe é latente e ativo, periódica e alternadamente. O círculo único é a Unidade divina, de onde tudo emerge, e para onde tudo retorna. A sua circunferência - símbolo necessariamente precário devido às limitações da mente humana - indica a PRESENÇA abstrata e eternamente incognoscível, e o seu plano indica a Alma Universal, embora os dois sejam um. O fato de que o Disco é claro e tudo ao redor dele é preto mostra de modo definido que o seu plano, embora seja ainda vago e obscuro, é o único conhecimento alcançável pelo ser humano. É neste plano que começam as manifestações manvantáricas; nesta ALMA dorme, durante o Pralaya, o Pensamento Divino <sup>90</sup> em que está oculto o plano de todas as futuras Cosmogonias e Teogonias.

---

<sup>89</sup> Pralaya; o universo não só vive, mas tem seus períodos cíclicos de manifestação externa e de repouso. Os pralayas são os momentos de repouso, assim como os manvântaras são os períodos de atividade. Na linguagem do físico David Bohm, que escreveu nas décadas finais do século 20, trata-se da alternância entre “ordem implícita” e “ordem explícita”. A lei da alternância opera tanto em grande escala como em pequena escala; a reencarnação individual é um dos seus aspectos. Cabe registrar que neste ponto estamos na página 1 (com algarismo arábico) do volume I da edição original em inglês. Até aqui as páginas eram contadas com algarismos romanos. (Nota do Tradutor)

<sup>90</sup> É quase desnecessário dizer mais uma vez ao leitor que o termo “Pensamento Divino”, assim como a expressão “Mente Universal”, não tem qualquer semelhança com o processo intelectual exercido pelo ser humano. O “Inconsciente”, segundo von Hartmann, chega ao vasto plano criativo, ou mais precisamente ao Plano Evolutivo, “através de uma sabedoria clarividente superior a toda consciência”, o que na linguagem Vedanta significaria

É a VIDA UNA, que é eterna, invisível, e no entanto Onipresente; que é sem começo ou fim, e no entanto é cíclica nas suas manifestações regulares, períodos entre os quais reina o obscuro mistério do não-Ser; que é inconsciente, porém é Consciência absoluta; que é incompreensível, no entanto é a única realidade que existe por si mesma; verdadeiramente, “um caos para os sentidos, um Cosmo para a razão”. O seu único atributo absoluto, o Movimento eterno e incessante em si mesmo, é chamado em linguagem esotérica de “Grande Respiração”<sup>91</sup>, que consiste na movimentação perpétua do universo, no sentido de ESPAÇO ilimitado e sempre-presente. O que é destituído de movimento não é divino. Mas a verdade é que não há coisa alguma absolutamente imóvel dentro da alma universal.

Quase cinco séculos antes da era cristã, Leucipo, o instrutor de Demócrito, sustentava que o Espaço estava eternamente cheio de átomos impulsionados por uma movimentação incessante, e que esta movimentação gerava, a seu devido tempo - quando os átomos se agregavam - uma movimentação em círculo, através de colisões mútuas que produziam movimentos laterais. Epicuro e Lucrécio ensinaram o mesmo, apenas acrescentando à movimentação lateral dos átomos a ideia da afinidade - um ensinamento oculto.

Desde o começo da evolução hereditária dos seres humanos, desde que apareceram pela primeira vez os arquitetos do globo em que eles vivem, a Divindade não-revelada foi identificada e considerada sob o seu único aspecto filosófico - o movimento universal, a vibração da Respiração criadora na Natureza. O Ocultismo resume a “Existência Una” da seguinte maneira: “A Divindade é um FOGO arcano, vivo (ou em movimento), e as eternas testemunhas desta Presença não-vista são a Luz, o Calor, a Umidade”; e esta trindade inclui todos os fenômenos da Natureza, e

---

Sabedoria absoluta. Só aqueles que compreendem até que distância a Intuição se ergue acima dos lentos processos do pensamento raciocinado podem ter uma ideia, mesmo vaga, daquela absoluta Sabedoria que transcende as ideias de Tempo e Espaço. A Mente, tal como a conhecemos, existe em estados de consciência cuja duração, intensidade, complexidade, etc., são variáveis - e todos estes fatores dependem, em última instância, de sensações, que são Maya. Sensação, devemos reiterar, implica necessariamente limitação. O Deus pessoal do Deísmo ortodoxo percebe, pensa e é atingido por emoções; ele se arrepende e sente “intensa raiva”. Mas a noção de tais estados mentais claramente envolve o postulado impensável da externalidade de estímulos, para não falar da impossibilidade de atribuir caráter imutável a um Ser cujas emoções flutuam de acordo com os acontecimentos ocorridos no mundo que ele próprio preside. As concepções de um Deus Pessoal como imutável e infinito não fazem sentido do ponto de vista psicológico e, o que é pior, não fazem sentido do ponto de vista filosófico. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>91</sup> Platão demonstra ser um Iniciado ao dizer em “Crátilo” que *θεός* [theós] tem como origem o verbo *θέειν*, “mover-se”, “correr”, porque os primeiros astrônomos que observavam os movimentos dos corpos celestes chamaram os planetas de *θεοί*, deuses. (Veja, no Volume II de “A Doutrina Secreta”, o texto “O Simbolismo dos Nomes de Mistério Iao e Jeová, em sua relação com a Cruz e o Círculo”.) Mais tarde, a palavra produziu outro termo, *ἀλήθεια*, “a respiração de Deus”. (Nota de H. P. Blavatsky)

é a causa deles.<sup>92</sup> O movimento intracósmico é eterno e incessante; o movimento cósmico (o visível, ou que é sujeito à percepção) é finito e periódico. Como abstração eterna ele é SEMPRE-PRESENTE; como manifestação é finito tanto numa direção como na outra, e as duas são o alfa e o ômega de sucessivas reconstruções. O Cosmos - o NÚMENO<sup>93</sup> - nada tem a ver com as relações causais do Mundo fenomênico. É só em relação à alma intracósmica, o Cosmos ideal no imutável Pensamento Divino, que podemos dizer: “Ela nunca teve um início nem terá um final.” Com relação a este corpo ou organização Cósmica, embora não se possa dizer que ele teve uma primeira construção, nem que terá uma última construção, a cada novo Manvântara a sua organização pode ser vista como a primeira e a última do seu tipo, porque ele evolui cada vez em um plano mais elevado .....

Há alguns anos nós afirmamos que: -

“Assim como o Budismo, o Bramanismo e mesmo a Cabala, a doutrina esotérica ensina que a Essência única, infinita e desconhecida existe por toda eternidade, e que é ativa e passiva em fases cuja sucessão é regular e harmoniosa. Na fraseologia poética do Manu, estas condições são chamadas de ‘Dias’ e ‘Noites’ de Brahmâ. Este último está ‘acordado’ ou ‘dormindo’. Os Svabhavikas<sup>94</sup>, ou filósofos da

---

<sup>92</sup> Os nominalistas, argumentando com Berkeley que “é impossível ..... formar a ideia abstrata de movimento como algo independente do corpo que se move” (“*Prin. of Human Knowledge*”, *Introd., par. 10*) podem questionar: “Que corpo é aquele, que produz tal movimento? É uma substância? Então vocês acreditam em um Deus Pessoal?”, etc., etc. Este ponto será respondido mais adiante neste livro. Enquanto isso, defendemos nossas posições como Concepcionalistas, e contra a visão materialista de Roscelini a respeito do Realismo e do Nominalismo. “Será que a Ciência”, diz um dos seus defensores mais hábeis, Edward Clodd, “revelou alguma coisa que enfraqueça ou se oponha às antigas palavras em que a Essência de toda religião, passada, presente e futura, é expressada, ou seja; agir com justiça, valorizar o sentimento de compaixão, e caminhar humildemente diante do seu Deus?” O argumento é aceitável, uma vez que a palavra Deus não signifique *o grosseiro antropomorfismo que ainda domina a nossa teologia atual, mas sim a concepção simbólica da Vida e do Movimento do Universo*, cujo conhecimento no plano físico é o mesmo que conhecer o tempo presente, passado e futuro, na existência dos fenômenos sucessivos; e cujo conhecimento no plano moral é o mesmo que saber o que existiu, existe e existirá, na consciência humana. (Veja “*Science and the Emotions*”. *A Discourse delivered at South Place Chapel, Finsbury, London, Dec. 27th, 1885.*) (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>93</sup> Númeno - palavra derivada do grego. Significa um objeto, evento ou substância que ocorre num plano subjetivo essencial e deve ser conhecido sem a ajuda dos cinco sentidos, num plano filosófico ou intuitivo. O *númeno* dá origem aos *fenômenos* observáveis. (Nota do Tradutor)

<sup>94</sup> No original em inglês, “Svâbhâvikas”, com dois acentos circunflexos. Na presente tradução, não mantemos acentos nas transliterações de todas as palavras. Consideramos que é preciso dar passos para que palavras de origem sânscrita sejam absorvidas e popularizadas na língua portuguesa. A preservação do sânscrito é uma meta louvável; no entanto, estamos abordando aqui apenas modestas transliterações, acentuadas ou não. O alfabeto devanagari do sânscrito é amplamente diferente do nosso alfabeto. Na língua portuguesa, a tendência histórica aponta para a redução do número de acentos, que, em inglês, praticamente não existem. (Nota do Tradutor)

escola mais antiga do Budismo (que ainda existe no Nepal) especulam apenas sobre a condição ativa desta 'Essência', que chamam de Svabhavat <sup>95</sup>; e consideram uma tolice teorizar sobre a força abstrata e 'incognoscível' em sua condição passiva. Por isso eles são chamados de ateus tanto pelos teólogos cristãos como pelos cientistas modernos. Nenhum destes dois grupos consegue compreender a lógica profunda da filosofia dos Svabhavikas. Os teólogos cristãos não aceitarão qualquer Deus diferente dos poderes secundários personificados que produziram o universo visível, e que se transformaram, no pensamento deles, no Deus antropomórfico dos cristãos - o Jeová masculino, rugindo entre relâmpagos e trovões. Por sua vez, a ciência racionalista saúda os Budistas e os Svabhavikas como os 'positivistas' das eras arcaicas. Se adotarmos uma visão unilateral da filosofia destes últimos, os nossos materialistas podem estar certos, à sua maneira. Os Budistas afirmavam que não há um Criador, mas uma infinidade de poderes criadores que formam coletivamente a substância una e eterna, e cuja essência é inescrutável, não sendo, portanto, objeto de especulação para nenhum verdadeiro filósofo. Sócrates invariavelmente se recusava a discutir sobre o mistério do ser universal; no entanto, ninguém jamais poderia pensar em acusá-lo de ateísmo, exceto aqueles que visavam a sua destruição. Ao inaugurar um período de atividade, diz a Doutrina Secreta, ocorre uma expansão desta essência Divina desde fora para dentro e desde dentro para fora, de acordo com a lei eterna e imutável <sup>96</sup>; e o universo visível, ou fenomênico, é o resultado último da longa cadeia de forças cósmicas assim colocadas progressivamente em movimento. De modo semelhante, quando é retomada a condição passiva, ocorre uma contração da essência Divina e o trabalho anterior de criação é gradual e progressivamente desfeito. O universo visível fica desintegrado, e o seu material, disperso; e só a 'escuridão', solitária, domina uma vez mais a face do 'profundo'. Para usar uma metáfora dos Livros Secretos, que transmite a ideia ainda mais claramente, uma exalação da 'essência desconhecida' produz o universo; e uma inalação faz com que ele desapareça. Este processo vem ocorrendo desde toda a eternidade, e o nosso universo atual é apenas um, de uma série infinita que não teve início e não terá fim." (Veja "Ísis Sem Véu" <sup>97</sup>, e o texto "Dias e Noites de Brahmâ", na parte II <sup>98</sup>.)

---

<sup>95</sup> Svabhavat. Ao longo de "A Doutrina Secreta", H.P. Blavatsky escreve esta palavra algumas vezes com "w", *swâbhâvat*, e outras vezes com "v", *svâbhâvat*. Na presente tradução, usamos a palavra sempre como "**svabhavat**", eliminando também os acentos da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

<sup>96</sup> O símbolo do movimento teosófico moderno inclui dois triângulos entrelaçados, um apontando para baixo, o outro apontando para cima. A imagem expressa este processo, que ocorre tanto em pequena como em grande escala ou "assim na terra como no céu". O símbolo é conhecido como selo de Salomão ou estrela de David. (Nota do Tradutor)

<sup>97</sup> "Isis Unveiled", Theosophy Co., Los Angeles, Vol. II, p. 264-265. Na edição brasileira, veja outra tradução do mesmo trecho em "Ísis Sem Véu", H.P. Blavatsky, Ed. Pensamento, vol. III, pp. 234-235. (Nota do Tradutor)

<sup>98</sup> Referência à parte II do primeiro volume de "The Secret Doctrine", edição original. O texto começa à p. 368. (Nota do Tradutor)

Esta passagem será explicada, tanto quanto possível, na presente obra. Embora, tal como está agora, ela não contenha nada novo para o orientalista, a sua interpretação esotérica pode conter muita informação até agora inteiramente desconhecida para o estudante ocidental.

A primeira ilustração é um disco simples: . A segunda ilustração dos símbolos arcaicos mostra um disco com um ponto, , a primeira diferenciação nas manifestações periódicas da natureza sempre-eterna, o “Aditi NAQUILO” (Rig Veda), destituído de sexo, e infinito. O ponto no círculo é o Espaço potencial no Espaço abstrato. No seu terceiro estágio, o ponto é transformado num diâmetro, assim: . A figura agora simboliza uma Mãe-Natureza divina e imaculada, dentro da absoluta Infinitude que tudo abrange. Quando a linha do diâmetro é atravessada por uma linha vertical, , ela se torna a cruz do mundo. A Humanidade agora chegou à sua terceira-raça; este é, em primeiro lugar, o signo da origem da vida humana. Quando a circunferência desaparece e deixa apenas a , este é um sinal de que a queda do homem na matéria se completou, e a QUARTA raça começa. A Cruz dentro de um círculo simboliza o puro Panteísmo; quando a Cruz foi deixada sem círculo, se tornou fálica. Ela tinha, entre outros, o mesmo significado que um TAU dentro de um círculo, , ou que “o martelo de Thor”, a chamada cruz Jaina, ou simplesmente uma suástica dentro de um círculo, .

O terceiro símbolo - o círculo dividido em dois pela linha horizontal do diâmetro - significa a primeira manifestação da Natureza criativa (ainda passiva, porque feminina). A primeira e vaga percepção do ser humano em relação à procriação é feminina, porque o homem conhece sua mãe mais do que conhece seu pai. Assim, as divindades femininas eram mais sagradas que as masculinas. A Natureza é portanto feminina, e, até certo ponto, objetiva e tangível, e o espírito do Princípio que a faz frutificar é oculto. Ao acrescentar-se ao círculo e sua linha horizontal uma linha perpendicular, foi formado o tau -  - a forma mais antiga da letra. Este foi o glifo da terceira raça-raiz até o dia da sua Queda simbólica - isto é, quando ocorreu a separação dos sexos através da evolução natural -, quando a figura se tornou , o círculo, ou vida sem sexo modificada ou separada - um glifo ou símbolo duplo. No caso das raças da nossa Quinta Raça, ele se tornou em simbologia o *sacr'*, e em hebraico o *n'cabvah* das primeiras raças formadas<sup>99</sup>; mais tarde transformou-se no  egípcio (símbolo da vida), e ainda depois no signo de Vênus, . Em seguida

---

<sup>99</sup> Veja a sugestiva obra “The Source of Measures”, em que o autor explica o real significado da palavra *sacr'*, de onde derivam as palavras “sagrado” e “sacramento”. Hoje estas palavras se tornaram sinônimos de “santo” e “santidade”, embora sejam puramente fálicas em sua origem! (Nota de H. P. Blavatsky)

vem a Suástica (o martelo de Thor, ou a “cruz hermética”, atualmente) inteiramente separada do seu círculo, e tornando-se assim puramente fálica.<sup>100</sup> O símbolo esotérico de Kali Yuga é a estrela de cinco pontas invertida, assim:  - o símbolo da feitiçaria humana, com suas duas pontas (dois chifres) voltadas para cima, uma posição que todo Ocultista reconhecerá como pertencendo ao “caminho da esquerda”, e usado em magia cerimonial.<sup>101</sup>

Esperamos que durante o exame desta obra as ideias errôneas do público em geral em relação ao Panteísmo sejam corrigidas. É errado e injusto ver os Ocultistas budistas e advaitas como ateus. Se nem todos eles são filósofos, todos estudam Lógica, pelo menos, e suas objeções e argumentos são baseados em raciocínios claros. De fato, o Parabrahm dos hindus pode ser visto como representante das divindades ocultas e sem nome das outras nações, e este Princípio absoluto será reconhecido como o protótipo do qual todos os outros foram copiados. Parabrahm não é “Deus”, porque Ele não é *um* Deus. “Ele é aquilo que é supremo, e não supremo (paravara)”, conforme explica o Mandukya Upanixade (2.28). ELE é “Supremo” como CAUSA, e não é supremo como efeito. Parabrahm é simplesmente, como uma “Realidade Única”, o Cosmos que tudo abrange - ou melhor, o Espaço Cósmico infinito, no mais elevado sentido espiritual, é claro. Como Brahma (neutro) é a Raiz imutável, pura, livre, imperecível e suprema, “a ÚNICA verdadeira Existência, Paramarthika”, e também a absoluta Chit e Chaitanya (inteligência, consciência), Brahma não pode ser um conhecedor, “porque AQUÍLO não pode ter um tema de conhecimento”. Será que a chama pode ser chamada de essência do Fogo? Esta Essência é “a VIDA e a LUZ do Universo, o fogo visível e a chama são destruição, a morte, e o mal”. “O Fogo e a Chama destroem o corpo de um Arhat, a essência deles o torna imortal.” (*Bodhi-mur, Livro II*). “O conhecimento do Espírito absoluto, como o esplendor do sol, ou como o calor do fogo, não é nada mais que a própria Essência absoluta”, diz Shankaracharia. ELE - é “o Espírito do Fogo”, e não o próprio fogo; portanto, “os atributos deste último, calor ou chama, não são os atributos do Espírito, mas daquilo que é originado, inconscientemente, pelo Espírito.” Não é verdade que a frase acima constitui a verdadeira nota-chave da

---

<sup>100</sup> Durante o século vinte, este símbolo foi usado para fins de feitiçaria pelos criminosos do nazismo alemão. O nazi-fascismo usava técnicas de magia negra para dominar mentalmente populações inteiras. Discretamente apoiada pelo Vaticano, a máfia nazista combinava em seus crimes contra a humanidade o uso de medo, violência, mentira sistemática, hipnotismo coletivo e “lavagem cerebral”. (Nota do Tradutor)

<sup>101</sup> Matemáticos ocidentais e alguns cabalistas norte-americanos nos dizem que na Cabala, também, “o valor do nome de Jeová é igual ao diâmetro de um círculo”. Acrescente-se a isso o fato de que Jeová é o terceiro sefirote, *Binah*, palavra feminina, e se terá a chave para o mistério. Através de certas transformações Cabalísticas, este nome, *andrógino* nos primeiros capítulos do Gênesis, passa a ser inteiramente masculino, cainita e fálico. O fato de escolher uma divindade entre os deuses pagãos e de fazer dele um Deus nacional especial, e de chamá-lo de “único Deus vivo”, de “Deus dos Deuses”, e depois proclamar esta adoração como Monoteística, não transforma esta divindade no Princípio ÚNICO cuja “Unidade não admite multiplicação, mudança ou forma”, especialmente no caso de uma divindade priápica, como Jeová agora demonstra ser. (Nota de H. P. Blavatsky)

filosofia Rosacruz mais recente? Parabrahm é, em resumo, o agregado coletivo do Cosmos em sua infinitude e eternidade, o “AQUILO” e “ISSO” aos quais estes agregados distributivos não podem ser aplicados.<sup>102</sup> “No começo ISSO era o Ser, o único” (*Aitareya Upanixade*); o grande Shankaracharia explica que “ISSO” se refere ao Universo (Jagat); as palavras “No começo” significam “antes da reprodução do universo fenomênico”.

Portanto, quando os panteístas repetem as palavras dos Upanixades, que afirmam, como na Doutrina Secreta, que “isso” não pode criar, eles não negam um Criador, ou melhor, um *agregado coletivo* de criadores, mas apenas se recusam, de maneira muito lógica, a atribuir uma “criação”, e especialmente uma formação, algo finito, a um Princípio Infinito. Para eles, Parabrahm é passivo porque é uma Causa Absoluta, *Mukta* incondicionada. Só a Onisciência e a Onipotência limitadas são impossíveis para a *Mukta*, porque estes são ainda atributos (tal como se refletem nas percepções do ser humano); e porque Parabrahm, sendo o “TODO Supremo”, o sempre invisível espírito e Alma da Natureza, imutável e eterno, não pode ter atributos; o seu caráter absoluto naturalmente elimina qualquer ideia de conexão entre ele e o que é finito ou condicionado. E se o Vedanta postula que os atributos pertencem simplesmente à sua emanção, e o chama de “Ishwara *misturado com Maya*”, e Avidya (Agnosticismo e Insensatez, mais que ignorância), é difícil encontrar qualquer ateísmo nesta concepção.<sup>103</sup> Já que não pode haver dois INFINITOS nem dois ABSOLUTOS em um Universo que se considera Ilimitado, esta Autoexistência dificilmente pode ser concebida como algo que cria personalidade. No sentido e nas percepções de “Seres” finitos, AQUILO é um Não-“ser”, no sentido de que é a EXISTENCIALIDADE única<sup>104</sup>; porque neste TODO está oculta a sua emanção

---

<sup>102</sup> Ver “Vedanta Sara”, do major G. A. Jacob; assim como “The Aphorisms of S’ândilya”, traduzidos por Cowell, p. 42. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>103</sup> No entanto, orientalistas cristãos, preconceituosos e um tanto fanáticos, gostariam de provar que se trata de puro ateísmo. Uma prova disso pode ser encontrada em “Vedanta Sara”, de Major Jacob. No entanto, toda a Antiguidade ecoa este pensamento Vedântico:

“Omnis enim per se divom natura necesse est / Immortali aevo summa cum pace fruatur”. (Nota de H. P. Blavatsky) [**Subnota do Tradutor:** *A citação em latim significa: “Porque é necessário que todos os deuses, por sua própria / natureza, desfrutem da vida eterna em perfeita paz.”*]

<sup>104</sup> Existencialidade. No original em inglês, BE-NESS; em sânscrito, SAT. É um termo de difícil tradução. Uma versão literalista seria “ser-alidade” (“a condição de ser”); mas esta palavra não transmitiria a ideia. Na edição de “A Doutrina Secreta” que foi publicada pela Ed. Pensamento no século 20 - e que constitui uma tradução do texto adulterado por Annie Besant na década de 1890 - é usada a palavra SEIDADE, um neologismo que não apresenta qualquer relação aparente com o verbo “ser”. Cabe registrar que, em inglês, o verbo “to be” significa não apenas “ser” e “estar”, mas também “existir”. Em consequência disso, traduzir o termo “Be-ness” por uma palavra derivada de “existir” é admissível. Além disso, o volume “The Secret Doctrine Dialogues” (Theosophy Co., Los Angeles, 2014), transcreve uma conversa de H.P. Blavatsky com alunos seus - em uma reunião em Londres - sobre a tradução do mesmo termo sânscrito SAT por BE-NESS. Ela diz: “Eles riram de ‘Be-ness’ e no entanto não há outra maneira no mundo de traduzir a palavra *Sat* exceto como Be-ness,

coeterna e coeva, ou sua radiação inerente, a qual, transformando-se periodicamente em Brahmâ (a Potência masculina-feminina) se converte no Universo manifestado, ou se expande até se transformar nele. Narayana movendo-se nas águas (abstratas) do Espaço passa a ser as Águas da substância concreta movimentada por ele, que agora se transforma na PALAVRA manifestada, ou Logos.

Os brâmanes ortodoxos - que estão entre os primeiros a erguer-se contra os panteístas e os advaitas, chamando-os de ateus - são forçados, se o Manu é aceito como autoridade nesta questão, a admitir a morte de Brahmâ, o criador, ao final de cada “Era” desta divindade (criativa) (100 anos divinos, um período que em nossos números requer 15 algarismos para ser expressado). No entanto, nenhum filósofo entre eles verá esta “morte” de qualquer outra maneira exceto como uma desapareição temporária do plano manifestado da existência, ou como um descanso periódico.

Os Ocultistas estão, portanto, em unidade com os filósofos advaitas e vedantinos em relação ao ponto mencionado acima. Eles mostram a impossibilidade de aceitar no contexto filosófico a ideia de o TODO absoluto criar ou mesmo emanar o “Ovo de Ouro”, no qual afirma-se que ele entra para transformar-se em Brahmâ - o Criador, que se expande mais tarde transformando-se em deuses e no universo visível como um todo. Os Ocultistas dizem que a Unidade Absoluta não pode passar para o infinito, porque o infinito pressupõe a extensão ilimitada de *algo*, e a duração deste “algo”. O Todo Uno é como o Espaço - que constitui a sua única representação mental e física nesta Terra ou em nosso plano de existência, e que não é um objeto de percepção, nem percebe alguma coisa. Se fosse possível supor que o Todo Eterno Infinito, a Unidade Onipresente, ao invés de existir na Eternidade se transforma através da manifestação periódica em um Universo multidimensional, ou em uma personalidade múltipla, aquela Unidade deixaria de ser uma Unidade. A ideia de Locke segundo a qual “o Espaço puro não é capaz de resistência nem de Movimento” é uma ideia errada. O Espaço não é nem um “vazio ilimitado” nem uma “plenitude condicionada”, mas ambos; porque ele está no plano da abstração absoluta, da Divindade sempre incognoscível, que é um vazio apenas para as mentes finitas <sup>105</sup> e no plano da percepção *maivica*. O Espaço é o Plenum, o Recipiente

---

porque ela não significa existência, já que existência implica algo que sente que existe. Existência deve dar a ideia de haver um começo, uma criação, e um final (.....).” (p. 23). Assim, HPB associa claramente “BE-NESS” com “Existência”, ao dizer que não se trata de existência, mas sim da condição da existência. Isso, em português, seria “existencialidade”, ou a “potencialidade da existência e a sua condição essencial”. A palavra “Sat” também pode ser definida como “a realidade eterna no universo infinito, da qual não se pode dizer que existe, porque é a substância do Absoluto, Be-ness” (Ver o item “Sat” no “Theosophical Glossary”, Theosophy Company, Los Angeles). (Nota do Tradutor)

<sup>105</sup> Os próprios nomes das duas principais divindades, Brahmâ e Vishnu, deveriam haver sugerido há muito tempo os seus significados esotéricos. Porque a raiz de um, *Brahmam*, ou *Brahm*, é derivada segundo alguns da palavra *Brih*, “crescer” ou “expandir” (veja a *Calcutta Review*, Vol. lxvi, p. 14); e a outra palavra, Vishnu, deriva da raiz *Vis*, “permeiar”, entrar na natureza da essência. Brahmâ-Vishnu é este ESPAÇO infinito, do qual os deuses,

absoluto de tudo o que é; seja manifestado, seja não manifestado. Ele é, portanto, aquele TODO ABSOLUTO. Não há diferença entre a afirmativa do Apóstolo cristão segundo a qual “Nele vivemos, nos movemos e temos o nosso ser” e a do Rishi hindu: “O Universo vive em Brahma, teve sua origem em Brahma, e voltará a Brahma (Brahmâ)”. Porque Brahma (neutro), o imanifestado, é esse Universo *in abscondito*; e Brahmâ, o manifestado, é o Logos, que é transformado em masculino-feminino <sup>106</sup> nos dogmas simbólicos ortodoxos. O Deus do Apóstolo-Iniciado, assim como o do Rishi, é tanto o ESPAÇO visível como o ESPAÇO invisível. No simbolismo esotérico, o Espaço é chamado “o Eterno Mãe-Pai de Sete Peles”. Desde a sua superfície indiferenciada até sua superfície diferenciada, ele é composto de sete camadas.

O Catecismo esotérico Senzar pergunta: “O que é que existiu, existe e existirá, quer haja um Universo ou não, e quer haja deuses ou não?” E a resposta dada é: “O ESPAÇO.”

Não é a Natureza *in abscondito* <sup>107</sup>, o Deus Único e Desconhecido sempre-presente na Natureza, que é rejeitado, mas o Deus do dogma humano e a sua “Palavra” *humanizada*. Em sua infinita presunção e no orgulho e vaidade que lhes são inerentes, seres humanos criaram eles mesmos Deus com suas mãos sacrílegas, tendo como base o material que encontraram em suas próprias e reduzidas estruturas cerebrais; e o impuseram à humanidade como se fosse uma revelação vinda do ESPAÇO não-revelado.<sup>108</sup> O Ocultista aceita uma revelação como algo vindo de

---

os Rishis, os Manus e tudo neste universo são simplesmente potências, Vibhutayah. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>106</sup> Veja a narrativa de Manu sobre como Brahmâ divide o seu corpo em um macho e uma fêmea, sendo ela a fêmea Vâch, na qual ele cria Viraj; e compare isso com o esoterismo dos capítulos II, III e IV do Gênesis. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>107</sup> Natureza *in abscondito*; Natureza oculta, invisível. (Nota do Tradutor)

<sup>108</sup> O Ocultismo está realmente no ar, neste final de século. Entre muitas outras obras publicadas recentemente, recomendamos especialmente uma, aos estudantes de Ocultismo teórico que não quiserem aventurar-se além do reino do nosso plano humano específico. Está intitulado “New Aspects of Life and Religion” (“Novos Aspectos da Vida e da Religião”), e o autor é o médico Henry Pratt. Está repleto de princípios esotéricos e de filosofia esotérica, esta última um tanto limitada, nos capítulos finais, pelo que parece ser um espírito de positivismo condicionado. No entanto, o que o livro diz sobre o Espaço como “a Primeira Causa Desconhecida” merece ser citado. “Este algo desconhecido, assim reconhecido como, e identificado com, a primeira corporificação da Unidade Simples, é invisível e impalpável” (espaço *abstrato*, sem dúvida); e porque é invisível e impalpável, é também incognoscível. E esta qualidade de incognoscível levou ao erro de supor que ele seja um simples vazio, que tenha uma função meramente receptiva. Mas, mesmo quando o vemos como vazio absoluto, o espaço deve ser reconhecido como sendo autoexistente, infinito e eterno, ou como algo que teve uma primeira causa fora, atrás ou mais além de si mesmo.

“E no entanto, se esta causa pudesse ser encontrada e definida, isso apenas nos levaria a transferir para ela as características até aqui atribuídas ao espaço, e assim somente

Seres divinos, mas ainda assim finitos; de vidas manifestadas, nunca da VIDA UNA Imanifestável; daquelas entidades que são chamadas de Homem Primordial, de Dhyani-Buddhas, ou Dhyani-Chohans; e que são os “Rishi-Prajapati” dos hindus, os Elohim ou “Filhos de Deus”, os Espíritos Planetários de todas as nações, que se tornaram Deuses para os homens. O Ocultista também vê a Adi-Shakti <sup>109</sup> - a emanção direta de Mulaprakriti, a Raiz eterna DAQUILO e aspecto feminino da Causa Criadora Brahmã, em sua forma akáshica <sup>110</sup> ou Alma Universal, filosoficamente como uma Maya e como causa da Maya humana. Mas este ponto de vista não o impede de acreditar na sua existência enquanto ela dura, isto é, durante um Maha-manvântara <sup>111</sup>; nem de empregar Akasha, a radiação de Mulaprakriti <sup>112</sup>, para propósitos práticos, já que a Alma do Mundo está conectada com todos os fenômenos naturais, sejam eles conhecidos ou desconhecidos pela ciência.

---

lançaríamos a dificuldade da origem um passo mais para trás, sem obter mais esclarecimento quanto à causa primária.” (p. 5)

Isso é precisamente o que foi feito pelos que acreditam em um Criador antropomórfico, um Deus extracósmico, ao invés de intracósmico. Muitos dos assuntos abordados pelo Sr. Pratt - a maior parte deles, pode-se dizer - são velhas ideias e teorias cabalísticas que ele apresenta em roupagem totalmente nova: “New Aspects” (“Novos Aspectos”) do Oculto na Natureza, de fato. O espaço, no entanto, visto como uma “Unidade Substancial” - a “Fonte viva da Vida” - é como a “desconhecida Causa sem Causa”, o princípio mais antigo do Ocultismo, anterior por milênios ao *Pater-Aether* dos gregos e latinos. Assim, a “Força e Matéria são inseparáveis, como potências do Espaço, e são Desconhecidos reveladores do Desconhecido”. Todos eles são encontrados na filosofia ariana, personificados como Visvakarman, Indra, Vishnu, etc., etc. De qualquer modo eles são expressos de forma muito filosófica, e sob muitos aspectos pouco usuais, na obra a que nos referimos. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>109</sup> No original, Adi-Sakti. Usamos um “sh” para assinalar a pronúncia, ficando a palavra “Adi-shakti”. (Nota do Tradutor)

<sup>110</sup> Akáshica; no original, “A’kásic”. Estamos aportuguesando a transliteração, e colocamos “sh” para indicar o som da penúltima sílaba. O mesmo vale para “A’kâsa” - “Akasha”. (Nota do Tradutor).

<sup>111</sup> Maha-manvântara: Grande Manvântara. (Nota do Tradutor)

<sup>112</sup> Em contraste com o universo manifestado e material, o termo *Mulaprakriti* (derivado de *Mula*, “a raiz”, e *prakriti*, “natureza”), significa a matéria primordial imanifestada, que os alquimistas ocidentais chamam de Terra de Adão. O termo é aplicado pelos Vedantinos a *Parabrahm*. A matéria é dual na metafísica religiosa, e setenária nos ensinamentos esotéricos, como todas as outras coisas do universo. Como *Mulaprakriti*, a matéria é indiferenciada e eterna; como *Vyakta*, ela se torna diferenciada e condicionada, de acordo com o *Svetasvatara Upanixade*, I, 8, e *Devi Bhagavata Purana*. O autor das quatro palestras sobre o *Bhagavad Gita* diz, ao falar de *Mulaprakriti*: “Desde o ponto de vista objetivo do Logos, *Parabrahman* aparece para o Logos como *Mulaprakriti* . .... Naturalmente este *Mulaprakriti* é material para nós, assim como qualquer objeto material é material para nós. .... *Parabrahman* é uma realidade incondicionada e absoluta, e *Mulaprakriti* é uma espécie de véu lançado sobre ele.” (“The Theosophist”, Vol. VIII, p. 304.) (Nota de H. P. Blavatsky)

As religiões mais antigas do mundo - exotericamente, já que a raiz ou base esotérica é uma só - são o hinduísmo, o zoroastrismo, e a religião egípcia. Em seguida, e como resultado delas, vêm os caldeus, hoje totalmente ausentes do mundo com a exceção do desfigurado sabeianismo <sup>113</sup>, hoje apresentado pelos arqueólogos. Depois, passando por um bom número de religiões que serão mencionadas mais adiante, vem a religião judaica, que segue esotericamente a linha do Magismo da Babilônia, como na Cabala; exotericamente, como no Gênesis e no Pentateuco, uma coleção de lendas alegóricas. Lidos à luz do Zohar, os quatro capítulos iniciais do Gênesis são parte de uma seção altamente filosófica da Cosmogonia do Mundo. (Veja o Livro III, “A Gupta Vidya e o Zohar”) <sup>114</sup>. Mantidos em sua forma simbólica, eles são como uma história para crianças, um espinho cravado na ciência e na lógica, um efeito evidente do Carma. Que eles sirvam de prólogo para o Cristianismo foi uma vingança cruel da parte dos rabinos, que sabiam mais sobre o significado do seu Pentateuco. Foi um protesto silencioso contra a espoliação, e os judeus têm hoje certamente vantagem sobre os seus tradicionais perseguidores. As crenças exotéricas citadas acima serão explicadas à luz da doutrina Universal à medida que prosseguirmos.

O Catecismo Oculto contém as seguintes perguntas e respostas:

*“O que é que sempre existe?” “O Espaço, o eterno Anupadaka.” <sup>115</sup> “O que é que sempre existiu?” “O Germe na Raiz.” “O que é que está sempre vindo e indo?” “A Grande Respiração.” “Então, há três Eternos?” “Não, os três são um. Aquilo que sempre existe é um, aquilo que sempre existiu é um, e aquilo que está sempre existindo e se transformando também é um: e ele é o Espaço.”*

*“Explica, ó Lanu (discípulo).” - “O Um é um Círculo (anel) ininterrupto, sem circunferência, porque não está em lugar algum e está em todas as partes; o Um é o plano sem limites do Círculo, manifestando um diâmetro apenas durante os períodos manvantáricos; o Um é o ponto indivisível que não é encontrado em parte alguma, que é percebido em todas as partes durante estes períodos; ele é o Vertical e o Horizontal, o Pai e a Mãe, a cúpula e a base do Pai, as duas extremidades da Mãe, que não chegam na realidade a lugar algum, porque o Um é o Anel assim como também os anéis que estão dentro daquele Anel. Luz na escuridão e escuridão na luz; a ‘Respiração que é eterna’. Ela prossegue de fora para dentro, quando está por toda parte, e de dentro para fora, quando não está em parte alguma (isto é,*

---

<sup>113</sup> Sabeianismo; religião de um povo antigo da península arábica. Promove a adoração do Sol e de outros corpos celestes, como representantes de um princípio universal supremo e indescritível. (Nota do Tradutor)

<sup>114</sup> Livro III; referência ao volume III de “A Doutrina Secreta”, que H. P. Blavatsky não chegou a publicar, e teve destino ignorado. Para mais detalhes, veja a nota 10, de Boris de Zirkoff, à p. 679 do volume I de “The Secret Doctrine”, Adyar, TPH, 1979. (Nota do Tradutor)

<sup>115</sup> Anupadaka; o termo significa “sem pais” - veja mais adiante. (Nota de H. P. Blavatsky)

*maya* <sup>116</sup>, um dos centros <sup>117</sup>). *Ela se expande e se contrai (exalação e inalação). Quando ela se expande, a mãe difunde e espalha; quando ela se contrai, a mãe recua e se interioriza. Isso produz os períodos de Evolução e Dissolução, Manvântara e Pralaya. O Germe é invisível e tem a natureza do fogo; a Raiz (o plano do círculo) é fria; mas durante a Evolução e o Manvântara as suas vestes são frias e radiantes. A Respiração Quente é o Pai que devora os filhos do Elemento que têm muitas faces (os heterogêneos), e deixa os que têm uma só face (os homogêneos). A Respiração Fria é a Mãe, que concebe, forma, produz, e os recebe de volta em seu âmago, para reformá-los no momento da Aurora (do Dia de Brahma, ou Manvântara) .....*”.

Para uma compreensão mais clara por parte do leitor, deve ser dito que a Ciência Oculta reconhece *Sete* Elementos Cósmicos - quatro deles inteiramente físicos, e o quinto (Éter), semimaterial, já que irá tornar-se visível no ar perto do final da nossa Quarta Ronda, reinando supremo sobre os outros elementos durante a Quinta Ronda. Os dois elementos restantes estão ainda absolutamente além da percepção humana. No entanto, eles aparecerão como pressentimentos durante a sexta e a sétima Raças da Ronda atual, e se tornarão conhecidos respectivamente na sexta e na sétima Rondas. <sup>118</sup> Estes sete elementos, com os seus inúmeros Sub-Elementos (muito mais

---

<sup>116</sup> A filosofia esotérica vê como Maya (a ilusão da ignorância) todas as coisas finitas. Em consequência disso, ela deve ver da mesma forma necessariamente todo planeta ou corpo celeste intracósmico, na medida em que é organizado, e portanto finito. Portanto, a expressão “ela prossegue de fora para dentro”, etc., se refere na primeira parte da frase ao alvorecer do período manvantárico, ou à grande re-evolução, depois de uma das periódicas dissoluções completas de todas as formas compostas na Natureza (desde os planetas até as moléculas), quando elas se reduzem à sua última essência ou elemento último. Na segunda parte da frase, a expressão se refere ao manvântara local ou parcial, que pode ser um manvântara solar ou mesmo planetário. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>117</sup> Aqui a palavra “centro” significa um centro de energia ou um foco Cósmico. Quando a chamada “Criação”, ou formação de um planeta, é realizada por aquela força que os Ocultistas designam como VIDA, e que a Ciência chama de “energia”, então o processo ocorre de dentro para fora, e cada átomo, afirma-se, contém em si mesmo a energia criativa da respiração divina. Como resultado, por um lado, depois de um pralaya absoluto, ou quando o material pré-existente consiste apenas de UM Elemento, e a RESPIRAÇÃO “está por toda parte”, e esta última atua “de fora para dentro”; por outro lado, depois de um pralaya pequeno, quando tudo permaneceu em *statu quo*, ou paralisado - em um estado refrigerado, digamos assim, como a lua. Com a primeira vibração do manvântara, o planeta ou planetas começam a ressurreição da vida de dentro para fora. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>118</sup> É curioso perceber que, nos ciclos evolutivos das ideias, o pensamento antigo parece estar refletido nas especulações modernas. Terá o Sr. Herbert Spencer lido e estudado textos antigos dos filósofos hindus, quando ele escreveu uma certa passagem em seu livro “First Principles” (“Primeiros Princípios”) (p. 482)? Também pode ser que tenha tido um relâmpago de percepção interna, que fez com que ele dissesse o seguinte, de modo parcialmente incorreto: “como o movimento, tal qual a matéria, têm uma quantidade constante (?), e como parece ser que a mudança na distribuição da Matéria que é provocada pelo Movimento chega a um limite, seja qual for a direção em que ela ocorre (?), o indestrutível Movimento necessita de uma distribuição inversa. Aparentemente, as forças

numerosos do que os conhecidos pela Ciência) são simplesmente modificações e aspectos *condicionais* do ÚNICO Elemento existente. Este último não é o *Éter*<sup>119</sup>, nem sequer o *Akasha*, mas a *Fonte* destes dois. O Quinto Elemento, cuja existência é agora defendida bastante livremente pela ciência, não é o Éter levantado como hipótese por Sir Isaac Newton, embora Newton o chame por este nome provavelmente depois de associá-lo em sua mente com o *Aether*, o “Pai-Mãe” da antiguidade. Como diz Newton, demonstrando intuição, “A Natureza faz um trabalho perpetuamente circulatório, gerando fluidos a partir de sólidos, coisas fixas a partir de coisas voláteis, coisas voláteis a partir de coisas fixas, coisas sutis a partir de coisas grosseiras, e coisas grosseiras a partir de coisas sutis. .... Assim, talvez, todas as coisas possam ser originadas do Éter”. (Hypoth, 1675.)<sup>120</sup>

O leitor deve levar em conta que as Estâncias dadas tratam apenas da Cosmogonia do nosso próprio Sistema planetário, e do que é visível ao seu redor, depois de um Pralaya Solar. Os ensinamentos secretos sobre a Evolução do Cosmo Universal não podem ser dados, porque não poderiam ser compreendidos pelas mentes mais elevadas da época atual; e parece haver muito poucos Iniciados, mesmo entre os maiores, que têm permissão para especular a respeito. Além disso, os Instrutores dizem abertamente que nem sequer os mais elevados Dhyani-Chohans<sup>121</sup> penetraram jamais os mistérios que estão além das fronteiras graças às quais os bilhões de sistemas solares estão separados do “Sol Central”, conforme ele é

---

universalmente coexistentes da atração e da repulsão, que, como vimos, necessitam de um ritmo em todas as mudanças menores ao longo do Universo, também necessitam de um ritmo na totalidade das suas mudanças -, produzindo agora um período imensurável durante o qual as forças de atração predominam, o que causa uma concentração universal, e mais adiante um período imensurável durante o qual as forças de repulsão predominam, o que causa uma difusão universal. Há uma alternância entre era de Evolução e de dissolução”. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>119</sup> Sejam quais forem os pontos de vista da Ciência física a respeito, a Ciência Oculta vem ensinando há eras que o A’kâs a [*Akasha*] - do qual o Éter é a sua forma mais grosseira - , o quinto Princípio Cósmico Universal (ao qual corresponde e do qual surge a mente humana, Manas), é, cosmicamente, uma matéria diatérmica, plástica, fria, radiante, criativa em sua natureza física, correlativa em seus aspectos e suas porções mais grosseiras, imutável em seus princípios superiores. Na condição anterior, ela é chamada de Sub-Raiz; e, em conjugação com o calor radiante, ela faz com que “mundos mortos revivam”. No seu aspecto superior ela é a Alma do Mundo; no seu aspecto inferior, o DESTRUÍDOR. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>120</sup> Na bem cuidada edição de 1979 de “The Secret Doctrine” (TPH), Boris de Zirkoff dá mais detalhes bibliográficos sobre o texto de que faz parte esta afirmação de Newton. Zirkoff informa que se trata de uma carta datada de 7 de dezembro de 1675, e indica o seu título completo: “An Hypothesis explaining the Properties of Light discoursed of in my several Papers”. Fonte: “*Register of the Royal Society*”, Vol. V, p. 65. (Nota do Tradutor)

<sup>121</sup> Conforme H. P. B. indicou mais acima, os Dhyani-Buddhas, Dhyani-Chohans ou Dhyani-Chohans são “os ‘Rishi-Prajapati’ dos hindus, os Elohim ou ‘Filhos de Deus’, os Espíritos Planetários de todas as nações, que se tornaram Deuses para os homens.” (Nota do Tradutor)

chamado. Portanto, o que é dado diz respeito apenas ao nosso Cosmo visível, depois de uma “Noite de Brahmâ”.

Antes que o leitor passe a considerar as Estâncias do Livro de Dzyan, que formam a estrutura da presente obra, é absolutamente necessário que ele seja informado das poucas concepções fundamentais que estão na base e permeiam todo o sistema de pensamento para o qual é chamada a sua atenção. Estas ideias básicas são poucas em número, e é da clara percepção delas que depende tudo o que se segue; portanto, não é necessário pedir desculpas por solicitar ao leitor que se familiarize primeiro com elas, antes de começar o exame da obra propriamente dita.

A Doutrina Secreta estabelece três proposições fundamentais: <sup>122</sup>

(a) Um PRINCÍPIO Onipresente, Eterno, Ilimitado e Imutável, sobre o qual toda especulação é impossível, porque ele transcende o poder da concepção humana e só poderia ser distorcido por qualquer expressão ou comparação humanas. Está além dos limites e do alcance do pensamento - nas palavras do Mandukya, é “impensável e indescritível”.

Para que estas ideias fiquem mais claras para o leitor geral, ele deve começar com o postulado de que há uma Realidade absoluta que antecede todo ser manifestado, condicionado. Esta Causa Infinita e Eterna - vagamente formulada nas ideias de “Inconsciente” e “Incognoscível” da filosofia europeia atual - é a raiz sem raiz de “tudo o que foi, é, ou será algum dia”. Ela é naturalmente destituída de quaisquer atributos, e essencialmente não possui qualquer relação com o Ser manifestado e finito. Ela é a “existencialidade”, mais do que Ser (em sânscrito, *Sat*) <sup>123</sup>, e está além de todo pensamento e especulação.

Essa “existencialidade” é simbolizada na Doutrina sob dois aspectos. De um lado, Espaço absoluto e abstrato, o que representa pura subjetividade, a única coisa que nenhuma mente humana pode nem conceber por si mesma, nem excluir das suas concepções. De outro lado, absoluto Movimento Abstrato, representando a Consciência Incondicionada. Até mesmo os nossos pensadores ocidentais têm mostrado que a Consciência é inconcebível para nós, se estiver separada da mudança; e é o movimento que melhor simboliza a mudança, a sua característica essencial. Este último aspecto da Realidade também é simbolizado pela expressão “A Grande Respiração”, uma imagem tão clara que não necessita mais explicações. Assim, o primeiro axioma fundamental da Doutrina Secreta é este UNO ABSOLUTO - A EXISTENCIALIDADE -, simbolizado pela inteligência finita através da Trindade teológica.

---

<sup>122</sup> Neste ponto, estamos na página 14 do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

<sup>123</sup> Veja mais acima a nota em que discutimos a tradução do termo “Be-Ness” (*Sat*) como “Existencialidade”. (Nota do Tradutor)

No entanto, mais algumas explicações podem ser úteis ao estudante.

Ultimamente, Herbert Spencer tem modificado tanto seu Agnosticismo que chega ao ponto de afirmar que a natureza da “Causa Primeira” <sup>124</sup> - que o Ocultismo, de modo mais lógico, vê como sendo derivada da “Causa Sem Causa”, o “Eterno” e “Incognoscível” - pode ser essencialmente a mesma causa da Consciência que brota dentro de nós: em resumo, que a realidade impessoal que permeia o Cosmo é o puro númeno do pensamento. Este progresso da sua parte coloca-o muito próximo da doutrina esotérica e vedantina. <sup>125</sup>

Parabrahm (a Realidade Una, o Absoluto) é o campo da Consciência Absoluta, isto é, aquela Essência que está fora de qualquer relação com a existência condicionada, e da qual a existência consciente é um símbolo condicionado. Mas uma vez que nós passemos em pensamento para além desta (para nós) Absoluta Negação, surge a dualidade no contraste entre Espírito (ou consciência) e Matéria; Sujeito e Objeto.

O Espírito (ou Consciência) e a Matéria devem no entanto ser vistos não como realidades independentes, mas como as duas facetas ou os dois aspectos do Absoluto (Parabrahm), que constitui a base do Ser condicionado, seja ele subjetivo ou objetivo.

Considerando esta tríade metafísica como a Raiz da qual procede toda manifestação, a grande Respiração assume o caráter da Ideação pré-cósmica. Ela é a *fons et origo* da energia e de toda consciência individual, e dá a inteligência orientadora no vasto esquema da Evolução cósmica. Por outro lado, a substância-raiz pré-cósmica (*Mulaprakriti*) é aquele aspecto do Absoluto que está na base de todos os planos objetivos da Natureza.

Assim como a Ideação Pré-Cósmica é a raiz de toda consciência individual, assim também a Substância Pré-Cósmica é o substrato da matéria nos vários graus da sua diferenciação.

A partir disso, fica claro que o contraste entre estes dois aspectos do Absoluto é essencial para a existência do “Universo Manifestado”. Separada da Substância Cósmica, a Ideação Cósmica não poderia manifestar-se como consciência individual, já que é só através de um veículo <sup>126</sup> material que a consciência surge como “eu sou eu”, sendo necessária uma base física para focar um raio da Mente

---

<sup>124</sup> A palavra “primeira” indica necessariamente algo que é “o primeiro a ser produzido”, “o primeiro no tempo, no espaço e em hierarquia”, e portanto finito e condicionado. O “primeiro” *não pode ser o absoluto*, porque é uma manifestação. Portanto, o Ocultismo Oriental chama o Todo Abstrato de “Causa Una Sem Causa”, a “Raiz Sem Raiz”, e limita a “Causa Primeira” ao *Logos*, no sentido que Platão dá a este termo. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>125</sup> Veja as quatro eficientes palestras do Sr. Subba Row sobre o Bhagavad Gita, na revista “The Theosophist”, de fevereiro de 1887. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>126</sup> Chamado em sânscrito de “Upadhi”. (Nota de H. P. Blavatsky)

Universal em determinado estágio de complexidade. Novamente, separada da Ideação Cósmica, a Substância Cósmica permaneceria como uma abstração vazia, e nenhum surgimento da consciência poderia ocorrer.

O “Universo Manifestado”, portanto, é permeado pela dualidade, e a dualidade constitui, digamos, a própria essência da sua EX-istência como “manifestação”. Mas assim como os polos opostos do sujeito e do objeto, do espírito e da matéria, são apenas aspectos da Unidade Única na qual eles são sintetizados, assim também, no Universo manifestado, há “aquilo” que liga o espírito à matéria, o sujeito ao objeto.

Esse algo, atualmente desconhecido para a especulação ocidental, é chamado pelos ocultistas de Fohat. Ele é a “ponte” pela qual as “Ideias” que existem no “Pensamento Divino” são impressas na substância Cósmica como “leis da Natureza”. Fohat é, assim, a energia dinâmica da Ideação Cósmica; ou, visto do outro ponto de vista, é o meio inteligente, o poder orientador de toda manifestação, o “Pensamento Divino” transmitido e tornado manifesto pelos Dhyán Chohans <sup>127</sup>, os Arquitetos do mundo visível. Assim, do Espírito, ou Ideação Cósmica, vem a nossa consciência; da Substância Cósmica, vêm os vários veículos nos quais aquela consciência é individualizada e alcança a autoconsciência ou consciência reflexiva; enquanto que Fohat, em suas várias manifestações, é elo misterioso entre a Mente e a Matéria, o princípio animador que eletrifica cada átomo, dando-lhe vida.

O seguinte resumo transmitirá uma ideia mais clara ao leitor.

(1.) O ABSOLUTO; o *Parabrahm* dos vedantinos ou a Realidade una, SAT, que é, como diz Hegel, tanto o Absoluto Ser como o Absoluto Não-Ser.

(2.) A primeira manifestação, o Logos impessoal e, em filosofia, o Logos *imanifestado*, precursor do “manifestado”. Esta é a “Primeira Causa”, o “Inconsciente” dos panteístas europeus.

(3.) Espírito-matéria, VIDA; o “Espírito do Universo”, o Purusha e Prakriti, ou *segundo* Logos.

(4.) Ideação Cósmica, MAHAT ou Inteligência, a Alma-do-Mundo Universal ; o Númeno Cósmico da Matéria, também chamado de MAHA-BUDDHI.

A REALIDADE UNA; os seus aspectos *duais* no Universo condicionado.

A Doutrina Secreta afirma também: -

(b) A Eternidade do Universo *in toto* como um plano ilimitado; sendo periodicamente “cenário de inúmeros Universos que se manifestam e desaparecem incessantemente”, chamados de “estrelas em manifestação” e “centelhas da

---

<sup>127</sup> Chamados pela teologia cristã de Arcanjos, Serafins, etc. (Nota de H. P. Blavatsky)

Eternidade”. “A Eternidade do Peregrino”<sup>128</sup> é como um piscar do Olho da Autoexistência (Livro de Dzyan). “A aparição e a desapareção de Mundos é como o fluxo e o refluxo regulares da maré.” (Veja, na Parte II, “Dias e Noites de Brahmâ”.)

Esta segunda afirmação da Doutrina Secreta estabelece a absoluta universalidade daquela lei da periodicidade, do fluxo e refluxo, da maré alta e baixa, que a ciência física tem observado e registrado em todos os departamentos da natureza. Alternâncias como as de Dia e Noite, Vida e Morte, Sono e Despertar, são fatos tão comuns, tão perfeitamente universais e sem exceção que é fácil compreender que neles nós vemos uma das leis absolutamente fundamentais do universo.

Além disso, a Doutrina Secreta ensina também: -

(C) A identidade fundamental de todas as Almas com a Alma-Superior Universal, sendo esta última, em si mesma, um aspecto da Raiz Desconhecida; e a peregrinação obrigatória de cada Alma - uma centelha da Alma-Superior Universal - através do Ciclo da Encarnação (ou “da Necessidade”), de acordo com a lei Cíclica e Cármica, durante todo o período. Em outras palavras, nenhum Buddhi (alma divina) puramente espiritual pode ter uma existência independente (consciente) antes que a centelha, que surgiu da pura Essência do Sexto princípio Universal, - ou ALMA-SUPERIOR - tenha, (a) passado através de cada forma elemental do mundo fenomênico daquele Manvântara, e (b) adquirido individualidade, primeiro por impulso natural, e depois por impulsos autoinduzidos e autoplanejados (limitados pelo seu Carma), ascendendo assim através de todos os graus de inteligência, desde o Manas mais inferior até o Manas mais elevado, do mineral e do vegetal até o mais sagrado arcanjo (Dhyani-Buddha). A doutrina central da filosofia Esotérica não admite privilégios ou dons especiais no homem, exceto aqueles que tenham sido conquistados por seu próprio Ego através de esforço e mérito pessoal ao longo de toda uma longa série de metempsicoses e reencarnações. É por isso que os hindus dizem que o Universo é Brahma e Brahmâ, por que Brahma está em cada átomo do universo, e os seis princípios na Natureza são todos resultados - os aspectos diversamente diferenciados - do SÉTIMO e UNO, a única realidade no Universo, seja Cósmico ou microcósmico; e também é por isso que as permutações (psíquicas, espirituais e físicas), no plano da manifestação e da forma, do sexto (Brahmâ, o veículo de Brahma) são vistas por antífrase metafísica como ilusórias e Maiáicas. Porque embora a raiz de cada átomo individualmente, e de cada forma coletivamente, seja aquele sétimo princípio ou a Realidade una, ainda

---

<sup>128</sup> “Peregrino” é um termo para designar a nossa *Mônada* (os dois em um) durante seu ciclo de encarnações. É o único princípio imortal e eterno em nós, sendo uma parte indivisível do todo integral - o Espírito Universal, do qual ela emana, e no qual ela é absorvida no final do ciclo. Quando se afirma que a Mônada emana do espírito uno, está sendo necessário usar uma expressão inadequada e incorreta, por falta de palavras adequadas em inglês. Os vedantinos a chamam de Sutratma (Fio-da-Alma), mas sua explicação, também, difere um pouco da explicação dos ocultistas. No entanto, deixamos para os vedantinos a tarefa de explicar a diferença. (Nota de H. P. Blavatsky)

assim, no seu mundo fenomênico manifestado e na sua aparência temporária, ela não é mais que uma ilusão passageira dos nossos sentidos. (Para uma definição mais clara, veja, na parte III deste volume I, o Adendo “Deuses, Mônadas e Átomos”, e também “Teofania”, “Bodhisatvas e Reencarnação”, etc., etc.)

Na sua dimensão absoluta, o Princípio Único, sob seus dois aspectos (de Parabrahmam e Mulaprakriti) é sem sexo, incondicionado e eterno. A sua emanção periódica (manvantárica) - ou radiação primária - também é una, andrógina e fenomenicamente finita. Por sua vez quando a radiação ocorre todas as suas irradiações são também andróginas, tornando-se masculinas e femininas em seus aspectos inferiores. Depois de um Pralaya, seja o Pralaya grande ou o menor (esse último deixa os mundos em *statu quo* <sup>129</sup>), o primeiro que redesperta para a vida ativa é o Akasha plástico, o Pai-Mãe, o Espírito e a Alma do Éter, ou o plano da superfície do Círculo. O Espaço é chamado de “a Mãe”, antes da sua atividade cósmica, e Pai-Mãe no primeiro estágio do redespertar. (Veja os Comentários à Estância II.) Na Cabala, o Espaço é também Pai-Mãe-Filho. Mas enquanto para a doutrina Oriental estes constituem o sétimo princípio do Universo manifestado, ou o seu “Atma-Buddhi-Manas” (Espírito, Alma, Inteligência), a tríade que se ramifica e se divide nos sete princípios cósmicos e humanos, para a Cabala Ocidental dos místicos cristãos, trata-se da Tríade ou Trindade, e segundo os seus ocultistas, o macho-fêmea, Jeová, Jah-Havah. Esta é a única diferença entre as trindades esotérica e cristã. Os místicos e os filósofos, os panteístas orientais e ocidentais, sintetizam a sua tríade pré-genética na pura abstração divina. Os ortodoxos a antropomorfizam. *Hiranyagarbha, Hari e Sankara* - as três hipóstases do “Espírito do Supremo Espírito” em manifestação (por cujo título Prithivi, a Terra, saúda Vishnu em seu primeiro Avatar) - são as qualidades puramente metafísicas e abstratas de formação, preservação e destruição, e são os três Avasthas (lit. hipóstases) divinos daquilo que “não morre com as coisas criadas” (ou Achyuta, um nome de Vishnu); enquanto que o cristão ortodoxo separa sua Divindade pessoal criadora nos três personagens da Trindade, e não admite nenhuma Divindade mais elevada. Esta última, em Ocultismo, é o Triângulo abstrato; para os ortodoxos, é o Cubo perfeito. O deus criativo ou os deuses agregados são vistos pelo filósofo Oriental como *Bhrantidarsanatah* - “falsa compreensão”, algo “concebido como uma forma material devido a aparências errôneas”, o que é explicado como surgindo da visão ilusória da alma Egoísta, pessoal e humana (quinto princípio inferior). Isso foi expresso de maneira bela em uma nova tradução do Vishnu Purana. “Aquele Brahmâ em sua totalidade tem essencialmente o aspecto de Prakriti, tanto exteriorizado como não exteriorizado (Mulaprakriti), e também o aspecto de Espírito e o aspecto de Tempo. O Espírito, ó nascido-pela-segunda-vez, é o aspecto principal

---

<sup>129</sup> Não são os organismos físicos, e muito menos os seus princípios psíquicos, que permanecem em *statu quo* durante os grandes pralayas cósmicos ou mesmo pralayas solares, mas somente as suas “fotografias” astrais ou akáshicas. Porém durante os pralayas menores, uma vez tomados pela “Noite”, os planetas permanecem intactos, embora mortos, assim como um animal enorme, capturado e soterrado no gelo polar, permanece igual durante eras. (Nota de H. P. Blavatsky)

do Supremo Brahma.<sup>130</sup> O aspecto seguinte é duplo - Prakriti, tanto exteriorizado como não exteriorizado, e o tempo é o último.” Na teogonia órfica, Cronos é descrito como sendo também um deus ou agente gerado.

Neste estágio do redespertar do Universo, o simbolismo sagrado o representa como um Círculo perfeito com o ponto (raiz) no centro. Este signo era universal, portanto nós o encontramos também na Cabala. A Cabala Ocidental, no entanto, agora nas mãos dos místicos cristãos, o ignora completamente, embora ele seja claramente mostrado no Zohar. Estes sectários começam pelo final, e apresentam como símbolo do Cosmo pré-genético este signo  $\oplus$ , chamando-o de “a União da Rosa e da Cruz”, o grande mistério da geração oculta, de onde vem o nome - rosacruz (Rosa Cruz)!

No entanto, como se pode ver a partir do mais importante e mais bem conhecido dos símbolos rosacruz, existe um que nunca até agora foi compreendido nem mesmo pelos místicos modernos. É o símbolo do “pelicano” que rompe e abre seu próprio peito para alimentar seus sete filhotes - o verdadeiro credo dos Irmãos da Rosacruz e um produto direto da Doutrina Secreta Oriental. Brahma (de gênero neutro) é chamado de Kalahansa, o que significa, como explicado por orientalistas ocidentais, o Eterno Cisne ou ganso (veja a Estância III, comentário 8); e o mesmo ocorre com Brahmâ, o Criador. Um grande erro fica desse modo à mostra. É Brahma (neutro) que deveria ser referido como Hansa-vahana (aquele que usa o cisne como seu Veículo), e não Brahmâ, o criador. Brahmâ é o verdadeiro Kalahansa, enquanto Brahma (neutro) é hamsa, e “Ahamsa”, como será explicado no comentário. Deve ser levado em conta que os termos Brahmâ e Parabrahmam<sup>131</sup> não são usados aqui porque eles pertencem à nossa nomenclatura Esotérica, mas apenas porque são mais familiares para os estudantes ocidentais. Ambos são os perfeitos equivalentes dos nossos termos com uma, três e sete vogais, que correspondem ao TODO UNO, e ao Uno “Todo em Tudo”.

Estes são os conceitos básicos sobre os quais está estabelecida a Doutrina Secreta.

Não cabe fazer aqui a defesa deles, nem dar qualquer comprovação do seu caráter intrinsecamente razoável. Tampouco posso fazer uma pausa para mostrar como estes conceitos estão na verdade contidos - embora demasiado frequentemente sob

---

<sup>130</sup> Assim, Spencer, embora, como Schopenhauer e von Hartmann, apenas reflita um aspecto dos velhos filósofos esotéricos, desse modo lançando seus leitores na praia deserta do desespero agnóstico - reverentemente formula o grande mistério ; “aquilo que persiste imutável em quantidade, mas sempre mudando na forma sob estas aparências sensíveis que o Universo apresenta para nós, é um poder desconhecido e incognoscível, que somos obrigados a reconhecer como sem limite no Espaço e sem começo ou final no tempo.” É só a audaciosa Teologia - nunca a Ciência ou a Filosofia - que busca calcular o Infinito e revelar o Insondável e Incognoscível. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>131</sup> Vemos aqui a grafia “Parabrahmam”, mas na maior parte da obra é usada a grafia “Parabrahm”. (Nota do Tradutor)

aparências enganosas - em cada um dos sistemas de pensamento ou sistemas filosóficos dignos deste nome.

Uma vez que o leitor tenha obtido uma clara compreensão desses conceitos, e tenha percebido a luz que eles lançam sobre todos os problemas da vida, já não será necessária mais nenhuma justificação deles junto ao leitor, porque sua veracidade será tão evidente quanto a existência do Sol no céu. Passo adiante, portanto, abordando o assunto das Estâncias tal como elas são dadas neste volume, e acrescentando um esboço mínimo delas, com a esperança de tornar a tarefa do estudante mais fácil colocando diante dele, em poucas palavras, a ideia geral que é explicada através delas.

Estância I. A história da evolução cósmica, tal como descrita nas Estâncias, é, digamos assim, a fórmula algébrica abstrata desta Evolução. Assim, o estudante não deve pensar que encontrará na Estância I um relato de todos os estágios e de todas as transformações que ocorrem entre o primeiro começo da evolução “Universal” e o nosso estado atual. Publicar um tal relato seria impossível porque ele não poderia ser compreendido por seres humanos que não entendem nem sequer a natureza do plano de existência imediatamente superior àquele em que, de momento, a sua natureza está situada, e ao qual está limitada.

As Estâncias apresentam, portanto, uma fórmula abstrata que se pode aplicar, *mutatis mutandis*<sup>132</sup>, a toda evolução, isto é: à evolução de nossa pequena terra, à evolução da cadeia de planetas a que pertence a terra, à evolução do Universo solar que contém essa cadeia, e assim sucessivamente, em escala ascendente, até que a mente fica perplexa e exausta pelo esforço.

As sete Estâncias dadas neste volume representam os sete termos desta fórmula abstrata. Elas se referem às sete grandes etapas do processo evolutivo, e as descrevem. Estas etapas são mencionadas nos Puranas como as “Sete Criações”, e na Bíblia como os “Dias” da Criação.

000000

A Primeira Estância descreve o estado do TODO UNO durante o Pralaya, antes da primeira vibração da manifestação que volta a despertar.

Basta uma breve reflexão para perceber que um tal estado pode ser apenas simbolizado. Descrevê-lo é impossível. Além disso, pode-se simbolizá-lo usando apenas negações, já que, como ele é o próprio estado do Absoluto, não pode ter nenhum dos atributos específicos que empregamos para descrever objetos de maneira afirmativa. Por isso, só se pode sugerir este estado recorrendo às negações dos atributos mais abstratos, que os seres humanos sentem, mais do que compreendem, e que são os limites mais remotos alcançáveis pelo seu poder de percepção.

---

<sup>132</sup> “Mutatis Mutandis” (latim), isto é, com as adaptações necessárias. (Nota do Tradutor)

Para a mente ocidental, o estágio descrito na Estância II é tão idêntico ao mencionado na primeira Estância que para expressar a ideia da sua diferença se precisaria escrever um tratado. Portanto, convém deixá-lo a cargo da intuição e das faculdades superiores do leitor, pelas quais entenderá, até onde puder, o significado das frases alegóricas empregadas. Em verdade, deve-se ter presente que todas estas Estâncias falam mais às faculdades internas do que à compreensão convencional do cérebro físico.

A Estância III descreve o Redespertar do Universo para a vida, depois do Pralaya. Ela retrata o surgimento das “Mônadas”, quando elas abandonam o seu estado de absorção dentro do UNO; é o primeiro estágio e também o mais elevado na formação dos “Mundos”, pois o termo *Mônada* pode ser aplicado igualmente ao mais vasto Sistema Solar e ao mais diminuto átomo.

A Estância IV mostra a diferenciação do “Germe” do Universo na hierarquia setenária de Poderes Divinos conscientes, que são as manifestações ativas da Energia Suprema Única. Eles são os construtores, aqueles que dão forma, e em última instância os criadores de todo o Universo manifestado, apenas na acepção em que o termo “Criador” é compreensível. Eles orientam e guiam o Universo. Eles são os Seres inteligentes que ajustam e controlam a evolução, expressando, em si mesmos, aquelas manifestações da LEI UNA que conhecemos como “As Leis da Natureza.”

Em geral, eles são conhecidos como Dhyán Chohans, embora, na Doutrina Secreta, cada um dos seus vários grupos tenha sua própria designação.

Esta etapa da evolução é mencionada na mitologia hindu como a “Criação” dos Deuses.

Na Estância V é descrito o processo da formação do mundo: primeiro, a Matéria Cósmica difusa, depois, o “remoinho” ígneo, a primeira etapa na formação de uma nebulosa. Essa nebulosa se condensa e, depois de passar através de várias transformações, forma um Universo Solar, uma cadeia planetária, ou um único planeta, conforme o caso.

A Estância VI trata das etapas subsequentes na formação de um “Mundo”, que fazem o processo evolutivo de tal mundo descer até a seu quarto grande período, que corresponde ao período em que vivemos atualmente.

A Estância VII continua a história, descrevendo a descida da vida até a aparição do Homem. Assim termina o primeiro volume de *A Doutrina Secreta*.

O desenvolvimento do “Homem” desde a sua primeira aparição sobre a terra, nesta Ronda, até o estado que ele ocupa agora, irá constituir o tema do volume II.

00000000000000

## Nota

As Estâncias que são a tese de cada seção estão apresentadas na sua tradução moderna, pois seria pior que inútil tornar o tema ainda mais difícil introduzindo a fraseologia arcaica do original, cujas palavras e cujo estilo são enigmáticos. São dados trechos das traduções chinesa-tibetana e sânscrita dos Comentários originais em Senzar, e de comentários sobre o Livro de DZYAN. É a primeira vez que este material é traduzido para um idioma europeu. É quase desnecessário afirmar que aqui se introduzem apenas partes das sete Estâncias. Se elas fossem publicadas na íntegra, ninguém as compreenderia, exceto alguns poucos ocultistas de alto nível. Tampouco há necessidade de dizer ao leitor que a autora, ou melhor, a humilde redatora, não entende melhor do que a maior parte dos profanos estas passagens proibidas. Para facilitar a leitura e para evitar a frequente referência a notas de pé de página, decidiu-se que seria melhor unir os textos e os comentários, usando os termos sânscritos e tibetanos mais adequados, sempre que estes não podem ser evitados - em lugar dos termos originais. Especialmente porque tais nomes são todos sinônimos aceitos, sendo usados os termos originais apenas entre um Mestre e seus chelas (discípulos).<sup>133</sup>

Assim, se fôssemos traduzir o primeiro verso usando só os substantivos e os termos técnicos tal como se empregam em uma das versões tibetana e senzar, teríamos:

“Tho-ag em Zhi-gyu dormiu sete Khorlo. Zodmanas zhiba. Todo Nyug seio. Konchog não; Thyan-Kam não; Lha-Chohan não; Tenbrel Chugnyi não; Dharmakaya cessado; Tgenchang não se tinha convertido em; Barnang e Ssa em Ngovonyidj; só Tho-og Yinsin na noite de Sun-chan e Yong-grub (Paranishpanna), etc., etc.” Tudo isso soaria como mero *abracadabra*.

Como esta obra foi escrita para instruir os estudantes do Ocultismo, e não para benefício dos filólogos, evitaremos sempre que for possível os termos estranhos. Mantemos apenas os termos intraduzíveis, que não podem ser compreendidos sem a explicação do seu significado. Mas todos estes termos são apresentados na sua forma sânscrita. Não é necessário lembrar ao leitor que estas palavras são em quase todos os casos desenvolvimentos mais recentes do sânscrito, e pertencem à Quinta Raça-Raiz. A raça atlante não falava o sânscrito que se conhece atualmente, e a

---

<sup>133</sup> Neste ponto, estamos na p. 23 do volume I do original em inglês. O Senzar, idioma secreto, é usado pelos Adeptos segundo HPB afirma no artigo “The Sacred Tree of Kumbum” (*Collected Writings of HPB*, TPH, EUA, volume IV, p. 350). Já numa nota de pé de página para o artigo “Zoroastrianism and Occult Philosophy” (“The Theosophist”, Índia, June 1883, p. 225) ela afirma que o Senzar era usado pelos Iniciados da Índia arcaica. Cabe lembrar que nos escritos da teosofia original o termo *Iniciado* tem significado semelhante ao de *Adepto*. Sobre este tema, veja também o alto da p. 200 do volume II da edição original da presente obra, “The Secret Doctrine”. (Nota do Tradutor)

maioria dos termos filosóficos usados nos sistemas indianos posteriores ao período do Mahabharata não estão nos Vedas, nem podem ser encontrados nas Estâncias originais, mas só os seus equivalentes são encontrados. O leitor que não é teosofista é convidado mais uma vez a considerar tudo o que se segue como uma história de fadas, se quiser; no melhor dos casos, como uma especulação de *sonhadores*, ainda não demonstrada e, na pior possibilidade, como mais uma hipótese entre as muitas hipóteses científicas, passadas, presentes e futuras, algumas já destruídas, e outras que estão desvanecendo. Esta hipótese não é de modo algum pior do que muitas das assim chamadas teorias científicas; e em cada caso ela é mais filosófica e mais provável.

Tendo em vista a necessidade de numerosos comentários e explicações, as referências das notas de pé de página são dadas da forma usual, enquanto as frases a serem comentadas são dadas com números. Mais material será encontrado nos capítulos sobre Simbolismo na Parte II, assim como na Parte III, e eles em muitos casos terão mais informação do que o texto principal. <sup>134</sup>

---

<sup>134</sup> Aqui termina o Proêmio. Neste ponto, estamos à p. 24 do original em inglês. (Nota do Tradutor)

# Volume I, Parte I

## Evolução Cósmica

### Sete Estâncias Traduzidas com Comentários do Livro Secreto de Dzyan

“Nãõ havia coisa alguma; o céu claro e distante  
Nãõ existia, nem havia o amplo telhado celestial, espalhado ao alto.  
O que é que encobria tudo? O que o abrigava? O que o ocultava?  
Seria o insondável abismo das águas?  
Nãõ havia a morte - porém nada havia de imortal.  
Nãõ existia diferença entre o dia e a noite;  
Só Aquilo que é Uno respirava sem respirar, sozinho,  
E desde então nada jamais existiu fora Daquilo.  
Havia escuridão, e no início tudo estava velado  
Em trevas profundas -; um oceano sem luz.  
O germe ainda coberto pela casca  
Despertou, como natureza una, - devido ao intenso calor.

.....  
Quem sabe o segredo? Quem o proclamou aqui?  
De onde veio, de onde veio - esta criação múltipla?  
Os próprios Deuses só passaram a existir mais tarde.  
Quem sabe de onde surgiu, esta grande criação?  
Aquilo, de onde veio esta grande criação,  
O Mais Elevado Vidente que está no mais alto céu,  
Só Ele sabe a resposta -; ou talvez nem Ele saiba.”<sup>135</sup>

“Olhando a eternidade ...,  
Antes que as bases da terra fossem estabelecidas,  
.....

---

<sup>135</sup> Este é um trecho do Rig Veda. Na edição de 1979 de “The Secret Doctrine”, há uma nota de Boris de Zirkoff informando que a fonte é “Rigveda”, Mandala X, 129, 1-7, segundo Max Müller em “History of Ancient Sanskrit Literature” (Londres, 1859, p. 564). (Nota do Tradutor)



4.Os sete caminhos para a bem-aventurança não existiam. As grandes causas do sofrimento não existiam, pois não havia ninguém que as produzisse ou que ficasse dominado por elas.

5.Só a escuridão enchia o todo ilimitado, porque o pai, a mãe e o filho eram um mais uma vez, e o filho ainda não havia acordado para a nova roda e para a sua peregrinação por ela.

6.Os sete senhores sublimes e as sete verdades tinham deixado de existir, e o Universo, filho da Necessidade, estava imerso em Paranishpanna, para ser exalado por aquilo que existe e no entanto não existe. Não havia nada.

7.As causas da existência haviam sido afastadas; o visível que existiu, e o invisível que existe, descansavam no eterno não-ser - o único ser.

8.Só a forma única de existência se estendia ilimitada, infinita, sem causa, em um sono sem sonhos; e a vida pulsava inconsciente no espaço universal, ao longo daquela total presença que é percebida pelo olho aberto de Dangma.

9.Mas onde estava o Dangma quando o Alaya do universo estava em Paramartha e a grande roda era Anupadaka?

## ESTÂNCIA II

1.....Onde estavam os construtores, os filhos luminosos do amanhecer Manvantárico? ..... Na escuridão desconhecida, no Paranishpanna dos Ah-Hi. Os que produzem a forma a partir da não-forma - a raiz do mundo - a Devamatri e Svabhavat, descansavam na bem-aventurança do não-ser.

2.....Onde estava o silêncio? Onde os ouvidos para percebê-lo? Não, não havia nem silêncio nem som, nada exceto a incessante respiração eterna que não tem consciência de si mesma.

3.A hora ainda não havia soado; o raio ainda não havia atravessado o Germe; a Matripadma ainda não havia inchado.

4.O coração dela ainda não se abria para que entrasse o raio único, e para que assim caísse no seio de Maya, tal como o três cai no quatro.

5.Os sete filhos ainda não haviam nascido da rede de luz. Só a escuridão era pai-mãe, Svabhavat; e Svabhavat estava em escuridão.

6.Estes dois são o Germe, e o Germe é um. O Universo ainda estava escondido no pensamento Divino, e no seio Divino.....

## ESTÂNCIA III

1..... A última vibração da sétima eternidade palpita através da infinidade. A mãe incha, expandindo-se de dentro para fora, como o botão do lótus.

2.A vibração se propaga, tocando com sua asa rápida o universo inteiro e o germe que reside na escuridão: a escuridão que respira sobre as águas adormecidas da vida .....

3.A escuridão irradia a luz, e a luz lança um raio solitário na profundidade da mãe. O raio atravessa o ovo virgem. O raio faz com que o ovo eterno estremeça e lance de si o germe não-eterno, que se condensa no ovo do mundo.

4.Então o três cai no quatro. A essência radiante converte-se em sete por dentro, sete por fora. O ovo luminoso, que é três em si mesmo, coagula e espalha, em coalhos <sup>139</sup> brancos como o leite, por todas as profundezas da mãe, a raiz que cresce nas profundezas do oceano da vida.

5.A raiz permanece, a luz permanece, os coalhos permanecem, e, ainda, Oeaoohoo é um.

6.A raiz da vida estava em cada gota do oceano da imortalidade, e o oceano era luz radiante, que era fogo, e calor, e movimento. A escuridão se desfez e não existiu mais; ela desapareceu na sua própria essência, o corpo de fogo e água, ou pai e mãe.

7.Observa, ó Lanu! O filho radiante dos dois, a glória resplandecente sem igual: o Espaço Claro, Filho do Espaço Escuro, que emerge das profundezas das grandes águas escuras. É Oeaoohoo, o mais jovem, o \* \* \*. Ele brilha como o filho; é o resplandecente Dragão Divino da Sabedoria; O Um é Quatro, e o Quatro toma para si o Três <sup>140</sup>, e a União produz o Saptá, no qual o sete se torna o Tridasa (ou as hostes e as multidões). Observa como ele ergue o véu e como o desdobra desde o Leste até o Oeste. Ele oculta o que está acima, e deixa o que está abaixo ser visto como a grande ilusão. Ele marca os lugares para os seres luminosos, e transforma o mais elevado num mar de fogo que não tem praias, e faz com que o único manifestado se transforme nas grandes águas.

8.Onde estava o germe e onde estava agora a escuridão? Onde está o espírito da chama que arde em tua lâmpada, ó Lanu? O germe é Aquilo, e Aquilo é luz, o filho branco e brilhante do pai oculto e escuro.

---

<sup>139</sup> Coalhos ou coágulos. (Nota do Tradutor)

<sup>140</sup> Na tradução do sânscrito para o inglês os números são dados em sânscrito transliterado, *Eka*, *Chatur*, etc., etc. Considerou-se melhor colocá-los aqui em inglês. (Nota de H. P. Blavatsky)

9.A luz é uma chama fria, e chama é fogo, e o fogo produz calor, que produz água; a água da vida na grande mãe.

10.O pai-mãe tece uma rede cuja extremidade superior fica unida ao espírito - a luz da escuridão una -, e cuja extremidade inferior fica ligada à matéria, o seu aspecto sombrio; e esta rede é o universo tecido com as duas substâncias que se tornaram uma, Svabhavat.

11.Ele se expande quando a respiração do fogo está sobre ele; ele se contrai quando a respiração da mãe o toca. Então os filhos se separam e se espalham, retornando para o seio de sua mãe ao final do grande dia, e formando outra vez uma unidade com ela; quando ele está esfriando, ele se torna radiante, e os filhos se expandem e contraem através dos seus próprios seres e corações; eles abraçam a infinitude.

12.Então Svabhavat manda Fohat para que ele endureça os átomos. Cada um deles é uma parte da rede. Refletindo, como espelhos, o “Senhor que Existe Por Si Mesmo”, cada um deles se torna, por sua vez, um mundo.

## ESTÂNCIA IV

1 ..... Filhos da Terra, escutem vocês, aos seus instrutores - os Filhos do Fogo. Aprendam que não existe nem primeiro nem último, pois tudo é um número, saído do não-número.

2.Aprendam o que nós, que descendemos do Sete Primordial, nós, que nascemos da Chama Primordial, aprendemos dos nossos Pais.....

3.Do resplendor da luz - o raio da eterna escuridão - surgiram no espaço as energias despertadas outra vez; o um do ovo, o seis, e o cinco. E então o três, o um, o quatro, o um, o cinco - o duas vezes sete, a soma total. E estas são as essências, as chamas, os elementos, os construtores, os números, os arupa, os rupa e a força do Homem Divino - a soma total. E do Homem Divino emanaram as formas, as centelhas, os animais sagrados, e os mensageiros dos pais sagrados dentro do quatro sagrado.

4.Este foi o exército da voz - a mãe divina dos sete. As centelhas dos sete são súditas e servidoras do primeiro, do segundo, do terceiro, do quarto, do quinto, do sexto e do sétimo dos sete. Estas “centelhas” são chamadas de esferas, triângulos, cubos, linhas, e modeladores; porque assim permanece o Eterno Nidana, o Oeaoohoo, que é:

5.“Escuridão”, o que não tem limite, ou o não-número, Adi-Nidana Svabhavat: -

I.O Adi-Sanat, o número, porque ele é um.

II.A voz do Senhor Svabhavat, os números, porque ele é um e nove.

III.O “quadrado sem forma”.

E estes três, situados dentro do **O**, são o quatro sagrado; e os dez são o universo arupa. Neste ponto vêm os “filhos”, os sete lutadores, o um, o oitavo é deixado de fora, e a sua respiração, que é a produtora-da-luz.

6.E então o segundo grupo de sete, que são os Lipikas, produzidos pelos três. O filho rejeitado é um. Os “Filhos-Sóis” são inúmeros.

## ESTÂNCIA V

1.Os Sete Primordiais, as Sete Primeiras Respirações do Dragão da Sabedoria, produzem por sua vez - a partir dos seus Sopros Sagrados que se movimentam em círculo - o Redemoinho de Fogo.

2.Eles fazem dele o mensageiro da sua vontade. O Dzyu se torna Fohat. O filho veloz dos filhos Divinos, cujos filhos são os Lipikas, distribui mensagens circulares. Fohat é o cavalo, e o pensamento é o cavaleiro. Ele passa como um relâmpago através das nuvens de fogo; ele dá três, cinco e sete passos através das sete regiões acima, e das sete regiões abaixo. Ele ergue sua voz e chama as inúmeras centelhas, e se une a elas.

3.Ele é o seu espírito-guia e seu líder. Quando começa a trabalhar, separa as centelhas do Reino Inferior que flutuam e vibram alegres nas suas moradas radiantes, e forma com elas os germes das rodas. Ele as coloca nas seis direções do espaço, e uma no meio - a roda central.

4.Fohat lança linhas espirais para unir o sexto ao sétimo - a coroa; um exército dos Filhos da Luz permanece em cada ângulo, e os Lipikas na roda do meio. Eles dizem: Isto é bom, o primeiro mundo divino está pronto, o primeiro agora é o segundo. Então o “Divino Arupa” lança um reflexo de si mesmo em Chhaya Loka, a primeira veste de Anupadaka.

5.Fohat dá cinco passos e constrói uma roda alada em cada canto do quadrado, para os quatro seres sagrados e seus exércitos.

6.Os Lipikas traçam um limite circular em torno do triângulo, o primeiro, do cubo, o segundo, e do pentagrama dentro do ovo. Este é o anel chamado “Não-Passem”, para aqueles que descem e que sobem. E também para aqueles que, durante o Kalpa, estão progredindo em direção ao grande dia “Estejam-Conosco”. Assim foram formados o Rupa e o Arupa. De uma luz, sete luzes. De cada uma das sete, sete vezes sete luzes. As rodas observam o anel.....

## ESTÂNCIA VI

1. Pelo poder da Mãe de Misericórdia e Conhecimento - Kwan-Yin - a “tríplice” de Kwan-Shai-Yin, que reside em Kwan-Yin-Tien, e tendo Fohat, a Respiração dos seus Filhos, o Filho dos Filhos, evocado, desde o abismo inferior, a forma ilusória de Sien-Tchan e os Sete Elementos: <sup>141</sup>

2. O Ser Veloz e Radiante produz os Sete Centros Laya, contra os quais nada poderá prevalecer até o grande dia “Estejam-Conosco”, e coloca o Universo sobre estes Alicerces Eternos, que rodeiam Tsien-Tchan junto com os Germes Elementares.

3. Dos Sete - o primeiro deles manifestado, seis ocultos; dois manifestados, cinco ocultos; três manifestados, quatro ocultos; quatro visíveis, três ocultos; quatro e um Tsan revelados, dois e meio ocultos; seis por serem manifestados, um deixado à parte. Finalmente, sete pequenas rodas giram; cada uma dá nascimento a outra.

4. Ele as constrói à semelhança de rodas mais antigas, colocando-as nos Centros Imperecíveis.

Como Fohat as constrói? Ele reúne o pó de fogo. Ele faz bolas de fogo, passa através delas e ao redor delas, dando-lhes vida, e então as coloca em movimento; algumas delas num sentido, outras em outro sentido. Elas são frias, ele as torna quentes. Elas são secas, ele as torna úmidas. Elas brilham, ele as abana e as resfria. Assim age Fohat desde um crepúsculo a outro, durante sete eternidades.

5. Na quarta vez, é dito aos filhos que criem suas imagens. Um terço se recusa a fazê-lo - dois terços obedecem.

A maldição é pronunciada; eles vão nascer na quarta, irão sofrer e causar sofrimento; esta é a primeira guerra.

6. As rodas mais antigas giraram para baixo e para cima..... As ovas da mãe enchiam o todo. Batalhas eram travadas entre os Criadores e os Destruidores, e batalhas eram travadas por causa do espaço; a velocidade aparecia e reaparecia continuamente.

7. Faz os teus cálculos, Lanu, se queres saber qual é a idade da tua pequena roda. O quarto raio dela é a nossa mãe. Chega até o quarto “Fruto” do quarto caminho de conhecimento que leva ao Nirvana, e então tu irás compreender, porque tu verás.....

---

<sup>141</sup> O item um da Estância VI é muito mais recente que as outras estâncias, embora ainda assim seja muito antigo. O texto antigo deste item usa termos inteiramente desconhecidos para os Orientalistas e não seria compreensível de modo algum para o estudante. (Nota de H.P. Blavatsky)

## ESTÂNCIA VII

1. Observa o começo da vida sensível sem forma.

Primeiro o Divino, o um que surge da Mãe-Espírito; depois, o Espiritual; os três que surgem do um, os quatro do um, e os cinco, dos quais surgem os três, os cinco e os sete. Estes são o tríplice; o quádruplo voltado para baixo; os filhos “nascidos-da-mente” do primeiro Senhor; os sete brilhantes.

São eles que são tu, eu, e ele, ó Lanu. Eles cuidam de ti e da tua Mãe-Terra.

2. O raio uno multiplica os raios menores. A vida precede a forma, e a vida sobrevive ao último átomo da forma. Através dos inúmeros raios surge o raio da vida, o um, assim como o fio que passa por muitas contas.

3. Quando o um se torna dois, aparece o tríplice, e os três são um; e este é o nosso fio, ó Lanu, o coração do homem-planta chamado Saptasarma.

4. É a raiz que nunca morre; a chama de três línguas, das quatro mechas. As mechas são as centelhas que atraem da chama de três línguas projetada pelos sete - a sua chama - os raios e centelhas de uma lua refletida nas águas correntes de todos os rios da Terra.

5. A centelha pende da chama pelo mais fino fio de Fohat. Ela viaja através dos Sete Mundos de Maya. Ela pára no primeiro, e é um metal e uma pedra; passa para o segundo e veja - uma planta; a planta atravessa sete mudanças e se torna um animal sagrado. Dos atributos combinados destes, é formado Manu, o pensador. Quem o forma? As sete vidas, e a vida una. Quem o completa? O Lha quádruplo. E quem aperfeiçoa o último corpo? O peixe, o pecado, e Soma.....

6. Desde o primeiro a nascer, o fio entre o Vigilante Silencioso e a sua sombra se torna a cada mudança mais forte e radiante. A luz do sol da manhã se transformou na glória do meio-dia.....

7. Esta é a tua roda atual, disse a Chama à Centelha. Tu és eu mesma, minha imagem e minha sombra. Eu me revesti em ti, e tu és o meu Vahan até o dia “Estejam-Conosco”, quando tu te tornarás outra vez eu mesma e outros, e serás tu mesma e eu. Então os construtores, tendo colocado sua primeira vestimenta, descem sobre a Terra radiante e reinam sobre os homens - que são eles próprios.....

Assim termina esta parte da narrativa arcaica, obscura, confusa, quase incompreensível. Será feita agora uma tentativa de lançar luz sobre sua obscuridade, e mostrar o significado que há debaixo da sua aparente FALTA DE SENTIDO.

# COMENTÁRIOS

## SOBRE AS SETE ESTÂNCIAS E OS SEUS TERMOS, DE ACORDO COM SUA NUMERAÇÃO, EM ESTÂNCIAS E SLOKAS.<sup>142</sup>

### ESTÂNCIA I <sup>143</sup>

**1. Envolta em suas vestes sempre invisíveis, a Eterna Origem<sup>144</sup> (o Espaço) havia dormido, mais uma vez, durante sete eternidades. (a)**

O “Espaço Original” é a causa eterna, sempre presente, de tudo -; a causa da incompreensível DIVINDADE, cujas “vestes invisíveis” são a raiz mística de toda matéria, e também do Universo. O Espaço é *a única coisa eterna* que podemos imaginar com facilidade. É imóvel em seu caráter abstrato, e não é influenciado nem pela presença nem pela ausência em si de um Universo objetivo. Ele não tem dimensões, em todos os sentidos, e é autoexistente. O Espírito é a primeira diferenciação DAQUILO, da causa sem causa que dá origem tanto ao Espírito como à Matéria. Segundo ensina o Catecismo Oculto, o Espaço não é nem um vazio ilimitado nem uma plenitude condicionada, mas as duas coisas. Ele sempre existiu e sempre existirá. (Veja a página 2 e páginas seguintes do Proêmio.)

Assim, as “Vestes” significam o númeno da Matéria Cósmica indiferenciada. Não se trata da matéria como nós a conhecemos, mas da essência espiritual da matéria, que é coeterna e existe em unidade com o Espaço no seu sentido abstrato. A raiz-da-natureza também é a origem das propriedades sutis invisíveis, presentes na matéria visível. Ela é a alma, digamos assim, do Espírito UNO e infinito. Os hindus a

---

<sup>142</sup> Sloka é o termo sânscrito que designa um conjunto de dois versos, usualmente unidos por uma rima; isto é, uma estrofe de dois versos, ou “dístico”. O leitor deve levar em conta o fato de que nos Comentários a transcrição das Estâncias não é sempre literal em relação à primeira vez em que elas são apresentadas na presente obra. Esta divergência pode ser incômoda para o leitor, mas torna visível um fato da maior importância: a versão original das Estâncias, a que HPB teve acesso, pode ser traduzida de várias maneiras e não de uma só. HPB preferiu a flexibilidade ao traduzi-las, provavelmente porque o ensinamento oculto é multidimensional e não pode ser reduzido linear e uniformemente às palavras e expressões de um idioma convencional. (Nota do Tradutor)

<sup>143</sup> Neste ponto, estamos no alto da 35 do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

<sup>144</sup> No original, “Eternal Parent”, literalmente, “Eterno Pai-Mãe”. (Nota do Tradutor)

chamam de Mulaprakriti, e dizem que ela é a substância primordial, isto é, a base do Upadhi ou veículo de todo fenômeno, seja físico, mental ou psíquico.<sup>145</sup> Ela é a fonte de onde o Akasha se irradia.

(a) A expressão “sete eternidades” se refere a éons ou períodos. A palavra “eternidade”, tal como entendida na teologia cristã, não tem qualquer significado no contexto asiático, exceto quando significa a existência UNA. A ideia de uma eternidade ilimitada, ou de uma eternidade apenas no futuro, não passa de um equívoco.<sup>146</sup> Tais noções não existem nem poderiam existir na metafísica filosófica, e eram desconhecidas até o surgimento do cristianismo eclesiástico. As Sete Eternidades referidas são os sete períodos, ou um período passando durante sua duração por sete períodos de um Manvântara, e estendendo-se por todo um Maha-Kalpa ou “Grande Era” - 100 anos de Brahmâ - o que completa um total de 311.040.000.000.000 de anos. Cada ano de Brahmâ contém 360 “dias” e o mesmo número de “noites” de Brahmâ (períodos calculados pelo Chandrayana ou ano lunar), e cada “Dia de Brahmâ” consiste de 4.320.000.000 de anos mortais. Estas “Eternidades” são objeto dos cálculos mais secretos, nos quais, para chegar ao verdadeiro total, cada cifra deve ser  $7^x$  (sete à potência  $x$ ), sendo que  $x$  varia de acordo com a natureza do ciclo no mundo subjetivo ou no mundo real; e cada cifra ou número se relaciona com, ou representa, todos os diferentes ciclos, desde o maior até o menor - no mundo objetivo ou irreal - devendo ser necessariamente um múltiplo de sete. A chave disso não pode ser dada, porque nela está o mistério dos cálculos esotéricos, que, do ponto de vista dos cálculos convencionais, não faz sentido. “O número sete”, diz a Cabala, “é o grande número dos Mistérios Divinos”; o número dez é o do conhecimento humano total (a década pitagórica); o número 1.000 é o número dez à terceira potência, e portanto o número 7.000 é também simbólico. Na Doutrina Secreta o algarismo e o número 4 são o símbolo masculino só no plano mais alto de abstração; no plano da matéria o três é o masculino e o quatro o feminino; o vertical e o horizontal no quarto estágio do simbolismo, quando os símbolos se tornam símbolos dos poderes reprodutivos no plano físico.

## ESTÂNCIA I - Continuação.

### **2.O Tempo não existia, pois estava adormecido no seio infinito da duração. (a)**

(a) O tempo é apenas uma ilusão produzida pela sucessão dos nossos estados de consciência, à medida que viajamos pela duração eterna. O tempo não existe onde

---

<sup>145</sup> “Psíquico”; embora o termo seja usado de modo muito amplo por diferentes autores, em Blavatsky ele geralmente significa “relativo ao eu inferior, especialmente às funções sensitivas deste nível ilusório de consciência”. (Nota do Tradutor)

<sup>146</sup> O livro II, capítulo VIII, do Vishnu Purana afirma: “Imortalidade significa existir até o final do Kalpa”; e Wilson, o tradutor, destaca em uma nota de pé de página: “Isto, de acordo com os Vedas, é o único significado da ideia de imortalidade (ou eternidade) dos deuses; eles perecem ao final da dissolução universal (ou Pralaya).” E a filosofia esotérica afirma: “Eles não ‘perecem’, mas são *reabsorvidos*.” (Nota de H.P. Blavatsky)

não haja uma consciência em que a ilusão possa ser percebida; ele “fica adormecido”. O presente é apenas uma linha matemática que divide aquela parte da duração eterna que chamamos de futuro, daquela parte que chamamos de passado. Nada na terra tem real duração, porque nada permanece sem mudar. Nada permanece igual, nem sequer durante uma bilionésima parte de um segundo. A sensação que temos da realidade da divisão do “tempo” conhecido como presente surge do caráter vago daquele vislumbre momentâneo, ou daquela sucessão de vislumbres, de coisas que os nossos sentidos nos transmitem, à medida que as coisas da região de ideais que chamamos de futuro passam para a região de memórias, que chamamos de passado. Do mesmo modo, experimentamos a sensação de duração no caso de uma faísca elétrica instantânea, devido à impressão vaga e contínua na retina. A pessoa real ou coisa real não consiste apenas do que é visto em qualquer momento particular, mas é composta da soma de todas as suas condições variadas e mutáveis, desde a sua aparição na forma material até a sua desapareção da terra. São estas “somatotalis” que existem desde a eternidade no “futuro”, e passam gradualmente pela matéria, para existir na eternidade do “passado”. Ninguém poderia dizer que uma barra de metal jogada no mar começou a existir quando deixou o ar, e deixou de existir quando entrou na água; ou que a barra em si mesma consistia apenas daquela seção transversal que em determinado momento coincidiu com o plano matemático que separa, e ao mesmo tempo comunica, a atmosfera e o oceano. A mesma ideia é válida para pessoas e coisas que, enquanto se transferem daquilo que existe para aquilo que existiu, e do futuro para o passado, apresentam momentaneamente aos nossos sentidos de certo modo uma seção transversal dos seus seres totais, à medida que passam pelo tempo e pelo espaço (como matéria) no seu caminho desde uma eternidade para a outra. Estas duas eternidades constituem a “duração”, a única instância em que qualquer coisa tem real existência, e nós saberíamos disso, se os nossos sentidos pudessem perceber o processo.

## ESTÂNCIA I - Continuação.

**3. .... A Mente Universal não existia, porque não havia Ah-Hi (seres celestiais) para contê-la (e portanto para manifestá-la). (a)**

(a) *Mente* é um nome dado à soma dos estados de Consciência agrupados em torno das noções de Pensamento, Vontade e Sentimento. Durante o sono profundo, a ideação cessa no plano físico, e a memória está em suspensão temporária. Assim, durante algum tempo “a mente não existe”, porque o órgão através do qual o Eu Superior <sup>147</sup> manifesta ideação e memória no plano material deixou temporariamente de funcionar. Um númeno só pode tornar-se um fenômeno, em qualquer plano de existência, manifestando-se naquele plano através de uma base ou veículo apropriado. Durante a longa noite de descanso que é chamada de Pralaya, quando todas as existências são dissolvidas, a “MENTE UNIVERSAL” continua sendo uma possibilidade permanente de ação mental, ou ela permanece como aquele

---

<sup>147</sup> Eu Superior; “Ego” no original em inglês; *verdadeiro eu*, por oposição ao eu inferior e ilusório. (Nota do Tradutor)

pensamento abstrato e absoluto do qual a mente é a manifestação concreta e relativa. Os Ah-Hi (Dhyan-Chohans) são as hostes coletivas de seres espirituais - as Hostes Angélicas do cristianismo, os Elohim e “Mensageiros” dos judeus -, e constituem o veículo da manifestação do pensamento e da vontade divinos ou universais. Eles são as Forças Inteligentes que dão à Natureza e aplicam nela as suas “leis”, enquanto eles próprios atuam de acordo com leis impostas a eles de modo similar por Poderes ainda mais altos; mas eles não são “personificações” dos poderes da Natureza, como alguns pensam erradamente. Esta hierarquia de Seres espirituais, através da qual a Mente Universal entra em ação, é como um exército - uma “Hoste”, verdadeiramente - através da qual o poder de luta de uma nação se manifesta, e que é composta do corpo do exército, de divisões, brigadas, regimentos, e assim sucessivamente, cada um com sua individualidade ou vida separada, e a sua limitada liberdade de ação e suas responsabilidades delimitadas; cada um fazendo parte de uma individualidade maior, à qual os seus próprios interesses estão subordinados, e cada um contendo individualidades menores em si mesmo.

## ESTÂNCIA I - Continuação.

**4. Os sete caminhos para a bem-aventurança (Moksha <sup>148</sup> ou Nirvana) não existiam (a). As grandes causas do sofrimento (Nidana <sup>149</sup> e Maya) não existiam, pois não havia ninguém que as produzisse ou que ficasse dominado por elas (b).**

(a) Há sete “Caminhos” ou “modos de chegar” até a bem-aventurança da Não-Existência, que é o absoluto Ser, a absoluta Existência e a absoluta Consciência. Eles não existiam, porque o Universo estava, ainda vazio, e existia apenas no Pensamento Divino. Porque é.....

(b) Os doze Nidanas ou causas da existência. Cada um deles é o efeito da sua causa anterior, e é uma causa, também, do seu sucessor; a soma total dos Nidanas está baseada nas quatro verdades, uma doutrina especialmente característica do Sistema Hinayana.<sup>150</sup> Eles pertencem à teoria da corrente da lei concatenada que produz mérito e demérito, e finalmente coloca o Carma em completo funcionamento. Estão baseados na grande verdade de que a reencarnação deve ser temida, já que a encarnação neste mundo apenas deixa como legado para o homem mais sofrimento, dor e miséria; nem a própria Morte é capaz de libertar o homem do sofrimento, já que a morte é apenas a porta através da qual ele passa para outra vida na terra depois de um pequeno descanso no seu limiar - o Devachan. O Sistema Hinayana, ou Escola do “Pequeno Veículo”, é de origem muito antiga; enquanto o Mahayana

---

<sup>148</sup> Nippang na China; Neibban na Birmânia (Mianmar); ou Moksha na Índia. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>149</sup> Os “12” Nidanas (em tibetano, Ten-brel Chug-nyi), principal causa da existência, são efeitos causados por uma concatenação de causas produzidas (ver o Comentário à Estância II). (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>150</sup> Veja Wassilief sobre Budismo, pp. 97-950. (Nota de H.P. Blavatsky)

pertence a um período posterior, tendo surgido após a morte do Buddha. No entanto os princípios deste último são tão velhos quanto as montanhas que abrigam estas escolas desde tempos imemoriais, e as escolas Hinayana e Mahayana (esta última, o “Grande Veículo”) ensinam ambas a mesma doutrina, na realidade. *Yana*, ou Veículo (em sânscrito, *Vahan*) é uma expressão mística. Os dois “veículos” ensinam que o homem pode escapar do sofrimento das reencarnações e mesmo da falsa bem-aventurança do Devachan, obtendo a Sabedoria e o Conhecimento que são indispensáveis para afastar os frutos da Ilusão e da Ignorância.

Maya ou Ilusão é um elemento que faz parte de todas as coisas finitas, porque tudo o que existe só tem uma realidade relativa, e não absoluta. A aparência que o númeno oculto assume para o observador depende do poder de cognição que ele possui. Para o olhar destreinado do selvagem, uma pintura é a princípio uma confusão sem significado combinando linhas e borrões de cores, enquanto um olhar educado vê instantaneamente um rosto ou uma paisagem. Nada é permanente exceto a existência una, oculta e absoluta, que contém em si mesma os númenos de todas as realidades. As existências que pertencem a cada plano do ser, até os mais elevados Dhyanchohans, são, conforme o grau, da mesma natureza que as sombras lançadas por uma lanterna mágica sobre uma tela sem cor; mas todas as coisas são relativamente reais, porque o conhecedor também é um reflexo, e as coisas conhecidas são, portanto, tão reais para ele como ele próprio é. A realidade que as coisas possuem, seja ela qual for, deve ser procurada nas coisas antes ou depois que elas tenham passado como um raio pelo mundo material, mas nós não podemos conhecer este tipo de existência diretamente, enquanto tivermos instrumentos sensoriais que trazem apenas a existência material para o campo da nossa consciência. Seja qual for o plano em que a nossa consciência possa estar atuando, tanto nós como as coisas que pertencem àquele plano são, de momento, nossas únicas realidades. À medida que nos erguemos na escala do desenvolvimento, percebemos que durante os estágios pelos quais já passamos nós confundimos sombras com realidades, e o progresso para o alto feito pelo eu superior consiste em uma série de despertamentos sucessivos. Cada avanço traz consigo a ideia de que agora, finalmente, alcançamos a “realidade”; mas só quando tivermos chegado à Consciência absoluta, e tivermos unido a nossa própria consciência com ela, é que estaremos livres das ilusões produzidas por Maya. <sup>151</sup>

## ESTÂNCIA I - Continuação.

**5. Só a escuridão enchia o todo ilimitado (a), porque o pai, a mãe e o filho eram um mais uma vez, e o filho ainda não havia acordado para a nova roda <sup>152</sup> e para a sua peregrinação por ela (b).**

---

<sup>151</sup> Neste ponto, estamos na página 40 do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

<sup>152</sup> A expressão “roda” simboliza um mundo ou globo, o que mostra que os antigos estavam conscientes de que nossa Terra é um globo que gira, e não, como alguns Padres Cristãos ensinavam, um quadrado imóvel. A “Grande Roda” é a duração do nosso Ciclo de

(a) “A escuridão é Pai-Mãe; a luz é o filho”, diz um velho provérbio oriental. A luz é inconcebível exceto como algo que vem de alguma fonte que é sua causa. A fonte é desconhecida, como no caso da luz primordial, embora sua existência seja fortemente exigida pela razão e pela lógica. Assim, ela deve ser chamada por nós de “Escureidão”, desde um ponto de vista intelectual. Quanto à luz emprestada ou secundária, seja qual for a sua fonte, ela só pode ter um caráter temporário e mayáxico. A escuridão, portanto, é a matriz eterna na qual as fontes de luz aparecem e desaparecem. Nada se acrescenta à escuridão para transformá-la em luz, ou à luz para transformá-la em escuridão, nesse nosso plano. Elas são intercambiáveis, e cientificamente a luz é apenas uma forma de escuridão e vice-versa. No entanto ambas são fenômenos do mesmo número - que é absoluta escuridão do ponto de vista da mente científica, e apenas um crepúsculo cor de cinza para a percepção do místico comum, embora seja absoluta luz para a visão espiritual do Iniciado. O grau de percepção da luz que brilha na escuridão depende da nossa capacidade de enxergar. O que é luz para nós constitui escuridão para alguns insetos, e a visão do clarividente percebe iluminação onde a visão normal só enxerga o preto. Quando todo o universo estava mergulhado no sono - depois de retornar ao seu elemento primordial único - não havia um centro de luminosidade, e a visão não percebia luz, e a escuridão preenchia necessariamente o todo ilimitado.

(b) O Pai-Mãe reúne o princípio masculino e o princípio feminino na raiz-da-natureza. São os polos opostos que se manifestam em todas as coisas em cada plano do Cosmo; ou Espírito e Substância, em um aspecto menos alegórico. Deles resulta o Universo, ou o Filho. Eles são “outra vez Um” quando, durante a “Noite de Brahmâ”, no Pralaya, todo o Universo objetivo voltou à sua causa primordial e eterna, para reaparecer no Alvorecer seguinte, como faz periodicamente. “Karana” - a causa eterna - estava sozinha. Para colocar o fato de modo mais claro: Karana fica sozinha durante as “Noites de Brahmâ”. O Universo objetivo anterior dissolveu-se na sua causa única, primordial e eterna, e é, de certo modo, mantido em dissolução no espaço, para diferenciar-se novamente e cristalizar-se outra vez no alvorecer do Manvântara seguinte, que é o começo de um novo “Dia” ou nova atividade de Brahmâ - o símbolo do Universo. Em linguagem esotérica, Brahmâ é ao mesmo tempo Pai-Mãe-Filho, ou Espírito, Alma e Corpo; cada personagem simboliza um atributo, e cada atributo ou qualidade é um fluxo gradual da Respiração Divina em sua diferenciação cíclica, de involução e de evolução. No sentido cósmico-físico, Brahmâ é o Universo, a cadeia planetária e a terra; no sentido puramente espiritual, ele é a Divindade Desconhecida, o Espírito Planetário, e o Homem, o Filho dos dois, a criatura que surge do Espírito e da Matéria, uma manifestação deles nas periódicas aparições do homem na Terra durante as “rodas”, ou Manvântaras. (Veja a Parte II do Volume I, parágrafo VII, “Dias e Noites de Brahmâ”.)<sup>153</sup>

---

existência, ou Maha Kalpa, isto é, a revolução completa da nossa cadeia especial de sete planetas ou Esferas desde o início até o final; as “Pequenas Rodas” significam as Rondas, também em número de sete. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>153</sup> Páginas 368-378 da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

## ESTÂNCIA I - Continuação.

**6.Os sete senhores sublimes e as sete verdades tinham deixado de existir (a), e o Universo, filho da Necessidade, estava imerso em Paranishpanna (b) (perfeição absoluta, Paranirvana, o que é Yong-Grüb) para ser exalado por aquilo que existe e no entanto não existe. Não havia nada. (c)**

(a) Os sete senhores sublimes são os Sete Espíritos Criativos, os Dhyan-Chohans, que correspondem aos Elohim hebreus. Esta é a mesma hierarquia de Arcanjos à qual São Miguel, São Gabriel e outros pertencem na teogonia cristã. A diferença é que enquanto São Miguel, por exemplo, tem permissão na teologia dogmática latina para zelar por todos os promontórios e golfos, no Sistema Esotérico, os Dhyanis zelam sucessivamente por cada uma das Rondas e das grandes raças-raízes da nossa cadeia planetária. Considera-se, além disso, que eles mandam os seus Bhodisatvas, os equivalentes humanos dos Dhyani-Buddhas (sobre os quais leia mais adiante), a cada Ronda e cada Raça. Das Sete Verdades e Revelações, ou melhor, sete segredos revelados, só quatro foram transmitidos a nós, porque estamos ainda na Quarta Ronda, e o mundo também só teve quatro Buddhas, até agora. Esta é uma questão bastante complicada, e será tratada de modo mais amplo, mais adiante.

Até agora “Há apenas Quatro Verdades, e Quatro Vedas”, dizem os Hindus e os Budistas. Por uma razão similar, Irineu insistiu na necessidade dos Quatro Evangelhos. Mas como cada nova raça-raiz na direção de uma Ronda deve ter a sua revelação e os seus reveladores, a próxima Ronda trará a Quinta, a seguinte trará a Sexta, e assim sucessivamente.

(b) “*Paranishpanna*” é a perfeição absoluta que todas as existências alcançam na conclusão de um grande período de atividade, ou Maha-Manvântara, e na qual elas descansam durante o período de repouso que lhe sucede. Em tibetano, seu nome é Yong-Grüb. Até a época da escola Yogacharya, a verdadeira natureza do Paranirvana era ensinada publicamente; mas desde então este ensinamento se tornou inteiramente esotérico, e por isso há tantas interpretações contraditórias sobre ele. Só um verdadeiro Idealista pode entendê-lo. Tudo é visto como ideal, exceto Paranirvana, por aquele que é capaz de compreender este estado e adquirir um conhecimento de como o Não-Eu, o Vazio, e a Escuridão são Três em Um, e como só eles são autoexistentes e perfeitos. Ele é absoluto, no entanto, só num sentido relativo, porque ele deve dar lugar para uma perfeição absoluta ainda maior, de acordo com um padrão mais elevado de excelência no período seguinte de atividade - exatamente como uma flor deve deixar de ser uma flor perfeita e morrer, para transformar-se em um perfeito fruto - se pudermos usar uma expressão com certo tom irlandês.

A Doutrina Secreta ensina que há um desenvolvimento progressivo de tudo, inclusive mundos e átomos; e não é possível conceber o começo nem imaginar o final deste desenvolvimento estupendo. O nosso “Universo” é apenas um, entre um número infinito de Universos, todos eles “Filhos da Necessidade”, porque são eles na grande cadeia Cósmica de Universos, cada um situado como um efeito na relação com o seu antecessor, e sendo uma causa em relação ao seu sucessor.

A aparição e a desapareção do Universo são descritas como uma expiração e uma inspiração da “Grande Respiração”, que é eterna, e que, sendo um Movimento, é um dos três aspectos do Absoluto -; os outros dois são o Espaço Abstrato e a Duração. Quando a “Grande Respiração” é projetada, ela é chamada de Respiração Divina, e é vista como a respiração da Deidade Incognoscível - a Existência Una -, que, de certo modo, expele um pensamento que se transforma no Cosmos. (Veja “Ísis Sem Véu”.) Assim também ocorre quando a Respiração Divina é inspirada outra vez e o Universo desaparece no seio da “Grande Mãe”, que, então, dorme “envolvida em suas vestes invisíveis”.

(c) “Aquilo que existe e no entanto não existe” é a própria Grande Respiração, da qual só podemos dizer que é a existência absoluta, mas que não podemos representar em nossa imaginação como nenhuma forma de existência que possamos distinguir da não-existência. Os três períodos - o Presente, o Passado e o Futuro - são em filosofia esotérica um tempo composto. Os três são um número composto apenas em relação ao plano dos fenômenos, mas isso não tem validade abstrata no reino dos númenos. Como dizem as Escrituras: “O tempo Passado é o tempo Presente, e também é o Futuro, que, embora ainda não tenha começado a existir, ainda assim existe”. Este é um preceito dos ensinamentos Prasanga Madhyamika, cujas doutrinas têm sido conhecidas desde que deixaram de pertencer exclusivamente às escolas esotéricas.<sup>154</sup> Em resumo, nossas ideias sobre o tempo e a duração derivam todas das nossas sensações, de acordo com as leis da Associação. Inevitavelmente ligadas à relatividade do conhecimento humano, estas ideias não podem existir exceto na experiência do eu individual, e morrem quando a sua marcha evolutiva elimina o Maya da existência no plano dos fenômenos. O que é o Tempo, por exemplo, exceto a sucessão panorâmica dos nossos estados de consciência? Nas palavras de um Mestre, “Sinto-me até irritado ao ter que usar essas três palavras desajeitadas, passado, presente e futuro! Como conceitos miseravelmente estreitos de fases objetivas do Todo Subjetivo, elas são tão inadequadas nesse sentido quanto seria usar um machado para fazer um trabalho delicado de escultura.”<sup>155</sup> O estudante deve adquirir *Paramartha* para que não seja vítima fácil de *Samvriti* -; este é um axioma filosófico.<sup>156</sup>

---

<sup>154</sup> Veja “Mani Kumbum”, o “Livro dos 10.000 Preceitos” (“Book of the 10,000 Precepts”), Dzungarian. Consulte também “Der Buddhismus”, de Wassilief, pp. 327 e 357, etc. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>155</sup> Estas palavras do Mestre fazem parte de uma Carta que mais tarde foi publicada na íntegra. Trata-se da Carta 15 no volume I de “Cartas dos Mahatmas”, Editora Teosófica, Brasília, 2001; ver p. 97. (Nota do Tradutor)

<sup>156</sup> Em outras palavras: “É necessário adquirir uma verdadeira Autoconsciência para compreender *Samvriti*, ou ‘a origem da ilusão’.” *Paramartha* é sinônimo do termo sânscrito *Svasam-vedana*, ou “o reflexo que analisa a si mesmo”. Na interpretação do significado de “*Paramartha*”, há uma diferença entre os Yogacharyas e os Madhyamikas, nenhum dos quais, no entanto, explica o sentido esotérico real e verdadeiro da expressão. Veja mais adiante o comentário do sloka 9. (Nota de H.P. Blavatsky)

## ESTÂNCIA I - Continuação.

**7.As causas da existência haviam sido afastadas (a); o visível que existiu, e o invisível que existe, descansavam no eterno não-ser - o único ser (b).**

(a) “As causas da existência” são não só as causas físicas conhecidas pela ciência, mas as causas metafísicas, a principal das quais é o desejo de existir, resultado de Nidana e de Maya. Este desejo de uma vida sensível se mostra em tudo, desde um átomo até um sol, e é um reflexo do Pensamento Divino empurrado para a existência objetiva e transformado em uma Lei segundo a qual o Universo deve existir. De acordo com o ensinamento esotérico, a causa real deste suposto desejo, e de toda existência, permanece eternamente oculta, e as suas primeiras emanções são as mais completas abstrações que a mente pode conceber. Estas abstrações devem necessariamente ser postuladas como a causa do Universo material que se apresenta diante dos sentidos e do intelecto; e elas são subjacentes aos poderes secundários e subordinados da Natureza, os quais, uma vez antropomorfizados, têm sido adorados como Deus e como deuses pela massa popular de cada era. É impossível conceber qualquer coisa sem uma causa; a tentativa de fazer isso leva a mente a um vazio. Esta é, virtualmente, a condição à qual a mente deve chegar finalmente quando tentamos investigar a cadeia de causas e efeitos, mas tanto a ciência como a religião saltam a esta condição de vazio muito mais rapidamente do que é necessário, porque elas ignoram as abstrações metafísicas que constituem a única causa concebível das concretizações físicas. Estas abstrações se tornam cada vez mais concretas à medida que elas se aproximam do nosso plano de existência, até que finalmente se fenomenalizam na forma do Universo material, por um processo de conversão de metafísica em física que é análogo ao modo pelo qual o vapor pode ser condensado na forma de água, e a água, transformar-se em gelo.

(b) A ideia de um Eterno Não-Ser que é o Único Ser parece um paradoxo para quem não lembra que nós limitamos nossas ideias sobre ser à nossa consciência atual da existência, e que tornamos este termo específico, ao invés de geral. Do mesmo modo, uma criança não-nascida, se pudesse pensar conforme a nossa aceção do termo, necessariamente limitaria a sua concepção de ser à vida intrauterina, a única vida que conhece; e se a criança tentasse expressar para sua consciência a ideia de vida após o nascimento (que para ela seria a morte), ela, na ausência de dados confiáveis e de faculdades perceptivas para compreender tais dados, provavelmente iria descrever aquela vida como “Não-Ser que é Verdadeiro Ser”. No nosso caso, o Único Ser é o númeno de todos os númenos que nós sabemos que devem subjazer aos fenômenos e dar a eles qualquer sombra de realidade que eles tenham, mas que não podemos perceber atualmente porque não temos o intelecto nem os sentidos necessários para isso. Os impalpáveis átomos de ouro espalhados pela substância de uma tonelada de quartzo aurífero podem ser imperceptíveis para o olho nu do mineiro, mas ele sabe não só que eles estão lá, mas também que só eles dão ao seu quartzo qualquer valor significativo; e esta relação do ouro com o quartzo pode refletir palidamente a relação do númeno com o fenômeno. Mas o mineiro sabe que aparência o ouro terá quando tiver sido extraído do quartzo, enquanto que o mortal

comum não pode ter qualquer concepção da realidade das coisas separadas da Maya que as encobre e na qual elas estão ocultas. Só o Iniciado, rico em conhecimento adquirido pelas inúmeras gerações dos seus predecessores, dirige o “Olho de Dangma”<sup>157</sup> para a essência das coisas, na qual nenhuma Maya pode ter qualquer influência. É aqui que os ensinamentos da filosofia esotérica em relação aos Nidanas e às Quatro Verdades adquirem a maior importância; mas eles são secretos.

## ESTÂNCIA I - Continuação.

**8. Só a forma única de existência se estendia ilimitada, infinita, sem causa, em um sono sem sonhos (a); e a vida pulsava inconsciente no espaço universal, ao longo daquela total presença que é percebida pelo “olho aberto”<sup>158</sup> de Dangma (b).**<sup>159</sup>

(a) A tendência do pensamento moderno é recorrer à ideia arcaica de uma base homogênea para coisas aparentemente muito diferentes - heterogeneidade desenvolvida a partir de homogeneidade. Biólogos estão agora pesquisando sobre um protoplasma homogêneo deles, e os químicos estão procurando pelo seu prótito<sup>160</sup>, enquanto a ciência busca pela força da qual a eletricidade, o magnetismo, o calor, etc., são diferenciações. A Doutrina Secreta leva esta ideia para a região da metafísica e postula uma “Forma Única de Existência” que é a base e a fonte de todas as coisas. Mas talvez a expressão “Forma Única de Existência” não seja completamente correta. A palavra sânscrita é Prabhavapyaya, “o lugar, ou melhor, o plano, de onde emerge a originação, e no qual todas as coisas se dissolvem”, diz um comentador. Não é a “Mãe do Mundo”, tal como traduzido por Wilson (veja o Livro I do *Vishnu Purana*); porque Jagad Yoni (como demonstrado por Fitzedward Hall) dificilmente pode ser “a Mãe do Mundo” ou “o Útero do Mundo”, na mesma

---

<sup>157</sup> Olho de Dangma; a visão de um Iniciado e Mahatma, que obteve completa sabedoria. (Nota do Tradutor)

<sup>158</sup> Na Índia esta visão é chamada de “Olho de Shiva”, mas, além da grande cordilheira, ela é chamada, na fraseologia esotérica, de “olho aberto de Dangma”. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>159</sup> A palavra “Dangma” significa “uma alma purificada”, alguém que se tornou um Jivanmukta, o mais alto adepto, ou melhor, um Mahatma. O seu “olho aberto” é o olho interno espiritual do vidente, e a faculdade que se manifesta através dele não é a clarividência tal como se entende comumente, isto é, o poder de ver a distância, mas sim a intuição espiritual, através da qual se obtém um conhecimento direto e seguro. Esta faculdade está intimamente conectada com o “terceiro olho”, que a tradição mitológica atribui a certas raças humanas. Explicações mais completas podem ser encontradas no volume II. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>160</sup> Protito; “Protyle” no original em inglês. Do grego “protos”, primeiro, e “yle”, matéria. Matéria primordial. Ver o Glossário de H. P. Blavatsky. Não se justifica acentuar a palavra na primeira sílaba. Cabe seguir o exemplo de outras palavras da mesma origem, como protótipo, protoestrela, protossol, protrátil, protruso, etc. (Nota do Tradutor)

medida em que é “a Causa Material do Universo”. Os comentadores dos Puranas explicam a ideia como Karana - “Causa” - mas a filosofia esotérica prefere dizer “*o espírito ideal daquela causa*”. No seu segundo estágio, o espírito ideal da causa é o Svabhavat do filósofo budista, a eterna causa-efeito, onipresente e no entanto abstrata, a Essência plástica autoexistente e raiz de todas as coisas, vista desde o mesmo ponto de vista dual com que o Vedantino vê Parabrahm e Mulaprakriti, dois aspectos de algo que é um. Parece realmente extraordinário encontrar grandes eruditos especulando sobre a possibilidade de que o Vedanta, e especialmente o Uttara-Mimansa, tenham sido “evocados pelos ensinamentos dos budistas”, enquanto que na verdade, ao contrário, é o budismo (de Gautama, o Buddha) que foi “evocado” e erguido inteiramente sobre a base dos princípios da Doutrina Secreta, dos quais tenta-se fazer um esquema parcial na presente obra, e sobre os quais também os Upanixades estão baseados.<sup>161</sup> O fato acima é inegável, segundo os ensinamentos de Sri Shankaracharia.<sup>162</sup>

(b) O sono sem sonhos é um dos sete estados de consciência conhecidos no esoterismo oriental. Em cada um destes estados entra em ação uma parte diferente da mente; ou, como um Vedantino diria, o indivíduo é consciente em um plano diferente do seu ser. A expressão “sono sem sonhos” neste caso é aplicada alegoricamente ao Universo para simbolizar uma situação de certo modo análoga àquele estado de consciência no ser humano, o qual, não sendo lembrado durante o estado de vigília, parece um intervalo em branco, assim como o sono do sujeito mesmerizado parece para ele um período em branco e inconsciente quando ele volta à sua condição normal, embora ele tenha estado falando e atuando como faria um indivíduo consciente.

---

<sup>161</sup> E no entanto alguém *que pretende ter autoridade*, Sir Monier Williams, Professor Boden de Sânscrito em Oxford, recentemente negou este fato. Isso é o que ele ensinou à sua audiência, dia 4 de junho de 1888, na sua palestra anual diante do *Victoria Institute* da Grã-Bretanha: “Originalmente, o budismo voltou-se contra todo ascetismo solitário ..... para obter níveis sublimes de conhecimento. Ele *não tinha sistema oculto ou esotérico* de doutrina ..... mantido à parte dos homens comuns” (!). E, novamente: “...Quando Gautama Buddha começou sua carreira, a forma *mais recente e mais inferior* de Yoga parece que era pouco conhecida.” E mais adiante, contradizendo a si mesmo, o erudito palestrante informou sua audiência de que “Ficamos sabendo através do *Lalita-Vistâra* que várias formas de tortura corporal, automaceração e austeridade eram comuns na época de Gautama.” (!! ) Mas o palestrante parece ignorar completamente o fato de que este tipo de tortura e automaceração é precisamente a forma *inferior* de Ioga, *Hatha Ioga*, que era “pouco conhecida” e no entanto tão “*comum*” na época de Gautama. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>162</sup> É argumentado até mesmo que todas as Seis Darshanas (Escolas de filosofia) mostram traços da influência de Buddha, seja porque foram tiradas do budismo ou devido à influência dos ensinamentos gregos. (Ver Weber, Max Müller, etc.) Nós temos a impressão de que Colebrooke, “a mais alta autoridade” em tais questões, tinha esclarecido este ponto há muito tempo ao mostrar que “os Hindus foram neste caso os professores, não os alunos”. (Nota de H. P. Blavatsky)

## ESTÂNCIA I - Continuação.

**9. Mas onde estava o Dangma quando o Alaya do universo (a alma como base de tudo, Anima Mundi) estava em Paramartha (a) (Ser e Consciência Absolutos, que são também Não-Ser e Inconsciência Absolutos) e a grande roda era Anupadaka (b) ?**

(a) Temos diante de nós aqui o tema de séculos de disputas escolásticas. Os dois termos “Alaya” e “Paramartha” têm provocado mais divisão entre escolas e fragmentação da verdade do que quaisquer outros termos místicos. Alaya é literalmente a “Alma do Mundo” (Anima Mundi) ou “Alma-Superior”<sup>163</sup> de Emerson, e de acordo com o ensinamento esotérico ela muda periodicamente sua natureza. Alaya, embora eterna e imutável em sua essência interior e nos planos que são inalcançáveis tanto por seres humanos como por Deuses Cósmicos (Dhyani Buddhas), se altera durante o período de vida ativa em relação aos planos inferiores, inclusive o nosso. Durante aquele tempo não só os Dhyani-Buddhas estão em completa unidade com Alaya, na Alma e na Essência, mas até mesmo o homem que é forte em Ioga (meditação mística) “é capaz de unir sua alma com Alaya” (Aryasanga, escola *Bumapa*). Isso não é Nirvana, mas é uma condição próxima ao Nirvana. Daí a discordância. Os Yogacharyas (da escola Mahayana) dizem que Alaya é a personificação do Vazio, e que, no entanto, Alaya (*Nyingpo* e *Tsang* em tibetano) também é a base de todo objeto visível ou invisível. Afirmam que, embora seja eterna e imutável em sua essência, ela se reflete em cada objeto do Universo “como a Lua em águas claras e tranquilas”. Mas outras escolas questionam a afirmação. O mesmo ocorre em relação a Paramartha. Os Yogacharyas interpretam Paramartha como aquilo que também é dependente de outras coisas (*paratantra*); e os Madhyamikas dizem que Paramartha está limitada a Paranishpanna ou perfeição absoluta; isto é, na exposição destas “duas verdades” (de um total de quatro), os Yogacharyas acreditam e sustentam que (neste plano, pelo menos) existe apenas um Samvritisatya ou verdade relativa; e os Madhyamikas ensinam que existe Paramarthasatya, a “verdade absoluta”.<sup>164</sup> “Nenhum Arhat, oh mendicantes, pode chegar ao conhecimento absoluto antes de alcançar a unidade com Paranirvana. *Parikalpita* e *Paratantra* são os seus dois grandes inimigos.” (Aforismos dos Bodhisatvas). *Parikalpita* (em tibetano, *Kun-ttag*) significa o erro cometido por quem é incapaz de compreender o caráter vazio e ilusório de todas as coisas; por aquele que acredita na existência de algo que não existe - por exemplo, o Não-Eu. E *Paratantra* é tudo aquilo que só existe através de uma conexão dependente ou

---

<sup>163</sup> Alma-Superior; “Over-Soul” no original em inglês. (Nota do Tradutor)

<sup>164</sup> “Paramartha” é autoconsciência em sânscrito; é Svasamvedana, ou “reflexo que analisa a si mesmo”. O termo é formado por duas palavras, “parama” (acima de tudo) e “artha” (compreensão). *Satya* significa ser absoluto e verdadeiro, ou *Esse*. Em tibetano, Paramarthasatya é Dondampaidenpa. O oposto dessa realidade absoluta, ou realidade última, é Samvritisatya - a verdade apenas relativa. “Samvriti” significa “falsa concepção”, e é a origem do termo “ilusão”, Maya: em tibetano, Kundzabchi-denpa, “aparência criadora de ilusão”. (Nota de H. P. Blavatsky)

causal, e que deve desaparecer tão logo a causa da qual surgiu seja removida - por exemplo, a luz do pavio de um lampião. Destrua o pavio, e a luz desaparece.

A filosofia esotérica ensina que tudo vive e é consciente, mas não diz que toda vida e consciência são semelhantes às do ser humano, ou mesmo às dos seres animais. Vemos a vida como “a única forma de existência”, que se manifesta no que é chamado de matéria; ou, como no caso do ser humano, vida é o que nós chamamos - errando ao separar estes elementos - de Espírito, Alma e Matéria. A matéria é o veículo da manifestação da alma neste plano de existência, e a alma é o veículo, em um plano mais alto, para a manifestação do espírito. Estes três formam uma trindade sintetizada pela Vida que permeia a todos eles. A ideia de vida universal é uma daquelas concepções antigas que retornam à mente humana neste século <sup>165</sup>, como consequência da sua libertação da teologia antropomórfica. É verdade que a ciência se contenta com identificar ou postular os sinais da vida universal, e ainda não teve a coragem suficiente nem mesmo para sussurrar as palavras “Alma do Mundo” (Anima Mundi) ! A ideia de uma “vida dos cristais”, agora algo familiar para a ciência, teria sido motivo de zombaria meio século atrás. Os botânicos estão agora procurando pelos nervos das plantas; não porque eles pensem que as plantas possam sentir ou pensar como os animais, mas porque acreditam que a existência de alguma estrutura na vida da planta que possua uma correspondência com os nervos na vida dos animais é necessária para explicar o crescimento e a nutrição dos vegetais. É improvável que a ciência consiga negar para si própria por muito mais tempo - usando apenas termos como “força” e “energia” - o fato de que as coisas que possuem vida são coisas vivas, sejam elas átomos ou planetas.

O leitor pode perguntar: “Mas o que pensam as Escolas esotéricas internas? Quais são as doutrinas ensinadas sobre este assunto pelos ‘budistas’ esotéricos?” Para eles, “Alaya” tem um significado duplo e mesmo tríplice. No sistema Yogacharya da escola contemplativa Mahayana, Alaya é tanto a Alma Universal (Anima Mundi) como o eu superior de um Adepto avançado. “Aquele que é forte no Ioga pode viver quando quiser a sua Alaya através da meditação na verdadeira natureza da existência.” A “Alaya tem uma existência eterna absoluta”, diz Aryasanga, o rival de Nagarjuna <sup>166</sup>. Em um sentido, Alaya é *Pradhana*, que o Vishnu Purana explica do seguinte modo: “aquilo que é a causa não exteriorizada é enfaticamente chamado pelos sábios mais eminentes de Pradhana, a base original que constitui Prakriti sutil, isto é, aquilo que é eterno e que ao mesmo tempo é (ou abrange) o que existe e o que não existe, ou é um mero processo.” No entanto, “Prakriti” é uma palavra incorreta, e Alaya seria uma palavra melhor, porque Prakriti não é o “incognoscível

---

<sup>165</sup> Neste século; isto é, no século 19. (Nota do Tradutor)

<sup>166</sup> Aryasanga foi um Adepto pré-cristão e fundou uma escola esotérica budista, embora Csoma de Körösi prefira colocá-lo no século sete da era cristã. Há outro Aryasanga, que viveu durante os primeiros séculos da nossa era, e o erudito húngaro provavelmente confunde os dois. (Nota de H. P. Blavatsky)

Brahma”.<sup>167</sup> Ensinar que a Anima Mundi, a Vida Una ou “Alma Universal” foi mencionada pela primeira vez por Anaxágoras, ou durante a época dele, é um erro daqueles que nada sabem da Universalidade das doutrinas Ocultas desde o próprio berço das raças humanas, e especialmente dos eruditos que rejeitam a ideia de uma “revelação primordial”. Anaxágoras trouxe o ensinamento simplesmente para opor-se às concepções excessivamente materialistas de Demócrito sobre Cosmogonia, baseadas em sua teoria exotérica sobre átomos orientados *cegamente*. Anaxágoras de Clazômenas não foi o inventor da ideia, mas apenas um propagador, como Platão também foi. Aquilo que ele chama de Inteligência do Mundo, o *nous* (νοῦς), o princípio que segundo o seu ponto de vista está absolutamente separado e livre da matéria e age deliberadamente<sup>168</sup>, era chamado de Movimento, de VIDA UNA, ou *Jivatma*, na Índia, já eras antes do ano 500 AEC. No entanto, os filósofos ários nunca atribuíram a este princípio, que consideravam infinito, a função finita de “pensar”.

Isso leva o leitor naturalmente ao “Espírito Supremo” de Hegel e dos transcendentalistas alemães, formando um contraste que vale a pena assinalar. As escolas de Schelling e Fichte afastaram-se bastante da concepção antiga e primitiva de um princípio ABSOLUTO, e refletiram apenas um aspecto da ideia básica do Vedanta. Mesmo o “Geist Mais Absoluto” emitido por von Hartmann<sup>169</sup> em sua filosofia pessimista do Inconsciente, embora seja, talvez, a melhor aproximação especulativa feita por um europeu na direção das doutrinas hindus Advaitas, também fica aquém da verdade.

De acordo com Hegel, o “Inconsciente” nunca teria empreendido a tarefa vasta e laboriosa de exteriorizar o Universo se não fosse a esperança de alcançar uma clara autoconsciência. Em relação a isso, devemos levar em consideração que, ao dizer que o Espírito, que os panteístas europeus usam como equivalente a Parabrahm, é inconsciente, eles não atribuem ao termo “Espírito” - empregado apenas por falta de uma expressão melhor para simbolizar um profundo mistério - a conotação que ele normalmente carrega.

A “Consciência Absoluta” que existe “atrás” dos fenômenos, dizem eles, transcende a concepção humana e só é chamada de inconsciência pela ausência de qualquer elemento de personalidade. Incapaz de formar um só conceito exceto em termos de fenômenos empíricos, o homem - devido à própria constituição do seu ser - não

---

<sup>167</sup> “A causa íntegra que é uniforme, e que é tanto causa como efeito, e que aqueles que conhecem os princípios básicos chamam de Pradhana e de Prakriti, é o incognoscível Brahma que existia antes de tudo” (Vayu Purana). Isto é, Brahma não provoca a evolução ele próprio, nem cria, mas apenas mostra diversos aspectos de si mesmo, um dos quais é Prakriti, um aspecto de Pradhana. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>168</sup> Isto é, com autoconsciência finita. Porque, como poderia o *absoluto* fazer uma ação deliberada exceto através de um dos seus *aspectos*, o mais alto dos quais, segundo nós conhecemos, é a consciência humana? (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>169</sup> Referência a Karl Robert Eduard von Hartmann (23 de fevereiro de 1842 - 5 de junho de 1906). Autor de “Philosophy of the Unconscious”. (Nota do Tradutor)

consegue levantar o véu que encobre a grandiosidade do Absoluto. Só o Espírito liberto é capaz de perceber palidamente a natureza da fonte de onde o Espírito surgiu e para onde deve finalmente retornar ..... No entanto, como até o mais alto Dhyan Chohan só pode curvar-se e admitir sua ignorância diante do mistério tremendo do Ser Absoluto, e já que, mesmo naquela culminação da existência consciente - “a fusão da consciência individual com a consciência universal”, para usar uma frase de Fichte - o Finito não pode conceber o Infinito, nem pode aplicar ao Infinito o seu próprio padrão de experiências mentais, de que modo alguém poderia afirmar que o “Inconsciente” e o Absoluto podem ter até mesmo um impulso instintivo ou uma esperança instintiva de alcançar uma clara autoconsciência? <sup>170</sup> Um vedantino nunca admitiria esta ideia hegeliana; e o Ocultista diria que ela se aplica perfeitamente ao MAHAT desperto, a Mente Universal já projetada no mundo fenomênico como o primeiro aspecto do ABSOLUTO imutável, mas nunca ao próprio ABSOLUTO. “Espírito e Matéria, ou Purusha e Prakriti, são apenas os dois aspectos primordiais do Uno e Único”, diz um ensinamento que foi dado a nós. <sup>171</sup>

O Nous que move a matéria, a Alma que tudo anima, imanente em cada átomo, manifestado no ser humano, latente na pedra, tem vários graus de poder; e esta ideia panteísta de um Espírito-Alma geral que permeia toda a Natureza é a mais antiga de todas as noções filosóficas. Tampouco foi o conceito de Archeus uma descoberta de Paracelso, nem do seu aluno Van Helmont; pois o Archeus é “Pai-Éter”<sup>172</sup>, a base manifestada e fonte dos inúmeros fenômenos localizados da vida. As inúmeras especulações deste tipo são apenas variações do tema, cuja nota-chave foi soada nesta primeira Revelação. (Ver o capítulo III, “Substância Primordial e Pensamento Divino”, na Parte II do volume I da presente obra.)

(b) O termo Anupadaka, “sem pais”, sem progenitores, é uma designação mística que possui vários significados na filosofia. O nome se refere a seres celestiais, os Dhyan-Chohans ou Dhyani-Buddhas. Misticamente, eles correspondem aos

---

<sup>170</sup> Veja “Handbook of the History of Philosophy”, de Schwegler, na tradução de Sterling. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>171</sup> Nas linhas acima, as referências à filosofia alemã sugerem a participação de um Mestre de Sabedoria oriental na redação deste trecho da obra. H. P. Blavatsky passou algum tempo na Alemanha, e viveu na mesma região em que, poucas décadas antes, um Mestre havia estado. Em 1885, H. P. B. escreveu o seguinte em carta à Sra. Patience Sinnett: “Gosto de Würzburg. É perto de Heidelberg e Nüremberg e de todos os centros em que um dos Mestres viveu, e foi Ele que aconselhou meu Mestre a me mandar para lá.” (“Letters of H. P. Blavatsky to A. P. Sinnett”, T.U.P., Pasadena, California, USA, 1925 / 1973, 404 pp., ver p. 105.) Em 1880, o mesmo instrutor admitiu haver estudado em detalhe a obra do grande filósofo alemão Immanuel Kant. (“Cartas dos Mahatmas”, Ed. Teosófica, Brasília, 2001, volume I, Carta 11, p. 82.) É bem conhecido em Teosofia que a filosofia do pensador alemão Arthur Schopenhauer tem muito em comum com a filosofia esotérica oriental. Veja, por exemplo, o parágrafo final da Carta 65, em “Cartas dos Mahatmas”, vol. I. (Nota do Tradutor)

<sup>172</sup> “Archeus”; o termo, que deu origem à palavra “arquétipo”, significa a luz astral, ou akasha. (Nota do Tradutor)

Buddhas e Bodhisatvas humanos, conhecidos como “Buddhas Manushi” (ou humanos), estes últimos também são chamados de “Anupadaka”, uma vez que toda a personalidade deles está unida com a combinação dos seus sexto e sétimo princípios -, ou Atma-Buddhi e que eles se transformaram em “almas de diamante” (Vajra-sattvas) <sup>173</sup>, ou Mahatmas completos. O “Senhor Oculto” (Sangbai Dag-po), “aquele que uniu-se ao Infinito”, não pode ter progenitores porque é Autoexistente e está unido ao Espírito Universal (Svayambhu) <sup>174</sup>, o Svabhavat em seu aspecto mais elevado. É grande o mistério na hierarquia de Anupadaka, e o seu ponto mais alto é o Espírito-Alma universal, e o grau mais baixo o Buddha-Manushi; e mesmo cada homem dotado de uma Alma é um Anupadaka em estado latente. Disso decorre a frase “o Universo era Anupadaka” -, ao falar-se do Universo como algo destituído de forma, eterno, absoluto, e anterior ao momento em que ele ganha forma, graças aos “Construtores”. (Veja o capítulo III da Parte II deste primeiro volume, “Substância Primordial e Pensamento Divino”).

## ESTÂNCIA II

### COMENTÁRIO <sup>175</sup>

**1. .... Onde estavam os construtores, os filhos luminosos do amanhecer Manvantárico (a)? .... Na escuridão desconhecida, no Paranishpanna (Chohânico, Dhyani-Búddhico) dos Ah-Hi. Os que produzem a forma (rupa) a**

---

<sup>173</sup> Vajra - aquele que possui um diamante. Em tibetano *Dorjesempa. Sempa* significa a alma. A sua qualidade adamantina se refere à sua indestrutibilidade no pós-morte. A explicação em relação a “Anupadaka”, tal como dada no *Kala Chakra*, primeira na divisão Gyu (t) do Kanjur, é semiesotérica, e desorientou os Orientalistas induzindo-os a fazer especulações erradas sobre os Dhyani-Buddhas e os seus equivalentes terrestres, os Buddhas-Manushi. O real princípio envolvido será sugerido em um volume posterior desta obra, e será bem melhor explicado no lugar certo (veja “The Mystery about Buddha” - “O Mistério de Buddha”). (Nota de H. P. Blavatsky) [**Subnota do Tradutor:** O texto “*The Mystery of Buddha*” e outros fragmentos relacionados a ele estão disponíveis às pp. 370-421 do volume XIV de “*Collected Writings of H. P. Blavatsky*” (TPH). O texto específico “*The Mystery of Buddha*” está às pp. 388-399.]

<sup>174</sup> Para citar novamente Hegel, que, com Schelling, praticamente aceitou a concepção panteísta dos Avatares periódicos (encarnações especiais do Espírito-do-Mundo na forma humana, tal como se vê no caso de todos os grandes reformadores religiosos) “... a essência do homem é espírito .... e só abandonando a sua finitude e abandonando-se à pura autoconsciência ele consegue alcançar a verdade. Cristo-homem, como um ser humano em quem apareceu a Unidade Deus-homem (a identidade do indivíduo com a consciência universal segundo o ensinamento dos Vedantinos e de alguns Advaitas), é apresentado, em sua morte e em sua história em geral, como uma narrativa da eterna história do Espírito; uma história que cada homem tem que realizar em si mesmo, para poder existir como Espírito.” (“*Philosophy of History*”, tradução ao inglês de Sibree, p. 340.) (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>175</sup> Neste ponto, estamos no alto da página 53 do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

**partir da não-forma (*arupa*) - a raiz do mundo - a Devamatri <sup>176</sup> e Svabhavat, descansavam na bem-aventurança do não-ser. (b)**

(a) Os “Construtores”, os “Filhos da Aurora Manvantárica”, são os verdadeiros criadores do Universo; e, nesta doutrina, que se refere apenas ao nosso Sistema Planetário, eles, sendo os arquitetos deste sistema, também são considerados como os “Observadores” das Sete Esferas, que exotericamente são os Sete planetas, e esotericamente também as sete terras ou esferas (planetas) da nossa cadeia. A frase que abre a Estância I, ao mencionar “Sete Eternidades”, se aplica tanto ao *Maha-Kalpa* ou “a (grande) Idade de Brahmâ”, como ao *pralaya* Solar e à subsequente ressurreição do nosso Sistema Planetário em um plano mais elevado. Há muitos tipos de *pralaya* (a dissolução de algo visível), conforme será demonstrado mais adiante.

(b) Paranishpanna, lembremos, é o *summum bonum* <sup>177</sup>, o Absoluto, portanto o mesmo que Paranirvana. Além de ser o estado final, Paranishpanna é aquela condição de subjetividade que não tem relação com coisa alguma, exceto a verdade única e absoluta (Para-marthasatya) no seu plano. É aquele estado que leva um ser a compreender corretamente o significado completo do Não-Ser, que, conforme explicado, é *absoluto* Ser. Mais cedo ou mais tarde, tudo o que agora *aparentemente* existe estará na realidade e de fato no estado de Paranishpanna. Mas há uma grande diferença entre uma “existência” *consciente* e uma “existência” *inconsciente*. A condição de Paranishpanna, sem Paramartha, a consciência que analisa a si mesma (Svasamvedana), não é uma bem-aventurança, mas simplesmente uma extinção (durante Sete Eternidades). Assim, uma bola de ferro colocada sob os raios ardentes do sol será aquecida, mas, ao contrário de um ser humano, não sentirá nem apreciará o calor. É apenas “com uma mente clara e não obscurecida pela existência de uma personalidade, e com a assimilação do mérito de muitas existências dedicadas ao aspecto coletivo do ser (todo o Universo vivo e sensível)”, que alguém se liberta da existência pessoal e vive uma fusão e uma unificação com o Absoluto <sup>178</sup>, continuando em plena posse de Paramartha.

---

<sup>176</sup> “Mãe dos deuses”, Aditi, ou Espaço Cósmico. No Zohar, ela é chamada de Sefira, a mãe dos sefirot, e de Shekina em sua forma primordial, oculta. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>177</sup> *Summum bonum*; em latim, “o mais elevado bem”. (Nota do Tradutor)

<sup>178</sup> Por isso em filosofia esotérica o *Não-Ser* é “ABSOLUTO Ser”. De acordo com os princípios desta filosofia, mesmo Adi-Budha (a sabedoria primeira ou primordial) é, enquanto manifestado, em certo sentido uma ilusão, Maya; porque todos os deuses, inclusive Brahmâ, têm de morrer ao final da “Idade de Brahmâ”. Só a abstração chamada de Parabrahm - que também pode ser chamada de En-Soph, ou qualificada como o “Incognoscível” de Herbert Spencer - constitui a Realidade “Única e Absoluta”. A Existência Una e Única é ADVAITA, “sem segundo”, e todo o resto é *Maya*, segundo ensina a filosofia Advaita. (Nota de H. P. Blavatsky)

## ESTÂNCIA II - continuação.

**2. .... Onde estava o silêncio? Onde estavam os ouvidos para percebê-lo? Não, não havia nem silêncio nem som (a), nada exceto a incessante respiração eterna (Movimento) que não tem consciência de si mesma (b).**

(a) A ideia de que as coisas podem deixar de existir e de que ainda assim podem SER é fundamental na psicologia do Oriente. Sob esta aparente contradição em termos há um fato da Natureza para cuja compreensão o importante é a mente e não as discussões em torno de palavras. Um exemplo bem conhecido de um paradoxo semelhante é dado por uma combinação química. A questão sobre se o hidrogênio e oxigênio deixam de existir quando se combinam para formar a água ainda permanece sujeita a discussão. Alguns argumentam que, como eles são encontrados novamente quando a água é decomposta, devem estar lá presentes o tempo todo; outros afirmam que, como eles se transformam de fato em algo totalmente diferente, devem deixar de existir como hidrogênio e oxigênio durante o tempo em que estão combinados. Mas nenhum dos dois lados é capaz de perceber nem remotamente a real condição de uma coisa que se tornou algo diferente e, no entanto, não deixou de existir em si mesma. É correto dizer que para o oxigênio e o hidrogênio a sua existência como água pode ser um estado de Não-Ser que é “um ser mais real” do que a sua existência como gases permite; e isso pode simbolizar palidamente a condição do Universo quando ele cai no estado de sono, ou deixa de existir, durante as “Noites de Brahma” - para acordar novamente ou reaparecer quando a aurora de um novo Manvântara chamá-lo, outra vez, para o que chamamos de existência.

(b) A palavra “Respiração” é usada em relação à Existência Una apenas no que se refere ao aspecto espiritual da Cosmogonia do esoterismo Arcaico; nos outros casos, ela é substituída pelo seu equivalente no plano material - “Movimento”. O Elemento Único e Eterno, ou o veículo que contém o elemento, é o *Espaço*, destituído de dimensões em qualquer sentido da palavra, e com o qual são coexistentes a *duração* infinita, a *matéria* primordial (e portanto indestrutível), e o *movimento* - o “movimento perpétuo” e absoluto que é a “respiração” do Elemento “Único”. Esta respiração, como vimos, não pode cessar jamais, nem mesmo durante as eternidades dos Pralayas. (Veja “O Caos, Theos e o Cosmo”, na parte II deste volume.)

Mas a expressão “Respiração da Existência Una” não se aplica, tampouco, à *Causa Única sem Causa* ou à “Existencialidade Total” (em contraposição ao Ser Total, que é Brahmâ, ou o Universo). Brahmâ (ou Hari), o deus de quatro faces que “realizou a Criação” depois de erguer a Terra acima das águas, é visto apenas como o instrumento, e não como a Causa ideal, conforme é colocado de modo implícito mas claro. Nenhum Orientalista, até hoje, parece ter compreendido completamente o real sentido dos versos dos Puranas que tratam da “criação”.

Neles, Brahmâ é a causa das potências que devem ser geradas, na sequência, para o trabalho de “criação”. Quando um tradutor diz: “E dele procedem as potências a

serem criadas depois que elas tiverem se tornado a causa real” -, talvez fosse mais correto dizer o seguinte: “e DISSO <sup>179</sup> procedem as potências que *irão criar*, quando *se tornarem* a causa real” (no plano da matéria). Com a exceção da causa ideal única (ela própria sem causa), não há outra origem que possa ser atribuída ao universo. “O mais valioso dos ascetas! Através da sua potência, isto é, da potência daquela causa, surgem todas as coisas criadas a partir da natureza inerente ou própria.” Na Vedanta e em Nyaya <sup>180</sup>, *nimitta* é a causa eficiente, em contraste com *upadana*, a causa material <sup>181</sup> (e no Sankhya, *pradhana* implica as funções destes dois tipos de causa). Na filosofia esotérica, por outro lado, que reconcilia todos estes sistemas, e da qual a escola mais próxima é a Vedanta tal como exposta pelos Advaita-Vedantinos, só se pode fazer um enfoque verbal da *upadana* <sup>182</sup>. O que está nas mentes dos Vaishnavas (os Vasishta-dvaitas) como o ideal por oposição ao real - ou Parabrahm em relação a Ishvara - não tem lugar em especulações publicadas, já que mesmo aquele ideal é uma descrição ineficaz, quando aplicado àquilo que a compreensão humana, e inclusive a compreensão de um adepto, não pode conceber.

O ato de conhecer a si mesmo necessita consciência e percepção (duas funções limitadas para todos, exceto Parabrahm); necessita que o conhecedor seja um objeto de conhecimento. Daí surge “a respiração eterna que não tem consciência de si mesma”. A Infinitude não pode compreender a Finitude. O Ilimitado não pode relacionar-se com o limitado ou o condicionado. Nos ensinamentos ocultos, o MOVIMENTADOR desconhecido e incognoscível, ou Autoexistente, é a Essência divina absoluta. Deste modo, sendo Consciência *Absoluta* e Movimento *Absoluto* para os sentidos limitados de quem descreve essa realidade indescritível, ele é também inconsciência e imobilidade. A consciência concreta não pode ser atribuída à Consciência abstrata, assim como a qualidade de ser úmida não pode ser atribuída à água, porque a umidade é a característica intrínseca da água e constitui a causa da umidade em outras coisas. A consciência implica limitações e qualificações; implica algo de que se tem consciência e alguém que tem consciência de alguma coisa. Mas a Consciência Absoluta contém tanto o conhecedor como a coisa conhecida e o processo do conhecimento. Ela inclui em si mesma os três, como *um só*. Nenhum homem é consciente de outras coisas além daquela porção do seu conhecimento que vem à sua mente em qualquer ocasião específica; no entanto, a pobreza da linguagem verbal é tamanha que não temos um termo para distinguir o conhecimento no qual não se pensa ativamente, daquele conhecimento que somos incapazes de trazer até a memória. Esquecer é sinônimo de não lembrar. Deve ser incalculavelmente mais difícil encontrar termos que possam descrever os fatos

---

<sup>179</sup> “ISSO” e “DISSO” são formas neutras de se mencionar Brahmâ. (Nota do Tradutor)

<sup>180</sup> *Nyaya* é um dos seis sistemas ortodoxos da filosofia hindu, as seis escolas ou *Darshanas*. A *Vedanta* e a *Ioga de Patañjali* também estão entre as seis escolas, assim como o *Sankhya*, que é citado poucas palavras mais adiante. (Nota do Tradutor)

<sup>181</sup> “Causa eficiente” e “causa material”. Segundo a filosofia de Aristóteles, há quatro tipos de causas: a causa formal, a causa material, a causa eficiente, e a causa final. (Nota do Tradutor)

<sup>182</sup> *Upadana* é a causa material, como foi visto poucas linhas acima. (Nota do Tradutor)

metafísicos abstratos ou estabelecer diferenças e distinções entre eles. Devemos lembrar, também, que damos nomes às coisas conforme as aparências que elas assumem para nós mesmos. Chamamos a consciência absoluta de “inconsciência” porque nos parece que ela deve ser necessariamente assim, do mesmo modo como chamamos o Absoluto de “Escuridão”, porque, para nossa compreensão finita, ele parece bastante impenetrável. No entanto reconhecemos que nossa percepção de tais coisas é muito limitada. Involuntariamente fazemos, por exemplo, uma distinção em nossas mentes entre uma consciência absoluta inconsciente, de um lado, e uma inconsciência, de outro lado, ao atribuir secretamente à primeira delas alguma qualidade indefinida que corresponde, num plano mais elevado e além daquilo que o nosso pensamento pode alcançar, ao que nós conhecemos como consciência em nós mesmos. Mas essa não é um tipo de consciência que possamos por algum esforço distinguir daquilo que para nós parece ser inconsciência.

## ESTÂNCIA II - continuação.

### **3.A hora ainda não havia soado; o raio ainda não havia atravessado o Germe (a); a Matri-padma (mãe lótus) ainda não havia inchado <sup>183</sup> (b).**

(a) O raio da “Eterna Escuridão” se transforma ao ser emitido num raio de luz ou vida resplandecente, e alcança com seu brilho o “Germe”, o ponto no Ovo do Mundo <sup>184</sup>, representado pela matéria no seu sentido abstrato. Mas o termo “ponto” não deve ser entendido como se designasse qualquer ponto específico no Espaço, porque há um germe no centro de cada átomo, e estes, coletivamente, formam “o Germe”, ou melhor, já que nenhum átomo pode tornar-se visível ao nosso olhar físico, a coletividade destes germes (se o termo puder ser aplicado a algo que não tem limites e é infinito) forma o númeno da matéria eterna e indestrutível.

(b) Uma das figuras simbólicas do poder criativo dual na Natureza (matéria e força, no plano material) é *Padma*, o nenúfar da Índia. O lótus é produto do calor (fogo) e da água (vapor ou Éter). O fogo consta em todos os sistemas filosóficos e religiosos

---

<sup>183</sup> Um termo que não é poético, mas ainda assim é correto. (Veja nota de pé de página na Estância III.) (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>184</sup> “O ponto no Ovo do Mundo”. A lei da analogia é útil para compreender este trecho. O ovo é como um óvulo, e podemos ler nas *Cartas dos Mahatmas*: “Pense no feto humano. Desde o momento da sua primeira instalação até completar o seu sétimo mês de gestação, ele repete em miniatura os ciclos mineral, vegetal e animal pelos quais passou em seus invólucros anteriores, e só durante os dois últimos meses desenvolve a sua futura entidade humana. (...) Tem razão um sábio filósofo, que confia mais em sua intuição que nos ditados da ciência moderna, ao dizer: ‘*Os estágios da existência intra-uterina do homem são um registro condensado de algumas das páginas que faltam na história da Terra*’. Assim, você deve olhar para trás e ver as entidades animais, minerais e vegetais. Você deve encarar cada entidade em seu ponto inicial na trajetória manvantárica como o átomo cósmico primordial...”. (“Cartas dos Mahatmas”, Ed. Teosófica, Vol. I, p. 284.) (Nota do Tradutor)

como uma representação do Espírito da Divindade <sup>185</sup>, o princípio ativo, masculino, gerador; e o Éter, ou a Alma da matéria, a luz do fogo, representa o princípio passivo, feminino, do qual todas as coisas emanaram neste Universo. Portanto, o Éter ou Água é a Mãe, e o Fogo é o Pai. Sir W. Jones (e antes dele a botânica antiga) demonstrou que as sementes do Lótus contêm - mesmo antes de germinar - folhas perfeitamente formadas, com a forma minúscula que um dia terão, quando plantas adultas: a natureza assim nos dá uma visão antecipada da sua produção ..... as sementes de todas as plantas fanerógamas trazem consigo flores que contêm um embrião da planta pronta. <sup>186</sup> (Veja, na parte II deste volume I, “O Lótus Como um Símbolo Universal”.) Isso explica a frase “a mãe ainda não havia inchado”; na simbologia antiga, a forma é normalmente sacrificada para priorizar a ideia interna ou ideia-raiz.

O Lótus ou Padma é, além disso, um símbolo muito antigo e apreciado do próprio Cosmo, e também do ser humano. As razões populares disso são, em primeiro lugar, o fato mencionado acima de que a semente do Lótus contém dentro de si uma perfeita miniatura da futura planta, o que exemplifica o processo pelo qual os protótipos espirituais de todas as coisas existem no mundo imaterial antes que as coisas se materializem na Terra. Em segundo lugar, o fato de que o Lótus cresce através da água, tem a sua raiz no Ilus <sup>187</sup>, ou barro, e espalha a sua flor no ar acima. Deste modo o Lótus tipifica a vida do homem e também a vida do Cosmo, porque a Doutrina Secreta ensina que os elementos de ambos são os mesmos, e tanto o homem como o Cosmo estão evoluindo na mesma direção. A raiz do Lótus, mergulhada no barro, representa a vida material; a haste, que passa através da água, simboliza a existência no mundo astral; e a flor flutuando na água e aberta para o céu é um emblema do ser espiritual.

## ESTÂNCIA II - continuação.

### **4.O coração dela ainda não se abriu para que entrasse o raio único, e para que assim caísse no seio de Maya, tal como o três cai no quatro. (a)**

(a) A Substância Primordial ainda não havia ido além da sua latência pré-cósmica, nem avançado na direção da objetividade diferenciada, e tampouco se transformara no invisível (para o homem, até hoje) protilo <sup>188</sup> da ciência. Mas, à medida que o

---

<sup>185</sup> Até mesmo no cristianismo. (Veja, na parte II deste volume I, “Substância Primordial e Pensamento Divino”.) (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>186</sup> Gross, “The Heathen Religion”, p. 195. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>187</sup> Ilus: termo de origem grega, com o significado apontado por HPB. (Nota do Tradutor)

<sup>188</sup> Protilo: do grego, “protos”, primeiro, e “hyle”, matéria. Termo usado pelo cientista inglês William Crookes (1832-1919) para significar uma matéria primordial, sutil e indiferenciada, conceito que é teosófico. Crookes elaborou a teoria da *matéria radiante*, que levaria à descoberta do elétron em 1897. Não por casualidade, também foi membro do movimento teosófico. Seu trabalho é comentado nas Cartas dos Mahatmas. Ver *Encyclopedic Theosophical Glossary*, TUP. (Nota do Tradutor)

tempo passa e esta Substância se torna capaz de receber a impressão fohática <sup>189</sup> do Pensamento Divino (o Logos, ou o aspecto masculino de Alaya, a Anima Mundi<sup>190</sup>), o seu coração se abre. A Substância Primordial se diferencia, e os TRÊS (Pai, Mãe e Filho) passam a ser quatro. Neste ponto está a origem do duplo mistério da Trindade e da imaculada concepção. O princípio primeiro e fundamental do Ocultismo é a Unidade (ou Homogeneidade) Universal sob três aspectos. Isso levou a uma possível concepção de Divindade, que como unidade absoluta deve permanecer eternamente incompreensível para intelectos finitos. “Se tu quiseres acreditar no Poder que age dentro da raiz de uma planta, ou imaginar a sua raiz oculta sob o solo, terás que pensar na sua haste ou caule, e nas suas folhas e flores. Não poderás imaginar o seu Poder independentemente destes objetos. A vida só pode ser vista através da Árvore da Vida .....” (“Preceitos de Ioga”). A ideia de uma Unidade *Absoluta* seria inteiramente destruída, desde nosso ponto de vista, se não tivéssemos diante de nossos olhos algo concreto que contém aquela Unidade. E como a divindade é absoluta, ela deve ser onipresente, de modo que cada átomo A contém dentro de si. As raízes, o tronco e os seus numerosos galhos são três objetos distintos, e no entanto são um. Dizem os Cabalistas: “A Divindade é uma, porque é infinita. Ela é tríplice, porque está sempre a se manifestar.” Esta manifestação é tríplice em seus aspectos, porque são necessários, segundo Aristóteles, três princípios para que um corpo natural qualquer se torne objetivo: a necessidade, a forma e a matéria.<sup>191</sup> Necessidade, na mente do grande filósofo, significava aquilo que os Ocultistas mencionam como protótipos impressos na Luz Astral - o plano mais baixo, o mundo da Anima Mundi. A união destes três princípios depende de um quarto princípio - a VIDA que se irradia desde os níveis mais elevados do Inalcançável, para tornar-se uma essência universalmente difundida, nos planos manifestados da Existência. E este QUATERNÁRIO (Pai, Mãe, Filho, como uma UNIDADE, e um quaternário, como manifestação viva) tem sido um meio de levar até a Ideia muito antiga da Imaculada Concepção, hoje cristalizada como um dogma da Igreja Cristã, que materializou e degradou esta ideia metafísica, contrariando todo bom senso. Basta ler a Cabala e estudar os seus métodos numéricos de interpretação para descobrir a origem deste dogma. Ele é puramente astronômico, matemático, e essencialmente

---

<sup>189</sup> “Fohática”. Como vimos no Proêmio, Fohat “... é a ‘ponte’ pela qual as ‘Ideias’ que existem no ‘Pensamento Divino’ são impressas na substância Cósmica como ‘leis da Natureza’. Fohat é, assim, a energia dinâmica da Ideação Cósmica; ou, visto do outro ponto de vista, é o meio inteligente, o poder orientador de toda manifestação...”. (Nota do Tradutor)

<sup>190</sup> “Anima Mundi” - Alma do Mundo. (Nota do Tradutor)

<sup>191</sup> Um vedantino da filosofia Visishtadwaita diria que, embora seja a única Realidade independente, Parabrahmam é inseparável da sua trindade. Diria que Ele é três, “Parabrahmam, Chit e Achit”, e os dois últimos são realidades dependentes, incapazes de existir em separado; ou, para torná-lo mais claro, Parabrahmam é a SUBSTÂNCIA - imutável, eterna e incognoscível - e Chit (Atma) e Achit (Anatma) são suas qualidades, assim como a forma e a cor são as qualidades de qualquer objeto. Os dois são a vestimenta, ou corpo, ou mais precisamente o atributo (Sharira) de Parabrahmam. Mas um Ocultista teria muito o que dizer contra esta argumentação, assim como o vedantino Adwaita. (Nota de H. P. Blavatsky)

metafísico. O elemento Masculino na Natureza (personificado pelas divindades masculinas e os Logoi <sup>192</sup> masculinos - Viraj ou Brahmâ; Hórus, ou Osíris, etc., etc.) nasce não *de* uma fonte imaculada, personificada pela “Mãe”, mas *através* dela; porque aquele Macho, tendo uma Mãe, não pode ter um “Pai”. A Divindade abstrata não tem sexo, e não é nem mesmo um Ser, mas uma Existencialidade <sup>193</sup>, ou a própria Vida. Coloquemos isso na linguagem matemática do autor de “The Source of Measures” (“A Origem das Medidas”) <sup>194</sup>. Falando da “Medida de um Homem” e do seu valor numérico (cabalístico) ele afirma que no Gênesis, capítulo IV, versículo 1, “é definida a Medida de ‘Homem igual a Jeová’, e ela é obtida da seguinte maneira:  $113 \times 5 = 565$ , e o valor 565 pode ser colocado sob a forma da expressão  $56,5 \times 10 = 565$ . Aqui o número do Homem, 113, se torna um fator de  $56,5 \times 10$ , e a leitura (cabalística) desta última expressão numérica é Jod, He, Vau, He, ou Jehovah, Jeová ..... A expansão de 565 para  $56,5 \times 10$  visa mostrar a emanção do princípio masculino (Jod) a partir do princípio feminino (Eva); ou, em outros termos, o nascimento de um elemento masculino a partir de uma fonte imaculada, isto é, uma concepção imaculada.”

Assim se repete na Terra o mistério que é representado no plano divino, segundo os Videntes. O “Filho” da Virgem Celestial imaculada (o protilo cósmico indiferenciado, Matéria em sua infinitude) nasce novamente na Terra como o Filho da Eva terrestre, nossa mãe Terra, e se torna a Humanidade como um todo - passado, presente e futuro - porque Jeová ou Jod-he-vau-he é andrógino, isto é, simultaneamente macho e fêmea. Acima, o Filho é todo o COSMO; abaixo, ele é A HUMANIDADE. A tríade ou triângulo se torna a Tétrade, o número sagrado dos pitagóricos, o quadrado perfeito, e um cubo de seis faces na Terra. O *Macroprosopus* (a Grande Face) é agora o *Microprosopus* (a face menor); ou, como dizem os Cabalistas, o “Ancião dos Dias” desce sobre Adão Cadmon, a quem usa como veículo para sua manifestação, e se transforma no *Tetragrammaton*. Ele é agora o “Colo de Maya”, a Grande Ilusão. Entre ele e a Realidade está <sup>195</sup> a Luz Astral, a grande Enganadora dos sentidos limitados do homem, exceto quando o Conhecimento vem ajudar o ser humano através de Paramarthasatya.

---

<sup>192</sup> Logoi - plural da palavra “Logos”, de origem grega. (Nota do Tradutor)

<sup>193</sup> Existencialidade: veja a nota de rodapé sobre esta palavra na primeira terça parte do Proêmio. (Nota do Tradutor)

<sup>194</sup> Referência ao livro “Key to the Hebrew-Egyptian Mystery in The Source of Measures”, by J. Ralston Skinner, 1875. Há uma edição mais recente: Wizards Bookshelf, *Secret Doctrine Reference Series*, San Diego, USA, 1982, 324 pp. with Supplement, Appendix and Index. (Nota do Tradutor)

<sup>195</sup> No original em inglês, “has” ou “tem”, ao invés de “está”. Porém, HPB chamou atenção para este erro de revisão da edição em inglês e esclareceu que se trata de “está” (“lies”), em reunião com seus alunos em Londres dia 7 de fevereiro de 1889. Ver “The Secret Doctrine Dialogues” (Theosophy Co., Los Angeles, 2014, 722 pp.), pp. 146-147. O erro da edição original parece ser um pequeno exemplo do poder que Maya possui de testar os seres humanos. (Nota do Tradutor)

## ESTÂNCIA II - continuação.

### **5.Os sete (filhos) ainda não haviam nascido da rede de luz. Só a escuridão era pai-mãe, Svabhavat; e Svabhavat estava em escuridão (a).**

(a) Nas Estâncias dadas aqui, a Doutrina Secreta aborda principalmente, se não com exclusividade, o nosso Sistema Solar, e especialmente a nossa cadeia planetária. Os “sete filhos”, portanto, são os criadores da cadeia planetária. Este ensinamento será melhor explicado mais adiante. (Veja, na Parte II deste volume I, “A Teogonia dos Deuses Criadores”.)

Svabhavat, a “Essência Plástica” que preenche o Universo, é a raiz de todas as coisas. Svabhavat é, de certo modo, o aspecto budista concreto da abstração chamada de *Mulaprakriti* na filosofia hindu. É o corpo da Alma, e constitui aquilo que o Éter seria para o Akasha, pois o Akasha é o princípio que dá origem e informa o Éter. Os místicos chineses fizeram de Svabhavat um sinônimo de “ser”. No *Ekasloka-Shastra* de Nagarjuna (o *Lung-shu* da China), chamado pelos chineses de *Yih-shu-lu-kia-lun*, há a afirmação de que a palavra original de Yeu é “Ser” ou “Subhâva”, “a substância que dá substância a si mesma”, algo que também é explicado por ele como tendo o significado de “sem ação e com ação”, ou “a natureza que não tem natureza própria”. A palavra *Subhâva*, de onde vem *Svabhavat*, é composta de dois termos. *Su* significa “belo”, “atraente”, “bom”, enquanto *Sva* é “eu” ou “ser”. E “bhava” significa “ser” ou “estados de ser”.

## ESTÂNCIA II - continuação.

### **6.Estes dois são o Germe, e o Germe é um. O Universo ainda estava escondido no Pensamento Divino, e no Seio Divino.**

O “*Pensamento Divino*” não implica a ideia de um pensador Divino. O Universo, não só em seu passado, presente e futuro - o que é uma ideia humana e finita expressada por um pensamento finito -, mas na sua totalidade, como *Sat* (termo intraduzível); e como o ser absoluto, com o Passado e o Futuro cristalizados em um eterno Presente, constitui este Pensamento em si mesmo, refletido em uma causa secundária ou manifesta. Brahma (neutro), como o *Mysterium Magnum* de Paracelso, é um mistério absoluto para a mente humana. Brahmâ, o macho-fêmea, o aspecto e reflexo antropomórfico de Brahma, é concebível para as percepções de fé cega, embora seja rejeitado pelo intelecto humano quando este atinge a sua maioria. (Veja, na Parte II deste volume I, “Substância Primordial e Pensamento Divino”.)

Por isso há a afirmação de que durante o prólogo, digamos assim, do drama da Criação, ou no começo da evolução cósmica, o Universo ou o “Filho” está ainda escondido “no Pensamento Divino”, que ainda não havia penetrado “no Seio

Divino”. Esta ideia, e isso deve ficar bem claro, está na origem de todas as imagens simbólicas sobre os “Filhos de Deus” nascidos de virgens imaculadas.

## ESTÂNCIA III

### COMENTÁRIO <sup>196</sup>

#### **1.A última vibração da sétima eternidade palpita através da infinidade. (a) A mãe incha, expandindo-se de dentro para fora, como o botão do lótus. (b)**

(a) O uso aparentemente paradoxal da expressão “sétima eternidade”, que divide o que é indivisível, está consagrado em filosofia esotérica. Esta filosofia divide a duração ilimitada em duas partes. De um lado está um tempo incondicionalmente eterno e Universal, e de outro um tempo condicionado (*Khandakala*). Um é a abstração ou númeno do tempo infinito (*Kala*); o outro é o fenômeno que aparece periodicamente como um efeito de *Mahat* (a Inteligência Universal limitada durante o *Manvântara*). Segundo algumas escolas, *Mahat* é o “primogênito” de *Pradhana* (substância indiferenciada, ou o aspecto periódico de *Mulaprakriti*, a raiz da Natureza). *Pradhana* é chamado de *Maya*, a Ilusão. Neste aspecto, creio, o ensinamento esotérico é diferente tanto da doutrina da escola *Adwaita* como da doutrina da escola *Visishtadwaita*. O ensinamento esotérico diz que, enquanto *Mulaprakriti*, o númeno, é autoexistente e não tem qualquer origem - e é, em resumo, destituído de pais, ou seja, é *Anupadaka* (já que está em unidade com *Brahma*); *Prakriti*, seu fenômeno, é periódico e não passa de um fantasma de *Mulaprakriti*. Assim também *Mahat*, segundo os Ocultistas, é o primogênito de *Gnana* (ou *Gnose*), conhecimento, sabedoria, ou o *Logos*, e é um fantasma refletido desde o absoluto *NIRGUNA* (*Parabrahm*, a realidade una, “destituída de atributos e qualidades”, veja os *Upanixades*); enquanto que, segundo alguns vedantinos, *Mahat* é uma manifestação de *Prakriti*, ou *Matéria*.

(b) Portanto, “a última vibração da Sétima Eternidade” foi “pré-ordenada”, não por algum Deus em particular, mas em virtude da LEI eterna e imutável que provoca os grandes períodos de Atividade e Descanso, chamados, de modo tão expressivo e ao mesmo tempo tão poético, de “Dias e Noites de *Brahmâ*”. A expansão da Mãe, ocorrida “de dentro para fora”, e chamada em outro lugar de “Águas do Espaço”, de “Matriz Universal”, etc., não se refere à expansão de um pequeno centro ou foco, mas, sem referência a tamanho, limitação ou área, significa o desenvolvimento de uma subjetividade ilimitada até tornar-se uma objetividade ilimitada. “A (para nós) sempre invisível e imaterial Substância presente na eternidade lançou desde seu próprio plano a sua sombra periódica ao colo de *Maya*.” Isso implica que esta expansão, não sendo um aumento de tamanho - já que uma extensão infinita não

---

<sup>196</sup> Neste ponto, estamos no alto da página 62 do volume I da edição original em inglês.  
(Nota do Tradutor)

pode crescer - foi uma mudança de estado. Ela “expandiu-se como o botão do lótus”; porque a planta do lótus existe não só como um embrião em miniatura em sua semente (uma característica física), mas também o seu protótipo está presente em forma ideal na Luz Astral desde a “Aurora” até a “Noite” durante o período manvântico, como todas as outras coisas deste Universo objetivo, na verdade; desde o ser humano até qualquer coisa minúscula, desde a árvore gigantesca até a menor folha de relva.

Tudo isso, segundo ensina a Ciência oculta, é apenas o reflexo temporário, a sombra do eterno protótipo ideal existente no Pensamento Divino. Devemos lembrar novamente que a palavra “eterno” refere-se aqui apenas a um “éon”, que corresponde ao ciclo de atividade aparentemente interminável, mas ainda assim limitado, que chamamos de manvântara. Qual é o significado real e esotérico de “manvântara”, ou, mais precisamente, “Manu-Antara”? Significa, esotericamente, “entre dois Manus”, e existem 14 Manus em cada “Dia de Brahmâ”.<sup>197</sup> Um Dia de Brahmâ consiste de 1.000 conjuntos de quatro eras, ou 1.000 “Grandes Eras”, Mahayugas. Analisemos agora o termo “Manu”. Os orientalistas e seus dicionários dizem que a palavra “Manu” vem da raiz “Man”<sup>198</sup>, “pensar”, de onde vem a ideia de “homem pensante”. Mas esotericamente cada Manu, como protetor antropomorfizado do seu ciclo (ou Ronda) especial, é apenas a ideia personificada do “Pensamento Divino” (como o “Pimandro” hermético). Cada Manu é, portanto, o deus especial, o criador e o modelador de tudo o que aparece durante o seu próprio e respectivo ciclo de existência ou Manvântara. Fohat é o mensageiro dos Manus (ou Dhyán-Chohans), e faz com que os protótipos ideais se expandam de dentro para fora - isto é, faz com que eles atravessem gradualmente todos os planos numa escala descendente desde o númeno até o fenômeno mais inferior, para finalmente florescer no último plano e no máximo da objetividade - o ponto extremo da ilusão, a matéria mais densa.

## ESTÂNCIA III - continuação.

### **2.A vibração se propaga, tocando com sua asa rápida (*simultaneamente*) o universo inteiro e o germe que reside na escuridão: a escuridão que respira (*movimenta-se*) sobre as águas adormecidas da vida. (a)**

(a) Também se diz da Mônada Pitagórica que ela permanece sozinha e na escuridão, como o “germe”. A ideia de que a “respiração” da Escuridão se movimenta sobre “as águas adormecidas da vida”, que é a matéria primordial com o Espírito latente, evoca o primeiro capítulo do Gênesis. O seu original é o Narayana bramânico

---

<sup>197</sup> O leitor deve levar em conta, no entanto, que há diversos tipos de manvântara, e não um só. (Nota do Tradutor)

<sup>198</sup> “Man” significa “homem” em inglês; e também é a raiz da palavra “humanidade”. Além disso, a sílaba “man” sugere a palavra “mente”. “Mens” significa “mente” em latim, como vemos no ditado “*mens sana in corpore sano*”, que significa “mente sã em corpo saudável”. (Nota do Tradutor)

(aquele que se move sobre as águas), a personificação da Respiração eterna do Todo inconsciente (ou Parabrahm), dos Ocultistas orientais. As Águas da Vida, ou Caos, que no simbolismo correspondem ao princípio feminino, são o vácuo (do ponto de vista da nossa percepção mental) no qual estão o Espírito e a Matéria latentes. Foi isso que fez Demócrito afirmar, seguindo seu instrutor Leucipo, que os princípios primordiais de tudo eram átomos e um vácuo, no sentido de espaço, mas não de espaço vazio, porque “a Natureza detesta o vazio”, de acordo com os peripatéticos e com todos os filósofos antigos.

Em todas as Cosmogonias a “Água” cumpre o mesmo papel importante. Ela é a base e a fonte da existência material. Os cientistas, confundindo o nome com a coisa, definiram “água” como a combinação química específica de oxigênio e hidrogênio, dando assim um significado específico a um termo usado pelos Ocultistas em um sentido genérico, e que em Cosmogonia é utilizado com um significado místico e metafísico. O gelo não é água, nem é vapor, embora todos os três tenham exatamente a mesma composição química.

## ESTÂNCIA III - continuação.

**3.A “escuridão” irradia a luz, e a luz lança um raio solitário nas águas, na profundidade da mãe. O raio atravessa o ovo virgem. O raio faz com que o ovo eterno estremeça e lance de si o germe não-eterno (*periódico*), que se condensa no ovo do mundo. (a)**

(a) O “raio solitário na profundidade da mãe” pode significar que o Pensamento Divino ou a Inteligência Divina impregna o Caos. Isso, no entanto, ocorre no plano da abstração metafísica, ou, mais precisamente, no plano em que aquilo que nós chamamos de abstração metafísica é realidade. O ovo virgem é num sentido abstrato a condição-de-ovo, ou o poder de desenvolver-se através da fecundação, e é portanto eterno e sempre igual. E assim como a fecundação de um ovo ocorre antes de ele ser posto, também o germe periódico e não-eterno, que se transforma mais tarde no simbolismo do ovo do mundo, contém em si mesmo, quando emerge, “a promessa e a potência” de todo o Universo. Embora a ideia *em si mesma* seja, naturalmente, uma abstração, uma expressão simbólica, ela é um símbolo real porque sugere a noção da infinitude como círculo infinito. Ela traz para a visão mental a imagem do Cosmo emergindo do espaço ilimitado e fazendo isso no próprio espaço limitado; um Universo que é tão destituído de fronteiras em seu tamanho como na sua manifestação objetiva. A imagem de um ovo também expressa o fato ensinado em Ocultismo de que a forma primordial de tudo o que é manifestado, desde um átomo a um globo, desde um ser humano até um anjo, é esférico. Em todas as nações, a esfera tem sido o símbolo da eternidade e da infinitude - uma serpente engolindo sua própria cauda. Para compreender o seu significado, no entanto, deve-se pensar a esfera como se ela fosse vista desde o seu centro. O campo de visão ou de pensamento é como uma esfera. Os seus raios saem do nosso ser em todas as direções e vão até o espaço exterior, abrindo visões ilimitadas ao nosso redor. Ela é o círculo simbólico de Pascal e dos Cabalistas, “cujo

centro está em toda parte, e cuja circunferência não está em parte alguma”, uma noção que faz parte desta imagem.

O “Ovo do Mundo” talvez seja um dos símbolos mais adotados universalmente, e é altamente sugestivo, tanto no sentido espiritual como no sentido fisiológico e cosmológico. Ele é encontrado, portanto, em todas as teogonias universais, e é amplamente associado ao símbolo da serpente. Esta última é em toda parte, em filosofia como em simbolismo religioso, um emblema da eternidade, da infinitude, da regeneração e do rejuvenescimento, assim como da sabedoria. (Veja “A Adoração da Árvore, da Serpente e do Crocodilo”, na Parte II deste Volume I.) O mistério da aparente autorregeneração e da evolução a partir do seu próprio poder criador repete, no ovo, em miniatura, o processo da evolução cósmica. O fato de que os dois processos se devem ao calor e à umidade sob o efluxo do espírito criador invisível justifica amplamente a escolha deste símbolo bastante expressivo. O “Ovo Virgem” é o símbolo microcósmico do protótipo macrocósmico - a “Mãe Virgem” - o Caos ou a Profundeza Primordial. O Criador masculino (seja qual for o nome dado a ele) surge da fêmea Virgem, a raiz imaculada que frutificou por causa do Raio. Quem, entre os que estão familiarizados com astronomia e ciências naturais, pode deixar de perceber que isso é altamente sugestivo? O Cosmos como Natureza receptiva é um ovo fecundado, e no entanto imaculado; uma vez que seja visto como infinito, ele só pode ser representado sob uma forma esferoidal. O Ovo de Ouro era rodeado por sete elementos naturais (o éter, o fogo, o ar, a água), “quatro disponíveis, três secretos”. Isso é encontrado no *Vishnu Purana*, obra em que os elementos são chamados de “envelopes” e em que um *segreto* é acrescentado: “Aham-kara”. (Veja *Vishnu Purana*, de Wilson, Livro I, p. 40.) O texto original não tem “Aham-kara”: ele menciona sete elementos sem especificar os últimos três. (Veja “O Ovo do Mundo”, na Parte II deste volume I.)

## ESTÂNCIA III - continuação.

**4. (Então) o três (o triângulo) cai no quatro (o quaternário). A essência radiante converte-se em sete por dentro, sete por fora. (a) O ovo luminoso (Hiranyagarbha), que é três em si mesmo (as três hipóstases de Brahmâ, ou Vishnu, os três “Avasthas”), coagula e espalha, em coalhos<sup>199</sup> brancos como o leite, por todas as profundezas da mãe, a raiz que cresce nas profundezas do oceano da vida. (b)**

(a) É nosso dever explicar o uso de figuras geométricas e as frequentes alusões a números em todas as escrituras antigas (veja os Puranas, os papiros egípcios, o “Livro dos Mortos”<sup>200</sup>, e mesmo a Bíblia). No “Livro de Dzyan”, assim como na

---

<sup>199</sup> Coalhos, ou coágulos. (Nota do Tradutor)

<sup>200</sup> “Livro dos Mortos”. Esta é uma alusão ao Livro dos Mortos do Egito antigo. O chamado “Livro Tibetano dos Mortos”, ou “Bardo Thodol”, é uma obra ilegítima. Veja a propósito os artigos “A Teosofia e o ‘Bardo Thodol’”, de Carlos Cardoso Aveline, e “Tibetan Book of the Dead Is Ningma”, de John Garrigus. (Nota do Tradutor)

Cabala, há duas espécies de numerais a serem estudados: os algarismos comuns, que às vezes servem apenas para despistar, e os Números Sagrados, cujos valores são todos conhecidos pelos Ocultistas através da Iniciação. Os primeiros são apenas hieróglifos convencionais, os últimos são os símbolos básicos para tudo. Isto é, os primeiros são apenas físicos, os outros, puramente metafísicos. A relação entre os dois grupos de numerais é semelhante à relação entre a matéria e o espírito: os polos extremos da substância ÚNICA.

Como Balzac, o Ocultista inconsciente da literatura francesa, diz em algum lugar, o Número é para a mente a mesma coisa que para a matéria: “um agente incompreensível”. (Talvez seja isso para o profano: nunca para a mente do Iniciado.) O Número, segundo pensava o grande escritor, é uma Entidade, e, ao mesmo tempo, é uma Respiração que emana do que ele chamava de Deus e nós chamamos de TODO; a respiração que podia, só ela, organizar o Cosmos físico, “onde nada obtém sua forma exceto através da Divindade, que é um efeito do Número”. É instrutivo citar as palavras de Balzac sobre este tema:

“Não é verdade que as menores criações, assim como as imensamente grandes, podem ser diferenciadas umas das outras por suas quantidades, por suas qualidades, suas dimensões, suas forças e atributos, fatores estes que são produzidos, todos, pelo NÚMERO? A infinitude dos Números é um fato comprovado para a nossa mente, mas dele nenhuma prova pode ser dada fisicamente. O matemático nos diz que a infinitude dos números existe mas não pode ser demonstrada. Deus é um número dotado de movimento, fato que é percebido mas não pode ser demonstrado. *Visto como unidade, ele começa os números, com os quais nada tem em comum ..... A existência do Número depende da Unidade, a qual, sem um só Número, produz eles todos ..... O quê? Sendo incapaz de medir a primeira abstração dada a você pela Divindade, ou mesmo de compreendê-la, você ainda tem esperança de submeter aos seus cálculos o mistério das Ciências Secretas que emanam daquela Divindade? ..... E o que você sentiria, se eu o lançasse ao abismo do MOVIMENTO, a força que organiza o Número? O que pensaria, se eu acrescentasse que o *Movimento* e o *Número* <sup>201</sup> são produzidos pela PALAVRA, a Razão Suprema dos Videntes e Profetas, os quais, nos tempos antigos, percebiam a poderosa Respiração de Deus, conforme indicado no Apocalipse?”*

(b) “A essência radiante coagulou e espalhou-se pelas profundezas” do Espaço. Desde um ponto de vista astronômico, a explicação disso é fácil: trata-se da “Via Láctea”, a substância do mundo, ou a matéria primordial na sua primeira forma. É mais difícil, no entanto, explicá-la em poucas palavras, ou mesmo em poucas linhas, desde o ponto de vista da Ciência e do Simbolismo Ocultos, porque esta é a mais complicada das imagens. Ela contém em si mais de uma dúzia de significados.

---

<sup>201</sup> O Número, sim, mas o MOVIMENTO, nunca. É o Movimento que produz o Logos, a Palavra, em ocultismo. (Nota de H. P. Blavatsky)

Para começar, todo o panteão de objetos misteriosos <sup>202</sup> dos quais cada um possui um significado Oculto definido, a partir da simbólica “agitação do oceano” provocada pelos deuses hindus. Além de *Amrita*, a água da vida ou da imortalidade, “*Surabhi*”, a “vaca da abundância”, chamada de “fonte do leite e dos coalhos”<sup>203</sup>, foi extraída deste “Mar de Leite”. Daí surge a adoração universal da vaca e do touro; ela, o poder produtivo: ele, o poder gerador da Natureza. Os dois símbolos estão ligados tanto às divindades solares como às divindades cósmicas. Como as propriedades específicas e do ponto de vista oculto das “catorze coisas preciosas” são explicadas somente na quarta iniciação, não podem ser dadas aqui; mas algo pode ser dito. O “Satapatha Brahmana” afirma que o bater do “Oceano de Leite” <sup>204</sup> ocorreu na Satya Yuga, a primeira era logo após o “Dilúvio”. No entanto, nem o Rig-Veda nem o Manu - ambos anteriores ao “dilúvio” de Vaivasvata, o da maior parte da Quarta Raça - mencionam este dilúvio. É evidente, portanto, que o dilúvio mencionado aqui não é o “grande” dilúvio, nem o dilúvio que levou consigo Atlântida, nem mesmo o dilúvio de Noé. Este “bater” do oceano está ligado a um período anterior à formação da Terra, e se relaciona diretamente com outra lenda universal, cujas várias versões contraditórias culminaram no dogma cristão da “Guerra no Céu” e da queda dos Anjos. (Veja o volume II, e também o capítulo XII do Apocalipse.) Os Brahmanas, criticados pelos orientalistas porque suas versões sobre estes temas com frequência contradizem umas às outras, *são obras essencialmente ocultas*, e sua linguagem é usada, portanto, como forma de despistar o público mal informado. Só foi permitido que os Brahmanas permanecessem junto ao público e fossem de propriedade comum apenas porque eles eram absolutamente ininteligíveis para as massas. De outro modo teriam saído de circulação já na época de Akbar. <sup>205</sup>

## ESTÂNCIA III - continuação.

### **5.A raiz permanece, a luz permanece, os coalhos permanecem, e, ainda, Oeahoo (a) é um. (b)**

(a) OEAHOO é descrito como “*Pai-Mãe dos Deuses*” nos Comentários, ou como o SEIS EM UM, *ou a raiz setenária de onde tudo surge*. Tudo depende do acento que é dado a estas sete vogais, que podem ser pronunciadas como *uma*, como três, ou como sete sílabas, acrescentando-se um “e” depois da letra “o”. Este nome místico é

---

<sup>202</sup> As “catorze coisas preciosas”. A narrativa ou alegoria faz parte do Satapatha Brahmana e de outras escrituras. A Ciência Secreta japonesa dos místicos budistas, a *Yamabooshi*, tem “sete coisas preciosas”. Falaremos delas mais adiante. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>203</sup> Coalhos, ou coágulos. (Nota do Tradutor)

<sup>204</sup> O bater do Oceano de Leite: a metáfora se refere ao modo como se bate o leite para produzir a manteiga, ou seja, fazer com que ele adote uma forma mais densa. Este “bater” é também chamado de “malaxar”. (Nota do Tradutor)

<sup>205</sup> Como vimos anteriormente, Akbar foi um imperador muçulmano da Índia, que estimulava as artes, a ciência e a literatura. Reinou nos séculos 16 e 17. (Nota do Tradutor)

revelado porque sem um domínio completo da sua pronúncia tríplice ele permanece sempre sem efeito.

(b) Isso se refere à Não-Separação de tudo o que vive e existe, seja em estado ativo ou passivo. Em certo sentido, Oeaofoo é a “Raiz Sem Raiz de Todas as Coisas”, sendo portanto um com Parabrahmam; em outro sentido, ele é um nome para a VIDA UNA manifestada, a Unidade Eterna e viva. A ideia de “Raiz” significa, como foi explicado, puro conhecimento (*Sattva*)<sup>206</sup>, a realidade eterna (*Nitya*) e incondicionada, ou SAT (*Satya*), quer nós a chamemos de Parabrahmam ou de Mulaprakriti, porque estes são dois aspectos do UNO. A “Luz” é o mesmo Raio Espiritual Onipresente, que penetrou e agora fecundou o Ovo Divino, e faz com que a matéria cósmica comece a sua longa série de diferenciações. Os coalhos são a primeira diferenciação, e provavelmente se referem também àquela matéria cósmica que se supõe ser a origem da “Via Láctea” - a matéria que nós conhecemos. Esta “matéria”, segundo a revelação recebida dos primeiros Dhyani-Buddhas, é, durante o sono periódico do Universo, do mais alto grau de sutileza perceptível ao olhar do perfeito Bodhisatva. Esta matéria, fria e radiante<sup>207</sup>, se espalha, ao primeiro redespertar da movimentação cósmica, por todo o Espaço. Quando vista desde a Terra, ela aparece em enxames<sup>208</sup> e acumulações, como coalhos em leite magro. Estas são as sementes dos mundos futuros, “a substância das estrelas”.

## ESTÂNCIA III - continuação.

**6.A raiz da vida estava em cada gota do oceano da imortalidade (*Amrita*)<sup>209</sup>, e o oceano era luz radiante, que era fogo, e calor, e movimento. A escuridão se desfez e não existiu mais<sup>210</sup>; ela desapareceu na sua própria essência, o corpo de fogo e água, ou pai e mãe. (a)**

---

<sup>206</sup> O termo original para Compreensão é *Sattva*, que Shankara (acharya) chama de *antahkarana*. “Compreensão refinada”, diz ele, “por sacrifícios e outras operações santificadoras”. No *Katha*, p. 148, Shankara diz que *Sattva* significa *buddhi* - um uso comum da palavra. (“*The Bhagavatgita with The Sanatsugatiya and the Anugita*”, tradução ao inglês de Kashinath Trimbak Telang, M.A.; editado por Max Müller.) Sejam quais forem os significados que as várias escolas possam atribuir ao termo, *Sattva* é o nome dado entre os estudantes Ocultos da Escola Aryasanga à Mônada dual ou Atma-buddhi, e Atma-Buddhi neste plano corresponde a Parabrahm e Mulaprakriti no plano mais elevado. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>207</sup> “Radiante”. Temos “radical” na edição original da obra. H.P.B. assinalou o erro dos editores em reunião realizada em Londres no dia 28 de fevereiro de 1889, e cuja transcrição foi publicada. Ela esclareceu que o correto é “radiante”. Veja o volume “The Secret Doctrine Dialogues” (Theosophy Co., Los Angeles, 2014, 722 pp.), p. 226. (Nota do Tradutor)

<sup>208</sup> Enxames. E na astronomia atual temos os conceitos de “enxames de estrelas”, “enxames de galáxias, e “superenxames de galáxias”. (Nota do Tradutor)

<sup>209</sup> Amrita é “imortalidade”. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>210</sup> Veja o primeiro comentário a esta Estância. (Nota de H. P. Blavatsky)

(a) Como a essência da escuridão é luz absoluta, a Escuridão é encarada como a representação alegórica adequada para a condição do Universo durante o Pralaya, o período de absoluto descanso, de não-ser, do ponto de vista das nossas mentes finitas. O “fogo”, o “calor”, e o “movimento” de que se fala aqui não são, naturalmente, o fogo, o calor e o movimento da ciência física, mas as abstrações subjacentes, os númenos, ou a alma, da essência destas manifestações materiais - as “coisas em si”, que, como a ciência moderna confessa, escapam completamente aos instrumentos do laboratório, e que mesmo a mente não consegue captar, embora tampouco possa evitar a conclusão de que essas essências subjacentes devem existir. O Fogo e a Água, ou Pai <sup>211</sup> e Mãe podem ser vistos aqui como significando o Raio divino e o Caos. “O Caos, obtendo uma capacidade de sentir a partir desta união com o Espírito, brilhou com prazer, e assim foi produzido o Protogonos (a luz primogênita)”, segundo afirma um fragmento de Hermas. Damáscio <sup>212</sup> o chama de “Dis” em sua “Teogonia” - “o que ordena todas as coisas”. (Veja “Ancient Fragments”, de Cory, p. 314.)

De acordo com os ensinamentos rosacruz tal como transmitidos e explicados pelos profanos - e esta vez corretamente, ainda que apenas em parte - “a Luz e a Escuridão são idênticas em si mesmas, sendo divisíveis apenas na mente humana”. Segundo Robert Fludd, “a escuridão adotou a luz para tornar-se visível”. (*On Rosenkranz*.) O Ocultismo Oriental afirma que a ESCURIDÃO é a única realidade verdadeira. Ela é a base e a origem da luz, sem a qual esta última jamais poderia manifestar-se, nem mesmo existir. A luz é matéria, e a ESCURIDÃO é o Espírito puro. Na sua base metafísica radical, a Escuridão é luz absoluta e subjetiva; enquanto que a luz, apesar de todo o seu brilho e sua glória aparentes, constitui apenas uma massa de sombras, porque nunca pode ser eterna e é simplesmente uma ilusão ou Maya.

Mesmo no Gênesis, que nega a ciência e confunde a mente, a luz é criada a partir da escuridão <sup>213</sup>, “e havia escuridão sobre a face do abismo” (capítulo 1, versículo 2), e não *vice-versa*. “A vida estava nele (na escuridão) e a vida *era a luz dos homens*.” (João, I, 4) Pode acontecer que um dia os olhos dos homens se abram e eles compreendam melhor do que hoje aquele versículo do Evangelho de João que diz: “A luz resplandece na escuridão, e a escuridão não a compreende”. <sup>214</sup> A humanidade verá então que a palavra “escuridão” não se aplica à visão espiritual do ser humano, mas à “Escuridão” absoluta, que não compreende a luz transitória, não pode ter uma visão cognitiva dela, por mais transcendente que ela seja para a visão dos humanos. *Demon est Deus inversus*. O demônio é agora chamado de Escuridão

---

<sup>211</sup> O verdadeiro nome não pode ser dado. Veja o texto “Kwan-Shi-Yin”, na Parte II deste volume I. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>212</sup> Damáscio - Filósofo neoplatônico nascido em torno de 458 da era cristã. Ensinou em Atenas. (Nota do Tradutor)

<sup>213</sup> Gênesis, 1:3-4, afirma: “Disse Deus: Haja luz; e houve luz. E viu Deus que a luz era boa; e fez a separação entre a luz e as trevas.” (Nota do Tradutor)

<sup>214</sup> João, I, 5. (Nota do Tradutor)

pela Igreja, enquanto que na Bíblia ele é chamado de “Filho de Deus” (veja o livro de Jó), a clara estrela da madrugada, Lúcifer (leia Isaías). Há toda uma filosofia dogmática atrás do fato de que o primeiro Arcanjo, surgido das profundezas do Caos, foi chamado de Lux (Lúcifer), o “Filho Luminoso da Manhã”, isto é, da aurora manvantárica. Ele foi transformado pela igreja em Lúcifer ou Satã, porque ele era mais elevado e mais velho que Jeová, e tinha que ser sacrificado no surgimento do novo dogma. (Veja o Volume II.)

## ESTÂNCIA III - continuação.

**7. Observa, ó Lanu!** <sup>215</sup> **O filho radiante dos dois, a Glória resplandecente sem igual: o Espaço Claro, filho do Espaço Escuro, que emerge das profundezas das grandes Águas Escuras. É Oeaoohoo, o mais jovem, o \* \* \* (que agora conheces como Kwan-Shi-Yin - ver Comentário). (a) Ele brilha como o SOL** <sup>216</sup>. **Ele é o resplandecente Dragão Divino da Sabedoria. O Eka é Chatur (quatro), e o Chatur toma para si o Três, e a União produz o Sapta (sete), no qual está o sete que se torna o Tridasa** <sup>217</sup> **(os três vezes dez)** <sup>218</sup>, **as hostes e as multidões. (b) Observa como ele ergue o Véu e como o desdobra desde o Leste até o Oeste. Ele oculta o que está acima, e deixa o que está abaixo ser visto como a grande Ilusão. Ele marca os lugares para os seres luminosos (as estrelas), e transforma o mais elevado (o espaço) num Mar de Fogo que não tem praias, e faz com que o Único (elemento) manifestado se transforme nas Grandes Águas. (c)**

---

<sup>215</sup> Um Lanu é um estudante, um chela que estuda Esoterismo prático. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>216</sup> O leitor deve levar em conta que a transcrição das Estâncias e de seus slokas (estrofes), feita em meio aos Comentários, não é necessariamente igual ao texto das Estâncias apresentado antes. Há com frequência diferenças e elas podem ser significativas. Este sloka número 7, por exemplo, está todo ele bastante distinto. Na transcrição completa e sem comentários das Estâncias feita mais acima neste volume I, temos neste ponto (p. 29 do original em inglês): “Ele brilha como o filho”. Porém, na presente página, em que o sloka é transcrito junto a seus comentários, temos “Ele brilha como o Sol” (p. 71 do original em inglês). As palavras “Filho” e “Sol” possuem grafia e som parecidos em inglês: “Son” e “Sun”. Não por acaso, na mística cristã, o “filho de Deus” é como um “Sol”. (Nota do Tradutor)

<sup>217</sup> A palavra “Tri-dasa” ou três vezes dez (30) se refere às divindades védicas, em números redondos, ou, mais precisamente, 33 - um número sagrado. Tais deuses são os 12 Adityas, os 8 Vasus, os 11 Rudras e os 2 Aswins, os filhos gêmeos do Sol e do Céu. Este é o número original do Panteão hindu, que enumera 33 “crores” (ou 330 milhões) de deuses e deusas. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>218</sup> Na nota anterior, sobre Tridasa, HPB menciona os “Aswins” ou “Ashvins”, dois Kumaras da mitologia védica. Estes deuses andam pelo cosmo a cavalo (isto é, possuem veículos físicos), e simbolizam a aurora e o anoitecer. (Nota do Tradutor)

(a) O “Espaço Claro, filho do Espaço Escuro” corresponde ao Raio que caiu quando houve a primeira vibração da nova “Aurora” nas grandes profundezas cósmicas, de onde ele emerge outra vez diferenciado como Oeaoohoo, o mais jovem (a “nova VIDA”), para tornar-se, no fim do seu ciclo vital, o germe de todas as coisas. Ele é “o homem Incorpóreo que contém em si mesmo a Ideia divina”, ou o gerador de Luz e de Vida, para usar uma expressão de Fílon de Alexandria. Ele é chamado de “Dragão Resplandecente da Sabedoria” porque, em primeiro lugar, ele é aquilo que os filósofos gregos chamavam de Logos, o *Verbum* do Pensamento Divino; e, em segundo lugar, porque para a filosofia esotérica esta primeira manifestação, sendo a síntese ou o agregado da Sabedoria Universal, Oeaoohoo, “o Filho do Filho”, contém em si as Sete Hostes Criadoras (os Sefirot) e é, portanto, a essência da Sabedoria manifestada. “Aquele que é banhado pela luz de Oeaoohoo nunca será enganado pelo véu de Maya.”

Kwan-Shi-Yin é idêntico e equivalente a *Avalokitesvara* (termo sânscrito), e como tal é uma divindade andrógina, como o Tetragrammaton e todos os Logoi<sup>219</sup> da antiguidade. Só algumas seitas da China dão forma humana a Kwan-Shi-Yin, e o apresentam com características femininas.<sup>220</sup> Ao assumir aspecto feminino ele se torna Kwan-Yin, a deusa da compaixão, conhecida como “a voz divina”.<sup>221</sup> Esta última é a divindade protetora do Tibete e da ilha de Putuo, na China, onde há

---

<sup>219</sup> Assim, todos os deuses mais elevados da antiguidade são “Filhos da Mãe”, antes de se tornarem “Filhos do Pai”. Os Logoi, como Júpiter ou Zeus, filho de Cronos-Saturno, “Tempo Infinito” (ou Kala), eram representados em sua origem como machos-fêmeas. Afirma-se de Zeus que ele era “a bela Virgem”, e Vênus aparece com barba. Apolo é originalmente bissexual, assim como Brahma-Vach em Manu e nos Puranas. Osíris é intercambiável com Ísis, e Hórus é dos dois sexos. Finalmente, no Apocalipse, a visão de São João sobre o Logos, que agora é associada a Jesus, é hermafrodita, porque a figura é descrita como tendo peitos de mulher. O mesmo ocorre com Tetragrammaton = Jehovah. Mas existem dois Avalokitesvaras no Esoterismo: o primeiro e o segundo *Logos*. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>220</sup> Nenhum símbolo religioso pode evitar profanação ou ridicularização em nossos dias de política e de ciência. No sul da Índia, a autora viu um nativo convertido ao catolicismo fazendo homenagens e oferendas diante de uma estátua de Jesus vestido com roupas de mulher e com um anel em seu nariz. Ao perguntar o significado daquilo, foi-nos dito que se tratava de Jesus e Maria combinados em uma só figura, e que isso era feito com a permissão dos padres, porque o zeloso recém-convertido não tinha dinheiro para comprar duas estátuas - ou “ídolos”, para usar o termo muito adequado empregado por uma testemunha, também hindu mas não convertida ao catolicismo. O gesto parecerá uma blasfêmia para um cristão dogmático, mas o teosofista e o ocultista devem reconhecer que há uma lógica na atitude do hindu convertido. O Cristo esotérico na *Gnose* é naturalmente destituído de sexo, mas na *teologia* exotérica ele é macho e fêmea. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>221</sup> A *Sofia* gnóstica, “Sabedoria”, que é também “A Mãe” do Ogdoad (Aditi, em certo sentido, com seus oito filhos), é o Espírito Santo e o Criador de tudo, como nos sistemas antigos. O “pai” é uma invenção muito posterior. O primeiro Logos manifestado era em todos os lugares feminino - a mãe dos sete poderes planetários. (Nota de H. P. Blavatsky)

grande número de monastérios dedicados a estas duas divindades. <sup>222</sup> (Veja a Parte II do volume I, “Sobre Kwan-Shi-Yin e Kwan-Yin”.)

(b) O “Dragão da Sabedoria” é o Um, o “Eka” (sânscrito) ou Saka. É curioso o fato de que o nome de Jeová em hebraico também significa Um, Echod. “Seu nome é Echod”, dizem os Rabinos. Os filólogos deveriam decidir qual dos dois deriva do outro, linguisticamente e simbolicamente: a fonte não será o sânscrito? O “Um” e o Dragão são expressões usadas pelos antigos em relação aos seus respectivos Logoi. Jeová - esotericamente (como Elohim) - é também a serpente ou Dragão que tentou Eva, e o “Dragão” é um velho símbolo da “Luz Astral” (o Princípio Primordial), “que é a Sabedoria do Caos”. A filosofia arcaica não reconhece nem o Bem nem o Mal como um poder fundamental ou independente, mas os vê como princípios que emergem do TODO Absoluto (a eterna Perfeição Universal), e percorrem o curso natural de evolução até a pura Luz, se condensam gradualmente em formas, fazendo surgir assim a Matéria ou o Mal. Coube aos primeiros e ignorantes pais da cristandade degradar a ideia altamente filosófica e científica desta imagem simbólica (o Dragão) até transformá-la na superstição absurda chamada de “Diabo”. Tiraram a ideia dos zoroastristas mais recentes, que viam diabos ou o Mal nos Devas hindus, e a palavra Mal tornou-se então através de uma dupla transmutação o Diabo em todas as línguas (Diabolos, Diable, Diavolo, Teufel). Mas os pagãos sempre preservaram um discernimento filosófico em seus símbolos. O símbolo primitivo da serpente representava a Sabedoria divina e a Perfeição, e sempre significou a Regeneração psíquica e a Imortalidade. Assim, Hermes qualificou a serpente como o mais espiritual de todos os seres; Moisés, iniciado na sabedoria de Hermes, fez o mesmo no Gênesis; a Serpente Gnóstica tem as sete vogais sobre sua cabeça e é um emblema das sete hierarquias dos Criadores Setenários ou Planetários. Por isso temos também a serpente hindu Sessa ou Ananta, “o Infinito”, um nome de Vishnu, cujo primeiro Vahan ou veículo nas águas primordiais é esta serpente. <sup>223</sup> No entanto todos eles estabelecem uma diferença entre a boa e a má Serpente (a Luz Astral dos Cabalistas), sendo a primeira a expressão da Sabedoria divina na região do Espiritual, e a segunda, o Mal, no plano da matéria. <sup>224</sup> Jesus aceitou a serpente como um sinônimo de Sabedoria, e isso faz parte do seu ensinamento: “sejam sábios

---

<sup>222</sup> Veja “Chinese Buddhism”, do Rev. J. C. Edkins, que sempre fornece fatos corretos, embora as suas conclusões sejam frequentemente errôneas. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>223</sup> Assim como os *logoi* e as Hierarquias de Poderes, no entanto, as “Serpentes” devem ser diferenciadas uma da outra. Sessa ou Ananta, “o veículo de Vishnu”, é uma abstração alegórica simbolizando o Tempo infinito no Espaço, que contém o germe e que lança de si periodicamente a florescência deste germe, o Universo *manifestado*; enquanto que a *Ofis* gnóstica continha o mesmo tríptico simbolismo nas suas sete vogais, como o *Oeahoo* de uma, três e sete sílabas da doutrina arcaica; isto é, o Logos Uno Imanifestado, o Segundo manifestado, o triângulo manifestando-se no Quaternário ou Tetragrammaton, e os raios deste último no plano material. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>224</sup> A Luz Astral ou Éter dos antigos pagãos (porque o nome Luz Astral é bastante moderno) é Espírito-Matéria. Começando com o plano puramente espiritual, a Luz Astral se torna mais densa à medida que desce até tornar-se *Maya* ou a serpente tentadora e ardilosa em nosso plano. (Nota de H. P. Blavatsky)

como as serpentes”<sup>225</sup>, diz ele. “No começo, antes que a Mãe se tornasse Pai-Mãe, o Dragão de fogo se movimentava sozinho pelas infinitudes” (*Livro de Sarparajni*). O Brahmana Aitareya chama a Terra de Sarparajni, “a Rainha Serpente”, “Mãe de tudo o que se movimenta”. Antes que o nosso globo adotasse a forma de um ovo (e antes que o Universo fizesse o mesmo) “uma longa trilha de pó cósmico (ou névoa de fogo) se movimentava e contorcia como uma serpente no Espaço.” O “Espírito de Deus se movimentando no Caos” era simbolizado em todas as nações como tendo a forma de uma serpente ígnea, que lançava com sua respiração fogo e luz sobre as águas primordiais, até que terminava de incubar a matéria cósmica e fazia com que ela assumisse a forma de anel, como uma serpente com sua cauda em sua boca, o que simboliza não só a Eternidade e Infinitude, mas também a forma globular de todos os corpos formados dentro do universo a partir daquela névoa de fogo. O Universo, tanto como a Terra e o Ser Humano, lança de si periodicamente, como uma serpente, suas velhas peles, e adota novas peles depois de um período de descanso. A serpente seguramente não é uma imagem menos graciosa ou poética que a lagarta e a crisálida, das quais surge a borboleta, o símbolo grego da Psiquê, a alma humana. O “Dragão” era também o símbolo do Logos entre os egípcios, e entre os gnósticos. No “Livro de Hermes”, Pimandro, o mais velho e mais espiritual dos Logoi do Continente Ocidental, aparece diante de Hermes na forma de um Dragão Ígneo feito de “Luz, Fogo e Chama”. Pimandro, o “Pensamento Divino” personificado, diz: “A Luz sou eu, eu sou o *Nous* (a mente ou Manu), eu sou teu Deus, e sou muito mais velho que o princípio humano que escapa da sombra (a ‘*Escuridão*’ ou Divindade oculta). Eu sou o germe do pensamento, a *Palavra* resplandecente, o *Filho* de Deus. Assim, tudo aquilo que vê e escuta, em ti, é o *Verbum* do Mestre, é o Pensamento (*Mahat*) que é Deus, o Pai.<sup>226</sup> O Oceano celeste, o Éter ..... é a *Respiração* do Pai, o princípio que dá vida, a *Mãe*, o Espírito Santo, ..... porque eles não estão separados, e a união deles é a VIDA.”

Aqui encontramos o eco inconfundível da Doutrina Secreta Arcaica, tal como ela é exposta atualmente. Só que esta última não coloca à frente da Evolução da Vida “o Pai”, que vem em terceiro lugar e é o “Filho da Mãe”, mas sim “A Eterna e Incessante Respiração do TODO”. O *Mahat* (a Compreensão, a Mente Universal, o Pensamento, etc.), antes de manifestar-se como Brahmâ ou Shiva<sup>227</sup>, aparece como Vishnu, diz o *Sankhya Sara* (p. 16); portanto *Mahat* tem vários aspectos, assim como tem o *logos*. *Mahat* é chamado de *O Senhor* na *Primeira* Criação, e é, neste sentido, o Conhecimento Universal ou *Pensamento Divino*; mas “Aquele *Mahat* que foi produzido pela primeira vez é (mais tarde) chamado de *Ego-ísmo*, quando nasceu como um ‘Eu’, e esta é considerada a *segunda* Criação” (*Anugita*, capítulo

---

<sup>225</sup> Mateus, 10: 16. (Nota do Tradutor)

<sup>226</sup> A expressão “Deus, o Pai” se refere indiscutivelmente ao sétimo princípio no Homem e no Cosmos. Este princípio é inseparável em sua essência e natureza do sétimo princípio cósmico. Em certo sentido, é o Logos dos gregos e o Avalokitesvara dos budistas esotéricos. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>227</sup> Como vimos no Proêmio, *Brahma*, neutro, é o Universo oculto e imanifestado; e *Brahmâ* é o manifestado, o Criador, masculino-feminino. (Nota do Tradutor)

XXVI). E o tradutor (um brâmane erudito e capacitado, e não um orientalista europeu) explica em uma nota de pé de página (6), isto é, “quando Mahat se transforma no sentimento de autoconsciência - eu -, então ele assume o nome de Egoísmo”, o que, traduzido para a nossa fraseologia esotérica, significa: “quando Mahat é transformado no Manas <sup>228</sup> humano (ou mesmo no Manas dos deuses finitos) e alcança a condição de egoidade” <sup>229</sup>. O motivo pelo qual ele é chamado de Mahat da segunda Criação (ou da nona, a Criação do Kumara na obra *Vishnu Purana*) será explicado no volume II. O “Mar de Fogo” é, então, a Luz Super-Astral (isto é, numenal), a primeira radiação da Raiz, Mulaprakriti, a Substância Cósmica indiferenciada, que se transforma em Matéria Astral. Também é chamada de “Serpente Ígnea”, como indicamos acima. Se o estudante levar em consideração que existe apenas um Único Elemento Universal, que é infinito, que não nasceu e não morrerá jamais, e que todo o resto, no mundo dos fenômenos, são apenas aspectos diferenciados e variações (correlações, como são chamadas agora) daquele Um, desde os efeitos Cósmicos até os efeitos microcósmicos, e desde os seres super-humanos até os seres humanos e sub-humanos, a totalidade, enfim, da existência objetiva, então a primeira e principal dificuldade desaparecerá e a Cosmologia Oculta poderá ser compreendida.<sup>230</sup> Todos os cabalistas e ocultistas, orientais e ocidentais, reconhecem: **a**) a identidade de “Pai-Mãe” com o Éter primordial ou Akasha (Luz Astral) <sup>231</sup>; e **b**) a sua homogeneidade antes da evolução do “Filho”, cosmicamente Fohat, porque Fohat é a eletricidade cósmica. “Fohat endurece e espalha os sete irmãos” (Livro III, Dzyan); o que significa que a Entidade Elétrica primordial - já que os Ocultistas Orientais insistem em que a Eletricidade é uma Entidade - eletrifica a substância primordial transformando-a em vida e separa esta substância ou matéria pré-genética em átomos, os quais, por sua vez, são a fonte de toda vida e de toda consciência. “Existe um agente único universal de todas as formas e da vida, e ele é chamado de Od <sup>232</sup>, Ob e Aour; é ativo e passivo, positivo e negativo, como o dia e a noite; é a primeira luz da Criação” (Eliphas Levi,

---

<sup>228</sup> Manas: a Mente. (Nota do Tradutor)

<sup>229</sup> Egoidade: *Aham-ship* no original em inglês. *Aham* indica “eu”, e o sufixo “ship” significa um estado ou condição. Ou seja, “estado em que há um sentido de eu”, *egoidade*. (Nota do Tradutor)

<sup>230</sup> Na teogonia do Egito e da Índia, havia uma divindade *oculta*, o UM, e o deus criador, andrógino. Assim, *Shoo* é o deus da criação e Osiris é, na sua forma primária original, o “deus cujo nome é desconhecido”. (Veja *Abydos*, de Mariette-Bey, vol. II, p. 63, e vol. III, pp. 413, 414, número 1122.) (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>231</sup> Veja a próxima nota. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>232</sup> *Od* é a pura Luz que distribui a vida, ou fluido magnético; *Ob* é o mensageiro da morte usado pelos feiticeiros, o nefasto *mau fluido*; *Aour* é a síntese dos dois, a Luz Astral propriamente dita. Será que os filólogos podem dizer por que *Od* - um termo usado por Reichenbach para denominar o fluido vital - é também uma palavra tibetana que significa luz, claridade, radiância? O termo também significa “céu” em um sentido oculto. De onde vem a raiz da palavra? No entanto o *Akasha* não corresponde exatamente ao Éter, e é muito mais elevado que este último, conforme será demonstrado. (Nota de H. P. Blavatsky)

“Cabala”): - a primeira Luz dos Elohim primordiais - do Adão, “macho e fêmea”, ou, em linguagem científica, ELETRICIDADE E VIDA.

(c) Os antigos o representavam com uma serpente, porque “Fohat sibila enquanto desliza para lá e para cá” (em ziguezague). A Cabala o representa com a letra hebraica Teth , cujo símbolo, a serpente, cumpria um papel tão central nos Mistérios. O seu valor universal é nove, porque é a nona letra do alfabeto e a nona porta dos cinquenta portais ou portões que levam aos mistérios ocultos do ser. É o agente mágico por excelência, e designa na filosofia hermética “a Vida transmitida à matéria primordial”, a essência que compõe todas as coisas, e o espírito que determina a forma delas. Mas há duas operações herméticas secretas, uma das quais espiritual, a outra relacionada à matéria, e unidas para sempre. “Separe a terra do fogo, o sutil do sólido ..... aquilo que sobe da terra para o céu e desce de novo do céu para a terra. Isso (a luz sutil) é a força mais forte em toda força, porque vence qualquer coisa sutil e penetra em todos os sólidos. O mundo foi formado assim.” (Hermes) <sup>233</sup>

Não foi só Zeno, o fundador do estoicismo, que ensinou sobre a evolução do Universo e disse que a sua substância primária é transferida do estado de fogo para o estado de ar, depois para o estado de água, etc. Heráclito de Éfeso afirmava que o princípio único subjacente a todos os fenômenos da Natureza é o fogo. A inteligência que movimenta o Universo é fogo, e fogo é inteligência. E embora Anaxímenes tenha dito o mesmo em relação ao ar, e Tales de Mileto (600 anos antes da era cristã) em relação à água, a Doutrina Esotérica reconcilia todos estes filósofos ao mostrar que embora cada um deles estivesse certo, nenhum dos seus sistemas filosóficos era completo.

## ESTÂNCIA III - continuação.

**8. Onde estava o germe e onde estava agora a escuridão? Onde está o espírito da chama que arde em tua lâmpada, ó Lanu? O germe é Aquilo, e Aquilo é luz, o filho branco e brilhante do pai oculto e escuro. (a)**

(a) A resposta à primeira pergunta é sugerida pela segunda pergunta, que é feita pelo instrutor como modo de responder ao aluno, e contém em uma só frase uma das verdades mais essenciais da filosofia oculta. Ela indica a existência de coisas imperceptíveis para os nossos sentidos físicos e que são de uma importância muito maior, e mais reais e mais permanentes, que as coisas que apelam a estes sentidos. Antes que o Lanu possa ter esperança de compreender o problema transcendental e metafísico contido na primeira questão, ele deve ser capaz de responder à segunda.

---

<sup>233</sup> Esta é uma versão da Tábua de Esmeralda. Outra versão, apresentada por HPB em “Ísis Sem Véu”, é reproduzida no texto “A Tábua de Esmeralda”, de Carlos Cardoso Aveline. O artigo está disponível em [www.FilosofiaEsoterica.com](http://www.FilosofiaEsoterica.com) e seus websites associados. (Nota do Tradutor)

A própria resposta que ele der à segunda pergunta colocará ao alcance dele os elementos necessários para uma resposta correta à primeira.

No Comentário em sânscrito a esta estância, são muitos os termos usados para designar o Princípio oculto e não-revelado. No manuscrito mais antigo da literatura indiana, esta Divindade Não-Revelada e Abstrata não tem nome. É geralmente chamada de “*Aquilo*” (*Tad* em sânscrito), e significa tudo o que existiu, existe ou existirá, ou que pode ser percebido como tal pela mente humana.

Entre as diversas designações - que são dadas, naturalmente, apenas em filosofia esotérica e incluem expressões como “Escuridão Insondável”, “Redemoinho de Vento”, etc. - são também usadas as palavras “Isso do Kalahansa, o Kala-ham-sa”, e mesmo “Kali Hamsa” (cisne preto). Aqui o *m* e o *n* são convertíveis, e ambos soam como o *an* e o *am* nasais em francês, ou ainda como o *en* e o *em* (*Ennui*, *Embarras*, etc.). Como no caso da Bíblia hebraica, um grande número de nomes sagrados misteriosos em sânscrito soam ao ouvido profano como uma palavra comum e frequentemente vulgar, porque está ocultada de modo anagramático ou de alguma outra maneira. Isso é exatamente o que ocorre com a palavra *Hansa* ou, esotericamente, “hamsa”. Hamsa é igual a a-ham-sa, três palavras que significam “eu sou ele”, e que divididas ainda de outro modo significarão So-ham (“ele [é] eu”). Soham é o mesmo que Sah, “ele”, e aham é “eu” ou “eu sou ele”. Nesta ideia - para aquele que compreende a linguagem divina - está contido o mistério universal, a doutrina da identidade do ser humano essencial com a essência divina. Por isso há o símbolo e a alegoria de Kalahansa (ou hamsa), assim como o nome dado a Brahma neutro (e mais adiante ao Brahmâ masculino), que é “Hansa-Vahana” ou “aquele que usa Hansa como seu veículo”. A mesma palavra pode ser lida como “Kalahansa”, ou “eu sou eu” na eternidade do tempo, em resposta à expressão bíblica, ou melhor, zoroastrista, “eu sou o que sou”. A mesma doutrina é encontrada na Cabala, conforme o testemunho do trecho reproduzido a seguir, de um manuscrito inédito do Sr. S. Liddell McGregor Mathers, o erudito cabalista:

“Os três pronomes א י ה, ה ת א, י נ א, Hoa, Atah, Ani, ou Ele, Tu, Eu, são usados na Cabala Hebraica para simbolizar as ideias de Macroprosopus e Microprosopus. Hoa, ‘Ele’, é aplicado ao Macroprosopus oculto e ocultado; Atah, ‘Tu’, ao Microprosopus; e Ani, ‘Eu’, a este último quando Ele é representado como falando. (Veja *Lesser Holy Assembly*, pp. 204 e seguintes.) Deve-se levar em conta que cada um destes nomes consiste de três letras, das quais a letra Aleph, א, A, forma o final da palavra Hoa, e o começo de Atah e Ani, como se fosse o elo de ligação entre elas. Mas א é o símbolo da Unidade e consequentemente da Ideia invariável do Divino operando através de todos estes fatores. Atrás do א no nome Hoa estão as letras ם e ה, símbolos dos números Seis e Cinco, o Macho e a Fêmea, o Hexagrama e o Pentagrama. E os números destas três palavras, Hoa Atah Ani, são 12, 406, e 61, que

são resgatados nos números-chave 3, 10 e 7, na Cabala das Nove Câmaras, que é uma forma da regra exegética de Temura.”<sup>234</sup>

Seria inútil tentar explicar por completo o mistério. Os materialistas e os cientistas modernos nunca o entenderão, já que para obter uma clara percepção dele é preciso em primeiro lugar admitir o postulado de uma Divindade na Natureza que é universalmente difundida, onipresente, e eterna; em segundo lugar, é necessário haver explorado o mistério da eletricidade em sua verdadeira essência; e, em terceiro lugar, é necessário ver o ser humano como o símbolo setenário, no plano terrestre, da única grande UNIDADE (o Logos), que é Ela Própria a palavra de sete vogais, a Respiração, cristalizada na PALAVRA.<sup>235</sup> Aquele que acredita em tudo isso tem também de acreditar na combinação múltipla dos sete planetas do Ocultismo e da Cabala, com os doze signos zodiacais; e atribuir, como nós fazemos, a cada planeta e a cada constelação uma influência que, nas palavras de Ely Star (um ocultista francês), “é própria sua, sendo benéfica ou maléfica”<sup>236</sup> conforme o espírito planetário que o governa [ou a governa], e que, por sua vez, é capaz de influenciar os seres humanos e as coisas que se encontram em harmonia com ele e com os quais ele tem alguma afinidade.” Por estas razões, e já que poucos acreditam no que foi mencionado acima, tudo o que pode ser dito agora é que nos vários casos o símbolo de Hansa (seja “Eu”, “Ele”, Ganso ou Cisne) é um símbolo importante, representando, por exemplo, a Sabedoria Divina, a Sabedoria na escuridão que fica além do alcance dos homens. Para todos os efeitos exotéricos, Hansa, como todos os hindus sabem, é um pássaro lendário que, quando recebeu como alimento leite misturado com água (na alegoria) separou os dois, bebendo o leite e deixando de lado a água, e demonstrou assim uma sabedoria inerente: o leite representa o espírito, e a água, a matéria.

---

<sup>234</sup> *Temura* é um dos três métodos antigos usados pelos cabalistas para alterar a sequência e combinação de palavras e frases na Bíblia, de modo a descobrir o seu significado esotérico. Os outros dois métodos são a Gematria e o Notarikon. (Nota do Tradutor)

<sup>235</sup> Isso é também similar à doutrina de Fichte e dos panteístas alemães. Fichte reverencia Jesus como o grande instrutor que ensinou a unidade do espírito do ser humano com o Deus-Espírito (na doutrina Advaita), ou Princípio Universal. É difícil encontrar na metafísica ocidental uma só especulação que não tenha sido antecipada pela filosofia Arcaica Oriental. Desde Kant até Herbert Spencer, tudo são ecos mais ou menos distorcidos das doutrinas gerais das filosofias Dvaita, Advaita e Vedanta. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>236</sup> “Benéfica ou maléfica”. As palavras são do ocultista francês citado por HPB. Desde um ponto de vista mais preciso, a influência de um planeta ou constelação sobre o ser humano não é benéfica ou maléfica, mas, sim, cômoda ou incômoda, fácil ou difícil, estável ou desafiante. As influências difíceis trazem provações e testes perigosos, mas cujas lições são valiosas e mesmo indispensáveis ao aprendizado humano. As influências fáceis ou harmônicas, por sua vez, podem levar a um marasmo evolutivo. Portanto, é filosoficamente pouco exato chamar as influências planetárias de *maléficas* ou *benéficas*. Sobre Bem e Mal, veja a Carta 88 em “Cartas dos Mahatmas”, Ed. Teosófica, Brasília, volume II. (Nota do Tradutor)

O fato de que esta alegoria é muito antiga e data do período mais arcaico fica demonstrado pela menção (no Bhagavata Purana) de uma certa casta chamada de “Hamsa” ou “Hansa”, que era a “única casta” *por excelência*; porque muito tempo atrás, nos registros pouco nítidos de um passado esquecido, havia, entre os hindus, apenas “um Veda, uma Divindade, e uma Casta”. Existe também uma cordilheira, nos Himalaias, que é descrita nos livros antigos como situada ao norte do Monte Meru e cujo nome é “Hamsa”. Ela está ligada a episódios que pertencem à história dos mistérios e das iniciações religiosas. A ideia segundo a qual Kala-Hansa é o suposto veículo de Brahmâ-Prajapati, que aparece nos textos e traduções exotéricos dos orientistas, é completamente errada. Brahma, o neutro, é chamado por eles de Kala-Hansa, e Brahmâ, o masculino, é chamado de Hansa-Vahana, porque na verdade “seu veículo ou Vahan é um cisne ou ganso (veja o “Hindu Classical Dictionary”). Este é um comentário puramente exotérico. Esotericamente, e do ponto de vista lógico, se Brahma, o infinito, é como os orientistas afirmam, isto é, coerente com os textos vedantas e uma divindade abstrata que não pode ser de modo algum descrita com características humanas, e se é alegado ainda que Brahma é chamado de Kala-Hansa, então de que modo ele poderia jamais tornar-se o Vahan de Brahmâ, o deus manifestado e finito? Ocorre precisamente o contrário. O “Cisne ou Ganso” (Hansa) é o símbolo daquela divindade masculina ou temporária, assim como ele, a emanção do Raio primordial, é descrito como servindo de veículo para aquele Raio divino, que de outra maneira não poderia manifestar-se no Universo, já que é, como numa antífrase, ele próprio uma emanção da “Escuridão”, pelo menos para o nosso intelecto. É Brahmâ, então que corresponde a Kala-Hansa, e o Raio a Hansa-Vahana.

Quanto ao estranho símbolo escolhido, ele é igualmente sugestivo. A sua verdadeira importância mística é a ideia de uma matriz universal, representada pelas águas primordiais do “profundo”, ou a abertura para a recepção e depois para a saída do único raio (o Logos) que contém em si os outros sete raios ou poderes procriativos (os logoi ou construtores). Disso surge a escolha pelos Rosacruz do pássaro aquático - seja cisne ou pelicano <sup>237</sup> -, com sete filhotes, como um símbolo modificado e adaptado à religião de cada país. En-Soph <sup>238</sup> é chamado de “Alma Ígnea do Pelicano” no Livro dos Números <sup>239</sup>. (Veja a Parte II deste volume I, item

---

<sup>237</sup> Que o gênero do pássaro seja *cygnus*, *anser* ou *pelecanus* não importa. É um pássaro aquático flutuando ou movendo-se sobre as águas como o Espírito, e depois surgindo dessas águas para fazer com que outros seres nasçam. A verdadeira importância do símbolo do Grau Dezoito da Rosacruz é precisamente este, embora tenha sido poetizado mais adiante e transformado no sentimento materno do Pelicano que oferece seu peito para alimentar sete filhotes com seu próprio sangue. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>238</sup> En-Soph: o termo também é grafado como “Ain-Soph”. (Nota do Tradutor)

<sup>239</sup> A razão por que Moisés proíbe comer carne de pelicano e de cisne, classificando os dois animais como aves impuras, e permite comer “locustídeos, besouros, e os gafanhotos segundo sua espécie” (Levítico XI, e Deuteronômio, XIV) é puramente fisiológica, e se relaciona com a simbologia mística até onde se refere à palavra “impura”, como qualquer outra palavra, não deve ser entendida literalmente, já que tem sentido esotérico como todo o resto, e pode também significar “sagrado”, ou não. É um modo de despistar, e tem uma

V, “A Divindade Oculta, Seus Símbolos e Glifos”.) En-Soph aparece em cada Manvântara como Narayan, ou Swayambhuva (o Autoexistente), e penetra no Ovo do Mundo, emergindo dele no final da incubação divina como Brahmâ ou Prajapati, um progenitor do futuro Universo, no qual ele se transforma ao expandir-se. Ele é Purusha (espírito), mas ele também é Prakriti (matéria). Portanto, só depois de dividir-se em duas metades - Brahmâ-vach (a fêmea) e Brahmâ-Viraj (o macho) - é que Prajapati se torna o Brahmâ masculino.<sup>240</sup>

## ESTÂNCIA III - continuação.

### **9.A luz é uma chama fria, e chama é fogo, e o fogo produz calor, que produz água; a água da vida na grande mãe (Caos). (a)**

(a) Devemos lembrar que as palavras “Luz”, “Fogo” e “Chama”, usadas nas Estâncias, têm sido adotadas pelos tradutores a partir do vocabulário dos antigos “filósofos do Fogo”<sup>241</sup>, para representar melhor o significado dos termos e símbolos arcaicos empregados no original. De outra maneira, eles teriam permanecido completamente ininteligíveis para o leitor europeu.<sup>242</sup> Mas para um leitor do Oculto os termos usados serão suficientemente claros.

Todas estas ideias - “Luz”, “Chama”, “Quente”, “Frio”, “Calor”, “Água” e “águas da vida” - são, em nosso plano, os filhos ou, como um físico moderno diria, as correlações da ELETRICIDADE. É uma palavra forte e um símbolo ainda mais poderoso! É o gerador sagrado de uma família não menos divina, feita de fogo - o criador, preservador e destruidor -; de luz - a essência de nossos ancestrais divinos -; e de Chama - a Alma das coisas. A Eletricidade, a Vida UNA no degrau superior do Ser, e o Fluido Astral, o Athanor dos Alquimistas, no degrau mais inferior; DEUS e o DEMÔNIO, o BEM e o MAL .....

---

relação muito sugestiva com certas superstições. O povo russo, por exemplo, não usa pombos como alimento, não porque ele seja “impuro”, mas porque considera-se que o Espírito Santo apareceu sob a forma de uma pomba. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>240</sup> Em “Ísis Sem Véu” (Ed. Pensamento, SP, quatro volumes), HPB apresenta uma comparação detalhada dos sistemas cosmológicos Judaico-Caldeu, de um lado, e Hindu, de outro. Veja as pp. 223 e seguintes do volume III. À p. 238 fica claro que, assim como o Brahmâ oriental, o Jehovah judaico é masculino e feminino. (Nota do Tradutor)

<sup>241</sup> Não se trata dos alquimistas medievais, mas dos Magos e adoradores do fogo, dos quais os Rosacruzes ou filósofos *através do fogo*, sucessores dos teurgistas, adquiriram todas as suas ideias em relação ao Fogo como elemento místico e divino. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>242</sup> “Leitor europeu” - isto é, o leitor ocidental. A atual civilização é de origem europeia, sendo filha de civilizações orientais. Nas “Cartas dos Mahatmas” (veja por exemplo as linhas finais da Carta 24, volume I) os Mestres dos Himalaias que colaboraram na produção de “A Doutrina Secreta” com frequência se referem aos cidadãos dos países ocidentais usando o mesmo termo que empregam para designar os cidadãos europeus, “peling”. (Nota do Tradutor)

Então, por que a Luz é chamada de “chama fria” nas Estâncias? Porque na ordem da evolução cósmica (tal como é ensinado pelo Ocultista) a energia que coloca a matéria em ação depois da sua primeira formação como átomos é gerada em nosso plano por calor cósmico; e porque o Cosmos, no sentido de matéria dissociada, não existia antes daquele período. A primeira matéria primordial, eterna e simultânea com Espaço, “que não tem nem um começo nem um final”, não é “quente nem fria mas tem a sua própria natureza especial”, diz o Comentário (Livro II) <sup>243</sup>. Calor e frio são qualidades relativas e pertencem aos reinos dos mundos manifestados, todos os quais procedem do *Hyle* manifestado, o qual, no seu aspecto absolutamente latente, é designado como “a Virgem fria”, e quando despertado para a vida, como “Mãe”. Os mitos cosmogônicos antigos do Ocidente afirmam que no início havia apenas uma neblina fria que era o Pai, e um lodo prolífico (a Mãe, Ilus ou Hyle), de onde rastejou a cobra matéria do Mundo (“Ísis Sem Véu”, Ed. Pensamento, Volume I, p. 217). A matéria primordial, então, antes de emergir do plano que nunca se manifesta e acordar para as vibrações da ação sob o impulso de Fohat, é apenas um “Resplendor frio, sem cor, sem forma, sem gosto, e destituído de qualquer qualidade ou aspecto.” Assim também são os primeiros a nascerem dela, os “quatro filhos”, “que são Um e se tornam Sete” - as entidades por cujas qualificações e nomes os antigos Ocultistas Orientais chamavam os quatro dos sete “centros de Forças” primordiais, ou átomos. Estes centros se desenvolveram mais tarde nos grandes “Elementos” Cósmicos, agora divididos nos setenta ou setenta e dois subelementos conhecidos pela ciência. As quatro naturezas primordiais dos primeiros Dhyan Chohans são (por falta de nomes melhores) a “Akáshica”, a “Etérea”, “a Aquática” e a “Ígnea”. Elas correspondem na terminologia do ocultismo prático às definições científicas dos gases, que são, para transmitir uma ideia que é clara tanto para os ocultistas quanto para os leigos, parahidrogênicos <sup>244</sup>, paraoxigênicos, oxihidrogênicos, e ozônicos, ou talvez Nitr-ozônicos. Estas forças ou gases (em Ocultismo, substâncias acima do mundo sensorial, embora feitas de átomos) são mais eficazes e ativas quando se energizam no plano da matéria mais densamente diferenciada. <sup>245</sup> Estas forças são tanto eletropositivas como eletronegativas.

---

<sup>243</sup> “Livro II”. Esta é muito provavelmente uma menção ao “Livro II” do “*Livro de Dzyan*”, obra esotérica que permanece inédita e é uma das fontes em que se baseia “A Doutrina Secreta”. Veja por exemplo a seguinte referência dada por HPB na p. 107 da presente edição: “(Livro III, Dzyan)”. (Nota do Tradutor)

<sup>244</sup> *παρά*, “além”, fora. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>245</sup> Cada um deles e muitos outros são provavelmente elos perdidos da Química. Eles são conhecidos por outros nomes em Alquimia e por parte dos Ocultistas que usam poderes fenomenais. É ao combinar e recombinar de certa maneira (ou ao dissociar) os “Elementos” por meio do fogo astral que os maiores fenômenos são realizados. (Nota de H. P. Blavatsky)

## ESTÂNCIA III - continuação.

**10.O pai-mãe tece uma rede cuja extremidade superior fica unida ao Espírito (Purusha) - a luz da escuridão una -, e cuja extremidade inferior fica ligada à matéria (Prakriti), o seu aspecto sombrio (do espírito); e esta rede é o universo tecido com as duas substâncias que se tornaram uma, Svabhavat. (a)**

(a) Está escrito no Mandukya (Mundaka) Upanixade: “Assim como a aranha lança sua teia e a recolhe de volta, assim como as ervas brotam no solo ..... assim também o Universo surge daquele que não decai” (I.i.7). Brahmâ, como “o germe da Escuridão desconhecida”, é o material do qual tudo surge e se desenvolve, “assim como a teia da aranha, como a espuma da água”, etc. Isso é claro e verdadeiro, se Brahmâ, o “Criador”, é um termo derivado da raiz *brih*, que significa aumentar ou expandir. Brahmâ “expande” e se torna o Universo, tecido com sua própria substância.

Esta mesma ideia foi belamente colocada por Goethe, que escreveu:

“Assim, eu trabalho no tear extraordinário do Tempo,  
E teço para Deus a vestimenta com a qual você O vê.”

## ESTÂNCIA III - continuação.

**11.Ele (a Teia) se expande quando a respiração do fogo (o Pai) está sobre ele; ele se contrai quando a respiração da mãe (a raiz da matéria) o toca. Então os filhos (os Elementos, com seus respectivos Poderes, ou Inteligências) se separam e se espalham, retornando para o seio de sua mãe ao final do “grande dia”, e formando outra vez uma unidade com ela. Quando ele (a Teia) está esfriando, ele se torna radiante, seus filhos se expandem e contraem através dos seus próprios seres e corações; eles abraçam a infinitude.(a)**

(a) A ideia da expansão do Universo sob a respiração do FOGO é bastante sugestiva quando a relacionamos com o período de “neblina ígnea” do qual a ciência moderna fala com tanta frequência, e do qual sabe na realidade tão pouco.<sup>246</sup>

---

<sup>246</sup> A metáfora mais recente do “Big-Bang” também procura descrever a expansão do Universo desde o plano sutil para o plano denso. Um cientista convencional poderia alegar que o Big-Bang é muito diferente da abordagem de “A Doutrina Secreta” porque ocorreu (do ponto de vista cronológico) em uma fração quase incomparavelmente pequena de um segundo. A isso o teosofista responderá perguntando em primeiro lugar quem *estava lá com um relógio de precisão para medir as frações de segundo* do tempo do pequeno planeta “Terra”. Ou seja, o teosofista perguntará até que ponto o tempo terrestre de hoje pode medir o “tempo” transcorrido durante *o nascimento do Espaço-Tempo*, que é o Universo. Em seguida, o estudante de teosofia lembrará o cientista de que aquela “fração quase incomparavelmente pequena de um segundo” era também *todo o tempo que havia*, no instante do chamado Big-Bang. Aquela “fração de segundo” era portanto também incomparavelmente extensa como “porção de tempo”, e continha em si longas eras. (Nota do Tradutor)

Um grande calor quebra os elementos componentes e reduz os corpos celestes ao seu elemento único primordial, segundo explica o comentário. Uma vez desintegrado e de volta ao seu componente primário por ter caído no campo de atração e no alcance de um foco ou centro de calor (energia), dos quais muitos são arrastados numa e noutra direção no espaço, um corpo, esteja ele vivo ou morto, será vaporizado e mantido “no seio da Mãe” até que Fohat, reunindo alguns dos aglomerados de matéria cósmica (nébulas) dê a ele um impulso que o coloque novamente em movimento, e desenvolva o calor necessário, deixando então que ele avance em seu próprio crescimento.

A expansão e contração da Teia - isto é, dos átomos ou substância do mundo - expressa aqui o movimento de pulsação; porque é a contração e expansão regulares do Oceano infinito e sem praias daquilo que podemos chamar de númeno da matéria emanada por Svabhavat, que causa a vibração universal dos átomos. Mas o fato sugere algo mais. Também demonstra que os antigos estavam familiarizados com aquilo que agora é o quebra-cabeça de muitos cientistas e especialmente dos astrônomos: a causa da primeira ignição da matéria ou substância do mundo, o paradoxo do calor produzido pela contração resfriadora e outros enigmas cósmicos semelhantes. A alusão indica inequivocamente que os antigos tinham conhecimento de tais fenômenos. “Há calor interno e calor externo em cada átomo”, diz o manuscrito dos Comentários, ao qual a autora teve acesso; “a respiração do Pai (ou Espírito) e a respiração (ou calor) da Mãe (matéria)”; e o manuscrito dá explicações mostrando que a teoria moderna da extinção dos fogos solares pela perda de calor através de radiação é errônea.<sup>247</sup> A ideia é falsa até mesmo segundo os próprios cientistas admitem. Conforme o professor Newcomb destaca (“Popular Astronomy”, pp. 506-508)<sup>248</sup>, “ao perder calor, um corpo gasoso se contrai, e o calor gerado pela contração excede o calor que o corpo gasoso perdeu, provocando a contração.” Este paradoxo, de que um corpo se torna mais quente na medida em que a contração produzida pelo seu próprio esfriamento é maior, levou a longas discussões. Argumentou-se que o superavit de calor é perdido por radiação, e supor que a temperatura não cai na mesma medida em que ocorre a redução de volume sob uma pressão constante seria anular a lei de Charles (Teoria Nebular, Winchell). É verdade que a contração produz calor. Mas a contração (provocada por esfriamento) é incapaz de produzir a quantidade de calor que existe em qualquer momento na massa, ou mesmo de manter um corpo em uma temperatura constante, etc. O professor Winchell tenta reconciliar o paradoxo - que só é paradoxo na aparência, conforme Homer Lane comprovou - sugerindo a existência de “algo além do calor”. “Não será possível”, pergunta ele, “que haja simplesmente uma repulsão entre as

---

<sup>247</sup> Através desta frase HPB deixa claro que os manuscritos dos Comentários esotéricos às Estâncias de Dzian, em que ela se baseia para escrever, não são todos antigos. Isso é dito por ela de modo mais direto em uma nota de rodapé à página 97 da edição original em inglês. As Estâncias de Dzian recebem comentários antigos e modernos, no âmbito da literatura oriental de uso restrito aos Iniciados. (Nota do Tradutor)

<sup>248</sup> Edição de 1878, segundo acrescenta Boris de Zirkoff em sua edição de “A Doutrina Secreta”. (Nota do Tradutor)

moléculas, que varia segundo alguma lei da distância?” Mas mesmo isso será reconhecido como irreconciliável, a menos que este “algo além do calor” seja rotulado como “Calor sem Causa”, a “Respiração do Fogo”, a Força todo-criativa somada à INTELIGÊNCIA ABSOLUTA, que a ciência física dificilmente aceitará.

Seja como for, a leitura desta Estância mostra que, apesar da sua linguagem arcaica, ela é mais científica do que a própria ciência moderna.

## ESTÂNCIA III - continuação.

**12. Então Svabhavat manda Fohat para que ele endureça os átomos. Cada um (deles) é uma parte da Rede (o Universo). Refletindo, como espelhos, o “Senhor que Existe Por Si Mesmo” (a Luz Primordial), cada um deles se torna, por sua vez, um mundo.<sup>249</sup> .....**

“Fohat endurece os átomos”, isto é, coloca energia no interior deles; Fohat espalha os átomos ou matéria primordial. “Ele se espalha enquanto espalha matéria pelos átomos.” (Do manuscrito dos Comentários.)

É através de Fohat que as ideias da Mente Universal são impressas na matéria. Pode-se alcançar uma vaga ideia da natureza de Fohat através da expressão “Eletricidade Cósmica”, que é aplicada a ele algumas vezes. Mas neste caso, além das propriedades da eletricidade que são normalmente conhecidas, deve-se atribuir a Fohat mais algumas, inclusive a inteligência. Cabe registrar que a ciência moderna chegou à conclusão de que toda atividade cerebral é assistida por fenômenos elétricos. (*Para mais detalhes em relação a “Fohat”, veja a Estância V e seus Comentários.*)

## ESTÂNCIA IV COMENTÁRIO <sup>250</sup>

**1. Filhos da Terra, escutem vocês, aos seus instrutores - os Filhos do Fogo. (a)  
Aprendam que não existe nem primeiro nem último, pois tudo é um número,  
saído do não-número. (b)**

---

<sup>249</sup> Isso é afirmado no sentido de que a chama de um fogo não tem fim, e as luzes de todo o Universo poderiam ser acesas em uma só vela sem que a luz dela ficasse diminuída. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>250</sup> Neste ponto, estamos no alto da página 86 do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

(a) Estas expressões, “Filhos do Fogo”, “Filhos da Névoa Ígnea” e termos similares, requerem uma explicação. Estão ligadas a um grande mistério universal e primordial, que não é fácil tornar compreensível. Há uma passagem no *Bhagavad Gita* (capítulo 8) em que Krishna, falando de modo simbólico e *esotérico*, diz:

“Direi o tempo (as condições) ..... em que os devotos que partem (desta vida) fazem isso para nunca voltar (sem ter nunca mais que renascer) ou para voltar (renascer). O Fogo, a Chama, o dia, a quinzena luminosa (afortunada) <sup>251</sup>, os seis meses do solstício do Norte: partindo (morrendo) nestas condições, aqueles que conhecem o Brahman (Iogues) vão para o Brahman. Fumaça, noite, a quinzena escura (desafortunada), os seis meses do solstício do Sul: (morrendo) nestas condições, o devoto vai para a luz lunar (ou mansão da luz astral, também) e retorna (renasce). Afirma-se que estes dois caminhos, claro e escuro, são eternos neste mundo (ou grande kalpa, ‘Era’). Através de um deles o homem nunca voltará, através do outro, ele voltará.”

Estes termos, “Fogo”, “Chama”, “Dia”, “quinzena luminosa”, etc., assim como “Fumaça”, “Noite” e assim sucessivamente, que se referem ao final do caminho lunar, são incompreensíveis sem um conhecimento esotérico. Estes são *todos nomes de várias divindades* que presidem os Poderes Cosmo-psíquicos. Nós falamos com frequência da Hierarquia de “Chamas” (ver o volume II da presente obra), dos “Filhos do Fogo”, etc. Segundo o maior mestre esotérico da Índia, Shankaracharia, o *fogo* simboliza uma divindade que preside o Tempo (kala). O eficiente tradutor do *Bhagavad Gita*, Kashinâth Trimbak Telang, M. A., de Mumbai <sup>252</sup>, confessa “não ter uma noção clara do significado destes versos” (p. 81, nota de rodapé). Eles parecem, ao contrário, muito claros para quem conhece a doutrina oculta. Estes versos estão ligados ao sentido místico dos símbolos solares e lunares: os Pitris são divindades *lunares* e são nossos ancestrais, porque eles *criaram o homem físico*. Os Agnishwatha, os Kumaras (os sete sábios místicos), são divindades solares, embora os mencionados mais acima sejam Pitris também; os Kumaras são os “formadores do homem *interno*”. (Veja o volume II.) Eles são:

“Os Filhos do Fogo” - porque são os primeiros Seres (na Doutrina Secreta eles são chamados de “Mentes”) saídos do Fogo Primordial. “O Senhor é um Fogo que consome” (Deuteronômio, 4, 24); “O Senhor (Cristos) se manifestará com os anjos do seu poder em chama de fogo” (2 Tessalonicenses, 1, 7-8). O Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos como “línguas de fogo” (Atos, 2: 3); Vishnu retornará em *Kalki*, o Cavalo Branco, na condição de último avatar, em meio a fogo e chamas; e

---

<sup>251</sup> Alusão simbólica ao ciclo lunar, durante metade do qual a luz da lua cresce de intensidade. (Nota do Tradutor)

<sup>252</sup> No original, *Bombay* (*Bombaim* em português), o nome antigo da cidade. O mesmo tradutor traduziu *Anugita*, que HPB cita algumas linhas mais adiante. (Nota do Tradutor)

*Sosiosh*<sup>253</sup> virá igualmente cavalgando um Cavalo Branco, em um “tornado de fogo”. “Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco, e o seu cavaleiro ..... se chama o Verbo de Deus” (Apocalipse, 19: 11-13); os seus olhos são chama de fogo. O Fogo é a forma mais pura de Éter, e por isso não é considerado matéria, mas constitui a unidade do Éter - a segunda divindade manifestada - em sua universalidade. Mas há dois “Fogos”: os ensinamentos Ocultos fazem uma distinção entre eles. O primeiro é o Fogo puro, *sem Forma e invisível*, oculto no *Sol Central Espiritual*. Afirma-se que ele é “tríplice” (metafisicamente), enquanto o Fogo do Cosmos manifestado é setenário em todo o Universo e em nosso sistema solar. “O fogo ou conhecimento queima todas as ações no plano da ilusão”, diz o comentário. “Portanto, aqueles que o adquiriram e se emanciparam são chamados de ‘Fogos’.” Falando dos *sete* sentidos simbolizados como *Hotris*, sacerdotes, o brâmane diz em *Anugita*: “Assim estes *sete* (sete sentidos; cheiro e gosto, e cor, e som, etc., etc.) são as causas da emancipação”; e o comentador acrescenta: “É destes sete que o Ser deve emancipar-se. O ‘Eu’ (que é destituído de qualidades) deve ser o eu superior e não o brâmane que fala.” (*Anugita*, “Sacred Books of the East”, ed. by Max Müller, vol. VIII, p. 278.)<sup>254</sup>

(b) A expressão “tudo é um número, saído do não-número” está relacionada com aquele princípio universal e filosófico explicado pouco acima, na Estância III, comentário 4. Aquilo que é absoluto é naturalmente o Não-Número; mas no seu significado posterior ele é aplicado tanto no Espaço como no Tempo. Como resultado, não só todo aumento de tempo é parte de um aumento mais amplo - até a duração mais indefinidamente prolongada que o intelecto humano possa conceber -, mas, também, qualquer coisa que pertença ao mundo manifestado terá de ser pensada como parte de um todo maior: o todo acumulado é o Único Universo manifestado que sai do Absoluto ou imanifestado, chamado de Não-Ser ou “Não-Número” para distingui-lo do SER ou “Único Número”.

## ESTÂNCIA IV - continuação.

### **2. Aprendam o que nós, que descendemos do Sete Primordial, nós, que nascemos da Chama Primordial, aprendemos dos nossos Pais. (a)**

(a) Isso é explicado no volume II, e este nome, “Chama Primordial”, corrobora o que foi afirmado no primeiro parágrafo no Comentário anterior sobre a Estância IV.

---

<sup>253</sup> Sosioh; profeta de Ormuzd no zoroastrismo; libertador do mundo; símbolo de um fluir de energias divinas nos corações humanos que se atribui ao fim do ciclo atual. (“Dictionary of All Scriptures & Myths”, G. A. Gaskell.) (Nota do Tradutor)

<sup>254</sup> A obra *Anugita* foi editada também por Wizards Bookshelf, EUA, em 1981. Os *sete* sentidos que *Anugita* menciona são, além dos cinco sentidos físicos, o *pensamento* e a *compreensão*. (Nota do Tradutor)

A diferença entre o “Primordial” e os sete Construtores subsequentes é que o Primordial é o Raio e a emanção direta do primeiro “Quatro Sagrado”, a *Tétrade*<sup>255</sup>, isto é, o Um eternamente Autoexistente (Eterno em *Essência*, tenhamos isso claro, e não em sua manifestação, e diferente do UM universal). Latente durante o Pralaya e ativo durante o Manvântara, o “Primordial” surge do “Pai-Mãe” (Espírito-Hyle ou *Illus*); enquanto o outro Quaternário manifestado e o Sete surgem somente da Mãe. Esta última é a imaculada Virgem-Mãe, que é influenciada - não impregnada - pelo MISTÉRIO Universal quando ela emerge do seu estado de Laya ou condição indiferenciada. Na realidade, eles são todos um, é claro; mas os seus aspectos nos vários planos de existência são diferentes. (Veja a Parte II deste Volume I, “A Teogonia dos Deuses Criadores”.)

O primeiro “Primordial” reúne os Seres mais elevados na Escala da Existência. Eles são os Arcanjos do Cristianismo, aqueles que se recusam - como o Miguel dos cristãos e os “filhos mais velhos nascidos da Mente” de Brahmâ (Veddhas) - a criar, ou mais precisamente a multiplicar.

## ESTÂNCIA IV - continuação.

**3. Do resplendor da luz - o raio da eterna escuridão - surgiram no espaço as energias despertadas outra vez (*Dhyan Chohans*); o um do ovo, o seis, e o cinco. (a) E então o três, o um, o quatro, o um, o cinco - o duas vezes sete, a soma total. (b) E estas são as essências, as chamas, os elementos, os construtores, os números, os arupa (*sem forma*), os rupa (*com corpos*) e a força do Homem Divino - a soma total. E do Homem Divino emanaram as formas, as centelhas, os animais sagrados, e os mensageiros dos Pais Sagrados (*os Pitris*) (c) dentro do Quatro Sagrado.<sup>256</sup>**

(a) Isso se relaciona com a Ciência sagrada dos Numerais: tão sagrada, na verdade, e tão importante no estudo de Ocultismo, que o assunto dificilmente pode ser esboçado, mesmo em uma obra tão larga como esta. É sobre a base das Hierarquias e dos números corretos destes Seres (para nós) invisíveis, exceto em ocasiões muito raras, que é construído o Universo inteiro em seu mistério. Os *Kumaras*, por exemplo, são chamados de “Os Quatro” embora na verdade sejam sete, porque Sanaka, Sananda, Sanatana e Sanat-Kumara são os principais Vaidhatra (nome

---

<sup>255</sup> Tétrade: *Tetraktis*, no original. (Nota do Tradutor)

<sup>256</sup> O 4 é representado nos numerais Ocultos pela Tétrade, o Quadrado Sagrado ou Perfeito. Trata-se de um Número Sagrado para os místicos de todas as raças e nações. Tem o mesmo significado para o bramanismo, o budismo, a cabala e os sistemas numéricos egípcio, caldeu e outros. (Nota de H. P. Blavatsky)

patronímico <sup>257</sup> deles), já que surgem do “mistério quádruplo”. Para tornar o tema todo mais claro devemos usar como ilustração princípios bramânicos, que são mais conhecidos de alguns dos nossos leitores.

De acordo com o Manu, Hiranyagarbha é Brahmâ, *o primeiro ser masculino* formado pela imperceptível CAUSA Sem Causa em um “Ovo Dourado tão resplandecente como o Sol”, conforme o *Hindu Classical Dictionary*. “Hiranyagarbha” significa Ventre ou Ovo “Dourado” ou, mais precisamente, “Resplandecente”. O significado não combina bem com o adjetivo “masculino”. Seguramente o significado esotérico da frase é bastante claro. No Rig Veda está dito: “AQUILO, o único Senhor de todos os seres ..... o princípio animador único de deuses e homens”, ergueu-se, no começo, no Ventre Dourado, Hiranyagarbha, que é o Ovo do Mundo ou a esfera do nosso Universo. Este Ser é seguramente andrógino, e a alegoria de Brahmâ dividindo-se em duas metades e recriando a si mesmo como Viraj em uma das suas metades (a feminina Vach <sup>258</sup>) é uma comprovação disso.

As palavras “o Um do Ovo, o Seis e o Cinco” formam o número 1065, o valor do primogênito (mais tarde o Brahmâ-Prajapati masculino e feminino), que responde aos números 7, e 14, e 21, respectivamente. Os Prajapati são, como os Sefiotes, apenas sete, incluindo a Sefira sintética da tríade da qual eles surgem. Assim, de Hiranyagarbha ou Prajapati, o *triuno* (a Trimurti védica primordial, Agni, Vayu, e Surya), emanam os outros sete, ou dez, se separarmos os primeiros três que existem em um, e um nos três. Todos eles, além disso, estão incluídos no único e “supremo” Parama, chamado de Guhya ou “segredo”, e de Sarvatma, a Super-Alma. “Os sete Senhores do Ser estão ocultos em Sarvatma como pensamentos em um cérebro.” O mesmo ocorre com os Sefiotes. Eles são sete, quando contamos desde a Tríade superior encabeçada por Keter - ou dez, exotericamente. No Mahabharata, os Prajapati são 21 em número, ou dez, seis e cinco (1065), três vezes sete.<sup>259</sup>

---

<sup>257</sup> Nome patronímico - no sentido convencional, sobrenome de família, especialmente sobrenome paterno. Neste caso, a palavra não deve ser interpretada no sentido literal. (Nota do Tradutor)

<sup>258</sup> *Vach* - do sânscrito: som, voz, palavra, “Verbo”, veículo do pensamento divino. O Universo é uma manifestação de Vach. (*Encyclopedic Theosophical Glossary*.) (Nota do Tradutor)

<sup>259</sup> Na Cabala os mesmos números representam Jeová, isto é, 1065, já que os valores numéricos das três letras que compõem o seu nome - Jod, Vau e duas vezes He -, são respectivamente 10 ( י ), 6 ( ו ) e 5 ( ה ) ou, novamente, três vezes sete, 21. “O Dez é a Mãe da Alma, porque a Vida e a Luz estão unidas nele”, diz Hermes. “Porque o número um nasce do Espírito e o número dez da matéria (o caos, o feminino); a unidade fez o dez, e o dez, a unidade” (*O Livro das Chaves*). Através da Temura, o método anagramático da Cabala, e do conhecimento de 1065 (21), pode ser obtido um conhecimento universal em relação ao Cosmos e seus mistérios (Rabino Yogel). Os rabinos consideram os números 10, 6 e 5 como os mais sagrados entre todos. (Nota de H. P. Blavatsky)

(b) “O Três, o Um, o Quatro, o Um, o Cinco” (em sua totalidade - duas vezes sete) representam o 31415 - a hierarquia numérica dos Dhyán-Chohans de vários tipos, e do mundo interior ou circunscrito.<sup>260</sup> Quando colocados na fronteira do grande círculo do “Não-Passem” (veja a Estância V) chamado também de Dhyánipasa, “a corda dos Anjos”, a “corda” que separa o cosmos fenomênico do cosmos numenal (que não está ao alcance da nossa atual consciência objetiva); este número, quando não é ampliado por permutação e expansão, é sempre 31415 anagramaticamente e cabalisticamente, e é tanto o número do círculo quanto o da Suástica mística <sup>261</sup>, o duas vezes sete renovado; porque, seja qual for a maneira como os dois conjuntos de números sejam contados, quando são somados separadamente, um número depois do outro, seja da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda, eles sempre somam catorze. Matematicamente, representam o famoso cálculo segundo o qual a razão entre o diâmetro e a circunferência de um círculo é a de 1 para 3,1415, ou o valor do  $\pi$  ( $\pi$ ), como é conhecida esta razão. O símbolo  $\pi$  é sempre usado em fórmulas matemáticas para expressar este fato. Este conjunto de números deve ter o mesmo significado, já que o 1 : 314,159 , e depois novamente 1 : 3 : 1,415,927 são trabalhados nos cálculos secretos de modo a expressar os vários ciclos e eras do “primogênito”, ou 311.040.000.000.000 com frações, e de modo a produzir o mesmo 13,415 por um processo que não abordaremos no momento. E pode ser demonstrado que o Sr. Ralston Skinner, autor de *The Source of Measures (A Origem das Medidas)*, lê a palavra hebraica *Alhim* com os mesmos valores numéricos, omitindo, como foi dito, os zeros e por permutação, 13,514: já que א (a) é 1: ל (l) é 3 (ou 30); ה (h) é 5; י (i) 1 para 10; e מ (m) é 4 (40), e anagramaticamente é 31,415 segundo explicado por ele.

Assim, enquanto no mundo metafísico o círculo com um Ponto central em si não tem número e é chamado de Anupadaka (sem pais e sem números) - não podendo ser sujeito a cálculos - no mundo manifestado o Ovo ou Círculo do mundo é circunscrito dentro dos grupos chamados de a Linha, o Triângulo, o Pentagrama, a segunda Linha e o Cubo (ou 13514); e quando o Ponto, tendo gerado uma Linha, se transforma num diâmetro que representa o Logos Andrógino, então os números se tornam 31415, ou um triângulo, uma linha, um cubo, a segunda linha, e um pentagrama. “Quando o Filho se separa da Mãe ele se torna o Pai”; o diâmetro representa a Natureza, ou princípio feminino. Afirma-se, portanto: “No mundo do ser, o Ponto único tem como fruto a Linha - a Matriz virgem do Cosmo (o zero com forma de ovo) - e a Mãe imaculada dá à luz a forma que combina todas as formas.”

---

<sup>260</sup> Um cabalista norte-americano descobriu recentemente que o mesmo número é válido para os Elohim. Este dado veio desde os Caldeus para os judeus. Veja “Hebrew Metrology”, na revista maçônica (Masonic Review) de julho de 1885, McMillan Lodge, número 141. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>261</sup> *Suástica*. A suástica é um antigo símbolo sagrado do hinduísmo e do budismo, que foi distorcido pelos nazistas durante o século 20 e usado por eles enquanto promoviam crimes contra a humanidade. Veja o artigo “O Significado da Suástica”, de Joaquim Soares. Leia também os textos “A Teosofia e a Segunda Guerra Mundial” e “Blavatsky, ONU e Democracia”, de Carlos Cardoso Aveline. Todos eles estão disponíveis em nossos websites associados. (Nota do Tradutor)

Prajapati é qualificado como o primeiro macho procriador e visto como “o marido da sua Mãe”.<sup>262</sup> Isto estabelece a nota-chave para todos os filhos divinos de mães imaculadas que vêm depois. O fato é fortemente corroborado por outra circunstância: Ana (a mãe da Virgem Maria) é agora descrita pela igreja católica romana como tendo dado à luz sua filha de modo imaculado (“Maria concebida sem pecado”). O nome *Ana* é derivado do idioma caldeu, no qual significa *céu*, ou *Luz Astral*, *Anima Mundi*; de onde vem o fato de que *Anaitia*, *Devi-durga*, a esposa de Shiva, é também chamada de Annapurna, e de Kanya, a Virgem; “Uma-Kanya” é o nome esotérico dela e significa “a Virgem de luz”. A Luz Astral é um dos seus múltiplos aspectos.

(c) Os Devas, Pitris, Rishis; os Suras e os Asuras; os Daityas e Adityas; os Danavas e os Gandharvas, etc., todos têm os seus sinônimos em nossa Doutrina Secreta, assim como na Cabala e na Angeologia Hebraica; mas é inútil indicar os seus nomes antigos, porque isso apenas criaria confusão. Muitos deles também podem ser encontrados agora, mesmo na hierarquia cristã de poderes divinos e celestiais. Todos os Tronos e Domínios, Virtudes e Principados, Querubins, Serafins e demônios, os vários habitantes do Mundo Sideral, são as cópias modernas dos protótipos arcaicos. O próprio simbolismo dos seus nomes, quando transliterado e arranjado em grego e latim, é suficiente para demonstrar este fato, conforme comprovaremos em vários casos mais adiante.

Os “Animais Sagrados” são mencionados na Bíblia e na Cabala, e têm seu significado (muito profundo) mencionado na página das origens da Vida. O Sepher Jezirah afirma que “Deus gravou no Quatro Sagrado o trono da sua glória, as Ofanim<sup>263</sup> (rodas ou esferas do mundo), os serafins<sup>264</sup>, os Animais Sagrados e os anjos servidores, e a partir destes três (o Ar, a Água e o Fogo ou Éter) ele formou

---

<sup>262</sup> Encontramos a mesma expressão no Egito. A palavra *Mout* significa “Mãe”, entre outras coisas, e demonstra o personagem atribuído a esta instância divina na tríade daquele país. Ela era tanto a mãe como a esposa de Ammon, e um dos principais títulos do deus era o de “marido da sua mãe”. A deusa *Mout*, ou *Mût*, é chamada de “nossa senhora”, de “rainha do céu” e “da Terra”, e ela “compartilha estes títulos com outras deusas-mães como Ísis, Hathor, etc.” (Maspero) (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>263</sup> Ofanim, termo hebraico. (Nota do Tradutor)

<sup>264</sup> Esta é a tradução literal das Seções IX e X: “Dez números sem o quê? Um: o espírito do Deus vivo ..... que vive em eternidades! Voz e Espírito e Palavra, este é o Espírito Santo. Dois: Espírito que sai do Espírito. Ele definiu e esculpiu toscamente em seguida vinte e duas letras fundamentais, três Mães, sete duplos e Doze individuais, e um espírito a partir deles. Três: Água a partir do espírito; ele definiu e esculpiu toscamente o estéril e o vazio, a lama e a terra. Ele os chamou de canteiro de flores, formou-os como um muro, cobriu-os com um revestimento. Quatro: O fogo a partir da água. Ele definiu e esculpiu toscamente com isso o trono da glória e as rodas, e os serafins e os animais sagrados e os anjos servidores, e com os três Ele criou sua moradia, segundo afirma-se; Ele transforma seus anjos em espíritos e seus servidores em chamas de fogo!” As palavras acima “criou sua moradia” mostram claramente que na Cabala, assim como na Índia, a Divindade era definida como o Universo, e não era, originalmente, o Deus extracósmico de agora. (Nota de H. P. Blavatsky)

sua habitação.” Assim, o mundo foi feito “através de três Serafins - Sefer, Safar e Sipur”, ou “através do Número, dos Números, e dos Numerados”. Com a chave astronômica estes “Animais Sagrados” se tornam os signos do Zodíaco.

## ESTÂNCIA IV - continuação.

**4. Este foi o Exército da Voz - o Setenário Divino.<sup>265</sup> As centelhas dos sete são súditas e servidoras do primeiro, do segundo, do terceiro, do quarto, do quinto, do sexto e do sétimo dos sete. (a) Estas (“centelhas”) são chamadas de esferas, triângulos, cubos, linhas, e modeladores; porque assim permanece o Eterno Nidana, o Oi-Ha-Hou (a permutação do Oeaohoo). (b) <sup>266</sup>**

(a) Este Sloka faz novamente uma breve análise das Hierarquias dos Dhyan Chohans, que são chamados de Devas (deuses) na Índia e constituem os poderes inteligentes conscientes na Natureza. A esta Hierarquia correspondem os tipos reais em que a humanidade pode ser dividida; porque a humanidade, como um todo, é na verdade uma expressão material embora ainda imperfeita desta Hierarquia.

“Exército da Voz” é uma expressão intimamente ligada ao mistério do Som e da Fala, na condição de efeito e corolário da sua causa, o Pensamento Divino. Como foi belamente colocado por P. Christian, o erudito autor de “The History of Magic” e de “L’Homme Rouge des Tuileries”, as palavras que cada indivíduo diz, assim como o seu nome, determinam em grande parte o seu destino futuro. Por que motivo? Pelo seguinte:

“Quando sua Alma (mente) cria ou evoca um pensamento, o sinal representativo desta ideia é autorregistrado no fluido astral, que é o receptáculo e, de certo modo, o espelho de todas as manifestações da existência.”

“O sinal expressa a coisa: a coisa é a virtude (oculta ou invisível) do sinal.”

---

<sup>265</sup> A transcrição das Sete Estâncias feita nos Comentários não é sempre literal, e às vezes difere de modo significativo da versão das mesmas Estâncias apresentada mais acima. Uma comparação mostrará ao leitor mais de uma diferença significativa entre as duas versões deste item 4 da Estância IV. Neste ponto, por exemplo, onde se lê “Setenário Divino”, na primeira versão das sete estâncias HPB diz “a mãe divina dos sete”. Esta diferença, desconcertante para o leitor mais atento, serve, no entanto, como lembrete de um fato oculto da maior importância: a versão original das Estâncias, a que HPB teve acesso, pode ser traduzida de várias maneiras e não de uma só. HPB preferiu a flexibilidade ao traduzi-las. Assim ela evitou eliminar o Mistério e não escondeu o caráter transcendente de um ensinamento multidimensional, que não pode ser reduzido às palavras e expressões de um idioma do Ocidente. (Nota do Tradutor)

<sup>266</sup> O significado literal da palavra, entre os Ocultistas Orientais do Norte, é um vento circular, ou redemoinho; mas, neste caso, o termo simboliza o Movimento Cósmico eterno e incessante; ou, mais precisamente, a Força que o movimenta, Força que é tacitamente aceita como a Divindade, mas nunca de modo ostensivo. É a eterna *Karana*, a Causa que atua sempre. (Nota de H. P. Blavatsky)

“Pronunciar uma palavra é evocar um pensamento, e torná-lo presente: a potência magnética da fala humana é o começo de toda manifestação no Mundo Oculto. Dizer um Nome é não só definir um Ser (uma Entidade) mas também colocá-lo sob a influência e condená-lo à influência de uma ou mais potências Ocultas através da emissão da Palavra (Verbum). Para cada um de nós, as coisas são aquilo que (a Palavra) faz com que sejam, enquanto as nomeia. A Palavra (Verbum) ou a fala de todo ser humano é, de modo muito inconsciente para ele próprio, uma BÊNÇÃO ou uma MALDIÇÃO; e por esse motivo a nossa ignorância atual em relação às propriedades ou características da IDEIA, assim como em relação às características e propriedades da MATÉRIA, é frequentemente fatal para nós.”

“Sim, os nomes (e as palavras) são BENÉFICOS ou MALÉFICOS; eles são, em certo sentido, venenosos ou curativos, conforme as influências ocultas que a Suprema Sabedoria associou aos elementos deles, isto é, às LETRAS que os compõem, e os NÚMEROS correlacionados com estas letras.”

Isso é estritamente verdadeiro e é aceito como um ensinamento esotérico por todas as Escolas Orientais de Ocultismo. No alfabeto sânscrito, assim como no alfabeto hebraico e outros, cada letra tem o seu significado oculto e sua explicação; constitui uma causa e um efeito de uma causa anterior, e uma combinação de letras frequentemente produz um efeito extremamente mágico. As vogais, especialmente, contêm as potências mais ocultas e formidáveis. Os Mantras (esotericamente mais mágicos que religiosos) são cantados pelos brâmanes, e eles fazem o mesmo com os Vedas e outras escrituras.

O “Exército da Voz” é o protótipo da “Hoste do Logos”, ou a “PALAVRA” do Sepher Jezirah, chamada na Doutrina Secreta de “o Número Único, saído do Não-Número” - o Eterno Princípio Único. A teogonia esotérica começa com o Um, manifestado, e portanto não eterno em sua presença e em seu ser, embora seja eterno em sua essência; o número dos números e dos numerados, estes últimos procedendo da Voz, a Vach feminina, Satarupa “das cem formas”, ou Natureza. É deste número 10, ou natureza criativa, a Mãe, que o universo inteiro emergiu. (O algarismo oculto, ou “nada”, sempre procria e multiplica em união com a Unidade, “I”, um, ou o Espírito da Vida.)

Em *Anugita* é dado o diálogo (capítulo VI, 15) entre um brâmane e sua esposa sobre a origem da Fala e as suas propriedades ocultas.<sup>267</sup> A esposa pergunta como a Fala passou a existir, e qual surgiu primeiro, a Fala ou a Mente. O brâmane diz a ela que quando o Apana (*respiração inspiracional*) se torna senhor, muda aquela inteligência que não compreende a Fala ou as Palavras e a leva para o estado de Apana, abrindo assim a mente. Então ele conta a ela uma história, um diálogo entre a Fala e a Mente.

---

<sup>267</sup> O *Anugita* faz parte do Asvamedha Parvan do “Mahabharata”. O tradutor do Bhagavad Gita, obra editada por Max Müller, vê o *Anugita* como uma continuação do Bhagavad Gita. O seu original é um dos Upanixades mais antigos. (Nota de H. P. Blavatsky)

“Ambas foram até o Eu do Ser <sup>268</sup> (*isto é*, ao Eu Superior individual, segundo Nilakantha pensa, ou a Prajapati, de acordo com o comentador Arjuna Misra) e pediram a ele para eliminar as suas dúvidas e decidir qual delas era superior à outra. A isso o senhor respondeu: ‘A Mente é superior’. Mas a Fala argumentou com o Eu do Ser: ‘Na verdade eu é que cedo aos seus desejos’, querendo dizer que ele conseguia o que queria através da fala. Então, novamente, o Eu disse a ela que há duas mentes, a ‘móvel’ e a ‘imóvel’. ‘A imóvel está comigo’, disse ele, ‘a móvel está sob seu domínio’ (isto é, sob controle da Fala), no plano da matéria. A este plano você é superior. Mas levando em conta que você, ó bela, veio até mim (do modo como veio, isto é, com orgulho), por este motivo, ó Sarasvati!, você nunca falará depois de uma exalação (completa)’.”

“A deusa da Fala” (Sarasvati, que é uma forma ou aspecto tardio de Vach, deusa também do conhecimento secreto ou Sabedoria Esotérica) “verdadeiramente ficava sempre entre o Prana e o Apana. Mas ó ser nobre! Indo com o vento Apana (o ar vital), ainda que impelido, sem o Prana (respiração expiracional), ela correu até Prajapati (Brahma) dizendo: ‘Esteja contente, ó venerável senhor!’ Então o Prana apareceu novamente, dando alimento à Fala. E, por isso, a Fala nunca toma a palavra depois de uma exalação (completa ou inspiracional). É sempre ruidosa ou sem ruído. Destas duas, a sem ruído é superior à (Fala) ruidosa ..... A (fala) que é produzida no corpo através do Prana, e que então segue para (é transformada em) Apana, e depois, sendo assimilada com os Udana (órgãos físicos da Fala)..... finalmente se fixa em Samana (‘no umbigo em forma de som, como causa material de todos os mundos’, diz Arjuna Misra). Assim falava a Fala anteriormente. Por isso a Mente se distingue pelo fato de ser imóvel, e a Deusa (a Fala) pelo fato de ser móvel.”

Esta imagem simbólica está na raiz da lei Oculta, que recomenda silêncio sobre o conhecimento de certas coisas secretas e invisíveis, que são perceptíveis apenas para a mente espiritual (o sexto sentido), e que não podem ser expressas através da fala “ruidosa” ou pronunciada. Este capítulo de *Anugita* <sup>269</sup> explica, segundo Arjuna Misra, o Pranayama, ou a regulação da respiração nas práticas da Ioga. Esta prática, no entanto, sem a prévia aquisição ou pelo menos completa compreensão dos dois sentidos mais elevados - dos quais há sete, conforme será demonstrado -, pertence propriamente à Ioga inferior. A chamada *Hatha* Ioga era e ainda é desaprovada pelos Arhats. Ela é prejudicial à saúde <sup>270</sup> e sozinha nunca pode transformar-se em Raja Ioga. A história acima é mencionada para mostrar como os seres inteligentes, ou

---

<sup>268</sup> “Eu do Ser”. No original em inglês, “Self of Being”. (Nota do Tradutor)

<sup>269</sup> Capítulo Seis. Os comentários de Arjuna Misra fazem parte da edição de *Anugita* que HPB está citando. (Nota do Tradutor)

<sup>270</sup> A Hatha Yoga praticada comumente no século 19 era inclinada a exageros e portanto prejudicial à saúde. Na Hatha Ioga, são perigosos e altamente desaconselháveis os exercícios de retenção da respiração. No entanto, cabe lembrar que os ásanas de Ioga, as suas posturas ou a ginástica propriamente dita, fazem parte dos Ioga Sutras de Patañjali, o tratado mais importante de Raja Ioga. (Nota do Tradutor)

mais precisamente as “Inteligências”, estão inseparavelmente conectados, na metafísica dos tempos antigos, com todos os sentidos ou funções, sejam físicos ou mentais. A afirmação do Ocultismo de que há sete sentidos no homem e na natureza, assim como há sete estados de consciência, é corroborada no capítulo sete da mesma obra, sobre Pratyahara (a restrição e a regulação dos sentidos, enquanto que Pranayama é a restrição dos “ventos vitais” ou respiração). O brâmane fala sobre “a instituição dos sete Sacerdotes sacrificiais (Hotris)”. Ele diz: “O nariz e os olhos, e a língua, e a pele, e o ouvido como o quinto (ou odor, vista, paladar, tato e audição), e mente e a compreensão constituem os sete sacerdotes sacrificiais vistos separadamente”; os quais, “morando em um espaço pequeno, (ainda) não percebem uns aos outros”, neste plano sensorial, nenhum deles faz isso exceto a mente. Porque a mente diz: “O nariz não sente cheiro sem mim, os olhos não percebem uma cor, etc., etc. Eu sou o eterno chefe entre todos os elementos (isto é, sentidos). Sem mim, os sentidos nunca brilham, como se fossem uma casa vazia ou como fogueiras cujas chamas estão apagadas. Sem mim, todos os seres, como combustível meio seco e meio úmido, são incapazes de perceber qualidades ou objetos mesmo enquanto os sentidos estão em atividade.”<sup>271</sup>

Isso se refere, é claro, apenas à *mente que atua no plano sensorial*. A mente espiritual (a parte ou aspecto superior de MANAS *impessoal*) não toma conhecimento dos sentidos do homem físico. A extrema familiaridade dos antigos com a correlação de energias e com todos os fenômenos recentemente descobertos na área das funções e faculdades mentais e físicas - e com muitos outros mistérios também - pode ser constatada nos capítulos VII e VIII desta obra, cujo valor, em filosofia e conhecimento místico, é inestimável. Veja a disputa entre os sentidos em torno da sua respectiva superioridade e o fato de que eles adotaram Brahman, o senhor de todas as criaturas, como seu árbitro. “Vocês são todos os maiores e não maiores”, ou superiores aos objetos, como A. Misra afirma, pois nenhum é independente dos outros. “Vocês todos possuem as qualidades uns dos outros. Todos são os maiores em suas próprias esferas e todos apoiam uns aos outros. Há um que não oscila (o vento vital ou respiração vital, a chamada ‘*inalação da Ioga*’, que é a respiração do *Um* ou do EU Superior). Este é o (ou o meu) EU em si mesmo, acumulado em várias (formas).”

Esta Respiração, Voz, Eu ou “Vento” (*pneuma?*) é a Síntese dos Sete Sentidos, *numenalmente* todas as divindades menores; e, esotericamente, o *setenário* e o “Exército da VOZ”.

(b) A seguir vemos a matéria Cósmica espalhando-se e transformando-se nos elementos, agrupados no quatro místico dentro do quinto elemento - o Éter, o tecido interno do Akasha, a Anima Mundi ou Mãe do Cosmos. “Pontos, Linhas, Triângulos, Cubos, Círculos”, e finalmente “Esferas” - por quê, ou como? Porque,

---

<sup>271</sup> Isso mostra que os metafísicos modernos, inclusive todos os Hegels, Berkeleys, [Arthur] Schopenhauers, [Karl Robert Eduard von] Hartmanns, e Herbert Spencers presentes e passados, e mesmo os modernos Hylo-Idealistas, não são melhores que os modestos copistas da antiguidade remota. (Nota de H. P. Blavatsky)

diz o Comentário, esta é a primeira lei da Natureza, e porque a Natureza geometriza universalmente em todas as suas manifestações. Há uma lei inerente, não só na matéria primordial, mas também na matéria manifestada do nosso plano fenomênico, pela qual a Natureza correlaciona as suas formas geométricas e, mais tarde, os seus elementos compostos; e nisso não há lugar para acasos ou acontecimentos ao azar. Uma lei fundamental do Ocultismo afirma que não existe descanso ou ausência de movimento na Natureza.<sup>272</sup> Aquilo que parece ser um repouso é apenas a mudança desde uma forma para outra; a mudança de substância acontece passo a passo com a mudança de forma - segundo aprendemos no estudo da Física Oculta, que parece ter antecipado em muito a descoberta da “conservação da matéria”<sup>273</sup>. Diz o antigo Comentário<sup>274</sup> à Estância IV:

*“A Mãe é o ígneo Peixe da Vida. Ela espalha as suas ovas, e a Respiração (o Movimento) as aquece e as anima. Os grãos (das ovas) são atraídos em seguida uns pelos outros e formam os coágulos no Oceano (do Espaço). Os aglomerados maiores se reúnem e recebem mais ovas - em pontos, triângulos e cubos de fogo, que amadurecem; e, no momento previamente determinado, alguns dos aglomerados se separam e adotam uma forma esferoidal, processo que efetuam apenas quando não sofrem interferência por parte dos outros. Depois disso, a lei número \* \* \* entra em operação. O Movimento (a Respiração) se torna o Redemoinho e os coloca em rotação.”*<sup>275</sup>

---

<sup>272</sup> É o conhecimento desta lei que permite e ajuda o Arhat a usar os seus *Siddhis*, ou vários fenômenos tais como a desintegração da matéria e o transporte de objetos de um lugar para outro. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>273</sup> “Conservação da matéria” - referência à Lei de Lavoisier, segundo a qual “na natureza nada se cria e nada se perde, tudo se transforma”. (Nota do Tradutor)

<sup>274</sup> Estes são Comentários antigos combinados com glossários modernos destas Estâncias, já que os Comentários em sua linguagem simbólica são normalmente tão difíceis de entender quanto as próprias Estâncias. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>275</sup> Em um trabalho científico polêmico, “The Modern Genesis”, o autor, o Rev. W. B. Slaughter, critica a posição assumida pelos astrônomos e pergunta: “Lamentamos que os advogados desta teoria (nebular) não tenham entrado mais profundamente na discussão (do começo da rotação). Ninguém tem a bondade de partilhar conosco a sua explicação racional. Como pode o processo de esfriamento e de contração da massa provocar nela um movimento rotativo?” A questão é amplamente tratada nos Adendos (Parte Três do Vol. I). A ciência materialista jamais poderá resolvê-la. “O movimento é eterno no imanifestado e periódico no manifestado”, diz um ensinamento Oculto. É “quando o calor causado pela descida da CHAMA até a matéria primordial faz com que suas partículas se movimentem que o movimento se torna um redemoinho”. Uma gota de um líquido assume a forma esferoidal devido ao fato de que os seus átomos se movimentam em torno de si mesmos em sua essência última, inextricável, e numenal; inextricável para a ciência física, pelo menos. (Nota de H. P. Blavatsky)

## ESTÂNCIA IV - continuação.

5. .... que é: -

“Escuridão”, o que não tem limite, ou o não-número, **Adi-Nidana Svabhavat**: o

**○** (por x, quantidade desconhecida) :

**I.O Adi-Sanat, o Número, porque ele é Um. (a)**

**II.A Voz da Palavra, Svabhavat, os Números, porque ele é Um e Nove.<sup>276</sup>**

**III.O “Quadrado sem Forma”. (Arupa.)**

**E estes três, situados dentro do ○ (círculo ilimitado) (b), são o quatro sagrado; e os dez são o Universo Arupa (subjetivo, sem forma). Neste ponto vêm os “Filhos”, os sete Lutadores, o Um, o oitavo é deixado de fora (c), e a sua Respiração, que é a produtora-da-luz (Bhaskara). (d) <sup>277</sup>**

(a) “Adi-Sanat”, traduzido literalmente, é o Primeiro ou “primitivo” antigo, cujo nome identifica os termos cabalísticos “Ancião dos Dias” e “Idoso Sagrado” (Sefira e Adão Cadmon) com Brahma, o Criador, chamado também de *Sanat* entre outros nomes e títulos.

Svabhavat é a essência mística, a raiz plástica da Natureza física - “Números” quando manifestada; o Número, na sua Unidade de Substância, no plano mais elevado. O nome é usado no budismo e constitui um sinônimo para a Anima-Mundi quádrupla, o “Mundo Arquetípico” dos cabalistas, de onde procedem os mundos “Criativo, Formativo e Material”; as Centelhas ou Faíscas - os vários outros mundos contidos nestes três. Os Mundos estão todos sujeitos a Governantes e Regentes -

---

<sup>276</sup> O que faz dez, o número perfeito atribuído ao “Criador”, nome dado à totalidade dos Criadores, que os monoteístas tratam como se fossem Um só; já que os “Elohim”, Adão Cadmon, ou Sefira - a Coroa - são a síntese andrógina dos 10 sefirotos, que simbolizam o universo manifestado na Cabala popularizada. Os cabalistas esotéricos, no entanto, seguindo os Ocultistas orientais, dividem o triângulo sefirotal superior do resto (ou Sefira, Chochmah, e Binah), o que deixa sete Sefirotos. Quanto a Svabhavat, os orientalistas dão ao termo o significado de substância plástica Universal, difundida através do Espaço, deixando aberta a possibilidade de associá-lo ao Éter da ciência. Mas os Ocultistas o identificam com o “PAI-MÃE” no plano místico. (Veja acima.) (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>277</sup> Como registramos em nota anterior, a transcrição das Sete Estâncias feita nos Comentários a elas não é sempre literal e às vezes difere fortemente da versão das Estâncias apresentada logo após o Proêmio. Neste Sloka 5 da Estância IV, a diferença é particularmente forte e uma comparação vale a pena. (Nota do Tradutor)

chamados de Rishis e Pitris pelos hindus, de Anjos pelos judeus e cristãos, e de Deuses, pelos antigos em geral.

(b) **O** Isso significa que o “Círculo Ilimitado” (Zero) se torna um número só quando um dos nove algarismos o precede, manifestando assim o seu valor e sua potência; a Palavra ou Logos, em união com a VOZ e o Espírito <sup>278</sup> (a expressão e fonte da Consciência), representam os nove algarismos e formam assim, com o Zero, a Década que contém em si todo o Universo. A tríade forma dentro do círculo a Tétrade ou Quatro Sagrado. O Quadrado dentro do Círculo é o mais potente de todos os números mágicos.

(c) O “Rejeitado” é o Sol do nosso sistema. A versão exotérica é encontrada nas Escrituras Sânscritas mais antigas. No Rig Veda, Aditi, “O Ilimitado”, o Espaço infinito, traduzido pelo Sr. Max Müller como sendo “o infinito visível a olho nu (!), a extensão sem fim situada além da Terra, além das nuvens, além do céu”, é o equivalente da “Mãe-Espaço”, contemporânea da “Escuridão”. Ela é chamada corretamente de “Mãe dos Deuses”, DEVA-MATRI, porque é da sua matriz cósmica que nasceram todos os corpos celestes do nosso sistema, o Sol e os planetas. Ela é descrita alegoricamente do seguinte modo: “Oito Filhos nasceram do corpo de Aditi; ela aproximou-se dos deuses com sete, mas lançou fora o oitavo, Martanda”, nosso sol. Os sete filhos chamados de Aditya são, cósmica e astronomicamente, os sete planetas; e o fato de que o Sol foi excluído do conjunto mostra claramente que os hindus conheciam um sétimo planeta, sem chamá-lo de Urano.<sup>279</sup> Mas esotérica e teologicamente, digamos assim, os Adityas são, em seus significados primitivos mais antigos, os oito, e também os doze grandes deuses do panteão hindu. “Os Sete

---

<sup>278</sup> A expressão “em união com o Espírito e a Voz” se refere ao Pensamento Abstrato e à Voz Concreta, ou a manifestação do Espírito, o efeito da Causa. Adão Cadmon ou Tetragrammaton é o Logos, na Cabala; portanto, esta tríade corresponde na Cabala ao triângulo mais elevado, formado por Kether, Chochmah e Binah, no qual Binah é ao mesmo tempo uma potência feminina e o Jeová masculino, e possui a mesma natureza de Chochmah, ou sabedoria masculina. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>279</sup> A Doutrina Secreta ensina que o Sol é uma estrela central e não um planeta. No entanto, os Antigos conheciam e adoravam sete grandes deuses, fora o Sol e a Terra. Qual era aquele “Deus Misterioso” que eles colocavam de lado? Naturalmente não era Urano, descoberto apenas em 1781 por Herschel. Mas não poderia ser Urano, sob outro nome? Diz o autor de “Maçonnerie Occulte”: “Como as ciências ocultas descobriram por cálculos astronômicos que o número dos planetas deve ser sete, os antigos foram levados a introduzir o Sol na escala das harmonias celestiais, fazendo com que ele ocupasse o lugar vago. Deste modo, sempre que eles percebiam uma influência que não pertencia a nenhum dos seis planetas conhecidos, eles a atribuíam ao Sol. O erro parece importante, mas não tinha importância em termos práticos, se os antigos substituíam Urano pelo Sol, que é uma Estrela central relativamente imóvel, girando apenas em torno do seu eixo e regulando o tempo e as medidas; e que não pode ser afastada das suas funções.” ... A nomenclatura dos dias da semana é, portanto, falha. “O Domingo, *Sun-day*, Dia do Sol, deveria ser o Dia de Urano, *Uran-day* (Urani dies, Urandi)”, diz o erudito escritor, Ragon. (Nota de H. P. Blavatsky)

permitem aos mortais verem as suas moradas, mas se revelam apenas para os Arhats”, diz um antigo provérbio; e a expressão “as suas moradas” significa neste contexto “os seus planetas”. O Comentário dá uma alegoria e explica:

*“Oito casas foram construídas pela Mãe. Oito casas para os seus Oito Filhos Divinos: quatro grandes, e quatro pequenas. Oito sóis brilhantes, de acordo com as idades e os méritos deles. Bal-ilu (Martanda) não ficou satisfeito, embora sua casa fosse a maior. Ele começou (a trabalhar) como fazem os elefantes enormes. Ele respirou absorvendo (trazendo para si) os ares vitais dos seus irmãos. Ele tentou devorá-los. Os quatro maiores se afastaram: para longe, para o limite do reino deles.<sup>280</sup> Eles não foram roubados (afetados), e se riram. ‘Faça o pior que puder, Senhor, mas não poderá atingir-nos.’ Porém o menor deles chorou. Eles reclamaram para a Mãe. Ela exilou Bal-ilu para o centro do Reino dela, de onde ele não poderia mais mover-se. (Desde então) ele (apenas) olha e ameaça. Ele os persegue, girando lentamente em torno de si mesmo. Eles afastam-se rapidamente dele, e ele segue de longe a direção em que seus irmãos se movimentam no caminho que rodeia as casas deles.<sup>281</sup> Desde aquele dia ele se alimenta com o suor do corpo da Mãe. Ele se preenche com a respiração e os rejeitos dela. Portanto, ela o rejeitou.”*

Assim, como o “Filho rejeitado” é o nosso Sol, fica evidente que, conforme foi mostrado acima, a expressão “Filhos-Sóis” não se refere apenas aos nossos planetas, mas aos corpos celestes em geral.<sup>282</sup> *Surya*<sup>283</sup> é em si mesmo apenas um reflexo do Sol central espiritual, e constitui o protótipo de todos os corpos que surgiram depois dele. Nos Vedas, ele é chamado de *Loka-Chakshuh*, “o olho do Mundo” (do nosso mundo planetário)<sup>284</sup>, e é uma das três divindades principais. Ele é chamado tanto de Filho de *Dyaus* quanto de Filho de *Aditi*, porque não é feita diferença alguma em relação ao significado esotérico. Assim, afirma-se que ele é puxado por sete cavalos, e também que é puxado por um cavalo que possui sete cabeças. A primeira imagem se refere aos seus sete planetas; a segunda imagem se refere à origem comum deles, a partir do Elemento Cósmico Único. Este “Elemento Único” é chamado simbolicamente de “FOGO”. Os Vedas (e também o *Aitareya-Brahmana* de Haug, ver p. 01) ensinam que “o fogo é verdadeiramente todas as divindades”. (Veja Narada em *Anugita*.)

<sup>280</sup> O sistema planetário. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>281</sup> A astronomia ensina que “o Sol gira sobre o seu eixo sempre na mesma direção em que os planetas giram em suas respectivas órbitas”. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>282</sup> Veja o Sloka 6 da Estância IV, que diz: “O Filho rejeitado é um. Os ‘Filhos-Sóis’ são inúmeros.” (Nota do Tradutor)

<sup>283</sup> “Surya”: o nosso Sol. (Nota do Tradutor)

<sup>284</sup> Veja a propósito a obra “A Visão de Deus”, de Nicolau de Cusa. Sob o verniz cristão, o Cardeal de Cusa foi um pitagórico e um ocultista, segundo Helena Blavatsky; e neste livro Cusa aborda o sol como representando “a visão do absoluto”. Veja a edição portuguesa da Fundação Calouste Gulbenkian, 242 pp., Lisboa, 1998. Por outro lado, a imagem do “olho que tudo vê” pertence também à tradição maçônica. (Nota do Tradutor)

O significado da alegoria é claro, porque temos as explicações do Comentário de Dzyan e também da ciência moderna a seu respeito, embora as duas sejam diferentes em mais de um detalhe. A Doutrina Oculta rejeita a hipótese, nascida da Teoria Nebular, segundo a qual os (sete) grandes planetas surgiram da massa central do Sol; pelo menos ela não surgiu desse nosso Sol visível. A primeira condensação da matéria cósmica aconteceu naturalmente em torno de um núcleo central, o Sol progenitor; mas o nosso Sol, segundo afirma o ensinamento, apenas afastou-se antes que todos os outros, à medida que a massa em rotação se contraía, e é portanto o seu irmão maior e mais velho, não o seu pai. Os oito Adityas, “os deuses”, são todos formados a partir da substância eterna (matéria cometária <sup>285</sup> - a Mãe), ou “Substância-do-Mundo”, que é tanto o quinto como o sexto princípio CÓSMICOS, o Upadhi ou base da Alma Universal, assim como, no ser humano, o Microcosmo, Manas <sup>286</sup>, é o Upadhi de Buddhi.<sup>287</sup>

(d) Há um poema inteiro dedicado às batalhas pré-genéticas travadas pelos planetas em crescimento antes da formação final do Cosmo. Isso explica as posições aparentemente desarmônicas dos sistemas de vários planetas. O plano dos satélites de alguns deles (Netuno e Urano, por exemplo, dos quais se afirma que os antigos nada sabiam) está fortemente inclinado para um lado, o que dá a eles a aparência de um movimento retrógrado. Estes planetas são chamados de guerreiros, e de Arquitetos, e são vistos pela Igreja Romana como líderes das Hostes celestiais, o que confirma as tradições mencionadas. Tendo surgido do Espaço Cósmico antes da formação final dos protótipos <sup>288</sup> e da anulação da nébula planetária, o Sol, diz o ensinamento, colocou nas profundezas da sua massa toda a vitalidade cósmica que pôde, ameaçando absorver os seus “irmãos” mais frágeis antes que a lei da atração e da repulsão fosse finalmente ajustada; depois disso ele começou a alimentar-se “do suor e dos rejeitos da Mãe”; em outras palavras, daqueles aspectos do Éter (“a respiração da Alma Universal”) cuja existência e constituição a ciência até agora absolutamente desconhece. Uma teoria deste tipo foi proposta por Sir William Grove (veja “Correlation of the Physical Forces”, 1843, p. 81; e “Address to the

---

<sup>285</sup> Esta Essência de matéria Cometária, segundo ensina a Ciência Oculta, é totalmente diferente de qualquer característica física ou química conhecida pela ciência moderna. Ela é homogênea na sua forma primitiva, que vai além dos sistemas solares, e se diferencia inteiramente quando atravessa a fronteira da região da nossa Terra, já que a sua substância é influenciada pelas atmosferas dos planetas e pela matéria já composta da substância interplanetária, que só é heterogênea em nosso mundo manifestado. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>286</sup> Manas, o princípio mental, ou alma humana. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>287</sup> Buddhi, a alma divina. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>288</sup> Protótipos. No original em inglês, “primaries”. Levando em conta o uso do termo “primaries” por parte de HPB neste contexto e em outros lugares, deduzimos que o seu significado é o de “protótipo, modelo, tipo”, ou mesmo de “hierarquias” e “inteligências”. As hierarquias divinas produzem os protótipos e zelam por eles ao longo dos períodos de manifestação e descanso do universo. (Nota do Tradutor)

British Association”, 1866). Ele afirmou que os sistemas “estão mudando gradualmente devido a acréscimos ou subtrações atmosféricas, ou aumentos e diminuições causados por substâncias nebulares” ..... e também que “o Sol pode condensar matéria gasosa à medida que ele viaja pelo Espaço e assim calor pode ser produzido”. O ensinamento arcaico parece bastante científico, mesmo nos tempos atuais.<sup>289</sup> O senhor W. Mattieu Williams sugeriu que a matéria difusa ou Éter, que recebe as radiações caloríficas do Universo, é atraída por elas até a profundidade da massa solar. Sendo expelido de lá o Éter que havia sido previamente condensado e termicamente esgotado, ele fica comprimido e perde seu calor, sendo afastado em um estado rarefeito e frio, até absorver um novo suprimento de calor, que o cientista supõe ser assim novamente concentrado e redistribuído pelos Sóis do Universo.<sup>290</sup>

A ideia está tão próxima dos ensinamentos Ocultos quanto a ciência jamais imaginou; porque o Ocultismo explica isso pela “respiração morta” dada de volta por Martanda e pelo fato de que Martanda se alimenta com “o suor e os rejeitos” da “Mãe Espaço”. Aquilo que só poderia afetar muito pouco Netuno <sup>291</sup>, Saturno e Júpiter teria matado “Casas” comparativamente pequenas como Mercúrio, Vênus e Marte. Como Urano só foi descoberto nas décadas finais do século 18, o nome do quarto planeta mencionado na alegoria deve permanecer um mistério para nós, por enquanto.

Afirma-se que a “Respiração” dos “sete” é “Bhaskara” (produtora de luz), porque eles (os planetas) foram todos cometas e sóis em sua origem. Eles evoluem transformando-se em vida Manvantárica a partir do Caos primordial (agora o númeno das nébulas indivisíveis) através da agregação e da acumulação das diferenciações primárias da matéria eterna, segundo a bela expressão no Comentário: “Assim os Filhos da Luz se vestiram com o tecido da Escuridão.” Eles são chamados alegoricamente de “Caracóis Celestes” por causa das suas INTELIGÊNCIAS (para nós) sem forma, que habitam, invisíveis, as suas casas estelares e planetárias, e porque, de certo modo, eles carregam suas casas consigo em suas órbitas, assim como fazem os caracóis. A doutrina da origem comum de todos os corpos e planetas celestes foi, como podemos ver, inculcada pelos astrônomos antigos, antes de Kepler, Newton, Leibniz, Kant, Herschel e Laplace. O calor (ou Respiração), a atração e a repulsão, são os três grandes fatores do

---

<sup>289</sup> Há ideias muito semelhantes em “The Fuel of the Sun”, do Sr. Mattieu Williams; em “On the Conservation of Solar Energy”, do Dr. C. William Siemens (“Nature”, XXV, pp. 440-444, March 9, 1882), e também no “Address of the President of the Geological Society”, do Dr. P. Martin Duncan (London, May 1877). (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>290</sup> Veja “Comparative Geology”, de Alexander Winchell, LL.D., p. 56. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>291</sup> Quando falamos de Netuno, não o fazemos como Ocultista, mas como alguém da Europa. O verdadeiro Ocultista Oriental dirá que, embora ainda haja muitos planetas não descobertos em nosso sistema solar, Netuno não pertence a ele. Apesar da aparente conexão de Netuno com o nosso sol e da influência do nosso sol sobre ele, esta ligação é imaginária, *mayávida*, dizem eles. (Nota de H. P. Blavatsky)

Movimento, e são as condições sob as quais todos os membros desta família primitiva nascem, se desenvolvem e morrem, para renascer de novo após uma “Noite de Brahmâ”, durante a qual a matéria eterna recai periodicamente em seu estado primário indiferenciado. O físico moderno não consegue ter uma ideia da natureza dos gases mais rarefeitos. Sendo no início Centros de Força, as centelhas invisíveis dos átomos primordiais se diferenciam em moléculas e passam gradualmente à objetividade, tornando-se Sóis, gasosos, radiantes e cósmicos: o “Redemoinho” (ou movimento) único finalmente dá impulso à forma e ao movimento inicial, de um modo que é regulado e sustentado pelas incessantes Respirações, os Dhyán Chohans.

## ESTÂNCIA IV - continuação.

**6. .... E então o Segundo grupo de Sete, que são os Lipikas, produzidos pelos Três (a Palavra, a Voz e o Espírito). O Filho rejeitado é um. Os “Filhos-Sóis” são inúmeros.**

A expressão “os *Lipi-kas*”, derivada do termo *Lipi*, “escrever”, significa literalmente “os escribas”.<sup>292</sup> Misticamente, estes Seres Divinos estão conectados com o Carma, a Lei da Retribuição, porque são os Registradores ou Historiadores que imprimem nas (para nós) invisíveis tabuletas <sup>293</sup> da Luz Astral, “a grande galeria de imagens da eternidade”, um registro fiel de cada ação, e mesmo de cada pensamento do homem, de tudo o que foi, é, ou será, no Universo fenomênico. Como foi dito em *Ísis Sem Véu*, esta tela divina, situada fora do campo de visão, é o LIVRO DA VIDA. Como são os *Lipikas* que a partir da Mente Universal passiva projetam na objetividade o plano ideal do universo, com base no qual os “Construtores” reconstruem o Cosmos após cada Pralaya, são eles que trabalham em paralelo com os Sete Anjos da Presença, que os cristãos reconhecem como os Sete “Espíritos Planetários” ou “Espíritos das Estrelas”; porque são eles os escritvães da Ideação Eterna, que foi chamada por Platão de “Pensamento Divino”.<sup>294</sup> A ideia do Registro Eterno não é um sonho fantástico, porque temos os mesmos registros no mundo da matéria densa.

---

<sup>292</sup> Estes são os quatro “Imortais” mencionados no *Atharva Veda* como os “Vigilantes” ou Guardiães dos quatro cantos do céu. (Veja o capítulo lxxvi, pp. 1-4 e seguintes.) (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>293</sup> Tabuletas. No original, “tablets”; tabuletas, placas, chapas, lâminas, blocos. (Nota do Tradutor)

<sup>294</sup> Um Mestre de Sabedoria escreveu: “Por incontáveis gerações os adeptos vêm construindo um templo de rochas imperecíveis, uma Torre gigantesca de PENSAMENTO INFINITO, onde o Titã morava, e onde, se for necessário, voltará a morar solitário, saindo dela somente no final de cada ciclo, para convidar os eleitos da humanidade a cooperarem com ele e o auxiliarem por sua vez a iluminar o homem supersticioso. E continuaremos nesse nosso trabalho periódico; e não deixaremos de lado as nossas intenções filantrópicas até aquele dia em que os alicerces de um novo continente de pensamento estejam tão

“Uma sombra nunca cai sobre um muro sem deixar nele um traço permanente que pode ser transformado em visível pela realização de alguns processos”, diz o Dr. Draper. (.....) “Os retratos de nossos amigos e as imagens da natureza podem estar fora do alcance da superfície sensível do olho, mas estão prontos a aparecer tão logo os processos adequados de revelação sejam usados. Um espectro é ocultado em uma superfície de prata ou vidro até que, através da necromancia, fazemos com que ele venha para o mundo visível. Nas paredes das nossas habitações mais privadas, onde pensamos que o olhar intruso não pode ter alcance e nosso ambiente particular não poderia ser invadido, lá estão os vestígios de todas as nossas ações e as silhuetas de tudo o que fizemos.”<sup>295</sup> Os doutores Jevons e Babbage acreditam que cada pensamento, ao deslocar as partículas do cérebro e colocá-las em movimento, as espalha por todo o Universo. Eles pensam que “cada partícula da matéria existente deve ser um registrador de tudo o que ocorreu”. (“Princípios da Ciência”, vol. II, p. 455.) Assim a doutrina antiga já começou a adquirir direitos de cidadania nas especulações do mundo científico.

Os quarenta “Assessores de Justiça” que ficam na região de *Amenti*<sup>296</sup> como acusadores da alma diante de *Osíris* pertencem ao mesmo tipo de divindade que os *Lipikas*, e poderiam ser comparáveis a eles, se o significado esotérico dos deuses egípcios não fosse tão desconhecido. O *Chitra-Gupta* hindu que lê o relato da vida de cada Alma em seus registros, chamados de Agra-Sandhani; e os “Assessores de Justiça”, que leem os seus registros a partir do coração de quem morreu, o qual se torna um livro aberto diante de Yama, Minos, Osíris ou Carma, são, todos eles, cópias ou variantes dos *Lipikas* e dos seus Registros Astrais. No entanto, os *Lipi-kas* não são divindades ligadas à Morte, e sim à Vida Eterna.

Eles têm uma relação com o destino de cada ser humano e com o nascimento de cada criança, cuja vida já está traçada na Luz Astral - não de modo fatalista, mas apenas porque o futuro, como o PASSADO, está sempre vivo no PRESENTE. Também é possível afirmar que os *Lipikas* exercem uma influência sobre a Ciência do Horóscopo. Queiramos ou não, devemos admitir a legitimidade desta Ciência, porque, conforme foi observado por um estudioso moderno da Astrologia<sup>297</sup>, “agora que a fotografia nos revelou a influência química do sistema sideral, ao fixar na chapa sensível da máquina fotográfica milhões de estrelas e planetas que até agora haviam frustrado os esforços dos mais poderosos telescópios por localizá-los, fica mais fácil entender como o nosso sistema solar pode, no momento em que nasce uma criança, influenciar o seu cérebro - até aquele momento destituído de qualquer

---

firmemente consolidados que nenhuma opressão ou maldade ignorante, guiada pelos Irmãos das Sombras, possa prevalecer.” (Carta 18, p. 129, no volume I de “Cartas dos Mahatmas”, Ed. Teosófica, Brasília.) (Nota do Tradutor)

<sup>295</sup> “Conflict between Religion and Science”, Draper, pp. 132-133. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>296</sup> *Amenti*: o reino dos mortos, na mitologia egípcia. (Nota do Tradutor)

<sup>297</sup> Dr. Ely Star, segundo Boris de Zirkoff informa em sua edição de “A Doutrina Secreta”. (Nota do Tradutor)

impressão - de um modo definido e de acordo com a presença, no zênite, desta ou daquela constelação zodiacal.”<sup>298</sup>

## ESTÂNCIA V

### COMENTÁRIO<sup>299</sup>

#### **1. Os Sete Primordiais, as Sete Primeiras Respirações do Dragão da Sabedoria, produzem por sua vez - a partir dos seus Sopros Sagrados que se movimentam em círculo - o Redemoinho de Fogo. (a)**

(a) Entre todas as Estâncias, esta talvez seja a mais difícil de explicar. A sua linguagem é compreensível apenas para quem está por completo familiarizado com as alegorias Orientais e sua fraseologia intencionalmente vaga. Surge neste ponto a pergunta: “Será que os Ocultistas acreditam em todos estes ‘Construtores’, ‘Lipikas’, e ‘Filhos da Luz’ como entidades, ou serão eles apenas imagens simbólicas?” A resposta dada a esta questão é igualmente clara: “Levando devidamente em conta o caráter simbólico dos Poderes personificados, devemos admitir a existência destas Entidades, se não quisermos negar a existência da humanidade espiritual dentro da espécie humana física. Porque as hostes destes Filhos da Luz e ‘Filhos nascidos da Mente’, que constituem o primeiro raio manifestado do TODO DESCONHECIDO, são a própria raiz do homem espiritual.” A menos que queiramos acreditar no dogma antifilosófico de uma alma especialmente criada para cada nascimento humano, com um estoque renovado de almas a cada dia, desde “Adão”, teremos que aceitar os ensinamentos ocultos. Isso será explicado no momento adequado. Vejamos, agora, qual pode ser o significado oculto desta Estância.

A Doutrina Secreta ensina que, para tornarem-se seres divinos e deuses completamente conscientes - sim, até mesmo os mais elevados - as INTELIGÊNCIAS espirituais primordiais devem passar pelo estágio humano. E quando nós dizemos “estágio humano”, isso não se aplica apenas à nossa humanidade terrestre, mas aos mortais que habitam qualquer mundo, isto é, a aquelas Inteligências que alcançaram o equilíbrio adequado entre matéria e espírito, um equilíbrio como *nós* temos agora, desde que foi ultrapassado o ponto médio da Quarta Raça Raiz da Quarta Ronda. Cada Entidade deve conquistar por mérito próprio o direito de tornar-se divina através da autoexperiência. Hegel, o grande pensador alemão, deve ter conhecido ou percebido intuitivamente esta verdade quando disse que o Inconsciente fez com que

---

<sup>298</sup> “Les Mystères de l’Horoscope”, p. XI. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>299</sup> Neste ponto, estamos no alto da página 106 do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

o Universo surgisse apenas “na esperança de obter uma clara autoconsciência”, ou, em outras palavras, na esperança de tornar-se um SER HUMANO. Porque este é também o significado secreto da usual frase purânica segundo a qual Brahmâ “se movimenta constantemente devido ao desejo de criar”. Isso explica também o significado cabalístico oculto da frase: “A *Respiração* se torna uma pedra; a pedra, uma planta; a planta, um animal; o animal, um homem; o homem, um espírito; e o espírito, um deus.” Os Filhos nascidos da Mente, os Rishis, os Construtores, etc., foram todos eles seres humanos - de todos os tipos e formas - em outros mundos e nos Manvântaras anteriores.

Sendo tão místico, este assunto é extremamente difícil de explicar em todos os seus detalhes e desdobramentos; todo o mistério da criação evolutiva está presente nele. Uma ou duas frases relativas ao tema nos trazem vividamente à consciência frases similares na Cabala e na fraseologia do Rei Salmista <sup>300</sup> (Salmo 104), já que a Cabala e o Salmo, ao falar de Deus, afirmam que ele fez do vento o seu mensageiro e “de um fogo flamejante os seus ministros”. Mas na Doutrina Esotérica isso é dito de modo simbólico. O “Vento de fogo” é a poeira cósmica incandescente que segue apenas magneticamente o pensamento orientador das “Forças Criativas”, assim como fragmentos de ferro seguem o ímã. No entanto, esta poeira cósmica é algo mais, porque cada átomo do Universo tem a potencialidade da autoconsciência em si, e é, como a Mônada de Leibniz, um universo em si próprio e *para* si próprio. *É um átomo e um anjo.*

Em relação a isso, devemos ter em conta que um dos pensadores de maior destaque na Escola Evolucionista moderna, o sr. A. R. Wallace, ao discutir o erro dos que consideram a “seleção natural” como único fator no desenvolvimento do ser humano físico, praticamente admite todo o ponto aqui colocado. Ele sustenta que a evolução do homem foi dirigida e impulsionada por Inteligências Superiores, cuja influência é um fator necessário no esquema da Natureza. Mas depois que a operação destas Inteligências é admitida em um determinado aspecto da vida, a dedução lógica fará com que ela seja reconhecida também em outros aspectos. Não é possível estabelecer uma linha divisória fixa e definitiva.

## ESTÂNCIA V - Continuação

**2. Eles fazem dele o mensageiro da sua vontade. (a) O Dzyu se torna Fohat; o Filho Veloz dos Filhos Divinos, cujos filhos são os Lipikas <sup>301</sup>, distribui mensagens circulares. Fohat é o cavalo, e o pensamento é o cavaleiro (isto é, ele está sob a influência do pensamento orientador deles). Ele passa como um relâmpago através das nuvens de fogo (neblina cósmica) (b); ele dá três, cinco e sete passos através das sete regiões acima, e das sete regiões abaixo (o mundo**

---

<sup>300</sup> Rei Davi. (Nota do Tradutor)

<sup>301</sup> Não deve ser esquecida a diferença entre os “Construtores”, os Espíritos Planetários, e os Lipikas. (Veja os itens 5 e 6 deste Comentário.) (Nota de H. P. Blavatsky)

*que passará a existir*). **Ele ergue sua voz e chama as inúmeras centelhas (átomos), e se une a elas.**(c)

(a) Isto mostra os “Sete Primordiais” usando Fohat como seu *Vahan* (veículo, ou sujeito manifestado que se torna o símbolo do Poder que o dirige). Fohat, em consequência, é chamado de “Mensageiro da sua vontade”, o redemoinho de fogo.

“O Dzyu se torna Fohat”; a própria expressão mostra isso. Dzyu é o conhecimento único e real (mágico), ou Sabedoria Oculta, o qual, lidando com as verdades eternas e as causas primordiais, passa a ser quase onipotência quando aplicado na direção correta. A sua antítese é Dzyu-mi, aquilo que lida apenas com ilusões e falsas aparências, como nas nossas ciências modernas exotéricas. Neste caso, Dzyu é a expressão da Sabedoria coletiva dos Dhyani-Buddhas.

(b) Como se supõe que o leitor não esteja familiarizado com a ideia de Dhyani-Buddhas, cabe dizer desde já que, *de acordo com os Orientalistas*, há cinco Dhyanis, que são os Buddhas “celestiais”, dos quais os Buddhas humanos são manifestações no mundo da matéria e da forma. Esotericamente, no entanto, os Dhyani-Buddhas são sete, dos quais até hoje apenas cinco já se manifestaram <sup>302</sup>, e os outros dois deverão surgir na sexta raça-raiz e na sétima raça-raiz. Eles são, de certo modo, os protótipos eternos dos Buddhas que aparecem nesta Terra, cada um dos quais tem o seu protótipo divino particular. Assim, por exemplo, Amitabha é o Dhyani-Buddha de Gautama Sakyamuni, manifestando-se através dele sempre que esta grande Alma encarna na Terra, como fez no caso de Tsong-kha-pa.<sup>303</sup> Como síntese dos sete Dhyani-Buddhas, Avalokitesvara foi o primeiro Buddha (o logos). Assim também Amitabha é o “Deus” interior de Gautama, que, na China, é conhecido como Amida (Buddha).<sup>304</sup> Eles são, como o sr. Rhys Davids afirma com razão, “as contrapartes gloriosas, no mundo místico, livres das condições degradantes desta vida material” de cada Buddha mortal e terrestre - os Manushi-Buddhas livres, designados para governar a Terra na Ronda atual. São os “Buddhas da Contemplação”, e são todos “Anupadaka” (sem pais), isto é, auto-originados a partir da essência divina. O ensinamento exotérico afirma que cada Dhyani-Buddha tem a capacidade de criar a partir de si mesmo um filho igualmente celestial, um Dhyani-Bodhisatva, que, depois da morte do Manushi-Buddha, o Buddha humano, deve prosseguir o trabalho daquele que morreu. Esta ideia tem como base o fato de que, graças à iniciação mais elevada vivida por quem está sob a influência direta do

---

<sup>302</sup> Veja a obra “Esoteric Buddhism”, de A. P. Sinnett, quinta edição com notas, pp. 171-173. (Nota de H. P. Blavatsky) [**Subnota do Tradutor:** Na edição brasileira, “O Budismo Esotérico”, de A.P. Sinnett; Ed. Pensamento, capítulo 9, pp. 124-127.]

<sup>303</sup> O primeiro e o maior reformador, que fundou a linhagem dos “gorros amarelos”, os Gelugpas. Nasceu no ano de 1355 da era atual, em Amdo, e foi o *avatar* de Amitabha, o nome celestial de Gautama Buddha. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>304</sup> Veja mais informações sobre Buddha, transmitidas por um Mestre de Sabedoria, na Carta 18 do volume I de “Cartas dos Mahatmas”, pp. 119-120. (Nota do Tradutor)

“Espírito de Buddha” - (a quem os orientalistas atribuem a criação dos cinco Dhyani-Buddhas!) - o candidato se torna virtualmente um Bodhisatva, constituído como tal pelo Grande Iniciador.

(c) Fohat precisa ser descrito em detalhe porque é um dos personagens mais importantes, se não for o mais importante, da Cosmogonia esotérica. Na cosmogonia grega mais antiga, que difere da mitologia posterior, Eros é a terceira pessoa da trindade primordial: Caos, Gaia e Eros, o que corresponde no esquema Cabalístico a En-Soph (porque o Caos é o ESPAÇO, *χάινο*, “vazio”), o TODO Ilimitado, Shekinah e o Ancião dos Dias, ou Espírito Santo. Do mesmo modo Fohat é uma coisa no Universo ainda imanifestado e outra coisa no Mundo Cósmico e fenomênico. Neste último, Fohat é aquela força oculta, elétrica, vital, que, atuando sob a Vontade do Logos criativo, une e aproxima todas as formas, dando a elas o primeiro impulso que com o tempo se torna lei. Mas no Universo imanifestado, Fohat não é isso, assim como Eros não corresponde à ideia posterior de um brilhante Cupido alado, ou AMOR. Fohat nada tem a ver com o Cosmos ainda, já que o Cosmos ainda não nasceu, e os deuses ainda dormem no colo de “Pai-Mãe”. Fohat é uma ideia filosófica abstrata. Por enquanto ele não produz nada por si mesmo. Ele é apenas aquele poder criativo potencial cuja ação faz com que o NÚMERO de todos os futuros fenômenos se divida, por assim dizer, apenas para reunir-se novamente em uma ação mística suprassensorial, emitindo o raio criativo. Quando o “Filho Divino” surge, então Fohat se torna a força impulsora, o Poder ativo graças ao qual o UM se torna DOIS e TRÊS, no plano cósmico de manifestação. O tríplice Um se diferencia nos muitos, e então Fohat é transformado naquela força que reúne os átomos elementais e faz com que eles se agreguem e se combinem. Encontramos um eco deste ensinamento primordial na mitologia grega mais antiga. Érebo e Nix nascem do Caos, e, sob a ação de Eros, dão nascimento por sua vez a Éter e Hemera, a luz do superior e a luz do inferior, ou das regiões terrestres. A escuridão gera luz. Veja, nos Puranas, a “Vontade” ou desejo de Brahma de criar; e, na cosmogonia fenícia de Sanconíaton <sup>305</sup>, a doutrina segundo a qual o Desejo, *πόθος*, é o princípio da criação.

Fohat está intimamente relacionado com a “VIDA UNA”. Do “Um Desconhecido” emana a TOTALIDADE Infinita, o UM manifestado, ou a Divindade Manvantárica periódica; e esta é a Mente Universal, que, separada da sua Fonte, constitui o Demiurgo ou Logos Criador dos Cabalistas ocidentais, e o Brahmâ de quatro faces da religião hindu. Na sua totalidade, visto do ponto de vista do Pensamento Divino manifestado na doutrina esotérica, este Demiurgo ou Logos representa as hostes dos

---

<sup>305</sup> Sanconíaton; “Sanchoniathon” ou “Sanchuniathon” em inglês. Escritor fenício que provavelmente viveu antes dos tempos de Troia. Uma valiosa parte dos seus escritos foi preservada por Filo de Biblos e, mais tarde, por Eusébio de Cesareia. A presente alusão a Sanconíaton está à p. I-110 do original em inglês. Outra menção a ele é feita na p. I-340. Sanconíaton é mencionado por HPB em “Ísis Sem Véu”: ver a p. 52 do volume II, na edição brasileira da Ed. Pensamento, ou a p. 342 do volume I, na edição original em inglês (Theosophy Company). O bispo de Cesareia, por sua vez, é mencionado de modo crítico por HPB na Introdução da presente obra (p. XXVI da edição original em inglês). (Nota do Tradutor)

Dhyan Chohans criativos mais elevados. De modo simultâneo com a evolução da Mente Universal, a Sabedoria oculta de Adi-Buddha - o Uno Supremo e eterno - manifesta-se como Avalokitesvara (ou Ishwara manifestado), que é o Osíris dos egípcios, o Ahura-Mazda dos zoroastristas, o Homem Celestial do filósofo hermético, o Logos dos platônicos, e o Atma dos vedantinos.<sup>306</sup> É pela ação da Sabedoria manifestada, ou Mahat, representada por estes inúmeros centros de Energia espiritual no Cosmo, que o reflexo da Mente Universal - a Ideação Cósmica e a Força intelectual que acompanha tal ideação - se transforma, objetivamente, no Fohat do filósofo budista esotérico. Fohat, percorrendo os sete princípios do AKASHA, age sobre a substância manifestada do Elemento Único, como foi dito acima. Ao diferenciar o Elemento Único em vários centros de Energia, Fohat coloca em movimento a lei da Evolução Cósmica. Esta lei, obedecendo à Ideação da Mente Universal, faz com que passem a existir todos os vários estados de ser no Sistema Solar manifestado.

O Sistema Solar começa a existir graças a estas duas agências e consiste de Sete Princípios, como tudo o que existe nestes centros. Assim afirma o ensinamento do Esoterismo Trans-Himalaiano.<sup>307</sup> Cada filosofia, no entanto, tem a sua própria maneira de dividir estes princípios.

Fohat, então, é a força vital elétrica personificada, a Unidade transcendental que enlaça todas as Energias Cósmicas tanto nos planos invisíveis como nos planos manifestados. A sua ação se assemelha, numa escala imensa, à ação de uma força viva criada pela VONTADE, naqueles fenômenos em que o aparentemente subjetivo age sobre o aparentemente objetivo e o coloca em movimento. Fohat é não só o Símbolo e Receptáculo vivo daquela Força, mas é visto pelos Ocultistas também como uma Entidade. As forças sobre as quais ele atua são cósmicas, humanas e terrestres, e exercem influência em todos estes planos, respectivamente. No plano terrestre, a influência de Fohat é sentida na força magnética e ativa gerada pelo desejo forte do magnetizador. No plano cósmico, sua influência está presente no poder construtivo que realiza, no processo de formação das coisas - desde um sistema planetário até um pirilampo ou uma simples margarida - o plano que existe na mente da natureza, ou no Pensamento Divino, com relação ao desenvolvimento e crescimento daquela operação em particular. Fohat é, metafisicamente, o pensamento dos deuses tornado objetivo; a “materialização da Palavra”, em uma escala inferior, e o mensageiro das ideações cósmicas e humanas: a força ativa na Vida Universal. Em seu aspecto secundário, Fohat é a Energia Solar, o fluido vital

---

<sup>306</sup> O sr. Subba Row parece identificá-lo com o Logos, e também chamá-lo de LOGOS. (Veja a transcrição das suas quatro palestras sobre o “Bhagavad Gita”, na revista “Theosophist”.) (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>307</sup> Trans-Himalaiano, isto é, além dos Himalaias; ao Norte desta Cordilheira. HPB afirmou na Introdução que a sede central das escolas esotéricas orientais está “além dos Himalaias”, embora elas incluam centros de ação nos diferentes continentes, incluindo América do Sul e países como China, Japão e Síria. (Nota do Tradutor)

elétrico <sup>308</sup>, e o quarto princípio, o princípio preservador, a Alma animal da Natureza, por assim dizer, ou a Eletricidade. Na Índia, Fohat está ligado a Vishnu e a Surya. No caso de Vishnu, isso diz respeito ao seu caráter inicial, porque Vishnu não é um deus dos mais elevados no Rig Veda. O nome Vishnu vem da raiz *vish*, “permeiar”, e Fohat é chamado de “Permeador” e “Produtor”, porque dá forma aos átomos a partir do material bruto.<sup>309</sup> Nos textos sagrados do Rig Veda, também, Vishnu é “uma manifestação da Energia Solar”, e é descrito como percorrendo as Sete regiões do Universo em três passos. O deus Védico tem pouco em comum com o Vishnu dos tempos posteriores. Portanto Vishnu e Fohat são idênticos neste aspecto particular, e um é a cópia do outro.

Os “três e sete” passos se referem às Sete esferas habitadas pelo ser humano, segundo a Doutrina Esotérica, assim como às Sete regiões da Terra. Apesar das frequentes objeções feitas por supostos Orientalistas, os Sete Mundos ou esferas da nossa cadeia planetária são nitidamente mencionados nas escrituras hindus exotéricas. Mas a estranha maneira como todos estes números estão conectados com números semelhantes em outras cosmogonias, e com os seus símbolos, pode ser vista através das comparações e dos paralelismos feitos pelos estudantes das religiões antigas. Os “três passos de Vishnu” através das “sete regiões do Universo”, segundo o Rig Veda, têm sido explicados de várias maneiras por comentadores como sendo referências “ao fogo, ao relâmpago e ao Sol”, no plano cósmico, ou como sendo passos dados na Terra, na atmosfera, e no céu; e também como “os três

---

<sup>308</sup> Em 1882 o presidente da Sociedade Teosófica, Coronel Olcott, foi criticado por afirmar em uma das suas palestras que a Eletricidade é matéria. No entanto, este é o ensinamento da Doutrina Oculta. “Força” e “Energia” podem ser dois nomes melhores para ela, enquanto a Ciência Europeia tiver um conhecimento tão escasso da sua verdadeira natureza; no entanto, a Eletricidade é matéria, assim como o Éter é matéria, já que é igualmente atômico, embora o Éter tenha vários graus de sutileza mais que a Eletricidade. Parece ridículo argumentar que, se uma coisa é imponderável para a Ciência, já não pode ser chamada de matéria. A Eletricidade é “imaterial” no sentido de que as suas moléculas não estão sujeitas à percepção e ao experimento; no entanto, ela pode ser - e o Ocultismo diz que é - atômica: portanto, ela é material. Mas mesmo supondo que fosse anticientífico falar desta maneira, uma vez que a Eletricidade é definida em ciência como uma fonte de Energia, simplesmente Energia, e de Força - perguntamos: qual é a Força, ou Energia, que pode ser pensada sem pensar em matéria? Maxwell, um matemático e uma das maiores autoridades em Eletricidade e nos seus fenômenos, disse, anos atrás, que Eletricidade é Matéria, e não meramente movimento. “Se aceitarmos a hipótese de que as substâncias elementares são compostas de átomos, não podemos deixar de concluir que também a eletricidade, positiva e negativa, está dividida em partes elementares definidas, que se comportam como átomos de eletricidade.” (Helmholtz, *Faraday Lecture*, 1881.) Nós vamos além desse ponto, e afirmamos que a Eletricidade é não só Substância, mas constitui também uma emanção de uma Entidade que não é nem Deus nem demônio, mas uma das inúmeras Entidades que governam e guiam o nosso mundo de acordo com a eterna Lei do CARMA. (Veja os Adendos na parte três deste Volume I.) (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>309</sup> É bem sabido que a areia, quando colocada sobre uma lâmina de metal em vibração, forma uma série de figuras curvas regulares diferentes. A ciência pode dar uma explicação completa sobre este fato? (Nota de H. P. Blavatsky)

passos” do anão (encarnação de Vishnu), embora desde um ponto de vista mais filosófico - e também de modo perfeitamente correto num sentido astronômico - eles sejam explicados por Aurnavabha como sendo as várias posições do Sol no alvorecer, ao meio-dia e ao final do dia. Só a filosofia esotérica explica o tema com clareza, e o Zohar o aborda de modo filosófico e abrangente. É dito e é fortemente demonstrado no Zohar que no começo os Elohim (Elhim) eram chamados de Echod, “um”, ou “a Divindade é uma em muitos”, uma ideia muito simples numa perspectiva filosoficamente panteísta. Mais tarde veio a mudança, “Jeová é Elohim”, e unificou-se a multiplicidade e deu-se o primeiro passo para o monoteísmo. Diante da pergunta “De que modo Jeová pode ser Elohim?”, a resposta é “Através de três Passos”, desde o ponto de vista inferior. O significado é claro.<sup>310</sup> Eles são todos símbolos. São emblemáticos, mutuamente e correlativamente, do Espírito, da Alma e do Corpo (SER HUMANO); do círculo transformado em Espírito, da Alma do Mundo, e do seu corpo (a Terra). Saindo do Círculo da Infinitude, que nenhum ser humano compreende, En-Soph (o sinônimo cabalístico de *Parabrahm*, e do *Zeroana Akerne*, dos zoroastristas; e também o “INCOGNOSCÍVEL”) se torna “Um”, o ECHOD<sup>311</sup>, o EKA, o AHU<sup>312</sup>, que depois é transformado pela evolução no Um que é muitos, os Dhyani-Buddhas ou Elohim, ou também os Amshaspends.<sup>313</sup> O seu terceiro Passo é dado na geração da carne, ou “Homem”. E do homem ou Jah-Hova, “macho-fêmea”, a entidade divina *interna* se transforma outra vez nos Elohim, no plano metafísico.

A ideia cabalística é idêntica à do Esoterismo do período Arcaico. Este esoterismo é propriedade comum de todos, e não pertence nem à quinta raça ariana, nem a qualquer uma das suas numerosas sub-raças. Não pode ser reivindicado pelos

---

<sup>310</sup> Os números 3, 5 e 7 têm destaque na maçonaria especulativa, conforme foi demonstrado em “Ísis Sem Véu”. Um maçom escreve: “Há os 3, 5 e 7 passos para mostrar uma caminhada circular. As três faces de 3, 3; 5, 3; e 7, 3; etc., etc. Às vezes isto vem desta forma:  $\frac{753}{2} = 376,5$  e  $\frac{7635}{2} = 3817,5$ ; e a razão de  $\frac{20612}{6561}$  pés por medida cúbica resulta nas medidas da Grande Pirâmide”, etc., etc. Três, cinco e sete são números místicos, e o primeiro e o último são grandemente celebrados tanto pelos parsis como pelos maçons. O triângulo é em toda parte um símbolo da divindade. (Veja *Masonic Cyclopedia*, e “Pythagorean Triangle”, Oliver.) Normalmente, os doutores em divindade (Cassel, por exemplo) descrevem o Zohar como se ele explicasse e apoiasse a trindade cristã (!). É esta última, no entanto, que deve a sua origem ao  $\Delta$  dos pagãos, do Ocultismo, e da simbologia arcaica. Os três passos se relacionam metafisicamente com a descida do Espírito na matéria; a queda do Logos como um raio no Espírito, e depois na Alma, e finalmente na forma física humana, na qual o Logos se torna VIDA. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>311</sup> *Echod* ou *Echad*: (hebraico), “Um”, termo aplicado a Jeová (*Glossário Teosófico*). (Nota do Tradutor)

<sup>312</sup> AHU: “Um”, na tradição escandinava (*Glossário Teosófico*). (Nota do Tradutor)

<sup>313</sup> *Amshaspends*, também *Amesha spenta*: termo persa que designa seis arcanjos ou divindades auxiliares de Ahura-Mazda (o “Senhor”), no zoroastrismo. (Nota do Tradutor)

chamados turanianos <sup>314</sup>, nem pelos egípcios, chineses, caldeus, nem qualquer uma das sete subdivisões da Quinta Raça Raiz, mas originalmente pertence à Terceira e à Quarta Raças-Raiz, cujos descendentes encontramos na Semente da Quinta Raça, os primeiros arianos. Em todas as nações, o Círculo era o símbolo do Desconhecido, o “Espaço Ilimitado”, a veste abstrata de uma abstração sempre presente, a Divindade Incognoscível. Representa o Tempo Ilimitado na Eternidade. O Zeroana Akerne é também o “Círculo sem Fronteiras do Tempo Desconhecido”, do qual surge a luz radiante, o SOL Universal, ou Ormuzd <sup>315</sup>, e este último é idêntico a Cronos, em sua forma eoliana, que é um círculo. Porque o círculo é Sar, e Saros, ou ciclo, e foi o deus babilônico cujo horizonte circular era o símbolo visível do invisível, enquanto que o Sol era o ÚNICO Círculo de onde procediam as esferas cósmicas, e das quais ele era considerado o líder. Zeroana <sup>316</sup> é o chacra ou círculo de Vishnu, o misterioso emblema que, segundo a definição de um místico, é “uma curva de uma tal natureza que se uma das suas extremidades for esticada indefinidamente, ela se expandirá até reingressar na curva, formando o que chamamos de círculo”. Não poderia haver uma definição melhor que esta para o símbolo natural e para a realidade evidente da Divindade, que tem a sua circunferência em toda parte (sendo ilimitada) e, portanto, possui um ponto central que também está situado em todo lugar; em outras palavras, em cada ponto do Universo. Deste modo, a Divindade invisível é também os Dhyani Chohans, ou Rishis, os sete primordiais, e os nove, externamente, e os dez, incluindo a unidade sintetizadora deles, dos quais ELA avança para a condição humana. Voltemos ao Comentário sobre o sloka 4 da Estância IV. O leitor entenderá por que, enquanto o Chacra Trans-Himalaiano tem inscrito no seu interior  $\triangle$  |  $\square$  |  $\star$  (triângulo, primeira linha, cubo, segunda linha, e um pentágulo com um ponto no centro, deste modo,  $\star$ , e algumas outras variações), o círculo cabalístico dos Elohim revela, quando as letras da palavra אלהים (Alhim ou Elohim) são lidas numericamente, os famosos numerais 13514, ou, por anagrama, 31415. Este é o número astronômico  $\pi$  (pi), ou o significado oculto dos Dhyani-Buddhas, dos Gebers, dos Geborim, dos Kabeiri e dos Elohim, todos significando “grandes homens”, “titãs”, “homens celestes”, e, na Terra, “gigantes”.

O Sete era um número sagrado para todas as nações; mas ninguém o usava de modo mais fisiologicamente materialista que os hebreus. Para eles, o sete era predominantemente o número gerador, e nove o número causador masculino, formando, como demonstrado pelos cabalistas, o  $\text{צ}^{\text{90}} \text{ט}^{\text{70}}$  ou *otz*, “a Árvore do Jardim do Éden” <sup>317</sup>, a “dupla haste hermafrodita” da quarta raça. Enquanto entre os hindus

<sup>314</sup> Turanianos: termo referente aos povos da Rússia e da região conhecida como Turquestão. (Nota do Tradutor)

<sup>315</sup> Ormuzd é o Logos, o “primogênito”, e o Sol. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>316</sup> Zeroana ou Zero-ana: o tempo infinito dos zoroastristas. Neste ponto, estamos na página 114 do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

<sup>317</sup> Este era o símbolo do “Santo dos Santos”, o 3 e o 4 da separação dos sexos. Quase todas as 22 letras do alfabeto hebreu são apenas símbolos fálicos. Das duas letras mostradas acima, uma, *ayin*, é uma letra *negativa* feminina, simbolicamente um olho; a outra é uma letra masculina, *tza*, um anzol ou dardo. (Nota de H. P. Blavatsky)

e ários em geral o significado era variado e se relacionava quase inteiramente com verdades metafísicas e astronômicas.<sup>318</sup> Os Rishis e os Deuses dos hindus, seus demônios e heróis, têm significados históricos e éticos. Ao contrário dos antigos hebreus, os ários nunca fizeram sua religião repousar exclusivamente sobre símbolos fisiológicos. Isso é encontrado nas escrituras hindus exotéricas. A prova de que estes relatos são camuflagens está no fato de que eles contradizem uns aos outros. Construções diferentes são encontradas em quase todos os Puranas e poemas épicos.<sup>319</sup> Lidos esotericamente, todos eles têm o mesmo significado. Assim, um

---

<sup>318</sup> Um cabalista, autor de uma obra ainda não publicada na qual é feito um paralelo da Cabala e do Zohar com o esoterismo hindu, nos diz que “Os modos hebreus, claros, curtos, concisos e exatos, superam nitidamente a linguagem infantil dos hindus, como nos paralelismos do Salmista que afirma: ‘A minha boca falará da tua justiça e da tua salvação todo dia, embora eu não saiba como descrevê-las...’ (Salmo 71:15) (.....) O glifo hindu mostra pela sua insuficiência e pela grande mistura de aspectos acidentais a mesma plumagem emprestada que os gregos (os gregos mentirosos) tinham, e que a maçonaria tem: enquanto que a áspera, monossilábica e (aparentemente) pobre expressão hebraica demonstra que esta vem de uma antiguidade muito mais remota do que as outras, e que é a fonte (!?) ou a raiz antiga e original delas.” Isso é inteiramente errôneo. O nosso erudito irmão e correspondente aparentemente julga os sistemas religiosos hindus com base nos Shastras e Puranas. Provavelmente está limitado aos Puranas, e, além disso, os avalia em suas traduções modernas, que estão desfiguradas pelos orientalistas até um ponto em que já não se pode reconhecer o original. Se alguém deseja fazer um estudo comparado, é preciso voltar-se para os sistemas filosóficos dos hindus, para o seu ensinamento esotérico. Não há dúvida de que a simbologia do Pentateuco, e mesmo a do Novo Testamento, vem da mesma fonte. Mas seguramente a pirâmide de Quéops, cujas medidas o professor Piazzzi Smythe descobriu serem todas as mesmas do suposto e mítico templo de Salomão, não pode ser de uma data posterior à dos livros de Moisés? Portanto, caso haja algo como a grande identidade reivindicada, ela deve ter como causa uma humilde cópia feita pelos judeus, e não pelos egípcios. Os glifos judeus, e mesmo o idioma deles, o hebraico, não são originais. Foram tomados por empréstimo dos egípcios, de quem Moisés obteve a sua sabedoria; dos coptas, que provavelmente tinham origens comuns ou eram parentes dos antigos fenícios e dos hicsos, os seus (supostos) ancestrais, conforme Josefo mostra em sua obra “Contra Apião”, I, p. 25. Sim, mas quem são os pastores hicsos? E quem são os egípcios? A História não conhece coisa alguma da questão, mas especula e teoriza a partir das profundas consciências dos seus historiadores. (Veja “Ísis Sem Véu”, Ed. Pensamento, volume IV, pp. 74-81; ou, na edição original em inglês, volume II, pp. 430-438.) “O khamismo, ou antigo idioma copta”, diz Bunsen, “é da Ásia Ocidental, e contém germes do semítico, o que demonstra a antiga unidade das raças ariana e semítica”. E ele situa os grandes eventos do Egito em 9.000 anos antes da era cristã. O fato é que no esoterismo arcaico e no pensamento ário nós encontramos uma filosofia sublime, enquanto nos registros hebraicos encontramos apenas a mais surpreendente habilidade de inventar apoteoses para a adoração fálica e a teogonia sexual. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>319</sup> Esta ideia é importante para que se perceba o modo correto de estudar “A Doutrina Secreta”, ou as Cartas dos Mahatmas, entre outras obras clássicas da teosofia original. As imperfeições externas servem para testar o discernimento do estudante e ocultar o ensinamento interior da visão dos que ainda não estão preparados. A leitura tem muitos e diferentes níveis de compreensão. Por outro lado, cabe registrar o caráter moderado da crítica de HPB ao judaísmo. Suas críticas ao cristianismo são muito mais intensas e radicais, e ela praticamente não menciona o Islamismo em seus escritos, limitando-se a dizer

relato enumera Sete mundos, sem contar os mundos inferiores, que também são sete; estes catorze mundos inferiores e superiores nada têm a ver com a classificação da cadeia setenária, e pertencem aos mundos puramente etéreos e invisíveis. O tema será examinado em outro momento. É suficiente por agora mostrar que eles são mencionados propositalmente como se pertencessem à cadeia. “Outra enumeração chama os Sete mundos - Terra, céu, região celestial, região média, local de nascimento, mansão do abençoado, e moradia da verdade; e coloca os ‘Filhos de Brahmâ’ na sexta divisão, afirmando que a quinta divisão, ou Jana Loka, é onde nascem outra vez os animais destruídos na grande conflagração.” (Veja o *Hindu Classical Dictionary*.) Algum significado esotérico verdadeiro é transmitido no Simbolismo. Aquele que estiver preparado irá compreender o significado oculto.

## ESTÂNCIA V - Continuação

**3. Ele é o seu espírito-guia e seu líder. Quando começa a trabalhar, separa as centelhas do Reino Inferior (*átomos minerais*) que flutuam e vibram alegres nas suas moradas radiantes (*nuvens gasosas*), e forma com elas os germes das rodas. Ele as coloca nas seis direções do espaço, e uma no meio - a roda central.(a)**

(a) As “rodas”, como já foi explicado, são os centros de força em torno dos quais a matéria Cósmica primordial se expande, e, passando através de todos os seis estágios de consolidação, se torna esferoidal e termina por ser transformada em globos ou esferas. Um dos princípios fundamentais de Cosmogonia Esotérica afirma o seguinte: ao longo dos Kalpas (ou éons) de vida, o MOVIMENTO, que durante os períodos de Descanso “pulsa e estimula cada átomo adormecido” <sup>320</sup> (Comentário sobre Dzyan), tem uma tendência cada vez mais forte de adotar o movimento circular, desde o primeiro despertar do Cosmos para um novo “Dia”. A “Divindade se transforma em um REDEMOINHO”. Estas são as *Rotae*, as rodas em movimento dos orbes celestiais participando da criação do mundo, quando o significado se refere ao princípio que anima as estrelas e os planetas; porque na Cabala eles são

---

que é uma religião que, como o cristianismo, conquista “devotos” através da violência física. O que HPB está fazendo nesta passagem é essencialmente mostrar que o hinduísmo é a origem do judaísmo, e que o judaísmo deve reencontrar-se com suas origens. (Nota do Tradutor)

<sup>320</sup> O leitor poderá perguntar, assim como a autora perguntou: “Quem está lá para verificar o caráter do movimento, já que toda a natureza está reduzida à sua essência primordial, e não pode haver ninguém - nem mesmo algum dos Dhyani-Chohans, que estão todos no Nirvana, - para olhar e ver?” E a resposta foi a seguinte: “Tudo na Natureza deve ser avaliado por analogia. Embora as mais altas Divindades (Arcanjos ou Dhyani-Buddhas) sejam incapazes de perceber diretamente os mistérios que estão muito além do nosso sistema planetário e do Cosmo visível, ainda assim, houve no passado grandes videntes e profetas que possuíam a capacidade de perceber retrospectivamente o mistério da Respiração e do Movimento quando os sistemas de mundos estavam em repouso e mergulhados no seu sono periódico.” (Nota de H. P. Blavatsky)

representados pelos Ophanim, os anjos das esferas e das estrelas, das quais eles são as almas formadoras. (Veja *Kabala Denudata*, “*De Anima*”, p. 113.)

Esta lei do desenvolvimento em vórtices, na matéria primordial, é uma das concepções mais antigas da filosofia grega, cujos primeiros Sábios históricos eram quase todos Iniciados dos Mistérios. Os gregos obtiveram este conceito dos egípcios, e estes dos caldeus, que haviam sido discípulos dos brâmanes da escola esotérica. Leucipo e Demócrito de Abdera - o discípulo dos Magos - ensinaram que este movimento giratório dos átomos e das esferas existe desde a eternidade.<sup>321</sup> Hicetas, Heráclides, Ecfanto, Pitágoras e todos os seus alunos ensinavam a rotação da Terra, e Aryabhata, da Índia, Aristarco, Seleuco, e Arquimedes calcularam a sua revolução de modo tão científico como os astrónomos de hoje; enquanto a teoria dos Vórtices Elementais era conhecida por Anaxágoras, e defendida por ele em 500 AEC, ou cerca de 2000 anos antes de ser adotada por Galileu, Descartes, Swedenborg, e, finalmente, com poucas modificações, por Sir W. Thomson. (Veja, dele, “*Vortical Atoms*”.) Todo este conhecimento, se for feita justiça a ele, é um eco da doutrina arcaica, conforme tentamos explicar. A maneira pela qual homens dos séculos recentes chegaram às mesmas ideias e conclusões que eram ensinadas como verdades axiomáticas nos templos secretos de dezenas de milhares de anos atrás constitui uma questão a ser tratada separadamente. Alguns foram levados a elas pelo progresso natural da ciência física e pela observação independente. Outros, como Copérnico, Swedenborg e mais alguns, apesar da sua grande erudição, alcançaram esse conhecimento graças muito mais a ideias intuitivas do que a ideias adquiridas ou desenvolvidas de maneira costumeira ao longo de um estudo.<sup>322</sup> (Veja “O Mistério de Buddha”.<sup>323</sup>)

---

<sup>321</sup> “A doutrina da rotação da Terra em torno de um eixo era ensinada pelo pitagórico Hicetas provavelmente já em 500 AEC. Foi ensinada também por seu aluno Ecfanto, e por Heráclides, um aluno de Platão. A imobilidade do Sol e a rotação orbital da Terra foram apresentadas por Aristarco de Samos já em 281 AEC como suposições que se harmonizam com os fatos observados. A teoria heliocêntrica era ensinada em torno de 150 AEC, por Seleuco de Selêucia, no Tigre.” [*Era ensinada em 500 AEC por Pitágoras, H.P.B.*] “Afirma-se também que Arquimedes, numa obra intitulada *Psammites*, ensinava a teoria heliocêntrica. A esfericidade da Terra foi nitidamente ensinada por Aristóteles, que, como elemento de prova, usava a figura da sombra da Terra na Lua, durante os eclipses. (Aristóteles, *De Coelo*, lib. II, Cap. XIV.) A mesma ideia foi defendida por Plínio (Nat. Hist., II, 65). Estes pontos de vista parecem ter sido esquecidos durante mais de mil anos.....” (“Comparative Geology”, Part IV, “Pre-Kantian Speculation”, p. 551, by Alex. Winchell, LL.D.) (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>322</sup> O fato de que Swedenborg, que não teria podido saber nada sobre as ideias esotéricas do budismo, aproximou-se por seus próprios meios do ensinamento Oculto nas suas concepções gerais, é demonstrado pelo seu ensaio sobre a Teoria dos Vórtices. Na tradução do texto feita por Clissold, citada pelo prof. Winchell, encontramos o seguinte resumo: “A Causa primeira é o Infinito ou Ilimitado. Este dá origem ao Primeiro Finito ou Limitado.” (O Logos em Sua manifestação e o Universo.) “Aquilo que produz um limite é análogo ao movimento. (Veja a primeira Estância, *acima*.) O limite produzido é um ponto, cuja Essência é movimento; mas, como não possui partes, essa Essência não é o Movimento em si, mas apenas um conato dele.” (Em nossa Doutrina não é um “conato”, mas uma mudança

A expressão “seis direções do Espaço” significa aqui o “duplo triângulo”, a junção e a combinação do puro Espírito e da Matéria, do Arupa e do Rupa, simbolizadas pelos Triângulos. Este duplo Triângulo é um signo de Vishnu, além de ser o selo de Salomão e o Sri-Antara dos brâmanes.<sup>324</sup>

## ESTÂNCIA V - Continuação

**4.Fohat lança linhas espirais para unir o sexto ao sétimo - a coroa (a); um exército dos Filhos da Luz permanece em cada ângulo, e os Lipikas na roda do meio. Eles (os Lipikas) dizem: “Isto é bom” (b). O primeiro mundo divino está pronto, o primeiro (agora é) o segundo (mundo). Então o “Divino Arupa” (o Universo de Pensamento, sem forma) lança um reflexo de si mesmo em Chhaya Loka (o mundo das sombras da forma primordial, ou intelectual), a primeira veste de Anupadaka. (c)** <sup>325</sup>

(a) Este lançamento de “linhas espirais” se refere à evolução tanto dos princípios humanos como dos princípios da Natureza; uma evolução que ocorre gradualmente (como será visto no volume II, ao estudarmos a origem das raças humanas). O sexto princípio do homem (Buddhi, a alma divina), embora seja apenas um sopro, do ponto de vista da nossa observação, ainda assim é algo material, quando comparado

---

de uma vibração eterna no imanifestado, para um Movimento Vorticoso no Mundo manifestado ou fenomênico.) ..... “A partir deste primeiro procedem a Extensão, o Espaço, a Figura e a Sucessão, ou Tempo. Assim como em Geometria um ponto gera uma linha, a linha gera uma superfície, e a superfície produz um sólido, assim também o conato de um ponto tende na direção das linhas, das superfícies e dos sólidos. Em outras palavras, o Universo está contido *como um ovo* em seu primeiro ponto natural ..... o Movimento em cuja direção o conato se inclina é circular, já que o círculo é a mais perfeita de todas as figuras ..... A imagem mais perfeita do Movimento ..... deve ser perpetuamente circular, isto é, deve proceder do centro para a periferia e da periferia para o centro.” (Citado de *Principia Rerum Naturalia*.) Isso é Ocultismo puro e simples. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>323</sup> O texto “The Mystery of Buddha” e outros fragmentos relacionados a ele estão disponíveis às pp. 370-421 do volume XIV de “Collected Writings of H. P. Blavatsky” (TPH). O texto específico “The Mystery of Buddha” está às pp. 388-399. (Nota do Tradutor)

<sup>324</sup> Neste ponto, estamos na página 118 do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

<sup>325</sup> O leitor deve levar em conta, como assinalado anteriormente, que a transcrição das Estâncias e de seus Slokas feita em meio aos Comentários não é necessariamente igual ao texto das Estâncias apresentado antes. Há com frequência pequenas diferenças. (Nota do Tradutor)

com o “Espírito” divino (Atma), do qual ele é o veículo ou transmissor. Fohat, em seu caráter de AMOR DIVINO (*Eros*), constitui o Poder elétrico da afinidade e da simpatia, e é descrito alegoricamente como se tentasse colocar o Espírito puro, o raio inseparável do UM absoluto, em união com a Alma. Os dois constituem no ser humano a MÔNADA, e na Natureza o primeiro vínculo entre o eternamente incondicionado e o manifestado. A expressão “o primeiro agora é o segundo (mundo)”, dos Lipikas, se refere a este fato.

(b) O “exército” em cada ângulo é a Hoste de seres angélicos (Dhyan-Chohans) designados para guiar e zelar por cada região respectiva, desde o início até o final do Manvântara. Eles são os “Vigilantes Místicos” dos cabalistas e alquimistas cristãos, e se relacionam, simbólica e cosmologicamente, com o sistema numérico do Universo. Os números aos quais estes Seres celestiais estão ligados são extremamente difíceis de explicar. Cada número se refere a vários grupos de ideias diferentes, de acordo com o tipo especial de “Anjos” que o número representa. Este é o *nó* central do estudo da simbologia, diante do qual, incapazes de desfazê-lo desamarrando-o, tantos eruditos preferem fazer como Alexandre fez diante do nó Górdio <sup>326</sup>. O resultado direto disso são as concepções falsas e os ensinamentos errados.

O “Primeiro é o Segundo” porque o “Primeiro” não pode realmente ser numerado ou visto como Primeiro, porque isso seria colocá-lo como primeira manifestação do reino dos fenômenos, o portal do Mundo da Verdade, ou SAT, através do qual a energia direta que surge da REALIDADE UNA - A Divindade Sem Nome - chega até nós. Aqui novamente o termo intraduzível SAT (*Existencialidade*) provavelmente levará a conclusões erradas, já que aquilo que é manifestado não pode ser SAT, mas é algo fenomênico, não-eterno, e passageiro. Ele é contemporâneo da Vida Una e coexiste com ela. É “Sem Igual”, mas, como uma manifestação, ele ainda é Maya, do mesmo modo que o resto. Este “Mundo da Verdade” só pode ser descrito pelas palavras do Comentário: “Uma estrela brilhante caída do coração da Eternidade; o farol da esperança, de cujos Sete Raios pendem os Sete Mundos da Existência.” <sup>327</sup> E é verdadeiramente assim, já que estas são as Sete Luzes das quais são reflexos as mônadas humanas imortais, o Atma ou o espírito radiante de cada criatura da família humana. Primeiro, esta Luz setenária; depois -

(c) O “Mundo Divino”, as incontáveis Luzes acendidas na Luz primordial, os Buddhis, ou Almas divinas sem forma, do último mundo Arupa (sem forma); a “Soma Total”, na linguagem misteriosa da antiga Estância. No Catecismo, o Mestre pergunta ao aluno:

---

<sup>326</sup> Nó Górdio. Alusão a uma lenda que narra o modo como Alexandre, o Grande, enfrentou o desafio de desfazer um nó de uma corda que era considerado impossível de desatar. Depois de analisar calma e cuidadosamente o problema, Alexandre desembainhou a espada e cortou o nó de um só golpe. (Nota do Tradutor)

<sup>327</sup> O leitor deve levar em conta o termo “existencialidade”, visto algumas linhas acima e em várias páginas anteriores, inclusive no Proêmio. (Nota do Tradutor)

*“Ergue tua cabeça, ó Lanu; vês uma, ou talvez incontáveis luzes acima de ti, ardendo no céu escuro da meia-noite?”*

*“Eu vejo uma Chama, ó Gurudeva <sup>328</sup>, vejo incontáveis centelhas unidas brilhando nela.”*

*“Tu estás certo. E agora olha em torno, e olha o teu interior. Sentes a luz que arde dentro de ti como algo diferente, de alguma maneira, da luz que brilha nos teus irmãos humanos?”*

*“Não é de modo algum diferente, embora o prisioneiro esteja encarcerado pelo Karma, e apesar do fato de que as suas aparências externas enganam o ignorante levando-o a falar sobre ‘tua Alma e minha Alma’.”*

A unidade radical da essência última de todas as partes constituintes dos compostos na Natureza, desde a Estrela até o átomo mineral, desde o mais elevado Dhyán Chohan até o mais diminuto dos infusórios <sup>329</sup>, na mais completa acepção do termo, e seja ele aplicado ao mundo espiritual, intelectual ou físico; esta é a lei fundamental da Ciência Oculta. “A Divindade é uma extensão ilimitada e infinita”, diz um axioma Oculto, e disso resulta, como já foi dito, o nome de Brahmâ.<sup>330</sup> Há uma profunda filosofia subjacente às primeiras formas de adoração religiosa no mundo, a adoração do Sol e do Fogo. De todos os elementos conhecidos da ciência física, o fogo é o único que sempre escapou a uma análise definida. Afirma-se de modo muito confiante que o ar é uma mistura contendo os gases oxigênio e nitrogênio. Nós vemos o Universo e a Terra como uma matéria composta de moléculas químicas definidas. Falamos das dez Terras primitivas, dando a cada uma um nome grego ou latino. Dizemos que a água é, quimicamente, um composto de oxigênio e hidrogênio. Mas o que é o FOGO? “Ele é o efeito da combustão”, afirma-se, com um ar grave. “É calor, luz e movimento, e uma correlação de forças físicas e químicas, em geral.” E esta definição científica é filosoficamente suplementada pela definição teológica, no dicionário Webster, que descreve o fogo como “o instrumento de punição, ou a punição do impenitente em outro estado”, um “estado”, diga-se de passagem, que se supõe ser espiritual; mas, lamentavelmente, a presença do fogo parece ser uma prova irrefutável da sua natureza material. No entanto, falando da ilusão de considerar os fenômenos como fatos simples apenas porque são algo familiar, o professor Bain diz (em *Logic*, Parte II):

---

<sup>328</sup> Gurudeva: divino mestre, em sânscrito. (Nota do Tradutor)

<sup>329</sup> Os infusórios são zoófitos microscópicos de consistência gelatinosa que vivem nos líquidos. Zoófitos são animais com aparência de plantas. (Nota do Tradutor)

<sup>330</sup> No Rig Veda, encontramos os nomes *Brahmanaspati* e *Brihaspati* alternando-se e equivalendo um ao outro. Veja também o *Brihad Upanixade*: Brihaspati é uma divindade qualificada como “Pai dos deuses”. (Nota de H. P. Blavatsky)

“Fatos muito familiares parecem não necessitar de explicação e são usados como meios para explicar tudo o que pode ser assimilado a eles. Assim, a fervura e a evaporação de um líquido são vistas como um fenômeno muito simples e que não requer explicação, e que pode ser usado para explicar fenômenos menos comuns. Que a água possa secar é, para a mente desinformada, algo inteiramente compreensível; enquanto para o homem familiarizado com a ciência física trata-se de algo anômalo e inexplicável. Acender um fogo com uma chama é uma GRANDE DIFICULDADE CIENTÍFICA, e no entanto poucas pessoas pensam assim.” (p. 125)

O que diz o ensinamento esotérico em relação ao fogo? “O fogo”, afirma ele, “é o reflexo mais perfeito e não-adulterado, assim no Céu como na Terra, da CHAMA ÚNICA. Ele é a Vida e a Morte, o início e o fim de tudo o que é material. É a ‘SUBSTÂNCIA’ divina.” Assim, não só o ADORADOR DO FOGO, o parsi <sup>331</sup>, mas também as tribos nômades selvagens da América do Norte, que proclamam terem “nascido do fogo”, demonstram possuir mais ciência em suas crenças e mais verdade em suas superstições do que todas as especulações da física moderna e sua erudição. O cristão que diz: “Deus é um Fogo vivo”, ou fala das “Línguas de Fogo” pentecostais, assim como do “arbusto ardente” de Moisés, é tão adorador do fogo como qualquer “pagão”. Entre todos os místicos e cabalistas, foram os rosacruz <sup>332</sup> que definiram o Fogo do modo mais correto e adequado. Se você pegar uma lâmparina comum e a mantiver abastecida com óleo, poderá acender em sua chama as velas, os lampiões e os fogos do planeta inteiro, sem que a chama inicial diminua.<sup>333</sup> Se a Divindade, o Um radical, é uma substância eterna e infinita (“o Senhor teu Deus é um fogo devorador”<sup>334</sup>) e que nunca se extingue, então não parece razoável que o ensinamento oculto seja considerado pouco filosófico quando afirma: “Assim foram formados o Arupa e o Rupa. De uma luz, sete luzes. De cada uma das sete, sete vezes sete luzes”, etc., etc. <sup>335</sup>

---

<sup>331</sup> Os parsis são seguidores do profeta persa-iraniano Zoroastro. Emigraram para a Índia para evitar a perseguição sangrenta promovida pelos muçulmanos. Na sua origem, a palavra “parsi” significa “persa”. (Nota do Tradutor)

<sup>332</sup> Rosacruz: HPB se refere aos rosacruz clássicos e autênticos, muito pouco numerosos, e não às organizações criadas mais recentemente que usam este termo e estudam a tradição rosacruz. Nas “Cartas dos Mahatmas”, por exemplo, podemos ver esta evidência da raridade dos verdadeiros rosacruz: “Eliphas [Levi] estudou os manuscritos Rosacruz (agora reduzidos a três exemplares na Europa).” (“Cartas dos Mahatmas”, volume I, Carta 20, p. 131.) (Nota do Tradutor)

<sup>333</sup> Esta frase se relaciona com o que HPB escreve no parágrafo final da Introdução da presente obra. Trata-se da lei, modo ou mistério da propagação do bom carma. (Nota do Tradutor)

<sup>334</sup> Veja por exemplo Deuteronômio, 4:24, na Torá judaica ou no Velho Testamento. (Nota do Tradutor)

<sup>335</sup> HPB está citando aqui palavras da Estância V, Sloka 6, deste volume I. (Nota do Tradutor)

## ESTÂNCIA V - Continuação

**5.Fohat dá cinco passos (tendo já dado os três primeiros) (a) e constrói uma roda alada em cada canto do quadrado, para os quatro seres sagrados ..... e seus exércitos (hostes). (b)**

(a) Os “passos”, como foi explicado nos comentários à Estância IV, se referem tanto aos princípios cósmicos como aos princípios humanos, os últimos dos quais são três na divisão exotérica (Espírito, Alma e Corpo), e sete na classificação esotérica, sendo eles três raios da Essência e quatro aspectos.<sup>336</sup> Aqueles que estudaram a obra “O Budismo Esotérico”, do sr. Sinnett, podem compreender facilmente a nomenclatura. Há duas escolas esotéricas - ou uma escola, dividida em duas partes -; uma para os lanus internos, outra para os chelas semileigos que estão além dos Himalaias. A primeira escola ensina uma divisão setenária dos princípios humanos; a segunda, uma divisão em seis.

Desde um ponto de vista cósmico, os “cinco passos” dados por Fohat se referem aqui aos cinco planos superiores de Ser e de Consciência. Contando-os de cima para baixo, o sexto e o sétimo são os dois planos inferiores, o astral e o terrestre.

(b) “Uma roda alada em cada canto do quadrado .... para os quatro seres sagrados ..... e seus exércitos (hostes)” ..... Estes são os “quatro Maharajás” ou grandes Reis dos Dhyani-Chohans, os Devas que presidem cada um dos quatro pontos cardeais. São os regentes ou anjos que governam as Forças Cósmicas do Norte, do Sul, do Leste e do Oeste. Estas Forças têm cada uma a sua função oculta própria. Tais SERES estão também conectados com o Carma, já que este necessita de agentes físicos e materiais que executem as suas determinações, assim como os quatro tipos de vento, por exemplo, que a ciência admite terem as suas influências más e benéficas sobre a saúde dos seres humanos e de cada ser vivo. Há uma filosofia oculta naquela doutrina católica romana segundo a qual as várias calamidades públicas, como as doenças epidêmicas, guerras, etc., têm sua origem ligada aos invisíveis “Mensageiros” do Norte e do Oeste. “A glória de Deus vem pelo caminho do Leste”, diz Ezequiel, enquanto Jeremias, Isaías, e o Salmista afirmam aos seus leitores que todo o mal existente sob o Sol vem do Norte e do Oeste. A ideia soa como uma inegável profecia, quando aplicada à nação judaica. O fato explica também a afirmação de Santo Ambrósio (em “Sobre Amós”, capítulo IV) segundo a qual é precisamente por esta razão que “nós amaldiçoamos o Vento Norte, e que durante a cerimônia do batismo nos voltamos para o Oeste (sideral), para renunciar melhor a aquele que mora ali; e depois disso nos voltamos para o Leste.”

---

<sup>336</sup> Os quatro aspectos são: o corpo, a sua vida ou vitalidade, e o “duplo” do corpo - os quais formam a “tríade” que desaparece com a morte da pessoa-, e o *Kama-rupa*, que se desintegra no *Kama-loka*. (Nota de H. P. Blavatsky)

A crença nos “quatro Maharajás” - os regentes dos quatro pontos cardeais - era universal e agora é usada pelos cristãos <sup>337</sup>, que, como Santo Agostinho, os chamam “virtudes angélicas” e “Espíritos” quando mencionados por eles próprios, e de “demônios”, quando mencionados pelos pagãos. Mas onde está a diferença entre os cristãos e os pagãos, neste caso? Seguindo os passos de Platão, Aristóteles explicou que o termo *στοιχεῖα* era visto como significando apenas os princípios incorpóreos colocados em cada uma das quatro grandes divisões do nosso mundo cósmico, para supervisioná-las. Assim, tanto quanto os cristãos, os pagãos não *adoram e cultuam* os Elementos e os pontos cardeais (imaginários), mas sim os “deuses” que os regulam respectivamente. Segundo a igreja, há dois tipos de seres siderais, os anjos e os demônios. Para o Cabalista e o Ocultista há um tipo apenas, e eles não estabelecem diferença alguma entre os “Reitores da Luz” e os Cosmocratores <sup>338</sup>, ou “Rectores tenebrarum harum”, que a igreja católica imagina “descobrir” num “Reitor da Luz” sempre que ele é chamado por um nome diferente do nome usado por ela. Não é o “Reitor” ou “Maharajá” que pune ou recompensa, com ou sem a permissão ou a ordem de “Deus”, mas o próprio ser humano, pelas suas ações e seu carma, que atrai individual e coletivamente (como no caso de nações inteiras, às vezes) todo tipo de maldade e calamidade. Produzimos CAUSAS, e estas despertam as forças correspondentes no mundo sideral. Tais forças são magneticamente e irresistivelmente atraídas para aqueles que produziram as causas relativas a elas, e reagem sobre eles, sejam estas pessoas praticantes de maldades, ou simplesmente Pensadores que geram engano e ilusão. O pensamento é material <sup>339</sup>, segundo afirma a ciência moderna; e “cada partícula de matéria existente registra tudo o que aconteceu”, conforme os senhores Jevons e Babbage explicam aos profanos em “Principles of Science”. A ciência moderna é atraída cada dia com mais força para o redemoinho do Ocultismo; de modo inconsciente, sem dúvida, mas sensivelmente. As duas principais teorias da ciência, diante da relação entre a Mente e a Matéria, são o Monismo e o Materialismo. Estes dois pontos de vista abrangem todo o

---

<sup>337</sup> O erudito pensador Vossius afirma em sua *Theol. Cir. I, VII*: “Embora Santo Agostinho tenha dito que todas as coisas visíveis neste mundo têm uma virtude angélica e um supervisor perto de cada uma delas, isso não se aplica aos indivíduos mas às espécies inteiras; cada uma delas tem de fato um anjo que a observa. Nesse ponto, Santo Agostinho está em harmonia com todos os filósofos .... Para nós estes anjos são espíritos separados dos objetos .... enquanto que para os filósofos (pagãos) eles eram deuses.” Levando em conta o Ritual estabelecido pela igreja católica romana para os “Espíritos das Estrelas”, estes últimos parecem muito semelhantes a “Deuses” e têm sido objetos de homenagem e de orações, tanto por parte dos povos ignorantes e pagãos antigos e modernos quanto por parte dos cultos e bem educados cristãos católicos de hoje em Roma. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>338</sup> Cosmocratores: do grego, “governantes do mundo”. (Nota do Tradutor)

<sup>339</sup> Naturalmente não no sentido do materialista alemão Moleschott, que nos assegura que “o pensamento é um movimento da matéria”, uma afirmação singularmente absurda. Os estados mentais e corporais são em si totalmente diferentes. Mas isso não nega que cada pensamento, além do fato físico que o acompanha (mudança cerebral), tem um aspecto objetivo no plano astral, embora esta objetividade seja suprassensorial. (Veja “The Occult World”, pp. 89-90). (Nota de H. P. Blavatsky) [**Subnota do Tradutor**: na edição brasileira, “O Mundo Oculto”, de Alfred P. Sinnett, Ed. Teosófica, pp. 129-131.]

espectro da psicologia negativa,<sup>340</sup> com a exceção das perspectivas quase ocultas das escolas panteístas alemãs.<sup>341</sup>

Nos templos egípcios, de acordo com Clemente de Alexandria, uma imensa cortina separava o tabernáculo do lugar em que ficava a congregação. Os judeus adotavam o mesmo procedimento. Nos dois casos, a cortina era puxada sobre cinco pilares (o Pentáculo) simbolizando os nossos cinco sentidos e, esotericamente, as cinco raças-raízes, enquanto que as quatro cores da cortina representavam os quatro pontos cardeais e os quatro elementos terrestres. O conjunto era um símbolo alegórico. É através dos quatro altos Governantes dos quatro pontos e Elementos que os nossos cinco sentidos podem conhecer as verdades ocultas da Natureza, e Clemente está completamente errado ao afirmar que são os elementos *em si* que deram aos pagãos conhecimento divino ou o conhecimento de Deus.<sup>342</sup> Enquanto o emblema egípcio era espiritual, o emblema dos judeus era puramente materialista, e, na verdade, homenageava apenas os Elementos cegos e os “Pontos” imaginários. De fato, qual era o significado do tabernáculo quadrado levantado por Moisés no deserto, se não tinha o mesmo significado cósmico? “E farás uma cortina .... de azul, púrpura e carmesim” e “cinco pilares de madeira de acácia para a cortina ..... quatro argolas de bronze nos seus quatro cantos ..... extremidades de madeira fina para os quatro cantos, Norte, Sul, Oeste e Leste ..... do Tabernáculo ..... com trabalho

---

<sup>340</sup> Os enfoques dos pensadores científicos atuais diante da relação entre mente e matéria podem ser reduzidos a duas hipóteses. As duas visões coincidem em excluir a possibilidade de uma Alma independente, diferente do cérebro físico através da qual ela funciona. Elas são: **1 - O MATERIALISMO**, a teoria que considera os fenômenos mentais como produto de mudanças moleculares no cérebro, isto é, como resultado de uma transformação de movimento em sentimento (!). A escola mais grosseira em certa ocasião chegou ao ponto de identificar a mente com “um modo peculiar de movimento” (!!), mas esta opinião é agora felizmente vista como absurda pela maior parte dos cientistas. **2 - O MONISMO**, ou teoria da substância única, é a forma mais sutil de psicologia negativa. Um dos seus defensores, o professor Bain, habilmente a chama de “materialismo cauteloso”. Esta doutrina, amplamente influente, conta entre seus apoiadores com homens como Lewis, Spencer, Ferrier e outros. Ao mesmo tempo que postula em geral que o pensamento e os fenômenos mentais contrastam radicalmente com a matéria, vê as duas coisas como dois lados ou aspectos da mesma substância, em certas condições. O pensamento em si, dizem eles, é completamente diferente dos fenômenos materiais, mas ele também pode ser visto como apenas “o lado subjetivo da movimentação nervosa” - seja o que for que esses eruditos queiram dizer com isso. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>341</sup> Spinoza é uma referência, quando se pensa em panteísmo na filosofia alemã. (Nota do Tradutor)

<sup>342</sup> Deste modo, a frase “Natura Elementorum obtinet revelationem Dei” (em *Stromata*, de Clemente, Book V, Chapter 6) é aplicável a ambos ou a nenhum. Consulte o *Zend-Avesta*, vol. II, p. 228, e Plutarco, *De Iside*, parágrafo 30, tal como comparados por J.-B. Félix Lajard, *Mémoires de L’Institut de France, Académie des Inscriptions*, Paris, 1854, Tome XX, p. 8, nota de rodapé 2. (Nota de H. P. Blavatsky) [**Subnota do Tradutor:** A frase “Natura Elementorum obtinet revelationem Dei” significa “Os elementos da natureza obtêm a revelação de Deus”. Nos dados bibliográficos da nota acima, seguimos a edição da *DS* de Boris de Zirkoff, que dá informações mais precisas que a edição inicial de 1888.]

artístico de Querubins.” (Êxodo, capítulos XXVI e XXVII.) O Tabernáculo e o pátio quadrado, com Querubins e tudo mais, eram exatamente iguais aos dos templos egípcios. A forma quadrada do Tabernáculo significava exatamente o mesmo que ainda significa hoje no culto exotérico dos chineses e dos tibetanos, com os quatro pontos cardeais simbolizando aquilo que os quatro lados das pirâmides, dos obeliscos e de outras construções quadradas similares também simbolizavam. Flávio Josefo teve o cuidado de explicar isso tudo. Ele afirma que os pilares do Tabernáculo são iguais aos erguidos em Tiro e dedicados aos quatro Elementos, que foram colocados em pedestais cujos quatro ângulos estavam de frente para os quatro pontos cardeais, e acrescenta que “os quatro ângulos dos pedestais tinham igualmente as quatro figuras do Zodíaco” inscritas em si, o que representava a mesma orientação. (*Antiguidades dos Judeus*, Livro VIII, capítulo iii, parágrafos 4, 6, 9.)<sup>343</sup>

Indícios desta ideia são encontrados nas cavernas Zoroastristas e nos templos da Índia esculpidos nas rochas, assim como nas construções quadradas e sagradas da antiguidade que foram preservadas até o dia de hoje. Isso é claramente demonstrado por Lajard<sup>344</sup>, que vê os quatro pontos cardeais, e os quatro elementos primitivos, na religião de todos os países, sob a forma de obeliscos quadrados, dos quatro lados das pirâmides, etc., etc. Os Maharajás eram os regentes e diretores destes elementos e dos seus pontos.

O estudante que quiser saber mais sobre eles deve apenas comparar a visão de Ezequiel (capítulo 1)<sup>345</sup> com o que se sabe do budismo chinês (mesmo nos seus ensinamentos exotéricos) e examinar a forma externa destes “grandes reis”. Na opinião do rev. Joseph Edkins, eles são “os Devas cada um dos quais preside um dos quatro continentes em que os hindus dividem o mundo.”<sup>346</sup> Cada um dirige um exército de seres espirituais na proteção da humanidade e do budismo. Deixando-se de lado o favoritismo budista, os quatro seres celestiais são precisamente isso. São os protetores da humanidade e também os Agentes do Carma na Terra, enquanto que os Lipikas se preocupam com o futuro da humanidade. Ao mesmo tempo, eles são as quatro criaturas vivas “que têm a aparência de um homem”, como nas visões de Ezequiel, e são chamados pelos tradutores da Bíblia de “Querubim”, “Serafim”, etc., e, pelos ocultistas, de “Globos Alados”, “Rodas Ígneas”, e recebem grande número de nomes diferentes no panteão hindu. Todos estes Gandharvas, os “venerados

---

<sup>343</sup> Seguimos aqui os dados bibliográficos revisados e mais precisos indicados por Boris de Zirkoff na sua edição da DS. (Nota do Tradutor)

<sup>344</sup> Lajard: no original de 1888, “Layard”. Seguimos aqui a edição da DS feita por Boris de Zirkoff. (Nota do Tradutor)

<sup>345</sup> Sobre Ezequiel, veja as pp. 90 a 104 do volume IV de “Ísis Sem Véu”, Ed. Pensamento; e também o capítulo V do volume III da mesma obra. (Nota do Tradutor)

<sup>346</sup> Na verdade os hindus dividem o mundo em sete continentes, tanto esotérica como exotericamente, e os seus quatro Devas cósmicos são oito, presidindo os oito pontos da bússola e não os continentes. (Compare com “Chinese Buddhism”, p. 216.) (Nota de H. P. Blavatsky)

bardos”, os Asuras, Kinnaras, e Nagas, são descrições alegóricas dos “quatro Maharajás”. Os Serafins são as Serpentes ígneas do Céu, que encontramos em uma passagem descrevendo o Monte Meru como “a concentração exaltada de Glória, a venerável atmosfera dos deuses e dos membros dos coros celestiais ..... que não podem ser alcançados por humanos pecaminosos ..... porque estão protegidos por serpentes.” Eles são chamados de “Vingadores” e de “Rodas Aladas”.

Tendo explicado a missão e o caráter deles, veremos agora o que os intérpretes da Bíblia Cristã dizem dos Querubins: “A palavra significa em hebraico *plenitude de conhecimento*; estes anjos são chamados deste modo por causa do seu singular Conhecimento, e eram, portanto, usados para a punição dos homens que fingiam ter conhecimento divino.” (Segundo a interpretação de Cruden em sua “Concordance”, a partir de Gênesis, III, 24.) Muito bem; e apesar de esta informação ser vaga, ela mostra que o Querubim colocado no portão do jardim do Éden depois da “Queda” sugere aos veneráveis intérpretes a ideia de punição, ligada à Ciência proibida ou Conhecimento divino; um conhecimento que geralmente leva a outra “Queda”, a queda dos deuses, ou de “Deus”, no conceito dos homens. Mas como o velho Cruden não sabia coisa alguma sobre Carma, ele deve ser perdoado. No entanto a alegoria é sugestiva. Desde Meru, a morada dos deuses, até o Éden, a distância é muito pequena, e a distância é ainda menor entre as Serpentes hindus e os sete Querubins Ofitas <sup>347</sup>, dos quais o terceiro era o Dragão, porque todos eles vigiam a entrada para o reino do Conhecimento Secreto. Mas Ezequiel dá uma descrição completa dos quatro Anjos Cósmicos: “Eu olhei, e vi um redemoinho tempestuoso, uma nuvem e um fogo chamejante ..... No centro, algo com forma semelhante a quatro animais, mas cuja aparência fazia lembrar uma forma humana. E todos eles tinham quatro faces e quatro asas ..... A face de um homem, a face de um leão, a face de um boi e a face de uma águia .....” (A palavra “homem” foi aqui colocada em lugar de “Dragão”. Compare com os “*Espíritos Ofitas*”.<sup>348</sup>) ..... “Ao olhar as criaturas vivas enxerguei uma roda sobre a Terra com suas quatro faces ..... como se fosse uma roda dentro de uma roda ..... porque a sustentação da criatura viva estava na roda ..... eles pareciam brasas ardentes <sup>349</sup> .....”, etc. (Ezequiel, cap. 1.)

Há três grupos principais de Construtores e igual número de grupos de Espíritos Planetários e de Lipikas, e cada grupo é dividido em sete subgrupos. Mesmo numa obra grande como esta, é impossível fazer um exame minucioso destes três grupos principais, porque isso tornaria necessário fazer um volume extra. Os “Construtores” são os representantes das primeiras Entidades “Nascidas da Mente”, e, portanto, dos

---

<sup>347</sup> Ofita: do grego, “serpente”. (Nota do Tradutor)

<sup>348</sup> Para os ofitas [*Subnota do Tradutor*: membros de uma fraternidade gnóstica do Egito, conhecida pelo nome de “Irmandade da Serpente”], os anjos reconhecidos pela igreja católica romana que correspondem a estas “faces” eram: Dragão - Rafael; Leão - Miguel; Touro, ou Boi - Uriel; e Águia - Gabriel. Eles permanecem em companhia dos Evangelistas e prefaciam os Evangelhos. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>349</sup> “Brasas ardentes”: esta expressão específica está em Ezequiel, 1: 13-14 (“A Bíblia de Jerusalém”). (Nota do Tradutor)

Rishi-Prajapati primordiais; também dos Sete grandes Deuses do Egito, do qual Osíris era o principal: dos sete Amshaspends dos Zoroastristas, com Ormuzd à sua frente; ou os “Sete Espíritos da Face”; os Sete Sefirotos separados da primeira Tríade, etc., etc.<sup>350</sup>

Eles constroem, ou melhor, reconstroem, cada “Sistema” depois da “Noite”. O segundo grupo de Construtores constitui o Arquiteto da nossa cadeia planetária, exclusivamente; e o terceiro é o progenitor da nossa Humanidade, o protótipo macrocósmico do microcosmo.

Os Espíritos Planetários são os espíritos que orientam as Estrelas em geral, e os Planetas em particular. Eles dirigem os destinos dos humanos, que nascem todos sob uma ou outra das suas constelações. O segundo e o terceiro grupo pertencem a outros sistemas e têm as mesmas funções, e todos dirigem vários departamentos da Natureza. No panteão exotérico hindu, eles são as divindades guardiãs que presidem os oito pontos da bússola; os quatro pontos cardeais e os quatro pontos intermediários. São chamados de “*Loka-Palas*”, “Sustentáculos ou Guardiões do Mundo” (no nosso Cosmo visível), do qual Indra (Leste), Yama (Sul), Varuna (Oeste) e Kuvera (Norte) são os principais; os seus elefantes e as suas esposas pertencem, é claro, ao plano da fantasia e da reflexão, embora todos eles tenham um significado oculto.

Os Lipikas (dos quais é dada uma descrição no comentário da Estância IV, item 6) são os Espíritos do Universo, enquanto que os Construtores são apenas as nossas próprias divindades planetárias. Os Lipikas pertencem à parte mais oculta da Cosmogênese, que não pode ser transmitida aqui. A autora não tem condições de dizer se os Adeptos (e mesmo os mais elevados) conhecem completamente esta ordem angélica em seus três graus ou se conhecem apenas o grau inferior, ligado aos registros do nosso mundo; mas tende a pensar nesta última hipótese. Do grau mais elevado é ensinada apenas uma coisa: os Lipikas estão ligados ao Karma, e são os seus Registradores diretos.<sup>351</sup>

---

<sup>350</sup> Os judeus, com exceção dos cabalistas, não tinham nomes para o Leste, o Oeste, o Sul e o Norte, e expressaram a ideia através de palavras significando antes, atrás, direita e esquerda, e com frequência confundiram os termos exotericamente, tornando assim os mecanismos de ocultamento de significado na Bíblia ainda mais confusos e difíceis de decodificar. Acrescentando-se a isso o fato de que dos quarenta e sete tradutores da versão King James I, da Bíblia inglesa, “só três sabiam hebraico, e dois deles morreram antes da tradução dos Salmos” (*Royal Masonic Cyclopaedia*), será fácil compreender até que ponto é possível confiar na versão inglesa da Bíblia. Na presente obra seguimos, em geral, a versão romana católica Douay. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>351</sup> Na antiguidade o Símbolo universalmente aceito do Conhecimento Sagrado e Secreto era uma Árvore, e a imagem implicava também uma Escritura e um Registro. Disso se origina a palavra Lipikas, “escritores”, ou escribas; os “Dragões”, símbolos da sabedoria, que guardam a Árvore do Conhecimento, a macieira “de ouro” ou Árvore das Hespérides; as “Árvores Luxuriantes”, e a vegetação do Monte Meru, guardada por uma serpente. Juno deu a Júpiter, quando ela casou-se com ele, uma árvore de frutos de ouro, o que constitui outra forma de Eva oferecer a Adão a maçã da Árvore do Conhecimento. (Nota de H. P. Blavatsky)

## ESTÂNCIA V - Continuação <sup>352</sup>

**6.Os Lipikas traçam um limite circular em torno do triângulo, o primeiro (a linha vertical ou figura I.), do cubo, o segundo, e do pentagrama dentro do ovo (círculo) (a). Este é o anel chamado “Não-Passem”, para aqueles que descem e que sobem. (E também para) aqueles que, durante o Kalpa, estão progredindo em direção ao grande dia “Estejam-Conosco” (b). ..... Assim foram formados o Arupa e o Rupa (o Mundo sem Forma e o Mundo das Formas). De uma luz, sete luzes. De cada uma das sete, sete vezes sete luzes. As “rodas” observam o anel.<sup>353</sup>**

A Estância prossegue com uma detalhada classificação das Ordens da Hierarquia Angélica. Do grupo de Quatro e Sete emanam os “nascidos-da-mente”; o grupo de Dez, de Doze, de Vinte-e-Um, etc., todos eles divididos em subgrupos de setenários, novenários<sup>354</sup>, duodecimais e assim sucessivamente, até que a mente se perde na sua enumeração interminável de hostes e Seres celestiais, cada um com a sua tarefa específica na direção do Cosmos visível, enquanto ele existir.

(a) O significado esotérico da primeira frase do Sloka é que aqueles a quem temos chamado de Lipikas, os Registradores do livro cármico de débitos e créditos, formam uma barreira invencível entre o Eu pessoal e o SER impessoal, que é o númeno e a Fonte Parental do primeiro. Disso surge a alegoria. Eles circunscrevem o mundo manifestado material dentro do ANEL “Não-Passem”.<sup>355</sup> Este mundo é o símbolo (objetivo) do UM dividido nos muitos, nos planos de Ilusão; de Adi (o “Primeiro”) ou de Eka (o “Um”); e este Um é o agregado coletivo ou a totalidade

---

<sup>352</sup> Neste ponto, estamos no alto da página 129 do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

<sup>353</sup> Como já foi assinalado, a transcrição das Estâncias e seus Slokas feita ao longos dos Comentários tem com frequência pequenas diferenças em relação ao texto das Estâncias apresentado no início da obra. O Sloka 6 da Estância V é mais um exemplo. (Nota do Tradutor)

<sup>354</sup> Novenários: há um erro no original em inglês, que apresenta “novems”; a palavra não faz sentido neste contexto. Boris de Zirkoff corrige acertadamente para “novenaries”. (Nota do Tradutor)

<sup>355</sup> A barreira “Não-Passem”, situada entre o eu pessoal e o SER impessoal, opera também em pequena escala na busca do discipulado. A regra 12 da primeira série de regras, em “Luz no Caminho”, afirma: “... Dentro de ti está a luz do mundo - a única luz que pode iluminar o Caminho. Se fores incapaz de percebê-la dentro de ti, será inútil procurar fora. Ela está além de ti; porque quando a tocares terás perdido a ti mesmo. Ela é inalcançável, porque sempre recua. Tu entrarás na luz, mas nunca tocarás a chama.” (“Luz no Caminho”, M.C., The Aquarian Theosophist, Portugal, 2014, pp. 22-23.) (Nota do Tradutor)

dos principais Criadores, ou Arquitetos, deste universo visível. No Ocultismo Hebraico, o nome deles é ao mesmo tempo *Achath*, feminino, “Uma”, e *Achod*, masculino, “Um”. Os monoteístas aproveitaram (e ainda aproveitam) o profundo esoterismo da Cabala para atribuir o nome que designa a Suprema Essência Única à SUA manifestação, os Elohim-Sefiotes, e chamá-la de Jeová. Mas isto é completamente arbitrário e contraria toda razão e lógica, porque o termo Elohim é um nome plural, idêntico à palavra plural *Chiim*, com frequência associada aos Elohim.<sup>356</sup> Além disso, há na metafísica Oculta, propriamente falando, dois “UMs”; o Um no plano inalcançável do Absoluto e do Infinito, sobre o qual nenhuma especulação é possível, e o segundo “Um” no plano das Emanações. O primeiro deles não pode nem emanar nem ser dividido, porque é eterno, absoluto e imutável. O segundo pode fazer isso tudo <sup>357</sup>, já que constitui de certo modo o reflexo do primeiro Um (porque é o Logos, ou Ishwara, no Universo da Ilusão). Ele emana de si mesmo <sup>358</sup>, assim como a Tríade Sefirotal superior faz emanarem os sete Sefiotes inferiores, os sete Raios ou Dhyan Chohans; em outras palavras, o Homogêneo se torna Heterogêneo; o “protilo”<sup>359</sup> se diferencia formando os elementos. Estes,

---

<sup>356</sup> A frase em *Sepher Jezirah* e em outras obras é “Achath-Ruach-Elohim-Chiim” e mostra os Elohim como andróginos, no mínimo, com o elemento feminino quase predominando, porque sendo traduzida ela diria: “O UM é Ela, o Espírito dos Elohim da Vida.” Como foi dito acima, Echath (ou Achath) é feminino, e Echod (ou Achod) masculino, ambos significando a UNIDADE. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>357</sup> Este princípio metafísico dificilmente poderia ser melhor descrito do que nas palestras do sr. Subba Row sobre o *Bhagavad Gita*: “Mulaprakriti (o véu de Parabrahmam) age como a energia única através do Logos (ou ‘Ishwara’). Parabrahmam é a essência única da qual vem a existir um centro de energia que eu chamarei por enquanto de Logos ..... Ele é chamado de Verbo ..... pelos cristãos, e constitui o Cristo divino que é eterno no âmago do seu pai. É chamado de Avalokitesvara pelos budistas ..... Em quase todas as doutrinas está postulada a existência de um centro de energia espiritual que é incriado, eterno, e existe no seio de Parabrahmam durante o Pralaya, e passa a ser um centro de energia espiritual consciente durante o período de atividade cósmica .....”. Conforme a premissa adotada por Subba Row ao dizer que Parabrahmam não é isso ou aquilo, ocorre que Parabrahmam não é nem sequer consciência, porque não tem relação com matéria nem com qualquer coisa condicionada. Ele não é um Eu nem é Não-Eu, nem mesmo Atma, mas constitui realmente a fonte única de toda manifestação e todos os modos de existência. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>358</sup> Em “Cartas dos Mahatmas”, um Mestre de Sabedoria afirma: “...Avalokitesvara é tanto o Pai imanifestado como o Filho manifestado, sendo que este último procede do outro e é idêntico a ele; isto é, o *Parabrahm* e *Jivatman*, o sétimo princípio Universal e individualizado - o Passivo e o Ativo, este último sendo a Palavra, Logos, o Verbo. Chame-o por qualquer nome, mas deixe apenas que os infelizes cristãos saibam que o verdadeiro Cristo de todo cristão é *Vach*, a ‘Voz mística’, enquanto o homem *Jeshu* foi apenas um mortal como qualquer um de nós, um adepto mais por sua pureza inerente e sua ignorância do verdadeiro Mal que pelo que ele tenha aprendido com seus Rabinos iniciados e os Hierofantes e sacerdotes egípcios, já (àquela época) em rápida degeneração.” (“Cartas dos Mahatmas”, Ed. Teosófica, Carta 111, volume II, p. 212.) (Nota do Tradutor)

<sup>359</sup> Protilo: neologismo criado por William Crookes no século 19 para designar a matéria primordial, que existe em estado “abstrato”. (Nota do Tradutor)

porém, não conseguem jamais ultrapassar Laya, o ponto-zero, a menos que retornem ao seu Elemento primordial.

Disso surge a alegoria. Os Lipikas separam o mundo (ou plano) do puro espírito e o mundo da Matéria. Aqueles que “descem e sobem”, as Mônadas reencarnando e os humanos que buscam a purificação e a “subida” mas ainda não alcançaram completamente a meta, podem atravessar o “círculo do Não-Passem” só no dia do “Estejam-Conosco”. Este é o dia em que o ser humano, libertando-se dos obstáculos criados pela ignorância, e reconhecendo completamente que o Eu Superior dentro da sua personalidade, erradamente considerado como pertencendo a ele, está unido ao EU UNIVERSAL (Anima Supra-Mundi), se unificará com a Essência Única para tornar-se um, não só “conosco” (com as vidas universais manifestadas que são a VIDA “UNA”), mas com aquela própria vida em si mesma.

Astronomicamente, um fato fica claro. O “Anel NÃO-PASSEM” que os Lipikas traçam em torno do Triângulo, o Primeiro, do Cubo, o Segundo, e do Pentáculo, para circunscrever estas figuras, contém o símbolo 31415, o coeficiente usado constantemente em tabelas matemáticas (o valor de  $\pi$ , pi). Aqui as figuras geométricas representam números. De acordo com os ensinamentos filosóficos gerais, este anel está além da região do que é chamado em astronomia de “nebulosa”.<sup>360</sup> Mas esta é uma concepção tão errônea quanto a topografia e as descrições dadas exotericamente, nas escrituras purânicas e outras, sobre os 1008 mundos e firmamentos de Devaloka. Há mundos, é claro, tanto nos ensinamentos esotéricos como nos ensinamentos científicos profanos, e eles estão a distâncias tão incalculáveis que a luz do mais próximo deles, que chegou há pouco aos nossos Caldeus modernos <sup>361</sup>, saiu do seu luminar muito antes do dia em que as palavras “Faça-se a Luz” foram pronunciadas; mas estes não são mundos do plano Devaloka, e sim do nosso Cosmos.

O estudioso de Química vai até o ponto zero ou *laya* do plano material em que ele trabalha, e não avança além. O físico e o astrônomo contam bilhões de quilômetros além da nebulosa, e tampouco vão mais além; o Ocultista semi-iniciado representará este ponto-laya como algo existente em um plano que, embora não seja físico, ainda é concebível para o intelecto humano. Mas o Iniciado completo *sabe* que o anel “Não-Passem” não é um local nem pode ser medido através de distâncias, porque existe no absoluto da infinidade. Nesta “Infinitude” do Iniciado completo não há altura nem largura ou espessura. Tudo é de uma profundidade insondável, como num mergulho desde o físico até o “para-parametafísico”. Ao usar a palavra “mergulho”, nos referimos à profundidade essencial - que ocorre ao mesmo tempo “em lugar algum e em todos os lugares” -, e não nos referimos à profundidade da matéria física.

---

<sup>360</sup> Nebulosa: uma nuvem de gás ou pó no espaço, que às vezes pode ser vista à noite; ou um grupo de estrelas distantes que à noite parecem uma nuvem clara. (Nota do Tradutor)

<sup>361</sup> A palavra “caldeus” é aqui usada ironicamente no sentido de “sábios”. (Nota do Tradutor)

Se alguém pesquisar com cuidado as alegorias exotéricas e grosseiramente antropomórficas das religiões populares, poderá identificar vagamente nelas a presença da doutrina do círculo “Não-Passem”, preservada deste modo pelos Lipikas. Ela é perceptível até mesmo nos ensinamentos da seita Vedantina Visishtadwaita, a mais tenazmente antropomórfica de toda a Índia. Porque lemos o seguinte a respeito da alma liberada:

Depois de alcançar Moksha (uma forma de bem-aventurança que significa “estar livre de Bandha”, ou dependência) a bem-aventurança é desfrutada pela alma livre em um lugar chamado PARAMAPADHA. Este lugar não é material, mas feito de Suddasatwa (a essência da qual o corpo de Ishwara, “o Senhor”, é formado). Lá, os Muktas ou Jivatmas (Mônadas) que obtiveram Moksha nunca mais estarão sujeitos às qualidades do mundo material ou do Carma<sup>362</sup>. “Mas eles podem encarnar na Terra se decidirem fazer isso *com o objetivo de beneficiar o mundo.*”<sup>363</sup> O caminho desde este mundo até Paramapadha, os mundos imateriais, é chamado de Devayana. Quando uma pessoa alcançou Moksha e o corpo morre, -

“O Jiva (a Alma) vai com Sukshma Sharira<sup>364</sup> do coração do corpo para o Brahmarandra no alto da cabeça, atravessando Sushumna, um nervo que conecta o coração com o Brahmarandra. O Jiva irrompe através do Brahmarandra e vai até a região do Sol (Suryamandala) através dos raios solares. Depois ele vai, através de um ponto escuro no Sol, para Paramapadha. O Jiva é dirigido na sua trajetória pela Suprema Sabedoria adquirida através de Ioga.<sup>365</sup> Assim, o Jiva prossegue até Paramapadha com a ajuda dos Athivahikas (carregadores em trânsito), conhecidos pelos nomes de Archi-Ahas ..... Aditya, Prajapati, etc. Os Archis aqui mencionados

---

<sup>362</sup> HPB se refere aqui à palavra “Carma” no sentido inferior e denso, naturalmente. Tudo o que há, inclusive o Nirvana e o Universo durante os Pralayas, obedece rigorosamente à Lei do Carma. Os Mestres de Sabedoria são humildes Auxiliares da Lei. (Nota do Tradutor)

<sup>363</sup> Estas reencarnações voluntárias são mencionadas em nossa Doutrina como Nirmanakayas (os princípios espirituais que sobrevivem nos seres humanos). (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>364</sup> Sukshma Sharira, o ilusório corpo “que parece de sonho”, com o qual estão encobertos os Dhyanis inferiores da Hierarquia celestial. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>365</sup> Compare este princípio esotérico com a doutrina gnóstica presente em “Pistis-Sophia” (Conhecimento = Sabedoria), um tratado em que Sophia Achamoth é representada como perdida nas águas do Caos (a matéria), a caminho da Suprema Luz. Cristo a ajuda e a liberta ao longo do Caminho correto. Tenha-se presente que “Cristo”, para os gnósticos, significava o princípio impessoal, o Atma do Universo, e o Atma dentro da alma de cada ser humano, e não Jesus; embora no velho manuscrito copta do Museu Britânico “Christos” seja quase sempre substituído pela palavra “Jesus”. (Nota de H. P. Blavatsky) [**Subnota do Tradutor:** O livro “Pistis Sophia” foi publicado em português pela Editora Teosófica, de Brasília.]

são determinadas Almas puras, etc., etc.” (*Visishtadwaita Catechism*, by Pundit Bhashyacharya, M.S.T.) <sup>366</sup>

Nenhum Espírito exceto os “Registradores” (Lipikas) jamais cruzou a linha proibida, e nenhum deles o fará até o momento do próximo Pralaya, porque ela é a fronteira que separa o finito - mesmo que seja infinito desde o ponto de vista do ser humano - e o verdadeiramente INFINITO. Portanto, os Espíritos mencionados como aqueles que “descem e sobem” são as “Hostes” do que nós podemos chamar de um modo geral de “Seres celestiais”. Mas na verdade eles não são nada disso. São Entidades dos mundos mais elevados na hierarquia do Ser, e tão incalculavelmente elevados que, para nós, devem parecer Deuses, e, coletivamente, Deus. Nós, humanos mortais, também devemos parecer o mesmo para uma formiga, que raciocina dentro da escala das suas possibilidades específicas. Até onde sabemos, a formiga também pode ver o dedo vingador de um Deus pessoal na mão do garoto travesso que, brincando de destruir, desmancha o seu formigueiro - um fruto do trabalho de muitas semanas, ou vários anos na cronologia dos insetos. A formiga, sentindo o fato profundamente e atribuindo a calamidade imerecida a uma combinação de Providência e pecado, pode, como faz o ser humano, ver nisso o resultado do pecado da sua primeira geração. Quem sabe, e quem pode afirmar ou negar? A decisão de não admitir a existência em todo o Sistema solar de quaisquer outros seres racionais e intelectuais no plano humano é a maior presunção da nossa época. A ciência só tem o direito de afirmar que não há Inteligências invisíveis vivendo sob as mesmas condições que nós. Não pode negar definitivamente a possibilidade de haver outros mundos dentro de mundos, sob condições totalmente diferentes das que constituem a natureza do nosso. Tampouco pode negar que talvez haja uma certa comunicação limitada <sup>367</sup> entre alguns destes mundos e o nosso próprio. O ensinamento dado a nós afirma que ao mundo mais elevado pertencem as sete ordens dos Espíritos puramente divinos; aos seis mundos inferiores pertencem as hierarquias que podem ocasionalmente ser vistas e escutadas pelos seres humanos, e que se comunicam com os seus descendentes terrestres. Os descendentes estão indissolúvelmente ligados a eles; cada princípio dos seres humanos tem sua fonte direta na natureza daqueles grandes Seres, que nos fornecem os respectivos elementos invisíveis presentes em nós. A Ciência Física tem todo direito de especular sobre os mecanismos fisiológicos dos seres vivos, e de prosseguir nos seus

---

<sup>366</sup> M.S.T.: Membro da Sociedade Teosófica. Referência à Sociedade original, fundada por HPB e que deixou de existir pouco depois da sua morte em 1891. Desde o início do século 20 o movimento teosófico possui uma diversidade de sociedades e associações. (Nota do Tradutor)

<sup>367</sup> O maior filósofo nascido na Europa, Immanuel Kant, assegura que tal comunicação não é de modo algum improvável: “Confesso que me inclino fortemente a afirmar a existência de naturezas Imateriais no mundo, e a incluir minha própria alma na classe destes seres. No futuro, não sei onde ou quando, ainda será provado que mesmo nesta vida a alma humana tem uma conexão indissolúvel com todas as naturezas imateriais no mundo do espírito, e age reciprocamente com elas e recebe impressões delas.” (*Träume eines Geistersehers*, citado por C. C. Massey em seu prefácio da obra “Spiritismus”, de Von Hartmann.) (Nota de H. P. Blavatsky)

esforços inúteis para explicar os nossos sentimentos, nossas sensações, mentais e espirituais, como funções de instrumentos inorgânicos. No entanto, tudo o que poderia em algum momento ser feito nesta direção já foi realizado, e a ciência não poderá ir mais além. Ela está diante de um muro intransponível, diante do qual ela prepara, segundo imagina, grandes descobertas fisiológicas e psíquicas, todas as quais serão reconhecidas mais tarde como teias de aranha produzidas pelas fantasias e ilusões científicas. Só o tecido da nossa estrutura objetiva obedece à análise e às pesquisas da ciência fisiológica.<sup>368</sup> Os seus seis princípios mais elevados escaparão sempre à visão de quem decide ignorar e rejeitar as Ciências Ocultas.

O “Grande Dia do ESTEJAM-CONOSCO” é, portanto, uma expressão cujo único mérito está em sua tradução literal. A sua importância não pode ser facilmente revelada a um público que desconhece os princípios místicos do Ocultismo, ou mais precisamente da Sabedoria Esotérica ou “Budhismo”<sup>369</sup>. É uma expressão peculiar da Sabedoria Esotérica, e é tão vaga para os profanos quanto a usada pelos egípcios, que davam ao mesmo conceito o nome de “Dia do VENHAM-ATÉ-NÓS”<sup>370</sup>. A

---

<sup>368</sup> Isto é, devido à natureza das coisas, tudo o que a pesquisa fisiológica moderna tem mostrado ou poderia ter mostrado em relação aos problemas psicológicos é que cada pensamento, sensação, e emoção é acompanhado por uma reorganização das moléculas de certos nervos. A inferência feita por cientistas como Büchner, Vogt e outros, de que o pensamento é movimentação molecular, ignora completamente a existência da nossa consciência subjetiva. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>369</sup> HPB explicou nos primeiros parágrafos da Introdução que, no seu sentido mais antigo e original, a palavra “Budismo” ou “Budhismo” não se refere a Buddha mas surge da raiz sânscrita “Budh”, *saber*. O termo “Buda” ou “Buddha” significa “o sábio, o iluminado”. (Nota do Tradutor)

<sup>370</sup> Veja “Le Livre des Morts”, de Paul Pierret: “Le Jour de ‘Viens à nous’ ..... c’est le jour où Osiris a dit au Soleil: Viens! Je le vois rencontrant le Soleil dans l’Amenti.” (Capítulo XVII, p. 61.) O Sol aqui significa o Logos (ou Cristo, ou Horus) como essência central, sinteticamente, e como uma essência difusa de Entidades radiadas, diferentes em substância, mas não em essência. Tal como foi expressado pelo autor de palestras sobre o *Bhagavad Gita*, “não devemos supor que o Logos é um só centro de energia manifestada de Parabrahmam; há muitos outros centros ..... e o número deles é quase infinito no seio de Parabrahmam.” Desse fato surgem as expressões “O Dia de Venham Até Nós”, “O Dia do Estejam-Conosco”, etc. Assim como o Quadrado é o símbolo das quatro Forças ou quatro Poderes sagrados - Tetraktis - assim também o Círculo mostra a fronteira dentro da Infinitude que nenhum humano pode ultrapassar, nem mesmo em espírito, e nem tampouco um Deva ou Dhyán Chohan. Os Espíritos daqueles que “descem e sobem” durante o curso da evolução cíclica só irão cruzar o mundo “com fronteiras de ferro” no dia em que eles se aproximarem do limiar do Paranirvana. Se eles o alcançarem, descansarão no seio de Parabrahmam, a “Ecuridão Desconhecida”, que se tornará então para todos a Luz, durante todo o período do Mahapralaya, a “Grande NOITE”, mais precisamente 311.040.000.000.000 anos de absorção em Brahma. O dia do “Estejam-Conosco” é este período de descanso ou paranirvana. Para obter mais informações sobre esta expressão peculiar, o dia do “Estejam Conosco”, veja também “The Funerary Ritual of the Egyptians”, Viscount de Rougé. A expressão corresponde ao Dia do Julgamento dos Cristãos, que foi lamentavelmente materializado pela religião deles. (Nota de H. P. Blavatsky)

expressão egípcia é idêntica à anterior, embora o verbo “estejam”, neste sentido, pudesse ser substituído com vantagem por “Permaneçam-Conosco” ou “Descansem-Conosco”, já que se refere àquele longo período de DESCANSO a que se dá o nome de Paranirvana. Na interpretação exotérica dos ritos egípcios, a alma de todo ser morto - desde o hierofante até o touro sagrado Apis - se tornava um Osíris, ficando Osirificado, embora a Doutrina Secreta tivesse sempre ensinado que a real Osirificação era o destino de toda Mônada só depois de 3.000 ciclos de existências. O mesmo ocorre neste caso. A “Mônada”, nascida da natureza e da própria Essência dos “Sete” (e o seu princípio mais elevado fica imediatamente preservado e instalado no Sétimo Elemento Cósmico) tem que realizar o seu giro setenário por todo o Ciclo da Existência e das formas, desde o mais alto até o mais inferior, e depois novamente, desde o ser humano até Deus. No limiar do Paranirvana, a Mônada reassume a sua Essência primordial e se transforma mais uma vez no Absoluto.

## ESTÂNCIA VI

### COMENTÁRIO <sup>371</sup>

**1. Pelo poder da Mãe de Misericórdia e Conhecimento (a) - Kwan-Yin<sup>372</sup> - a “tríplice” de Kwan-Shai-Yin, que reside em Kwan-Yin-Tien (b), e tendo Fohat, a Respiração dos seus Filhos, o Filho dos Filhos, evocado, desde o abismo inferior (o caos), a forma ilusória de Sien-Tchang (nosso Universo) e os Sete Elementos:**

---

<sup>371</sup> Neste ponto, estamos no alto da página 136 do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

<sup>372</sup> Esta Estância é traduzida do texto chinês, e os nomes, assim como os equivalentes dos termos originais, são preservados. A real nomenclatura esotérica não pode ser dada porque só iria confundir o leitor. A doutrina bramânica não possui termos equivalentes à nomenclatura esotérica. *Vach* parece semelhante em muitos aspectos a *Kwan-Yin*, da China, mas não há uma adoração regular de *Vach* sob este nome na Índia, embora exista na China em relação a *Kwan-Yin*. Nenhum sistema religioso exotérico jamais adotou uma Criadora feminina, e assim, desde o surgimento das religiões populares, a mulher foi vista e tratada como inferior ao homem. É somente na China e no Egito que *Kwan-Yin* e *Ísis* são colocadas no mesmo nível que os deuses masculinos. O Esoterismo ignora os dois sexos. A sua Divindade mais elevada não tem sexo, assim como não possui forma e nem um Pai ou uma Mãe; e os seus primeiros seres manifestados, tanto celestiais como terrestres, só gradualmente se tornam andróginos, para finalmente separarem-se em dois sexos diferentes. (Nota de H. P. Blavatsky)

(a) A Mãe de Misericórdia e Conhecimento é chamada de “tríplice” de Kwan-Shai-Yin porque nas suas correlações metafísicas e cósmicas ela é a “Mãe, a Esposa e a Filha” do *Logos*, assim como nas traduções teológicas posteriores ela se transformou em “Pai, Filho e (o feminino) Espírito Santo”; a *Shakti* ou Energia, a Essência dos três. Assim, no esoterismo dos vedantinos, *Daiviprakriti*, a Luz manifestada através de Ishwara, o *Logos* <sup>373</sup>, é ao mesmo tempo a Mãe e a Filha do Logos ou Verbo de Parabrahmam; enquanto que no esoterismo dos ensinamentos Trans-Himalaianos ela é, na hierarquia da teogonia alegórica e metafísica, “a MÃE”, a matéria abstrata e ideal, *Mulaprakriti*, a Raiz da Natureza; e do ponto de vista metafísico, ela é uma correlação de Adi-Bhuta, manifestada no Logos, Avalokitesvara. Desde o ponto de vista puramente oculto e Cósmico, é Fohat <sup>374</sup>, o “Filho do Filho”, a energia andrógina que resulta desta “Luz do Logos”, e que se manifesta no plano do Universo objetivo como a Eletricidade - oculta e revelada - que é VIDA.

(b) *Kwan-Yin-Tien* significa “o céu melodioso do Som”, a morada da Kwan-Yin, a “Voz Divina”, literalmente. Esta “Voz” é um sinônimo do *Verbo* ou Palavra: a “Fala”, como expressão do pensamento. Deste modo pode ser identificada a conexão e a origem da expressão hebraica *Bath-Kol*, “a filha da Voz Divina”, ou *Verbo*, ou o Logos masculino e feminino, o “Homem Celestial” ou Adão Cadmon, que é ao mesmo tempo Sefira. Esta última foi seguramente antecipada pela Vach hindu, a deusa da Fala, ou Palavra. Porque Vach, a filha e a porção feminina, segundo se afirma, de Brahmâ, foi “gerada pelos deuses”, e é, ao lado de Kwan-Yin, de Ísis (também a *filha*, esposa e *irmã* de Osíris) e de outras deusas, o *Logos* feminino, de certo modo, a deusa das forças *ativas* da Natureza, a Palavra, Voz, ou Som, e a Fala. Se Kwan-Yin é a “Voz melodiosa”, Vach também o é; “a vaca melodiosa cujo leite era a sustentação e a água” (o princípio feminino) -; e “que nos dá nutrição e força”, como Mãe Natureza. Ela está associada com Prajapati no trabalho de criação. Ela é macho ou fêmea, conforme quiser, como Eva é com Adão. E ela é uma forma de Aditi - o princípio mais elevado que o *Éter* - no Akasha, a síntese de todas as forças da Natureza; assim, Vach e Kwan-Yin são, ambas, a potência mágica do som Oculto na Natureza e no Éter, cuja “Voz” evoca Sien-Tchan<sup>375</sup>, a enganadora forma do Universo, criada a partir do Caos e dos Sete Elementos.

---

<sup>373</sup> “The Theosophist”, fevereiro 1887, p. 305; primeira palestra sobre o “Bhagavad Gita”. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>374</sup> Diz T. Subba Row: “A Evolução é começada pela energia intelectual do *Logos*, e não só devido às potencialidades preservadas em *Mulaprakriti*. Esta luz do Logos é o elo ..... entre a matéria objetiva e o pensamento subjetivo de *Ishwara* (ou Logos). É chamada de *Fohat* em várias obras budistas. Ela é o único instrumento utilizado pelo *Logos*.” (“The Theosophist”, fevereiro de 1887, p. 306.) (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>375</sup> *Sien-Tchan*: também grafado como “Tsien-Tchang” ou como “Sien-Tchang”. (Nota do Tradutor)

Deste modo, no *Manu Brahmâ* o *Logos* também é descrito como dividindo seu corpo em duas partes, macho e fêmea, e nesta última, que é *Vach*, ele cria *Viraj*, que é ele próprio, ou *Brahmâ*. É desta maneira que um erudito Ocultista Vedantino fala daquela “deusa”, explicando a razão por que *Ishwara* (ou *Brahmâ*) é chamado de *Verbo* ou *Logos*; e por que de fato ele é chamado de *Sabda Brahmam*: -

“A explicação que vou dar a vocês parece inteiramente mística. Embora seja mística, ela possui uma tremenda importância quando é adequadamente compreendida. Nossos escritores antigos diziam que *Vach* é uma das nossas quatro variedades (vejam o *Rig Veda* e os *Upanixades*). *Vaikhari-Vach* é o que nós pronunciamos. Cada um dos tipos de *Vaikhari-Vach* existe em sua *Madhyama*, mais tarde em sua *Pasyanti*, e finalmente na sua forma *Para*.<sup>376</sup> A razão pela qual este *Pranava* <sup>377</sup> é chamado de *Vach* está no fato de que os quatro princípios do grande Cosmos correspondem a estas quatro formas de *Vach*. Todo o sistema solar manifestado existe, em sua forma *Sukshma* <sup>378</sup>, na luz ou energia do *Logos*, porque a sua energia é captada e transferida à matéria cósmica ..... O Cosmos inteiro, em sua forma objetiva, é *Vaikhari-Vach*, a luz do *Logos* é a forma *Madhyama*, e o próprio *Logos* é a forma *Pasyanti*, assim como *Parabrahm* é a forma ou aspecto *Para* daquela *Vach*. É à luz desta explicação que devemos tentar entender certas afirmações feitas por vários filósofos no sentido de que o Cosmos manifestado é o *Verbo* manifestado como Cosmos.” (Veja a transcrição de palestra sobre o *Bhagavad Gita* mencionada acima.)

## ESTÂNCIA VI - Continuação

**2.O Ser Veloz e Radiante produz os Sete Centros *Laya* <sup>379</sup> (a), contra os quais nada poderá prevalecer até o grande dia “Estejam-Conosco”, e coloca o Universo sobre estes Alicerces Eternos, que rodeiam *Sien-Tchan* <sup>380</sup> junto com os Germes dos Elementos. (b)**

(a) Os sete centros *Laya* são os sete pontos Zero. Usamos o termo Zero no mesmo sentido que os químicos, para indicar um ponto em que começa a escala de

---

<sup>376</sup> *Madhya* é descrita como algo cujo começo e cujo final são desconhecidos, e *Para* significa infinito. Estas expressões se relacionam todas com a infinitude e a divisão do tempo. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>377</sup> *Pranava*: termo sânscrito que significa “som cósmico” ou “som sagrado”. (Nota do Tradutor)

<sup>378</sup> *Sukshma*: do sânscrito, “sutil, astral, etéreo”. (Nota do Tradutor)

<sup>379</sup> “*Laya*” (termo sânscrito) é o ponto da matéria em que a diferenciação cessou. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>380</sup> *Sien-Tchan*: conforme vimos acima, este termo também é grafado como “*Tsien-Tchang*” ou como “*Sien-Tchang*”. (Nota do Tradutor)

diferenciação no contexto do esoterismo. Transpondo os limites destes centros, a filosofia esotérica nos permite perceber as vagas figuras dos “Sete Filhos” da Vida e da Luz, os Sete Logos dos filósofos herméticos e de todos os outros filósofos. A partir destes centros começa a diferenciação dos elementos que entram na constituição do nosso sistema solar. Tem sido perguntado com frequência qual é a definição exata de Fohat, e dos seus poderes e funções, já que ele parece atuar como o Deus Pessoal das religiões populares. A resposta foi dada acima, no comentário sobre a Estância V. Como colocado de modo correto nas palestras sobre o Bhagavad Gita, “o Cosmos inteiro deve existir necessariamente na Fonte Única de energia da qual esta luz (*Fohat*) emana.” Quer contemos os princípios do Cosmos e no ser humano como sete ou apenas como quatro, as forças da Natureza física são sete; e a mesma autoridade afirma que “*Pragna*, a capacidade de percepção, existe em sete diferentes aspectos, que correspondem às sete condições da matéria” (*Deus pessoal e impessoal*). Porque, “assim como um ser humano é composto de sete princípios, a matéria diferenciada no sistema solar existe em sete condições diferentes” (*ibid*). O mesmo ocorre com Fohat. <sup>381</sup> Ele é Um e é Sete, e no plano Cósmico está na base de todas manifestações como luz, calor, som, aderência, etc., etc., e também é o “espírito” da ELETRICIDADE, que é a VIDA do Universo. Como abstração, nós o chamamos de VIDA UNA; como Realidade objetiva e evidente, falamos de uma escala setenária de manifestação, que começa no degrau superior com a Única e Incognoscível CAUSALIDADE, e termina como a Mente e a Vida onipresentes, imanentes em cada átomo de Matéria. Assim, enquanto a ciência fala da evolução através da matéria bruta, da força cega e do movimento insensível, os Ocultistas apontam para a LEI *inteligente* e a VIDA *sensível*, e acrescentam que Fohat é o Espírito orientador de tudo isso. E no entanto ele não é de modo algum um deus pessoal. Ele é a emanção daqueles outros Poderes que os cristãos chamam de “Mensageiros” do Deus deles (que é na verdade apenas os Elohim, ou mais precisamente um dos Sete Criadores chamados Elohim). Nós o chamamos de “Mensageiro dos Filhos primordiais da Vida e da Luz”.

(b) Os “Germes dos Elementos” com os quais ele preenche Sien-Tchan (o “Universo”) a partir de Tien-Sin (o “Céu da Mente”, literalmente, ou aquilo que é absoluto), são os átomos da ciência e as mônadas de Leibniz.

## ESTÂNCIA VI - Continuação

**3. Dos Sete (*elementos*) - o primeiro deles manifestado, seis ocultos; dois manifestados, cinco ocultos; três manifestados, quatro ocultos; quatro visíveis, três ocultos; quatro e um Tsan (*uma fração*) revelados, dois e meio ocultos; seis por serem manifestados, um deixado à parte. (a) Finalmente, sete pequenas rodas giram; cada uma dá nascimento a outra. (b)**

---

<sup>381</sup> A palavra “Fohat” tem diversos significados. (Veja os comentários à Estância V.) Ele é chamado de “Construtor dos Construtores”, e a Força que ele personifica formou a nossa cadeia setenária. (Nota de H. P. Blavatsky)

(a) Estas Estâncias se referem ao universo inteiro depois de um Maha-pralaya (destruição universal). Apesar disso, esta frase, como qualquer estudante de Ocultismo pode ver, também se aplica por analogia à evolução e à formação final dos Sete Elementos primordiais (embora compostos) em nossa Terra. Deles, quatro elementos estão agora completamente manifestados, enquanto que o Quinto, o Éter, só está parcialmente manifestado, já que estamos ainda no início da segunda metade da Quarta Ronda, e o Quinto Elemento se manifestará por completo apenas na Quinta Ronda. Naturalmente os Mundos, inclusive o nosso próprio, surgiram primeiro como Germes a partir do Elemento ÚNICO no segundo estágio dele (o estágio “Pai-Mãe”, a *Alma do Mundo diferenciada*, e não o que é chamado de “Supra-Alma” por Emerson). Não faz diferença se os chamamos de Poeira Cósmica ou Névoa de Fogo, como a ciência moderna, ou de Akasha, Jivatma, divina Luz Astral e “Alma do Mundo”, como o Ocultismo. Este primeiro estágio da Evolução deu lugar a seu devido tempo ao estágio seguinte. Nenhum mundo, assim como nenhum corpo celeste, poderia ser construído no plano objetivo se os Elementos não tivessem se diferenciado o suficiente do *Ilus* primordial deles, passando a estar em *Laya*. O termo *Laya* é sinônimo de Nirvana. *Laya* é na verdade a dissociação nirvânica de todas as substâncias, que mergulham depois de um ciclo vital na latência das suas condições primordiais. É a sombra, luminosa mas sem corpo, da matéria *que era*; o reino da negatividade - onde permanecem latentes durante o seu período de descanso as Forças ativas do Universo. A respeito dos Elementos, paira contra os Antigos a crítica segundo a qual eles “viam os Elementos deles como simples e não podendo ser decompostos.”<sup>382</sup> Esta é mais uma afirmação sem

---

<sup>382</sup> As sombras dos nossos ancestrais pré-históricos também poderiam criticar os físicos modernos, agora que novas descobertas em Química levaram o sr. Crookes, membro da Royal Society, a admitir que a ciência ainda está a dez mil quilômetros do conhecimento da natureza composta da mais simples molécula. Graças a ele ficamos sabendo que algo como uma molécula realmente simples e inteiramente homogênea é uma *coisa desconhecida* em Química. “Onde devemos estabelecer um limite?”, pergunta ele. “Qual é a saída para esta perplexidade? Devemos tornar os exames elementares tão rigorosos que só 60 ou 70 por cento dos candidatos podem ser admitidos, ou devemos abrir as portas do exame de modo que o número de admissões seja igual ao número de candidatos?” E a seguir o erudito cavalheiro dá alguns exemplos significativos. Ele diz: “Vejam o caso do ítrio. Ele tem um peso atômico definido, ele se comporta em todos os aspectos como um corpo simples, um elemento, ao qual podemos acrescentar, mas do qual nada podemos tirar. E no entanto este ítrio, este todo supostamente homogêneo, ao ser submetido a determinado método de fracionamento, é dividido em frações não exatamente idênticas entre si, e que demonstram uma escala de propriedades. Ou vejamos o exemplo do didímio. Aqui estava um corpo com todos os indícios de um elemento. Havia sido separado com muita dificuldade de outros corpos que estavam próximo dele em suas propriedades, e durante este processo crucial ele foi submetido a tratamento severo sob exame muito atento. Mas surgiu outro pesquisador em Química que, submetendo este corpo supostamente homogêneo a um processo peculiar de fracionamento, dividiu-o em dois corpos, praseodímio e neodímio, entre os quais algumas diferenças eram perceptíveis. Além disso, mesmo agora nós não temos certeza de que o neodímio e o praseodímio são corpos simples. Ao contrário; ambos exibem sintomas de possível divisão interna. Se um suposto elemento, sob um tratamento adequado, revelar-se como composto de moléculas diferentes, estaremos seguramente autorizados a perguntar

fundamento. Os filósofos iniciados da antiguidade dificilmente podem ser acusados disso, porque em primeiro lugar foram eles que inventaram os mitos e as alegorias religiosas. Se não conhecessem a heterogeneidade dos seus Elementos, não teriam criado personificações do Fogo, do Ar, da Água, da Terra, e do Éter; os seus deuses e deusas do Cosmos não teriam sido abençoados com tamanha posteridade, com tanta quantidade de filhos e filhas, e elementos nascidos *de, e desde o interior de, cada respectivo Elemento*. A Alquimia e os fenômenos ocultos teriam sido uma ilusão e uma armadilha, mesmo em teoria, se os Antigos não conhecessem as potencialidades, funções correlativas e atributos de cada elemento que entra na composição do Ar, da Água, da Terra, e mesmo do *Fogo*. Este último é ainda hoje desconhecido da ciência moderna, que é obrigada a chamá-lo de Movimento, de evolução de luz e calor, estado de ignição, definindo-o pelos seus aspectos externos, e permanecendo ignorante da sua natureza. Mas há algo que a ciência moderna aparentemente não consegue perceber. Por mais diferenciados que possam ser aqueles átomos químicos simples que a filosofia arcaica chamava de “criadores dos seus progenitores respectivos”, pais, irmãos, maridos das suas mães, enquanto estas mães eram filhas dos seus próprios filhos, como Aditi e Daksha, por exemplo; por mais diferenciados que fossem estes elementos no início, dizemos, eles ainda não eram os corpos compostos que são hoje e que a ciência conhece. Nem a Água, nem o Ar, ou a Terra (sinônimo para sólidos em geral) existiam na sua forma atual; e eles representam os três únicos estados da matéria reconhecidos pela ciência. Porque todos eles são produtos já recombinações pelas atmosferas de globos completamente formados - mesmo no que diz respeito ao fogo - de modo que nos períodos iniciais da formação da Terra eles ainda eram muito *sui generis*. Agora que as condições e leis reguladoras do nosso sistema solar estão completamente desenvolvidas e que a atmosfera da nossa Terra, como a de todos os outros globos, tornou-se de certo modo um cadinho com sua dinâmica própria, a ciência oculta ensina que há um intercâmbio perpétuo no espaço das moléculas, ou mais precisamente dos átomos, correlacionando, e por isso mudando, as combinações dos seus equivalentes em cada planeta.<sup>383</sup> Alguns cientistas que estão entre os maiores físicos e químicos começam a suspeitar deste fato, que é conhecido há eras pelos Ocultistas. O espectroscópio mostra apenas a provável semelhança (no nível das evidências externas) entre as substâncias terrestres e siderais. Ele é incapaz de ir além disso, ou de revelar se os átomos siderais gravitam uns em torno dos outros da mesma forma e nas mesmas condições que se supõe que eles façam em nosso planeta, fisicamente e

---

se resultados similares não poderiam ser obtidos em relação a outros elementos, e talvez em relação a todos os elementos, caso eles sejam tratados da maneira correta. Podemos até perguntar onde irá parar o processo de separação. É um processo que naturalmente pressupõe variações entre as moléculas individuais de cada espécie. E nestas sucessivas separações nós naturalmente encontramos corpos cada vez mais semelhantes uns aos outros.” (Discurso presidencial, ou “presidential address”, na Royal Society of Chemists, em março de 1888.) (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>383</sup> Esta frase merece em si mesma uma cuidadosa reflexão. Ela não só aponta para a atividade das partículas atômicas, mas possui uma dimensão astrológica ao mencionar o intercâmbio astral entre os planetas do nosso sistema solar, que é *subatômico* e *meta-atômico*. O mesmo pode-se dizer das frases seguintes. (Nota do Tradutor)

quimicamente. A escala de temperaturas, desde o mais alto grau até o mais baixo que se possa conceber, pode ser imaginada como uma só para todo o Universo. No entanto, as suas propriedades, exceto as de dissociação e reassociação, diferem em cada planeta; e deste modo os átomos entram em formas de existência novas, jamais sonhadas pela ciência física e incognoscíveis para ela. Como já foi dito em “Five Years of Theosophy”<sup>384</sup>, a essência da matéria dos cometas, por exemplo, “é totalmente diferente de qualquer uma das características físicas ou químicas conhecidas pelos maiores químicos e físicos da Terra” (pp. 241-242). E mesmo esta matéria, durante uma rápida passagem pela nossa atmosfera, experimenta uma certa mudança em sua natureza. Deste modo, não só os elementos dos nossos planetas, mas também os elementos de todas as irmãs deles em nosso sistema solar, diferem tão amplamente uns dos outros, em suas combinações, quanto os elementos cósmicos que estão além dos nossos limites solares.<sup>385</sup> Portanto, não podem ser adotados como padrão para comparar os mesmos elementos em outros mundos.<sup>386</sup> Recolhido em seu estado primordial e virginal no seio da Mãe Eterna, cada átomo nascido além do limite do reino dela está condenado à incessante diferenciação. “A Mãe dorme, e no entanto está sempre respirando.” E cada respiração manda para fora, para o plano da manifestação, os seus produtos proteanos<sup>387</sup>, que, levados

---

<sup>384</sup> O volume “Five Years of Theosophy” é uma seleção dos cinco primeiros anos da revista “The Theosophist”, da Índia, e é distribuído atualmente pela Theosophy Company, de Los Angeles. Possui 575 pp. (Nota do Tradutor)

<sup>385</sup> Isso também é corroborado pelo mesmo cientista [*Subnota do Tradutor: William Crookes*], na mesma palestra. Ele cita Clerk Maxwell dizendo “que os elementos não são absolutamente homogêneos”. E escreve: “É difícil conceber a seleção e a eliminação de variedades intermediárias, porque para onde poderiam ter ido estas moléculas eliminadas, se, como temos razões para pensar, o hidrogênio, etc., das estrelas fixas é composto de moléculas idênticas em todos os aspectos às nossas próprias?” Ele acrescenta: “Em primeiro lugar podemos questionar esta identidade molecular absoluta, já que até agora não tivemos meios de chegar a uma conclusão exceto pelo espectroscópio, e é sabido que, para comparar e discernir os espectros de dois corpos, eles deveriam ser examinados sob estados idênticos de temperatura, pressão, e todas as outras condições físicas. Certamente temos visto, no espectro do Sol, raios que não somos capazes de identificar.” (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>386</sup> “Cada mundo tem o seu Fohat, que é onipresente em sua própria esfera de atuação. Mas há tantos Fohats quantos mundos, todos eles variando em poder e grau de manifestação. Os Fohats individuais formam um Fohat Universal, Coletivo, o aspecto-de-Entidade da Não-Entidade única e absoluta, que é absoluta Existencialidade, ‘SAT’. Milhões e bilhões de mundos são produzidos em cada Manvântara”, afirma-se. Deve haver portanto muitos Fohats, que vemos como Forças conscientes e *inteligentes*. A ideia, naturalmente, é desagradável para as mentes científicas. No entanto os Ocultistas têm fortes motivos para considerar todas as forças da natureza como verdadeiros estados da matéria, embora suprassensoriais; e como possíveis objetos de percepção para Seres que possuam os sentidos necessários. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>387</sup> *Proteanos*: relativos a Proteu, divindade marinha da mitologia grega, pastor dos rebanhos de Poseidon. A palavra implica a capacidade de mudar constantemente no aspecto externo. Proteu conhecia o presente, o passado e o futuro, e assumia todas as formas possíveis. Proteu é citado na Carta 88 de “Cartas dos Mahatmas”. (Nota do Tradutor)

adiante pela onda do efluxo, são espalhados por Fohat e levados para além desta ou de outra atmosfera planetária. Uma vez capturado pela atmosfera, o átomo é perdido; a sua pureza primordial é desfeita para sempre, a menos que o Destino o desassocie levando-o para uma “corrente de EFLUXO” (termo oculto cujo significado é bem diferente do que as palavras sugerem no plano convencional). Quando o átomo pode ser transportado outra vez até a fronteira onde havia perecido, e lança-se em um voo, não pelo Espaço *acima*, mas no Espaço *interior*, ele é levado até um estado de equilíbrio diferencial e reabsorvido de maneira satisfatória. Se um Ocultista-Alquimista verdadeiramente bem informado fosse escrever “A Vida e as Aventuras de um Átomo”, ele ficaria sujeito por causa disso ao desprezo eterno do químico moderno, e talvez, mais tarde, à sua gratidão.<sup>388</sup> Seja como for, “*A Respiração do Pai-Mãe sai fria e radiante e se torna quente e impura, para esfriar outra vez, e ser purificada no seio eterno do Espaço interior*”, diz o Comentário. O ser humano absorve ar puro no alto da montanha, e o lança de volta impuro, quente e alterado.<sup>389</sup> Assim, já que a temperatura mais alta é a boca e a temperatura mais baixa corresponde aos pulmões de todos os globos, o homem do nosso planeta respira apenas os rejeitos da sua “Mãe”. Portanto, “está condenado a morrer neles”.<sup>390</sup>

(b) O processo mencionado como “pequenas rodas giram; cada uma dá nascimento a outra” ocorre na sexta região a contar de cima, e no plano do mundo mais material de todos no Cosmos manifestado - o nosso plano terrestre. Estas “Sete Rodas” são a nossa cadeia planetária (veja os Comentários 5 e 6, a seguir). A palavra “Rodas” em geral significa as várias esferas e os vários centros de força; mas neste caso se refere ao nosso anel setenário.

---

<sup>388</sup> Na verdade, se um tal especialista imaginário em Química fosse intuitivo e saísse por um momento da rotina habitual da “ciência estritamente exata”, como os alquimistas de antigamente faziam, ele poderia ver sua audácia recompensada. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>389</sup> Maine de Biran fez observações sobre a relação entre condições climáticas ou atmosféricas e a consciência individual (“Journal”, Février 1814 - 31 Décembre 1816). Todos podemos sentir diferenças em nossos corpos físicos e estados de consciência, se nos deslocarmos de um continente para outro em nosso planeta, ou se formos para o alto de uma cordilheira. Deslocamentos espaciais mais modestos também produzem efeitos. (Veja-se por exemplo “The Power of Place”, an anthology by James A. Swan.) A Astrologia estuda a alteração caleidoscópica do modo como se organiza o carma individual, em seu diálogo com o sistema solar, segundo o tempo e o local em que um indivíduo nasce, ou em que está em determinado momento. (Nota do Tradutor)

<sup>390</sup> Aquele que fizer uma transposição alotrópica do lento Oxigênio em *Ozônio* com uma certa intensidade de ação alquímica, reduzindo-o à sua pura essência (e há meios de fazer isso) irá descobrir deste modo um substituto para o “Elixir da Vida” e poderá prepará-lo para uso prático. (Nota de H. P. Blavatsky) [**Subnota do Tradutor:** Esta afirmativa de HPB reforça a ideia ecológica de que a camada de ozônio presente na estratosfera terrestre se relaciona com a manutenção da vitalidade do planeta como um todo.]

## ESTÂNCIA VI - Continuação

**4. Ele as constrói à semelhança de Rodas (*mundos*) mais antigas, colocando-as nos Centros Imperecíveis.(a)**

**Como Fohat as constrói? Ele reúne o pó de fogo. Ele faz bolas de fogo, passa através delas e ao redor delas, dando-lhes vida, e então as coloca em movimento; algumas delas num sentido, outras em outro sentido. Elas são frias, ele as torna quentes. Elas são secas, ele as torna úmidas. Elas brilham, ele as abana e as resfria.(b)**

**Assim age Fohat desde um *crepúsculo* a outro, durante Sete Eternidades.<sup>391</sup>**

(a) Os Mundos são construídos “à semelhança de Rodas mais antigas”, isto é, aquelas que existiram em Manvântaras anteriores e que entraram em Pralaya, porque a LEI que estabelece o nascimento, o crescimento e a decadência de tudo no Cosmos, desde o Sol até o pirilampo que vive na relva, é UMA. É um trabalho eterno de aperfeiçoamento com cada nova aparição, mas a Substância da Matéria e das Energias é uma só em todos os casos. Esta LEI atua em cada planeta através de leis menores e variadas. Os “Centros Laya imperecíveis” têm uma grande importância, e o significado deles deve ser completamente compreendido se quisermos ter uma concepção clara da Cosmogonia Arcaica, cujas teorias agora se relacionam com o Ocultismo. De momento, uma coisa pode ser afirmada. Os mundos não são construídos nem *sobre*, nem *acima*, nem *nos* Centros *Laya*, porque o ponto-zero é uma condição, e não um ponto matemático.

(b) Devemos levar em conta que Fohat, a Força construtiva da Eletricidade Cósmica, é descrito metaforicamente como tendo surgido do mesmo modo que Rudra surgiu de Brahmã, “desde o cérebro do Pai e do seio da Mãe”, para então metamorfosear-se como macho e como fêmea, isto é, na polaridade da eletricidade positiva e negativa. Ele tem *sete filhos* que são *seus irmãos*; e Fohat é forçado a nascer uma e outra vez sempre que dois dos seus filhos-irmãos entram *em contato demasiado próximo* entre si, seja em um abraço ou em uma luta. Para evitar isso, ele une e associa os que têm naturezas diferentes, e separa aqueles cujos temperamentos são semelhantes. É claro que isso se refere, como se pode ver, à eletricidade gerada por atrito e à lei que envolve a atração entre objetos de polaridade diferente e a repulsão entre objetos cuja polaridade é a mesma. Os sete “filhos-irmãos”, no entanto, representam e personificam as sete formas do magnetismo cósmico, chamados em *Ocultismo prático* de “Sete Radicais”, cujos descendentes ativos e cooperativos são, entre outras energias, Eletricidade, Magnetismo, Som, Luz, Calor, Coesão, etc. A Ciência Oculta define todos eles como efeitos suprassensoriais em seu comportamento irrevelado, e como fenômenos objetivos no mundo dos sentidos. O nível oculto deles requer faculdades anormais para ser percebido; a sua dimensão objetiva é percebida

---

<sup>391</sup> Um período de 311.040.000.000.000 anos, de acordo com os cálculos bramânicos. (Nota de H. P. Blavatsky)

pelos sentidos físicos comuns. Todos eles pertencem a qualidades espirituais ainda mais suprassensoriais, e são emanções delas. Estas qualidades mais suprassensoriais não são personificadas, mas pertencem a CAUSAS reais e conscientes. Tentar descrever tais ENTIDADES seria pior que inútil. O leitor deve levar em conta que segundo o nosso ensinamento, que vê este Universo fenomênico como uma grande *Ilusão*, quanto mais próximo está um corpo da SUBSTÂNCIA DESCONHECIDA, mais ele se aproxima da *realidade*, e mais distante estará deste mundo de *Maya*. Portanto, embora a constituição molecular dos seus corpos não seja deduzível a partir da sua manifestação neste plano de consciência, eles, mesmo assim (desde o ponto de vista do adepto Ocultista) possuem uma nítida estrutura objetiva, se não material, no Universo relativamente numenal, por oposição ao Universo fenomênico. Os cientistas podem considerá-los se quiserem como Energia ou Energias geradas pela matéria, ou como “modos de movimentação da matéria”. O Ocultismo, vê em seus efeitos, (energias) “Elementais”; e, nas causas diretas que os produzem, operários DIVINOS e inteligentes. A íntima conexão destes Elementais (guiados pela mão certa dos Governantes) com os elementos da pura Matéria - a sua *correlação*, poderíamos dizer - resulta nos nossos fenômenos terrestres como luz, calor, magnetismo, etc.,etc. Naturalmente jamais concordaremos com os Substancialistas norte-americanos <sup>392</sup>, que consideram uma “Entidade” toda Força ou Energia, seja Luz, Calor, Eletricidade ou Coesão; porque isso seria o mesmo que considerar o barulho produzido pelo movimento das rodas de uma carruagem como uma *Entidade*. Seria confundir e identificar o “barulho” com o condutor *externo* do veículo e com a inteligência-mestra que orienta desde o *interior* do veículo. Mas nós certamente damos este nome aos “condutores” e às inteligências orientadoras - os Dhyán Chohans Governantes, como foi mostrado acima. Os “Elementais”, as Forças-da-Natureza, são as Causas secundárias, ativas, embora invisíveis, ou mais precisamente imperceptíveis. Elas são em si mesmas os efeitos de Causas primárias que estão além do Véu de todos os fenômenos terrestres. A eletricidade, a luz, o calor, etc., têm sido corretamente chamados de “Espírito ou Sombra da Matéria em Movimento”, isto é, estados suprassensoriais de matéria da qual só podemos conhecer os efeitos. Vamos expandir, então, a imagem simbólica dada acima.<sup>393</sup> A sensação de luz é como o som das rodas em movimento: um efeito puramente fenomênico, que não existe exceto para o observador. A causa imediata da sensação é comparável ao condutor - um estado suprassensorial de matéria em movimento, uma Força-da-Natureza ou Elemental. Mas, assim como o proprietário da carruagem dá ordens ao condutor desde o interior do veículo, atrás do Elemental também estão causas mais elevadas e *numenais*, as *Inteligências* de cuja essência se irradiam estes Estados da “Mãe”, gerando incontáveis bilhões de Elementais ou Espíritos-da-Natureza psíquicos, tal como cada gota de água gera os seus infusórios

---

<sup>392</sup> Veja “Scientific Arena”, um *Journal* mensal dedicado aos ensinamentos filosóficos atuais e sua influência sobre o pensamento religioso da nossa Era. Nova Iorque, A. Wilford Hall, Ph.D., L.L.D., Editor. (1886, July, August and September.) (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>393</sup> Tudo o que existe na natureza e no universo é cíclico. Os ciclos são as “rodas da vida”, ou da carruagem do universo manifestado, que é dirigida em seus inúmeros níveis e dimensões pelas inteligências divinas. (Nota do Tradutor)

infinitesimais. (Veja “Deuses, Mônadas e Átomos”, na Parte III do volume I da presente obra.) É Fohat que guia a transferência dos princípios de um planeta para outro, e de uma estrela para outra - uma estrela-criança. Quando um planeta morre, os seus princípios orientadores são transferidos para um centro *laya* ou centro adormecido, com energia potencial mas latente, que é deste modo despertada para a vida e começa a constituir-se como um novo corpo sideral. (Ver mais adiante “Algumas Concepções Teosóficas Iniciais e Erradas...”.)

É notável o fato de que os físicos, ao mesmo tempo que confessam honestamente a sua completa ignorância sobre a verdadeira natureza até mesmo da matéria terrestre, considerando a substância primordial mais como um sonho do que uma realidade sóbria, também se estabelecem como juízes desta mesma matéria e alegam saber o que ela pode ou não pode fazer em suas várias combinações. Os cientistas têm um conhecimento escasso e superficial da matéria, e mesmo assim adotam uma atitude dogmática a respeito. Para eles, é “um modo de movimento” e nada mais. Mas a *energia* inerente na respiração de uma pessoa que assopra um grão de poeira situado em cima de uma mesa, também é, inegavelmente, “um modo de movimento”, e é inegavelmente não uma qualidade da matéria, ou das partículas da poeira, mas emana da Entidade viva e consciente que assoprou, quer o impulso tenha sido dado de modo consciente ou inconsciente. De fato, atribuir à matéria - algo do qual nada é sabido até o momento - uma qualidade inerente chamada Energia, sobre a qual se sabe ainda menos, significa criar uma dificuldade muito mais séria do que a de aceitar a intervenção dos nossos “Espíritos-da-Natureza” em todos os fenômenos naturais.

Quando querem expressar-se de modo correto, os Ocultistas não dizem que a *matéria* é indestrutível e eterna, porque só a *substância* ou *essência* da matéria tem estas características (isto é, a raiz de tudo, *Mulaprakriti*). Eles asseguram que todas as chamadas Forças da Natureza, Eletricidade, Magnetismo, Luz, Calor, etc., etc., ao contrário de serem modos de movimento de partículas materiais, são, *em essência*, isto é, em sua constituição última, aspectos diferenciados daquele Movimento Universal que foi discutido nas primeiras páginas desta obra (veja o *Proêmio*). Quando se afirma que Fohat produz “Sete Centros Laya”, a ideia significa que, no que diz respeito a efeitos formadores ou criativos, a GRANDE LEI (chamada de Deus pelos teístas) interrompe, ou, mais precisamente *modifica* o movimento perpétuo em sete pontos invisíveis dentro da área do Universo manifestado. “*A grande Respiração abre no Espaço sete buracos até Laya, para fazer com que eles girem durante o Manvântara*” (Catecismo Oculto). Nós dissemos que Laya é o que a ciência chama de ponto-zero ou linha zero; o reino da negatividade absoluta, ou da única Energia real e absoluta; o NÚMENO do Sétimo Estado daquilo que nós, em nossa ignorância, chamamos de “Energia” e reconhecemos como “Energia”; ou seja, o Númeno da Substância Cósmica Indiferenciada, que é em si mesmo um objeto inalcançável e incognoscível desde o ponto de vista da percepção finita. É a raiz e a base de todos os estados de objetividade, e também de subjetividade. É o eixo neutro; não constitui um dos seus muitos aspectos, mas o seu centro. Será útil, para elucidar o significado, que imaginemos um centro neutro - o sonho daqueles que buscam descobrir o segredo do movimento perpétuo. Um “centro neutro” é, de

certo modo, o ponto-limite de qualquer conjunto de sentidos. Imagine dois planos consecutivos de matéria como já formados, e cada um deles correspondendo a um conjunto apropriado de órgãos perceptivos. Somos forçados a admitir que entre estes dois planos de matéria ocorre uma incessante circulação; e se nós seguirmos os átomos e moléculas do que pode ser chamado de inferior em sua transformação a caminho do superior, eles irão chegar a um ponto em que passarão em conjunto para além do alcance das faculdades que usamos no plano inferior. Na verdade, a matéria do plano inferior desaparece do nosso campo de percepção e se transforma em nada, ou mais precisamente se transfere para o plano superior. O estado de matéria correspondente a este ponto de transição deve certamente possuir propriedades especiais e não facilmente identificáveis. Estes “Sete Pontos Neutros”<sup>394</sup>, então, são produzidos por Fohat, o qual, segundo Milton escreve, quando

“*Os alicerces adequados (estão) estabelecidos para a construção .....*”

acelera a matéria colocando-a em atividade e fazendo-a evoluir.

O *Átomo Primordial (anu)* não pode ser multiplicado em seu estado pré-genético, nem em sua condição de primogênito; portanto ele é chamado de “SOMA TOTAL”, figurativamente, é claro, já que esta “SOMA TOTAL” não tem limites. (Veja os Adendos ou Parte III deste volume I.) Aquilo que constitui o abismo do nada para o físico, que só conhece o mundo das causas e dos efeitos visíveis, é o Espaço da Divina Plenitude para o Ocultista. A doutrina de uma evolução e re-involução (ou reabsorção) ilimitada do Cosmos é um processo que, de acordo com a Doutrina Esotérica e com o bramanismo, não tem um começo ou um final. Entre muitas outras objeções a esta doutrina, alega-se para o Ocultista que isso não pode ser real porque “segundo todas as evidências reunidas pela filosofia científica moderna há uma necessidade de que a Natureza chegue a um final.” Se a tendência da Natureza a “chegar a um final” tiver que ser considerada uma objeção tão importante à Cosmogonia Oculta, nós podemos perguntar: “Como vocês, positivistas, livres-pensadores e cientistas explicam as miríades de sistemas estelares ativos que existem em torno de nós?” Eles tiveram a eternidade para “chegar a seu final”: por que, então, o Cosmos não é uma enorme massa inerte? Até mesmo a lua é só hipoteticamente considerada como um planeta morto, “que chegou ao seu final”, e a astronomia não parece conhecer muitos planetas mortos neste sentido da palavra.<sup>395</sup> É impossível responder à pergunta. Mas além desta questão devemos levar em conta que a ideia de que a quantidade de “energia transformável” em nosso pequeno sistema deve chegar a um fim está baseada apenas na concepção falaciosa de um “Sol incandescente e branco de tanto calor”, perpetuamente irradiando para longe de

---

<sup>394</sup> Este, acreditamos, é o nome usado pelo sr. Keely, da Filadélfia, que inventou o famoso “Motor” destinado, segundo esperam os seus admiradores, a revolucionar o uso de motores no mundo, com base no que ele chama de “centros etéricos”. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>395</sup> A lua está *morta* só no que se refere a seus “princípios” *internos*, isto é, *psiquicamente* e *espiritualmente*, por absurda que a afirmação possa parecer. Fisicamente, ela é apenas um corpo semiparalisado, talvez. Ela é descrita de modo correto em Ocultismo como “a mãe insana”, a grande *lunática* sideral. (Nota de H. P. Blavatsky)

si no Espaço o seu calor, sem que haja uma compensação. A isso nós respondemos que a natureza chega a um fim e desaparece do plano objetivo apenas para reemergir depois de um tempo de descanso, saindo do plano subjetivo e subindo outra vez. Nosso Cosmo e nossa Natureza chegarão ao seu final apenas para reaparecer depois de cada PRALAYA em um plano mais aperfeiçoado. A *matéria* dos filósofos orientais não é a “matéria” e a Natureza dos metafísicos ocidentais. Pois, o que é Matéria? E, sobretudo, o que é a nossa filosofia científica, exceto aquilo que é definido de modo tão justo e amável por Kant como “a ciência dos *limites* do nosso Conhecimento”? Onde nos levaram as muitas tentativas feitas pela ciência no sentido de reunir, conectar e definir todos os fenômenos da vida orgânica como manifestações meramente físicas e químicas? Levaram-nos em geral a especulações - a meras bolhas de sabão que explodem umas depois das outras antes que os cientistas consigam descobrir fatos reais. Tudo isso poderia ter sido evitado, e o progresso do conhecimento teria prosseguido com passos gigantescos, se a Ciência e a sua filosofia tivessem evitado aceitar hipóteses baseadas apenas no conhecimento unilateral da matéria tal como *elas* a conhecem.<sup>396</sup>

Se nenhum intelecto físico é capaz de contar os grãos de areia que cobrem uns poucos quilômetros de praia de mar, ou sondar a natureza última e a essência daqueles grãos, embora eles estejam palpáveis e visíveis na mão do naturalista, como poderia qualquer materialista limitar as leis que alteram as condições e a existência dos átomos no caos primordial, ou saber com certeza alguma coisa sobre as capacidades e a potência dos átomos e das moléculas antes e depois da formação dos mundos? Estas moléculas imutáveis e eternas - muito mais grossas no espaço que os grãos da praia de mar - podem diferir em sua constituição conforme os seus planos de existência, tal como a substância-da-alma difere do seu veículo, o corpo. Cada átomo tem sete planos de ser ou de existência, segundo nos é ensinado; e cada

---

<sup>396</sup> O fato de que os satélites de Urano e Netuno, respectivamente quatro e um [*Subnota do Tradutor: quatro e um satélites segundo a ciência do século 19*], giravam, segundo se pensava, em suas órbitas desde o Leste para o Oeste, enquanto todos os outros satélites giram desde o Oeste para o Leste, constitui um bom exemplo, porque mostra quão pouco confiáveis são todas as especulações *a priori*, mesmo quando baseadas na mais estrita análise matemática. A famosa hipótese da formação do nosso Sistema Solar a partir de anéis de nebulosa, formulada por Kant e Laplace, era baseada principalmente no fato de que todos os planetas giram na mesma direção. Foi com base neste fato, matematicamente demonstrado na época de Laplace, que este grande astrônomo, fazendo cálculos conforme a teoria das probabilidades, ofereceu-se para apostar três bilhões contra um que o próximo planeta a ser descoberto teria em seu sistema a mesma peculiaridade do movimento na direção do Oriente. Afirmou-se que as leis imutáveis da matemática científica eram “prejudicadas por mais experimentos e observações”. Esta ideia do erro de Laplace prevalece em geral até hoje; mas alguns astrônomos finalmente conseguiram demonstrar (?) que o erro havia sido aceitar que a afirmativa de Laplace era um erro; e agora estão sendo dados passos na direção de corrigi-lo sem chamar a atenção de todos para o *deslize*. Muitas destas surpresas desagradáveis aguardam até mesmo pelas hipóteses de caráter puramente físico. Quantas desilusões mais podem ocorrer, então, em assuntos de natureza transcendental e Oculta? De qualquer modo, o Ocultismo ensina que a chamada “rotação reversa” é um fato. (Nota de H. P. Blavatsky)

plano é governado por suas leis de evolução e absorção específicas. Sem ter acesso a quaisquer dados cronológicos, nem sequer aproximados, a partir dos quais pudessem tentar tomar uma decisão sobre a idade do nosso planeta ou a origem do sistema solar, os astrônomos, geólogos e físicos <sup>397</sup> avançam à deriva com cada nova hipótese, para longe da praia dos fatos e na direção das profundezas insondáveis da ontologia especulativa.<sup>398</sup> A Lei da Analogia no plano da estrutura entre os sistemas trans-solares e os planetas intrassolares não opera necessariamente nas condições finitas a que cada corpo visível está sujeito, neste ou em outro plano de existência. Na Ciência Oculta, esta lei é a primeira e a mais importante das chaves para a Física cósmica; mas precisa ser estudada nos seus mínimos detalhes, e é uma chave que “precisa ser girada sete vezes” para que possa ser compreendida. A filosofia oculta é o único campo de conhecimento que pode ensinar isso. Como então poderia alguém qualificar como verdadeira ou inverdadeira a proposição dos Ocultistas segundo a qual “o Cosmos é eterno em sua coletividade incondicionada, e finito apenas em suas manifestações condicionadas”, com base na enunciação unilateral e física de que “é uma necessidade da Natureza chegar a um final”?

000000000000

Com estes versos, do quarto Sloka da Estância VI, termina a parte das Estâncias que se refere à Cosmogonia Universal, acontecida após o último Mahapralaya ou Destruição Universal. Quando o Mahapralaya ocorre, ele tira do Espaço como folhas secas tudo o que é diferenciado, incluindo Deuses e átomos. A partir do presente verso, as Estâncias se referem apenas ao nosso Sistema Solar em geral, com suas cadeias planetárias, implicitamente; e, mais especialmente, à história do nosso globo (o quarto globo, e sua cadeia). A partir de agora, as Estâncias e versos deste volume I se referem exclusivamente à evolução da nossa Terra e à evolução *na* nossa Terra. Com relação a esta última, há um estranho princípio - estranho naturalmente apenas desde o ponto de vista da ciência moderna - que deveria ser divulgado de público.

Mas antes que teorias inteiramente novas e até certo ponto surpreendentes sejam apresentadas ao leitor, elas devem ser prefaciadas por algumas palavras de explicação. Isso é absolutamente necessário, já que estas teorias entram em choque não só com a ciência moderna, mas também contradizem, em certos pontos, afirmações anteriores feitas por outros teosofistas, que alegam ter como fonte das suas explicações e relatos de ensinamentos a mesma autoridade que nós. <sup>399</sup>

---

<sup>397</sup> Do século 19. (Nota do Tradutor)

<sup>398</sup> Os Ocultistas, tendo a mais completa confiança em seus próprios e precisos registros astronômicos e matemáticos, calculam a idade da Humanidade e afirmam que ela, dividida em sexos, existe na Ronda atual há 18.618.727 anos, segundo os ensinamentos bramânicos e mesmo alguns calendários hindus. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>399</sup> “O Budismo Esotérico” e “Man: Fragments of Forgotten History”, by Two Chelas, second edition, London, Reeves and Turner, 1887, 165 pp. (Nota de H. P. Blavatsky)  
[**Subnota do Tradutor:** Os “Two Chelas” ou “Dois Discípulos” que escreveram o livro “Man: Fragments of Forgotten History” foram Mohini Chatterjee e Laura Holloway, conforme podemos ver nas Cartas dos Mestres.]

Isso poderia dar a impressão de que há uma nítida contradição entre os expositores da mesma doutrina. Na verdade, a diferença surge do caráter incompleto da informação transmitida pelos autores anteriores, que, assim, tiraram algumas conclusões errôneas e fizeram especulações prematuras em seu esforço por apresentar um sistema completo ao público. Deste modo, o leitor que já é estudante de teosofia não deve ficar surpreso ao encontrar nestas páginas a retificação de algumas afirmativas feitas em várias obras teosóficas, e também a explicação de certos pontos que têm permanecido obscuros, porque foram deixados de modo necessariamente incompleto. São muitas as questões que mesmo o autor de “O Budismo Esotérico” (a melhor e mais precisa entre tais obras) deixou sem abordar. Por outro lado, ele também introduziu diversas noções errôneas que agora devem ser apresentadas em sua verdadeira luz mística, na medida em que a presente autora for capaz de fazer isso.

Façamos então um pequeno intervalo entre os Slokas já explicados e os que se seguirão, porque os períodos Cômicos que os separam são de uma duração imensa. Isso nos permitirá um tempo amplo para construir uma visão de conjunto de alguns pontos da Doutrina Secreta que têm sido apresentados ao público de uma maneira mais ou menos incerta e às vezes equivocada.<sup>400</sup>

0000000

## Algumas Concepções Teosóficas Iniciais e Erradas Sobre os Planetas, as Rondas, e o Ser Humano

Entre as onze Estâncias omitidas <sup>401</sup>, há uma que faz uma descrição completa da formação das cadeias planetárias, uma após a outra, depois que a primeira diferenciação Cômica e Atômica começou, durante o *Acosmismo* primordial. É inútil falar “das leis que surgem quando a Divindade se prepara para criar”, porque, (a), as leis são, ou melhor, a LEI é eterna e não-criada; e (b), a Divindade é a Lei, e *vice-versa*. Além disso, a LEI única e eterna desenvolve tudo (o que haverá) na Natureza manifestada com base em um princípio setenário. As incontáveis cadeias circulares de mundos, compostas de sete globos, são graduadas nos quatro planos inferiores do mundo de formação (os três outros planos pertencem ao Universo Arquetípico). Destes sete apenas *um*, *o mais baixo e mais material destes globos*, está em nosso plano de percepção e ao alcance de nossos meios de percepção. Os outros seis estão fora de alcance e são, portanto, invisíveis ao olhar terrestre. Todas estas cadeias de mundos são as *filhas* e a criação de outra cadeia *inferior e morta* -; são *a sua reencarnação*, de certa maneira. Em outras palavras, é dito a nós o

---

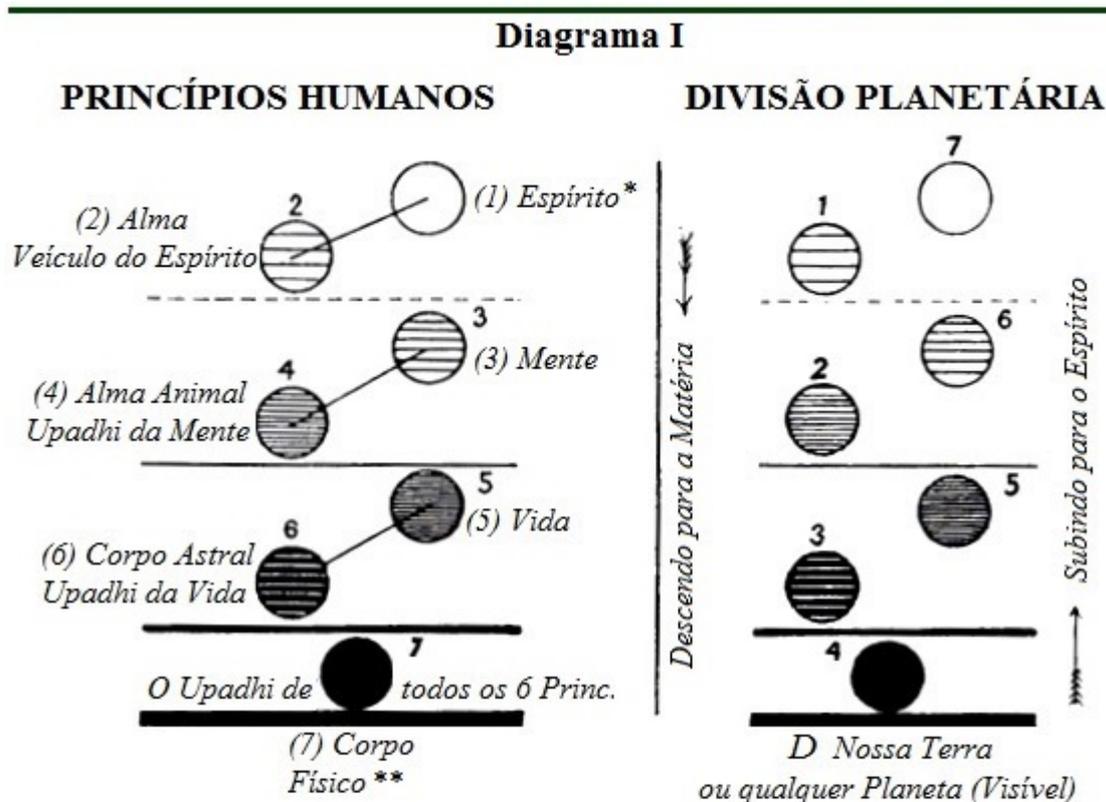
<sup>400</sup> Neste ponto, estamos à altura da página 152 do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

<sup>401</sup> Veja a propósito os quatro parágrafos anteriores e a “Nota” ao final do Proêmio. (Nota de H. P. Blavatsky)

seguinte sobre os planetas. *Apenas sete* deles eram considerados sagrados e governados pelos regentes ou deuses mais elevados, o que não quer dizer de modo algum que os antigos não soubessem de outros planetas.<sup>402</sup> E cada um dos planetas, seja ele conhecido ou desconhecido, é setenário, tal como a cadeia à qual a Terra pertence (veja “O Budismo Esotérico”). Por exemplo, todos os planetas como Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, etc.,etc., e a nossa Terra, são tão visíveis para nós assim como o nosso globo provavelmente é visível para os habitantes dos outros planetas - se há algum habitante -, porque todos eles estão no mesmo plano; enquanto que os globos superiores destes mesmos planetas estão em outros planos completamente fora do plano dos nossos sentidos terrestres. Como a posição relativa deles é dada mais adiante, e também no Diagrama junto ao Comentário do Sloka 6 da Estância VI, algumas palavras de explicação são de momento suficientes. Estes companheiros invisíveis correspondem curiosamente a aquilo que chamamos de “princípios no ser humano”. Os sete estão em três planos materiais e um plano espiritual, correspondendo aos três *Upadhis* (bases materiais) e a um veículo espiritual (*Vahan*) dos nossos sete princípios na divisão humana. Se para obter uma concepção mental mais clara imaginarmos os princípios humanos organizados em um esquema, obteremos o seguinte diagrama de correspondências:

---

<sup>402</sup> Nos Livros Secretos são listados muitos mais planetas do que nas obras astronômicas modernas. (Nota de H. P. Blavatsky)



\* Como estamos avançando aqui desde o Universal para o Particular, ao invés de usar o método indutivo ou Aristotélico, os números estão em ordem reversa. O Espírito é colocado como primeiro e não como sétimo, como normalmente; mas, na verdade, isso *não deveria ser feito*. (Nota de H.P. Blavatsky)

\*\* Ou, adotando os nomes usados normalmente à maneira de "O Budismo Esotérico" e outras obras: 1) Atma; 2) Buddhi (ou Alma Espiritual); 3) Manas (Alma Humana); 4) Kama Rupa (veículo dos desejos e sentimentos); 5) Linga Sharira; 6) Prana; 7) Sthula Sharira. (Nota de H.P. Blavatsky) [*Subnota do Tradutor: No item 4, temos no original a palavra "passions", usada no sentido clássico de "sentimentos" ou "emoções".*]

As linhas horizontais escuras dos planos inferiores são os Upadhis em um caso, e os planos no caso da cadeia planetária. Naturalmente, no que diz respeito aos princípios humanos, o diagrama não os coloca exatamente em ordem, mas mostra a correspondência e a analogia, para as quais agora chamamos atenção.<sup>403</sup> Como o

<sup>403</sup> O Globo D é como a vida física individual. O corpo de um ser humano equivale ao Globo D, e a sua vida física corresponde ao período de atividade do Globo D. A escala de correspondências entre a consciência individual e a consciência planetária, tal como apresentada neste e em outros trechos de "A Doutrina Secreta", é parte central dos ensinamentos esotéricos e iniciáticos. Assim, o Diagrama acima aponta para o discípulo e o caminho das grandes iniciações, que correspondem a graus de compreensão da consciência planetária e solar, e de autoidentificação com esta consciência. O ciclo também se relaciona com a jornada da reencarnação individual. (Nota do Tradutor)

leitor verá, é um processo de descida até a matéria, de ajustamento entre os dois - tanto no sentido místico como no sentido físico -, e de mistura para a grande “luta da vida” que espera pelas duas *entidades*. Pode ser considerado estranho o uso do termo “entidade” no caso de um globo; mas os filósofos antigos, que viam a Terra como um enorme “animal”, eram mais sábios em sua época do que os modernos geólogos são nos tempos atuais. Plínio, que via nossa Terra como uma amável mãe e protetora, o único elemento que não é nocivo ao homem, estava mais certo que Watts, que imaginou ver nela um banquinho para Deus descansar os seus pés.<sup>404</sup> Porque a terra é o único banco de apoio para os pés do homem em sua subida para regiões mais elevadas; a antecâmara

“..... de mansões gloriosas,  
na qual uma multidão em movimento se esforça.”

Mas isso só mostra a maneira admirável como a filosofia oculta vale para todas as coisas da Natureza, e como os seus princípios são muito mais lógicos do que as especulações hipotéticas, e sem vida, da ciência física.

Tendo aprendido isto, o místico estará mais preparado para compreender o ensinamento oculto, ainda que todo estudante formal da ciência moderna possa considerá-lo, e provavelmente o considere, ridículo e absurdo. O estudante de ocultismo, porém, defende a ideia de que a teoria que estamos discutindo é muito mais filosófica e provável do que qualquer outra. Ela é mais lógica, pelo menos, do que a teoria recentemente formulada que vê a Lua como projeção de uma parte da Terra expulsada quando esta última era apenas um globo em estado de fusão, uma massa plástica derretida.<sup>405</sup>

Afirma-se que as cadeias planetárias têm os seus “Dias” e suas “Noites”, isto é, períodos de atividade ou vida, e períodos de inércia ou morte; e se comportam no céu como os seres humanos se comportam na Terra: eles geram seres semelhantes a si, envelhecem, e se extinguem, pessoalmente. Apenas os seus princípios espirituais vivem, como sua continuação, nos descendentes deles.

---

<sup>404</sup> Em Isaías, 66:1, Jeová afirma: “O céu é o meu trono, e a terra o escabelo [*pequeno banco*] dos meus pés.” (Nota do Tradutor)

<sup>405</sup> Diz Samuel Laing, autor de “Modern Science and Modern Thought”: “As conclusões astronômicas [*Subnota do Tradutor: do século 19*] são teorias baseadas em fatos tão incertos que, enquanto em alguns casos eles apontam para quantidades incrivelmente pequenas, como o tempo de 15 milhões de anos para todo o processo passado de formação do sistema solar, em outros casos eles dão resultados inacreditavelmente longos, como a *suposição de que a Lua tenha sido expelida da Terra quando esta rotava em torno do seu eixo em três horas, quando na verdade o período necessário para tornar mais lenta a rotação, com base em observações, teria que ser de 600 milhões de anos para fazer a Terra girar em vinte e três horas ao invés de vinte e quatro.*” (p. 48) E se os físicos insistirem, com que fundamento a cronologia dos hindus pode ser motivo de riso, como se ela fosse exagerada? (Nota de H.P. Blavatsky)

Sem tentar a tarefa muito difícil de revelar o processo inteiro em todos seus detalhes cósmicos, podemos revelar o suficiente para transmitir uma ideia aproximada. Quando uma cadeia planetária está em sua última Ronda, o seu Globo 1 ou A, antes de *morrer*, manda toda a sua energia e seus “princípios” para um centro neutro de força latente, um “centro laya”, e deste modo *informa* um novo núcleo de substância ou matéria indiferenciada, isto é, coloca-o em atividade e lhe dá vida. Suponhamos que este processo tenha ocorrido na cadeia “planetária” lunar; suponhamos também, hipoteticamente (embora a teoria do sr. Darwin, citada mais adiante, tenha sido recentemente prejudicada, ainda que isso não tenha sido comprovado por cálculos matemáticos), que a Lua seja muito mais velha que a Terra. Imaginemos os seis globos companheiros da Lua - éons antes que surgisse o primeiro dos nossos sete globos - quando eles estavam situados exatamente na mesma posição relativa que os globos companheiros da nossa cadeia ocupam agora em relação à Terra. (Veja, em “O Budismo Esotérico”, os capítulos “A Constituição do Homem” e “A Cadeia Planetária”.) Agora será fácil imaginar também o Globo A da cadeia lunar transmitindo a constituição interior do Globo A da cadeia terrestre e - morrendo; o Globo B mandando, depois disso, a sua energia para o Globo B da nova cadeia; mais tarde o Globo C da cadeia lunar criando sua “filha”, a esfera C da cadeia terrestre; e na sequência a Lua (nosso satélite <sup>406</sup>) passando para o globo mais baixo do nosso anel planetário - o Globo D, nossa Terra - toda a sua vida, sua energia e seus poderes; e, tendo transferido eles todos para um novo centro, transformando-se virtualmente em *um planeta morto*, no qual a rotação quase não existe desde o nascimento do nosso globo. A Lua é agora a quantidade residual fria, a sombra que segue atrás do novo corpo, para o qual os seus poderes vitais e “princípios” foram transferidos. Ela está agora condenada a permanecer sempre seguindo a Terra, por longas eras, sendo atraída pela sua descendente e exercendo atração sobre ela. Constantemente *vampirizada* pela sua filha, ela se vingará em todos os aspectos através da influência nociva, invisível e envenenada que emana do lado oculto da sua natureza. Porque ela é um corpo *morto*, que no entanto *vive*. As partículas decadentes do cadáver dela estão cheias de vida ativa e destrutiva, embora o corpo

---

<sup>406</sup> Ela é nosso satélite, inegavelmente, mas isso não invalida a teoria segundo a qual ela deu à Terra tudo, exceto o seu cadáver. Para que a teoria de Darwin fosse verdadeira, além da hipótese derrubada acima (veja a nota de rodapé anterior), seria necessário inventar outras especulações ainda mais incongruentes. A Lua, afirma-se, esfriou cerca de seis vezes mais rápido que a Terra (“World-Life”, de Winchell): “A Lua, se a Terra tem 14 milhões de anos de idade desde a sua incrustação, tem apenas onze milhões e dois terços de milhão de anos de idade desde aquele estágio...”, etc. E se a nossa Lua é apenas algo que se separou da nossa Terra, por que uma dedução semelhante não é feita em relação às luas dos outros planetas? Os astrônomos “não sabem”. Por que razão Vênus e Mercúrio não têm satélites, e com o quê foram formados quando passaram a existir? Nós dizemos que a ciência possui uma chave apenas - a chave material - para abrir os mistérios da natureza; enquanto a filosofia oculta possui sete chaves e explica aquilo que a ciência não consegue ver. Mercúrio e Vênus não têm satélites mas eles têm “progenitores”, assim como a Terra os teve. Ambos são muito mais velhos que a Terra e, antes que esta chegue à sétima Ronda, a sua mãe, a Lua, se terá dissolvido no espaço, como as “Luas” de outros planetas já fizeram, ou não, conforme o caso; já que há planetas que possuem *várias* luas, outro mistério que nenhum Édipo da astronomia descobriu até hoje. (Nota de H.P. Blavatsky)

que elas formavam esteja sem alma e sem vida. Portanto, as suas emanções são ao mesmo tempo benéficas e malélicas. Esta circunstância encontra o seu paralelo no fato de que a relva e as plantas são extremamente fortes e cheias de vida ao redor das sepulturas, e ao mesmo tempo o cemitério e as emanções dos cadáveres são nocivas à vida. E como todos os vampiros, a Lua é amiga dos feiticeiros e inimiga dos descuidados. Nos éons mais antigos, assim como nos tempos posteriores das bruxas de Tessália <sup>407</sup> e até entre alguns dos seguidores do *tantra* em Bengala, a sua natureza e suas propriedades eram conhecidas por todo Ocultista, mas permaneceram como um livro fechado para os físicos.

Assim é a Lua desde os pontos de vista astronômico, geológico, e físico. Quanto à sua natureza psíquica e metafísica, ela deve permanecer como um segredo oculto na presente obra, tal como permaneceu no volume “O Budismo Esotérico”, apesar da afirmação audaz feita na p. 113 da quinta edição da obra <sup>408</sup>, no sentido de que “não há, na atualidade, muito mistério quanto ao enigma da oitava esfera”. Estes são, sem dúvida, temas “sobre os quais os adeptos são muito reservados em sua comunicação com discípulos não-iniciados”. Já que, além disso, eles jamais aprovaram ou ermitiram quaisquer especulações públicas sobre estes assuntos, quanto menos se falar deles, melhor. <sup>409</sup>

No entanto, sem entrar no território proibido da “oitava esfera”, pode ser útil acrescentar alguns fatos adicionais com relação às ex-mônadas da cadeia lunar - os “ancestrais lunares” - porque eles cumprem um papel na *Antropogênese* a ser abordada mais adiante. Isso nos leva diretamente à constituição setenária do homem, e na medida em que tem surgido alguma discussão ultimamente sobre a melhor classificação a ser adotada para a divisão da entidade microcósmica, trazemos aqui dois sistemas com o objetivo de facilitar a comparação. O curto texto reproduzido é da autoria do sr. T. Subba Row, um bem informado erudito vedantino. Ele prefere a classificação bramânica da Raja Ioga, e desde um ponto de vista metafísico ele está correto. Porém, como esta é uma questão de escolha e de conveniência, nós adotamos nesta obra a classificação, consagrada pelo tempo, da “Escola Esotérica dos Arhats” - que é Trans-Himalaiana. O gráfico a seguir e o seu texto explicativo são reimpressos da revista “The Theosophist”, de Madras <sup>410</sup>, e também está incluído em “Five Years of Theosophy”<sup>411</sup>:

---

<sup>407</sup> Bruxas de Tessália. Lúcio Apuleio escreveu sobre elas em “O Asno de Ouro”. A Tessália é uma região geográfica da Grécia. (Nota do Tradutor)

<sup>408</sup> Veja-se a p. 88 da edição brasileira de “O Budismo Esotérico” (Ed. Pensamento). (Nota do Tradutor)

<sup>409</sup> O leitor encontrará uma breve menção à oitava esfera na carta 70-C, volume I, p. 329, de “Cartas dos Mahatmas”. Cabe ver também as Cartas 70-A e 70-B, especialmente 70-B, em que o tema é levantado. (Nota do Tradutor)

<sup>410</sup> Madras: atual Chennai. (Nota do Tradutor)

<sup>411</sup> O volume “Five Years of Theosophy” foi reeditado pela Theosophy Co., de Los Angeles, e pode ser obtido com facilidade no século 21. Estamos à altura da p. 157, volume I, da edição original em inglês de “A Doutrina Secreta”. (Nota do Tradutor)

“Reproduzimos abaixo em forma de gráfico as classificações dos princípios do homem adotadas pelos instrutores budistas e vedantinos:

### A DIVISÃO SETENÁRIA EM DIFERENTES SISTEMAS DA ÍNDIA

Classificação no Budismo Esotérico	Classificação Vedantina	Classificação na Raja Ioga Taraka
1. Sthula Sharira	Annamaya Kosha*	} Sthulopadhi*****
2. Prana**	} Pranamaya Kosha	
3. O veículo de Prana***		
4. Kama Rupa	} Manomaya Kosha	} Sukshmopadhi
5. Mente { (a) Volições e sentimentos, etc. (b) Vignanam		
6. Alma Espiritual*****	Anandamaya Kosha	Karanopadhi
7. Atma	Atma	Atma
*Kosha é literalmente “bainha de uma espada”, a bainha (de espada) de cada princípio. (Nota de H.P. B.) **“Vida”. (Nota de H.P.B.) *** Corpo astral ou Linga Sharira. (Nota de H.P. B.) **** Sthula-Upadhi, ou base do princípio. (Nota de H.P. B.) ***** Buddhi. (Nota de H.P. B.)		

“A partir do gráfico acima pode-se ver que o terceiro princípio na classificação budista não é mencionado separadamente na divisão vedantina, já que é apenas o veículo de Prana. Fica claro também que o quarto princípio está incluído na terceira Kosha (bainha), já que este princípio é apenas o veículo da força-de-vontade, a qual consiste em uma energia da mente, não mais do que isso. Deve-se levar em conta também que Vignanamaya Kosha é considerada como diferente de Manomaya Kosha, porque após a morte é feita uma divisão entre a parte inferior da mente, digamos assim, que tem uma afinidade maior com o quarto princípio do que com o sexto princípio, e a sua parte mais elevada, que se apega ao sexto princípio, e que é, na realidade, a base para a individualidade espiritual mais alta do ser humano.

“Podemos ainda indicar aqui aos nossos leitores que a classificação mencionada na coluna da direita está ligada, para todos os efeitos práticos, à Raja Ioga, e é a melhor e a mais simples.<sup>412</sup> Embora haja sete princípios no homem, há apenas três Upadhis (bases) diferentes, em cada um dos quais o seu Atma pode trabalhar independentemente do resto. Estes três Upadhis podem ser separados por um Adepto sem que ele morra. Ele não pode separar os sete princípios, individualmente, sem destruir a sua constituição.”<sup>413</sup>

O estudante está agora mais preparado para ver que entre os três Upadhis da Raja Ioga e o seu Atma, e os nossos três Upadhis, Atma e as três divisões adicionais, há na verdade muito pouca diferença. Além disso, todo adepto, deste lado ou do outro lado dos Himalaias da Índia e quer seja ele da escola de Patañjali, da escola de Aryasanga ou da escola Mahayana, tem que tornar-se um Raja-Iogue, e tem, portanto, de aceitar a classificação da Raja Ioga Taraka, seja qual for a classificação que ele use para propósitos práticos e ocultos. Deste modo, faz pouca diferença o fato de ele falar dos *três Upadhis com seus três aspectos* e de Atma, a sua síntese eterna e imortal, ou de referir-se a eles como “os sete princípios”.

Para ajudar aqueles que podem não ter lido, ou, se leram, não compreenderam com clareza nos escritos teosóficos a doutrina das cadeias setenárias de mundos em nosso Cosmos Solar, o ensinamento é em resumo o seguinte:

1. Tudo é setenário, tanto no Universo metafísico como no Universo físico. Em consequência disso, cada corpo sideral e todo planeta, seja visível ou invisível, possui seis globos companheiros. (Veja mais adiante o Diagrama incluído no comentário ao Sloka 6 desta Estância VI.) A evolução da vida avança por estes sete globos ou corpos desde o primeiro até o sétimo e através de Sete RONDAS ou Sete Ciclos.

2. Estes globos são formados por um processo que os Ocultistas chamam de “renascimento de cadeias planetárias (ou anéis planetários)”. Quando chega-se à sétima e última Ronda de um destes anéis, o primeiro e mais alto globo, “A”, seguido por todos os outros até o último, ao invés de entrar em um certo tempo de descanso ou “obscurecimento”, como nas Rondas anteriores, começa a morrer. A dissolução “planetária” (*pralaya* planetário) está ao alcance, e a sua hora soou; cada globo deve transferir a sua vida e sua energia para outro planeta. (Veja o Diagrama II, a seguir, “A Lua e a Terra”.)

---

<sup>412</sup> O leitor deve levar em conta que estas palavras são de Subba Row e estão sendo citadas por HPB. Subba Row discordava do uso público da classificação setenária ensinada por HPB. Ele disse aqui que a classificação em quatro é a melhor “para efeitos práticos” porque pensava que a visão setenária do processo deveria permanecer em segredo. Nisso, como em algumas outras coisas, ele estava errado. (Nota do Tradutor)

<sup>413</sup> A inseparabilidade dos sete princípios, e a relativa separabilidade dos três Upadhis constituem dois pontos centrais para a compreensão do funcionamento dos sete princípios. (Nota do Tradutor)

3. Nossa Terra, o representante visível dos seus globos companheiros superiores e invisíveis, os seus “senhores” ou “princípios” (veja o Diagrama I) precisa viver, assim como os outros globos, através de sete Rondas. Durante as três primeiras, ela se forma e se consolida; durante a quarta Ronda ela se estabelece e endurece; durante as três últimas ela volta gradualmente à sua primeira forma etérea; ela é espiritualizada, digamos assim.

4. A Humanidade da nossa Terra só se desenvolve plenamente na Quarta Ronda, a Ronda em que estamos. Até este quarto Ciclo de Vida, ela é mencionada como “humanidade” apenas por falta de um termo mais adequado. Assim como a larva que se transforma em crisálida e borboleta, o ser humano, ou melhor, aquilo que se transforma em ser humano, passa por todas as formas e reinos durante a primeira Ronda e por todas as formas humanas durante as duas Rondas seguintes. Chegado à nossa Terra no começo da Quarta Ronda na série atual de ciclos de vida e raças, o HOMEM é a primeira forma que ali aparece, sendo precedido apenas pelos reinos mineral e vegetal. E mesmo este último *precisa desenvolver e continuar a sua evolução através do homem*. Isso será explicado no Volume II. Durante as três próximas Rondas, a Humanidade, assim como o globo no qual ela vive, terá sempre a tendência de reassumir a sua forma primordial, a forma da Hoste Dhyan-Chohânica. Como todos os outros átomos do Universo, o homem tende a se tornar *um Deus*, e, mais tarde, DEUS.

“Começando logo na segunda ronda, a Evolução prossegue já em um plano bastante diferente. É somente na primeira ronda que o homem (celestial) se torna um ser humano no globo A, transforma-se (outra vez) em um mineral, uma planta, um animal, nos globos B e C, etc.<sup>414</sup> Este processo muda inteiramente a partir da segunda ronda; mas você aprendeu a ser prudente ..... e aconselho que *não diga nada antes que chegue o tempo certo para dizer .....*” (trecho de uma carta do Mestre sobre vários temas)<sup>415</sup>

5. Cada um dos ciclos de vida no Globo D (nossa Terra) <sup>416</sup> é composto de sete raças-raízes. Elas começam com o etéreo e terminam com o espiritual, na linha dupla da evolução física e moral - desde o começo da ronda terrestre até o seu final. (Uma é uma “ronda planetária” desde o Globo A até o Globo G, o sétimo; a outra é a “ronda do Globo”, ou *ronda terrestre*.)

---

<sup>414</sup> Veja a propósito toda a Carta 67, e mais especialmente a p. 284, a metade inferior da p. 288, e a p. 291, no volume I de “Cartas dos Mahatmas”, Editora Teosófica, Brasília, edição em dois volumes. (Nota do Tradutor)

<sup>415</sup> O parágrafo equivalente a este, em “Cartas dos Mahatmas”, é o parágrafo final da Carta 93B, na p. 150 do volume II. (Nota do Tradutor)

<sup>416</sup> Nesta obra não nos referimos a outros Globos, com a exceção de alusões feitas de passagem. (Nota de H.P. Blavatsky)

Isto está muito bem descrito no livro “O Budismo Esotérico” e não necessita mais explicações, por enquanto.

6. A primeira raça-raiz, isto é, os primeiros “seres humanos” na Terra (ignorando-se a questão da forma) eram os descendentes dos “homens celestiais”, chamados corretamente na filosofia hindu de “Ancestrais Lunares”, ou Pitris, dos quais há sete tipos ou Hierarquias. Como tudo isso será suficientemente explicado nas próximas seções da obra e no volume II, não é necessário acrescentar mais nada aqui.

Mas as duas obras já mencionadas, que abordam assuntos da doutrina oculta, necessitam uma atenção especial. “O Budismo Esotérico” é um livro bem conhecido nos círculos teosóficos, e mesmo no mundo externo, e não cabe abordar aqui os seus méritos. É uma obra muito boa, e tem tido efeitos ainda mais excelentes. Isso não altera o fato de que contém algumas noções erradas, ou de que levou muitos teosofistas e leitores leigos a formar uma ideia equivocada das Doutrinas Secretas Orientais. Além disso, talvez a obra pareça um pouco materialista em excesso.

“Man: Fragments of Forgotten History”<sup>417</sup>, que veio mais tarde, foi uma tentativa de apresentar a doutrina arcaica desde um ponto de vista mais ideal. Foram traduzidas algumas visões obtidas na Luz Astral, e a partir da Luz Astral, para transmitir alguns ensinamentos reunidos a partir dos pensamentos de um Mestre, que infelizmente foram mal compreendidos. Esta obra também fala da evolução das primeiras raças dos homens na Terra, e contém algumas páginas excelentes de caráter filosófico. No entanto é apenas uma pequena narrativa romanceada, mística e interessante. Falhou na sua missão, porque faltavam as condições necessárias para uma tradução correta destas visões. Portanto, o leitor não deve ficar surpreso se os nossos volumes contradizem em vários detalhes estas descrições anteriores.<sup>418</sup>

A “Cosmogonia” esotérica em geral, e especialmente a evolução da Mônada humana, são apresentadas de modo tão essencialmente diferente nestes dois livros e em outras obras teosóficas escritas independentemente por estudantes *pouco experientes*, que é impossível prosseguir com a presente obra sem uma referência especial a estes dois volumes anteriores, porque ambos têm um número expressivo de admiradores, especialmente “O Budismo Esotérico”. Chegou o tempo certo para esclarecer algumas questões. Os erros devem ser verificados por comparação com os

---

<sup>417</sup> “Man: Fragments of Forgotten History”, by Two Chelas, second edition, London, Reeves and Turner, 1887, 165 pp. O livro está disponível online. (Nota do Tradutor)

<sup>418</sup> No primeiro parágrafo da Carta 128 de “Cartas dos Mahatmas”, um Mestre admite, ao comentar o esforço feito por Alfred Sennett em “O Budismo Esotérico”: “Agora vemos que ninguém, exceto aqueles que passaram pelo menos pela sua terceira iniciação, é capaz de escrever de modo compreensível sobre estes assuntos.” (“Cartas dos Mahatmas”, volume II, p. 282.) A frase afirma implicitamente um fato de grande importância: fica claro que Helena Blavatsky tinha pelo menos a terceira grande iniciação. No mesmo parágrafo de abertura da Carta 128 (p. 283), o mestre anuncia que “A Doutrina Secreta” irá explicar muitas coisas e “esclarecerá mais de um estudante perplexo”. (Nota do Tradutor)

ensinamentos originais, e corrigidos. Se uma destas obras tem uma tendência muito forte de favorecer a ciência materialista, a outra é demasiado idealista e, às vezes, fantasiosa.

As primeiras perplexidades e concepções errôneas surgiram diante da doutrina - até certo ponto incompreensível para as mentes ocidentais - que diz respeito aos periódicos “obscurecimentos” e às sucessivas “Rondas” dos Globos, ao longo das suas cadeias circulares. Uma delas é sobre “os indivíduos da *Quinta Ronda*” e até da “*Sexta Ronda*”. Aqueles que sabiam que uma Ronda é precedida e seguida por um longo *Pralaya*, uma pausa de descanso que cria um abismo intransponível entre duas Rondas até a chegada da época própria para um ciclo renovado de vida, não podiam entender a “falácia” de falar sobre “indivíduos da *quinta ronda*” e da “*sexta ronda*” em nossa *Quarta Ronda*. Gautama Buddha, foi afirmado, era um indivíduo da Sexta-Ronda; Platão e alguns outros grandes filósofos e mentes elevadas eram “indivíduos da Quinta Ronda”. Como poderia ser uma coisa destas? Que Mestre ensinara e afirmara que havia tais “indivíduos da *Quinta Ronda*” agora mesmo na Terra? E embora *tenha sido compreendido que ele dissera* que a humanidade ainda estava “na Quarta Ronda”, em outro trecho ele *pareceu* dizer que estávamos na Quinta. Diante disso foi dada uma “resposta apocalíptica” por outro Instrutor: “Algumas gotas de chuva não fazem uma monção, embora a pressagiem.” ..... “Não, nós não estamos na quinta ronda, mas homens da quinta ronda têm estado nascendo há alguns milhares de anos.”<sup>419</sup> Isso foi pior que o enigma da esfinge! Estudantes de Ocultismo sujeitaram os seus cérebros aos esforços mais radicais de especulação. Durante um tempo considerável eles tentaram ser mais sábios que Édipo e reconciliar as duas afirmativas. E como os Mestres permaneceram tão silenciosos como a própria Esfinge de pedra, foram acusados de incoerência, “contradição” e “discrepância”. Porém eles estavam simplesmente deixando que as especulações prosseguissem, com o objetivo de *ensinar uma lição* de que a mente ocidental tem extrema necessidade. Em sua presunção e arrogância, assim como no seu hábito de materializar todos os conceitos e termos metafísicos sem deixar qualquer espaço para a metáfora e a alegoria orientais, os Orientalistas transformaram numa confusão a filosofia exotérica hindu; e os teosofistas estavam agora fazendo o mesmo em relação aos ensinamentos esotéricos. Está claro que até hoje estes últimos fracassaram completamente na tentativa de compreender o significado da expressão “Indivíduos da Quinta e da Sexta Rondas”. Mas trata-se simplesmente do seguinte: cada “Ronda” traz um novo desenvolvimento e até mesmo uma mudança completa na constituição mental, psíquica, espiritual e física do ser humano, com todos estes princípios evoluindo numa escala sempre ascendente. Disso resulta que as pessoas como Confúcio e Platão que pertenciam psíquica, mental e espiritualmente aos planos mais elevados de evolução estavam em nossa Quarta Ronda do mesmo modo como o homem médio estará na Quinta Ronda, cuja humanidade está destinada a ser, nesta escala de Evolução, imensamente mais elevada que a nossa humanidade atual. De modo similar, Gautama Buddha - a sabedoria encarnada - estava ainda mais acima e era maior que todos os homens que mencionamos, e a quem

---

<sup>419</sup> Este trecho faz parte da Carta 66 em “Cartas dos Mahatmas” (volume I, p. 279). (Nota do Tradutor)

chamamos de Indivíduos da Quinta Ronda, enquanto Buddha e Shankaracharya são qualificados, alegoricamente, como Indivíduos da Sexta Ronda. Fica deste modo demonstrada outra vez a sabedoria oculta da frase - catalogada na ocasião como “evasiva” - segundo a qual “Algumas gotas de chuva não fazem uma monção, *embora a pressagem.*”

E agora o caráter verdadeiro do comentário feito em “O Budismo Esotérico” pelo seu autor ficará completamente claro:

“... É impossível que, *quando pela primeira vez são apresentados a inteligências profanas os fatos complicados de uma ciência completamente desconhecida, se possam expô-los com todas as suas devidas qualificações ..... e desenvolvimentos anormais ..... . Devemos contentar-nos em tratar primeiro das regras gerais, para passarmos depois às exceções, e isso ocorre muito particularmente no estudo do ocultismo, cujos métodos tradicionais de ensino, geralmente seguidos, têm por objetivo gravar na memória cada ideia nova, provocando uma perplexidade que é logo atenuada.*” <sup>420</sup>

Como o autor da frase é, segundo ele próprio afirma, “uma mente sem treinamento” em Ocultismo, ele foi levado pelas suas próprias deduções e pelo seu conhecimento melhor das especulações astronômicas modernas do que das doutrinas arcaicas, e de modo muito natural, sem que ele percebesse, a cometer alguns erros de detalhe, mais do que erros em relação à “regra geral”. Um destes equívocos será agora examinado. Embora seja pequeno, ele pode levar muitos iniciantes a concepções errôneas. Como as ideias erradas das edições anteriores foram corrigidas nos *Comentários* da quinta edição, assim também uma sexta edição deverá ser revisada e aperfeiçoada. Há várias razões para tais erros. (1) Eles foram provocados pela necessidade, percebida pelos instrutores, de dar o que foi chamado de “respostas evasivas”: porque as perguntas faziam uma pressão demasiado persistente para serem ignoradas, e, ao mesmo tempo, *só podiam ser respondidas parcialmente.* (2) Apesar desta situação, a confissão de que “algo incompleto é melhor do que nada” <sup>421</sup> foi com demasiada frequência mal compreendida e não tem sido apreciada como seria correto. Como resultado disso, os chelas leigos europeus fizeram em algumas oportunidades especulações sem base. Entre elas estão: (a) o “Mistério da Oitava Esfera” em sua relação com a Lua; e (b) a afirmação errônea de que dois dos Globos superiores da cadeia terrestre eram dois dos nossos planetas mais bem conhecidos: “Além da Terra ..... *somente há dois mundos de nossa cadeia que são visíveis ..... Marte e Mercúrio.....*”. (*Esoteric Buddhism*, p. 136.) <sup>422</sup>

---

<sup>420</sup> “O Budismo Esotérico”, A. P. Sinnett, Ed. Pensamento, ver p. 107. (Nota do Tradutor)

<sup>421</sup> Em inglês temos no original uma expressão idiomática: “half a loaf is better than no bread” (“metade de um pão é melhor do que nenhum pão”). (Nota do Tradutor)

<sup>422</sup> “O Budismo Esotérico”, p. 102. (Nota do Tradutor)

Este foi um grande erro. Mas a responsabilidade pelo equívoco deve ser atribuída tanto ao caráter vago e incompleto da resposta do Mestre quanto à própria pergunta do aprendiz, igualmente vaga e indefinida.

Foi perguntado: “Que planetas, entre os que são conhecidos pela ciência comum, pertencem ao nosso sistema de mundos, além de Mercúrio?” Se a expressão “Sistema de Mundos” significa para o perguntador a nossa *cadeia terrestre* ou “cordão terrestre”, ao invés de “Sistema Solar de Mundos”, como deveria ser, então é claro que a resposta iria ser provavelmente mal compreendida. Porque a resposta foi: “Marte, etc., e quatro outros planetas dos quais a Astronomia nada sabe. Nem A, B, ou YZ são conhecidos nem podem ser vistos por meios físicos, mesmo que aperfeiçoados.”<sup>423</sup> Isto é claro: (a) A Astronomia até o momento nada sabe em realidade dos planetas; nem dos antigos, nem dos que foram descobertos na época moderna. (b) Nenhum planeta *companheiro*, de A a Z, isto é, nenhum globo superior de qualquer cadeia no Sistema Solar pode ser visto. <sup>424</sup> Quanto a Marte, Mercúrio e “os outros quatro planetas”, eles têm uma relação com a Terra sobre a qual nenhum mestre ou alto Ocultista falará jamais, ou - muito menos - explicará a sua natureza.<sup>425</sup>

Que fique portanto bem clara agora a afirmação de que a teoria abordada é impossível, com ou sem evidências adicionais dadas pela Astronomia moderna. A ciência física pode fornecer evidências para corroboração, mas elas ainda assim são muito incertas, e são válidas apenas com relação a corpos celestiais que estejam no mesmo plano de materialidade que o nosso Universo objetivo. Marte e Mercúrio, Vênus e Júpiter, como cada planeta descoberto até hoje (e aqueles que ainda estão por serem descobertos), são todos, *em si mesmos*, os representantes de tais cadeias em nosso plano. Tal como foi claramente afirmado em uma das numerosas cartas do “professor” do sr. Sinnett, “existem outras e inumeráveis cadeias manvânticas de

---

<sup>423</sup> Veja neste caso específico a Carta 93B de “Cartas dos Mahatmas”, volume II, p. 148. (Nota do Tradutor)

<sup>424</sup> Com a exceção, é claro, de todos os planetas que correspondem ao número *quatro*, como a nossa Terra, a Lua, etc., etc. As cópias de todas as cartas alguma vez recebidas ou mandadas, com a exceção de algumas poucas cartas reservadas - “*nas quais não havia ensinamento algum*”, diz o Mestre -, estão com a redatora. Como era o dever da redatora, no começo, responder e explicar alguns pontos não abordados, é mais do que provável que apesar das muitas anotações nestas cópias, a redatora, na sua ignorância da língua inglesa e com o seu receio de falar demasiado, tenha sido desastrada ao dar informações. *Ela assume total responsabilidade em todas as situações e todos os aspectos*. Mas é impossível para ela permitir que os estudantes permaneçam com ideias erradas, ou acreditem que os erros são do sistema esotérico. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>425</sup> Na mesma carta esta impossibilidade é afirmada claramente: “..... Tente compreender que você está fazendo perguntas para mim que são pertinentes às mais altas iniciações. Que eu posso dar a você uma visão geral, mas *que não ouse entrar e não entrarei em detalhes.....*”, escreveu um dos Instrutores para o autor de “O Budismo Esotérico”. (Nota de H.P. Blavatsky) [**Subnota do Tradutor:** Ver trecho da Carta 93B, em “Cartas dos Mahatmas”, volume II, metade superior da p. 150.]

globos que abrigam seres inteligentes - tanto no nosso sistema solar como fora dele”.<sup>426</sup> Mas nem Marte nem Mercúrio pertencem à *nossa cadeia*. Assim como os outros planetas, eles são *Unidades* setenárias na grande hoste de “cadeias” do nosso sistema, e todos são tão visíveis quanto os seus globos *superiores* são invisíveis.

Se ainda for argumentado que certas expressões nas cartas do Instrutor podem levar a equívoco, a resposta é a seguinte: “Amém, é verdade. O autor de ‘*O Budismo Esotérico*’ estava certo ao dizer que estes são os ‘métodos tradicionais de ensino ..... que provocam uma perplexidade’ ..... a qual *pode ser aliviada ou não* - conforme o caso.” Seja como for, se é levantada a ideia de que isso poderia ter sido explicado antes, e que a verdadeira natureza dos planetas poderia ter sido descrita tal como é agora, a resposta que vem é a seguinte: “Não foi considerado conveniente fazer isso naquele momento, porque o fato teria aberto o caminho para uma série de perguntas adicionais *que nunca poderiam ser respondidas devido à sua natureza esotérica*, tornando a situação ainda mais embaraçosa.” Foi declarado repetidamente desde o início: (Primeiro) Que nenhum Teosofista, *nem mesmo um chela aceito* - e muito menos estudantes leigos - poderia esperar que os ensinamentos secretos lhe fossem explicados, *total e completamente*, antes *que ele tivesse assumido um compromisso irrevogável com a Fraternidade e passado por pelo menos uma iniciação*, porque números e símbolos não poderiam ser dados ao público, já que constituem a chave do sistema esotérico. (Segundo) Que o que havia sido revelado era apenas o revestimento esotérico do que está contido em quase todas as Escrituras exotéricas das religiões do mundo; principalmente nos brâmanas, nos Upanixades dos Vedas, e mesmo nos Puranas. Era uma pequena parte do que é divulgado muito mais completamente agora nos presentes volumes; e mesmo isso é bastante incompleto e fragmentário.

Quando a presente obra foi começada, a redatora, tendo certeza de que a especulação sobre Marte e Mercúrio era um erro, pediu aos Instrutores, *através de uma carta*, uma explicação e uma versão oficiais. Ambas chegaram no tempo devido e são reproduzidas agora.

“..... *É muito correto dizer que Marte está em um estado de obscurecimento atualmente, e que Mercúrio está apenas começando a sair do obscurecimento. Você poderia acrescentar que Vênus está em sua última Ronda. .... Se nem Mercúrio nem Vênus têm satélites, é devido às razões ..... (veja a nota de rodapé mais acima, em que as razões são dadas) e também porque Marte tem dois satélites aos quais não tem direito ..... Fobos, o suposto satélite INTERIOR, não é de modo algum satélite. Como foi destacado há muito tempo por Laplace e agora por Faye (veja COMPTES RENDUS, Tome XC, p. 569), Fobos mantém um período de tempo demasiado curto, e portanto ‘deve haver algum erro na ideia central da teoria’, segundo Faye observa corretamente ..... E ambos (Marte e Mercúrio) são cadeias setenárias, tão independentes quanto os senhores e superiores siderais da*

---

<sup>426</sup> Este trecho faz parte da Carta 62 em “Cartas dos Mahatmas” (volume I, p. 256). (Nota do Tradutor)

*Terra quanto você é independente dos 'princípios' de Daumling (Pequeno Polegar <sup>427</sup>), que eram talvez os seus seis irmãos, com ou sem toucas de dormir ..... 'A satisfação da curiosidade é a meta do conhecimento para alguns', escreveu Bacon, que estava certo ao formular este truísmo, assim como estavam certos aqueles que o conheciam antes de Bacon, quando distinguiram a SABEDORIA do Conhecimento e estabeleceram limites para o que pode ser transmitido em determinada época ..... Lembre:*

*'..... o conhecimento está em cabeças cheias de pensamentos de outros homens, e a Sabedoria, nas mentes atentas aos seus próprios pensamentos .....*

*Você nunca poderá registrar a sabedoria muito profundamente nas mentes daqueles a quem você transmite alguns dos ensinamentos esotéricos .....*

E ainda, aqui estão mais trechos de outra carta escrita pela mesma autoridade. Esta vez foi em resposta a algumas objeções levantadas para o Instrutor. As objeções estavam baseadas em raciocínios extremamente científicos e igualmente fúteis sobre como seria aconselhável reconciliar as teorias esotéricas com a Ciência Moderna, e foram escritas por um jovem teosofista como uma advertência contra a “Doutrina Secreta” e em referência ao mesmo assunto. Ele havia declarado que se existissem os globos companheiros da Terra “eles deveriam ser muito pouco menos materiais que o nosso globo”. Como então acontece que não os podemos ver? A resposta foi a seguinte:

*“..... Se os ensinamentos psíquicos e espirituais fossem mais completamente compreendidos, seria praticamente impossível até mesmo imaginar tamanha incongruência. Nenhum progresso real pode ser feito, a menos que se desista de reconciliar o irreconciliável, isto é, as ciências metafísicas e espirituais com a filosofia física ou natural, sendo 'natural' para eles (os cientistas) um sinônimo daquela matéria que pode ser percebida pelos seus sentidos corporais. O nosso Globo, conforme foi ensinado desde o início, está no fundo do arco descendente, onde a matéria das nossas percepções se mostra em sua forma mais grosseira ..... Portanto é perfeitamente racional concluir que os globos que inspiram a nossa Terra devem estar em planos diferentes e superiores. Em resumo, como Globos, eles estão em COADUNAÇÃO <sup>428</sup> mas não EM CO-SUBSTANCIALIDADE COM A NOSSA TERRA, e portanto pertencem a um estado de consciência bastante diferente. Nosso planeta (como todos os outros planetas que podemos ver) está adaptado para o estado peculiar da sua estirpe humana, aquele estado que nos capacita para ver a olho nu os corpos siderais que são coessenciais com o nosso plano e a nossa substância terrestres, assim como os seus respectivos habitantes, os jupiterianos, os*

---

<sup>427</sup> Pequeno Polegar: famosa história do folclore britânico em que o personagem central e seus seis irmãos enfrentam, e derrotam, um gigante feiticeiro. (Nota do Tradutor)

<sup>428</sup> Coadunação: ajuntamento de vários elementos num só todo ou coletividade. (Nota do Tradutor)

*marcianos, e outros podem perceber o nosso mundo <sup>429</sup>: porque os nossos planos de consciência, embora sejam diferentes em graduação e idênticos em substância, estão na mesma camada de matéria diferenciada. .... O que eu escrevi foi: 'O Pralaya menor diz respeito apenas aos nossos pequenos CORDÕES DE GLOBOS.' (Nós chamávamos as cadeias de 'Cordões' naqueles tempos de confusão de palavras) .... 'A este cordão pertence a nossa Terra.' Isso deveria ter mostrado claramente que os outros planetas também eram 'cordões' ou CADEIAS .... Se ele (o objetor) quisesse perceber pelo menos a vaga silhueta de um destes 'planetas' nos planos mais elevados, ele teria que, primeiro, jogar fora até mesmo as finas nuvens da matéria astral que está situada entre ele e o plano superior .....'* <sup>430</sup>

Fica claro por que razão nós não poderíamos perceber, nem sequer com o uso dos melhores telescópios terrestres, aquilo que está fora do nosso mundo material. Só são capazes de falar com autoridade de tais assuntos aqueles a quem chamamos de adeptos, que sabem como dirigir a sua visão mental e transferir para outros planos de existência a sua consciência tanto física como psíquica. E eles dizem claramente:

*“Viva sua vida da forma necessária para a aquisição deste conhecimento e destes poderes, e a Sabedoria virá naturalmente até você. Quando for capaz de sintonizar a sua consciência com cada uma das sete cordas da 'Consciência Universal', as cordas que atravessam a caixa sonora do Cosmos e vibram de eternidade em eternidade, quando tiver estudado completamente 'a música das Esferas', só então você terá completa liberdade para compartilhar seu conhecimento com aqueles em quem é seguro confiar. Até lá, seja prudente. Não transmita à nossa geração atual as grandes Verdades que são herança das raças futuras. Não tente desvelar o segredo do ser e do não-ser a quem é incapaz de ver o significado oculto do HEPTACORDO de Apolo, a lira do deus radiante, em cada uma de cujas sete cordas vivem o Espírito, a Alma e o Corpo Astral do Cosmos, do qual só a concha externa caiu agora nas mãos da Ciência Moderna ..... Seja prudente, nós dizemos, use de prudência e sabedoria, e acima de tudo tenha cuidado em relação às crenças dos que aprendem com você, para evitar que eles, ao enganar a si mesmos, enganem a outros ..... porque este é o destino de toda nova verdade com a qual os seres humanos ainda estão pouco familiarizados ..... Prefira deixar que as cadeias planetárias e outros mistérios supracósmicos e subcósmicos permaneçam como terras de sonho para aqueles que nem podem ver, nem acreditam que outros possam.....”*

---

<sup>429</sup> Cabe destacar que aqui o mestre, citado por HPB, se refere às **cadeias planetárias destes outros planetas**, e não aos seus Globos D, ou às Rondas e Raças dos seus Globos D. Ao contrário da Terra, as cadeias de Marte, Júpiter, etc., não estão hoje no Globo D, e muito menos na quarta Ronda do Globo D. Portanto não há habitantes atualmente nestes planetas físicos. **Os habitantes destas cadeias são físicos durante apenas parte do período em que percorrem o Globo D.** (Nota do Tradutor)

<sup>430</sup> Veja a Carta 67, volume I, em “Cartas dos Mahatmas”. (Nota do Tradutor)

É lamentável que poucos de nós tenham seguido este sábio conselho; e que muitas pérolas de valor incalculável, muitas joias da sabedoria tenham sido jogadas a inimigos incapazes de compreender o seu valor e que se voltaram contra nós.

“*Imaginemos*”, escreveu o mesmo Mestre aos seus dois “chelas leigos”, como ele chamava o autor de “O Budismo Esotérico” e um outro cavalheiro, que foi colega de estudos dele durante algum tempo - “*imaginemos QUE A NOSSA TERRA FAÇA PARTE DE UM GRUPO DE SETE PLANETAS OU MUNDOS HABITADOS POR HUMANIDADES ..... (Os SETE planetas são os planetas sagrados da antiguidade, e todos eles são setenários.) Pois bem, o impulso vital alcança ‘A’, ou melhor, aquilo que está destinado a se tornar ‘A’ e que, até o momento, é pó cósmico (um ‘centro laya’) ..... etc.*” <sup>431</sup>

Nestas primeiras cartas os termos tinham que ser inventados e as palavras criadas. Os “Anéis” frequentemente se tornavam “Rondas”, e as Rondas “ciclos de vida”, e *vice-versa*. O Instrutor escreveu a um correspondente que chamou uma “Ronda” de “Anel Mundial”: “Acredito que isso levará a mais confusão. Nós concordamos em chamar de Ronda a passagem de uma mônada do globo ‘A’ até o globo ‘Z’ ou ‘G’ ..... A expressão ‘anel mundial’ está correta ..... O sr. .... foi enfaticamente aconselhado a estabelecer uma nomenclatura antes de dar qualquer passo adiante.....”. <sup>432</sup>

Apesar deste acordo, muitos erros, devido a esta confusão, passaram a fazer parte dos primeiros ensinamentos. As Raças chegaram a ser ocasionalmente confundidas com as “Rondas” e os “Anéis”, e houve erros similares em “Man”.<sup>433</sup> Desde o início o Mestre havia descrito:

“Como não tenho permissão para dizer-lhe *toda a verdade*, nem para divulgar os números de frações isoladas ..... não posso satisfazer sua curiosidade.” <sup>434</sup>

Esta foi a resposta às perguntas, “Se nós estamos certos, então a existência total anterior do período humano é 637”, etc., etc. A todas as perguntas sobre números, a resposta foi, “Tente resolver o problema das 777 encarnações ..... *Embora eu seja obrigado a reter informação ..... caso você consiga resolver o problema sozinho, será meu dever dizê-lo.*” <sup>435</sup>

---

<sup>431</sup> Este trecho faz parte da Carta 67 em “Cartas dos Mahatmas” (volume I, p. 290). (Nota do Tradutor)

<sup>432</sup> Transcrição não literal feita por HPB do documento publicado como Carta 66 em “Cartas dos Mahatmas” (veja o volume I, p. 275, especialmente as primeiras linhas em negrito do item **4**). (Nota do Tradutor)

<sup>433</sup> “Man: Fragments of Forgotten History”, obra citada acima. (Nota do Tradutor)

<sup>434</sup> Transcrição não literal feita por HPB do documento publicado como Carta 66 em “Cartas dos Mahatmas” (volume I, p. 276). (Nota do Tradutor)

<sup>435</sup> Transcrição não literal feita por HPB do documento publicado como Carta 66 em “Cartas dos Mahatmas” (volume I, p. 278). (Nota do Tradutor)

Mas as questões nunca foram resolvidas, e os resultados foram - uma perplexidade incessante, e erros.

Até mesmo o ensinamento sobre a constituição setenária dos corpos siderais e do macrocosmo - da qual surge a divisão setenária do microcosmo, ou Homem - tem estado até agora entre os mais esotéricos. Em tempos antigos este fato costumava ser divulgado apenas na Iniciação e junto com os números mais sagrados dos ciclos. Agora, como foi dito em uma das publicações periódicas teosóficas <sup>436</sup>, a revelação de todo o sistema da cosmogonia não havia sido a meta, nem mesmo havia sido considerada por um só momento como algo possível, num momento em que uns poucos fragmentos de informação foram transmitidos moderadamente em resposta às cartas escritas pelo autor de “O Budismo Esotérico”, e nas quais ele formulara uma multiplicidade de perguntas. Entre estas havia questões sobre problemas *que nenhum MESTRE, por mais elevado e independente que fosse, teria o direito de responder, divulgando ao mundo os mistérios mais consagrados pelo tempo e mais antigos dos templos-universidades de outrora*. Por isso só umas poucas doutrinas foram reveladas em suas linhas gerais, enquanto os detalhes eram constantemente omitidos, e todos os esforços feitos para obter mais informações sobre elas foram sistematicamente neutralizados desde o início. Isso é perfeitamente natural. São sete os ramos de Conhecimento mencionados nos Puranas, dos quais fazem parte quatro Vidyas. Desses ramos, quatro, “Yajna-Vidya” (a realização de ritos religiosos para produzir certos resultados); “Maha-Vidya”, o grande conhecimento (Mágico), agora degenerado em adoração tântrica; “Guhya-Vidya”, a ciência dos Mantras e dos seus verdadeiros ritmos ou cantos, de encantamentos místicos, etc., - é somente o último, “Atma-Vidya”, ou a *sabedoria verdadeiramente Espiritual e Divina*, que pode lançar uma luz absoluta e final sobre os ensinamentos dos três anteriores. Sem a ajuda de Atma-Vidya, permanecem sendo apenas ciências *superficiais*, magnitudes geométricas que possuem comprimento e largura, mas não profundidade. Eles são como a alma, os membros e a mente de um homem adormecido. São capazes de movimentos mecânicos, de sonhos caóticos e até de sonambulismo; podem produzir efeitos visíveis, mas estimulados por causas instintivas, não por causas intelectuais e muito menos por impulsos espirituais completamente conscientes. Muitas coisas podem ser transmitidas e explicadas pelas três primeiras ciências. Mas, a menos que a chave dos ensinamentos delas seja fornecida por Atma-Vidya, elas permanecerão sempre como fragmentos de um livro destroçado, esboços de grandes verdades, palidamente percebidas pelos que são mais espirituais, mas distorcidas e tiradas de toda proporção por aqueles que se agarram ao mundo material.

Outra grande perplexidade foi criada na mente dos estudantes pela exposição incompleta da doutrina da evolução das Mônadas. Para serem completamente

---

<sup>436</sup> Revista “Lucifer”, Maio de 1888. (Nota de H.P. Blavatsky) . [**Subnota do Tradutor:** Páginas 173 e seguintes. Trata-se do artigo de HPB “*Ocultismo Versus Artes Ocultas*” (“*Occultism Versus the Occult Arts*”). A respeito do nome da revista, cabe registrar que “Lucifer” é o nome dado na antiguidade ao planeta Vênus, o irmão mais velho da Terra, a estrela d’alva, e estrela vespertina. O nome significa literalmente “portador da luz” e tem sido distorcido desde a Idade Média por teólogos desinformados.]

compreendidos, tanto este processo como o processo do nascimento dos Globos devem ser examinados muito mais no seu aspecto metafísico do que desde o que poderíamos chamar de ponto de vista estatístico, envolvendo números e outros dados que raramente há permissão para usar de modo amplo. Infelizmente, são poucos os que se sentem inclinados a lidar com estas doutrinas apenas metafisicamente. Até mesmo o melhor dos escritores ocidentais sobre as nossas doutrinas declara em sua obra, ao falar da evolução das Mônadas: “Não nos ocupamos agora de metafísica pura desta espécie”. (“Esoteric Buddhism”, p. 46) <sup>437</sup> E neste caso, conforme o Instrutor comenta em uma carta para ele, “por que esta pregação das nossas doutrinas, todo este trabalho contra a maré, e este nadar *in adversum flumen*? Por que deveria o Ocidente ..... aprender ..... do Oriente ..... algo que nunca poderá atender as exigências dos gostos específicos da sua estética?” <sup>438</sup> E ele chama a atenção do seu correspondente para “as formidáveis dificuldades encontradas por nós (os Adeptos) em cada tentativa que fazemos de explicar nossa metafísica para mentes ocidentais.”<sup>439</sup>

E isso é de fato necessário: porque *fora* da metafísica nenhuma filosofia oculta e nenhum esoterismo são possíveis.<sup>440</sup> É como tentar explicar as aspirações e afeições, o amor e o ódio, as dinâmicas mais internas e sagradas da alma e da mente do homem vivo - através da descrição anatômica do tórax e do cérebro de um corpo humano sem vida.

Devemos agora examinar os dois princípios mencionados acima, e que quase não foram mencionados em “O Budismo Esotérico”, e suplementar a questão tanto quanto for possível.

## Fatos e Explicações Adicionais Sobre os Globos e as Mônadas

Duas afirmações feitas em “O Budismo Esotérico” devem ser examinadas e cabe registrar as opiniões do autor. Na p. 49 (quinta edição em língua inglesa) <sup>441</sup>, é dito:

---

<sup>437</sup> Na edição brasileira, “O Budismo Esotérico”, Ed. Pensamento, p. 47. (Nota do Tradutor)

<sup>438</sup> Transcrição não literal feita por HPB do documento publicado como Carta 104 em “Cartas dos Mahatmas” (volume II, ver p. 183). (Nota do Tradutor)

<sup>439</sup> Transcrição não literal feita por HPB do documento publicado como Carta 104 em “Cartas dos Mahatmas” (volume II, ver página 183). (Nota do Tradutor)

<sup>440</sup> Cabe lembrar: a metafísica é a área da filosofia que trata dos primeiros princípios, incluindo a ontologia e a cosmologia. Ela está sempre conectada com a epistemologia, ou seja, o estudo da natureza ou substância do conhecimento. Todo esoterismo real ocorre *dentro* destas áreas de conhecimento. (Nota do Tradutor)

<sup>441</sup> Página 48 na edição brasileira de “O Budismo Esotérico”. (Nota do Tradutor)

“...As mônadas espirituais...que não completam plenamente a sua existência mineral no globo A, completam-na depois no globo B, e assim por diante. Elas passam várias vezes ao redor do círculo completo como minerais. Depois, várias vezes como vegetais e várias vezes como animais. De propósito nos abstermos, por enquanto, de entrar em números,” etc., etc.

Esta foi uma opção sábia, tendo em vista o grande segredo mantido em torno de números e cifras. A resistência foi agora parcialmente removida; mas talvez tivesse sido melhor na ocasião que os números reais relativos às Rondas e os giros evolutivos tivessem sido, ou revelados por inteiro, ou inteiramente omitidos. O sr. Sinnett compreendeu bem esta dificuldade, ao dizer, na p. 140 da edição em inglês:

“Por motivos que não são fáceis de adivinhar pelos leigos, os portadores do conhecimento oculto são particularmente pouco comunicativos quanto a dados numéricos sobre a cosmogonia, por mais que para o não iniciado seja incompreensível tal reserva.”<sup>442</sup>

Que tais razões existiam é evidente. No entanto, este segredo é a causa da maior parte das ideias confusas de alguns discípulos, tanto orientais como ocidentais. Pareciam ser grandes as dificuldades para que fossem aceitos os dois princípios específicos<sup>443</sup> que agora estamos examinando, exatamente devido à ausência de quaisquer dados a respeito. Mas esta era a realidade. Porque os números dos cálculos ocultos não podem ser divulgados - conforme os Mestres declararam muitas vezes - fora do círculo de chelas juramentados, e nem mesmo estes podem quebrar as regras.<sup>444</sup>

Para tornar as coisas mais claras sem abordar os aspectos matemáticos da doutrina, o ensinamento dado deve ser expandido e alguns pontos obscuros precisam ser explicados. A evolução dos Globos e a evolução das Mônadas são tão intimamente interconectadas que vamos transformar os dois ensinamentos em um só. Em relação às Mônadas, pedimos ao leitor que tenha em consideração o fato de que a filosofia Oriental rejeita o dogma teológico do Ocidente segundo o qual uma nova alma é criada para cada bebê nascido, visto como tão antifilosófico quanto impossível na economia da Natureza. É necessário que haja em cada novo Manvântara um número limitado de Mônadas em evolução e tornando-se cada vez mais perfeitas através da

---

<sup>442</sup> Página 104 na edição brasileira de “O Budismo Esotérico”. (Nota do Tradutor)

<sup>443</sup> Isto é, a evolução das mônadas e o nascimento dos globos, ou a divisão setenária dos corpos celestes e a divisão setenária do microcosmo, o ser humano. Veja mais acima. (Nota do Tradutor)

<sup>444</sup> O muro interno que mantém o segredo inclui a dificuldade de compreensão lógica do ensinamento. Ela só é vencida quando há a combinação correta de perseverança, humildade, altruísmo impessoal e a *intuição espiritual*. A razão do segredo está na *conexão direta entre o microcômico e o macrocômico*. A compreensão do tema só pode e só deve ser alcançada por almas maduras. (Nota do tradutor)

assimilação das suas muitas personalidades sucessivas. Isso é absolutamente indispensável em função das doutrinas do Renascimento, do Carma, e do retorno gradual da Mônada humana à sua fonte - a Divindade *absoluta*. Assim, embora as hostes das Mônadas mais ou menos avançadas sejam quase incalculáveis, ainda assim elas são finitas, como tudo neste Universo de contraste e finitude.

Como foi mostrado no duplo diagrama com os “princípios” humanos e os Globos ascendentes das cadeias mundiais, há uma eterna concatenação de causas e efeitos e uma perfeita analogia percorre e liga todas as linhas de evolução. Cada um gera o outro; tanto os globos como as personalidades. Mas - comecemos do início.

Foi feito acima o esboço geral do processo pelo qual as sucessivas cadeias planetárias são formadas. Para evitar concepções errôneas no futuro, alguns outros detalhes devem ser oferecidos de modo que também lancem luz sobre a história da humanidade em nossa própria cadeia, que resulta da cadeia da Lua.

Nos diagramas a seguir, a Figura 1 representa a “cadeia lunar” de sete planetas no início da sua sétima e última Ronda, enquanto a Figura 2 representa a “cadeia terrestre” que existirá, mas que ainda não existe.<sup>445</sup> Os sete Globos de cada cadeia são identificados em sua ordem cíclica pelas letras de A até G. Os globos da cadeia terrestre são marcados com uma cruz, +, símbolo da Terra.

Deve ser lembrado que as Mônadas girando em torno de qualquer cadeia setenária são divididas em sete classes ou hierarquias, de acordo com os seus estágios respectivos de evolução, de consciência e de mérito. Sigamos, então, a ordem da sua aparição no planeta A, na primeira Ronda. Os espaços-tempos entre as aparições destas hierarquias em qualquer Globo são tão ajustados que quando a Classe 7, a última, aparece no Globo A, a Classe 1, a primeira, apenas passou para o Globo B, e assim sucessivamente, passo a passo, ao longo de toda a cadeia.

Assim, na Sétima Ronda da cadeia lunar, quando a Classe 7, a última, abandona o Globo A, aquele Globo, ao invés de ficar adormecido, como fez em Rondas anteriores, começa a morrer (isto é, a entrar em seu pralaya planetário)<sup>446</sup>; e enquanto morre ele transfere sucessivamente, conforme foi dito acima, os seus “princípios”, ou elementos vitais, energia, etc., um após o outro, para um novo

---

<sup>445</sup> A cadeia terrestre está em construção e ainda não existe como um todo completo. (Nota do Tradutor)

<sup>446</sup> O Ocultismo divide os períodos de Descanso (Pralaya) em vários tipos; há o pralaya *individual* de cada Globo, quando a humanidade e a vida passam para o Globo seguinte; há sete Pralayas menores em cada Ronda; o Pralaya *planetário*, quando são completadas as sete Rondas; o Pralaya *Solar*, quando o sistema inteiro chega a uma conclusão; e finalmente o Maha-Pralaya ou Brahmâ-Pralaya, o Pralaya Universal, no final de uma “Idade de Brahmâ”. Estes são os três principais *pralayas* ou “períodos de destruição”. Há muitos outros Pralayas menores, mas os deixaremos de lado por agora. (Nota de H. P. Blavatsky) [**Subnota do Tradutor:** os três principais Pralayas são, pois, o do Globo, o do Sistema Solar, e o do Universo inteiro.]



suficiente para alcançar este estágio. Assim as Mônadas da classe 2 alcançam o estágio humano incipiente só na Segunda Ronda, e assim sucessivamente, até à metade da Quarta Ronda. Mas neste ponto - e nesta Quarta Ronda em que o estágio humano será *completamente* desenvolvido - a “Porta” para o reino humano se fecha. A partir de então o número de Mônadas “humanas”, isto é, de Mônadas que estão no estágio humano de desenvolvimento, está completo. Porque as Mônadas que não atingiram o estágio humano até este ponto irão ficar, devido à própria evolução da humanidade, tão distantes e atrasadas que só alcançarão o estágio humano no final da sétima e última Ronda. Eles não serão seres humanos nesta cadeia, portanto, mas formarão a humanidade de um futuro Manvântara e serão recompensados pelo fato de serem “Homens” em uma cadeia que será toda ela mais elevada, e recebendo assim a sua compensação cármica.<sup>448</sup> Nisso há *apenas uma única solitária exceção*, por fortes razões, da qual nós falaremos mais adiante. Mas isso explica as diferenças entre as raças.

Fica claro, portanto, como é perfeita a analogia entre os processos da Natureza no Cosmos e no homem individual. Este último vive o seu ciclo vital, e morre. Os seus “princípios superiores”, que correspondem no desenvolvimento de uma cadeia planetária aos ciclos das Mônadas, passam para o Devachan, que corresponde ao “Nirvana” e aos estados de descanso que há entre duas cadeias. Os princípios “inferiores” do Homem são desintegrados a seu tempo e usados pela Natureza novamente para a formação de novos princípios humanos, e o mesmo processo ocorre na desintegração e formação de Mundos. A analogia é, pois, o guia mais seguro para a compreensão dos ensinamentos Ocultos.

Este é um dos “sete mistérios da Lua”, e agora está revelado. Os sete “mistérios” são chamados pelos *Yama-boosis* japoneses, pelos místicos da seita de Lao-tzu e monges ascetas de Quioto, de Dzenodoo, de “as sete joias”. Os ascetas e Iniciados chineses e japoneses budistas são, se uma tal coisa é possível, ainda mais resistentes do que os hindus a revelar o seu “Conhecimento”.

Mas o leitor não deve perder de vista as Mônadas, e deve receber um esclarecimento sobre a natureza delas, tanto quanto isso é permitido e sem que sejam desrespeitados os grandes Mistérios, a respeito dos quais a redatora não tem a pretensão de modo algum de ter um conhecimento completo.

A hoste monádica pode ser dividida de modo geral em três grandes classes:

1. As Mônadas mais desenvolvidas (os Deuses ou “Espíritos” Lunares, chamados na Índia de Pitris), cuja função é passar na primeira Ronda através de todo o ciclo tríplice dos reinos mineral, vegetal e animal nas suas formas mais etéreas, tênues,

---

<sup>448</sup> A peregrinação da Mônada através dos vários reinos da natureza é uma ideia central e recorrente no primeiro volume da presente obra. Veja, entre outros trechos, o comentário ao Sloka 1 da Estância V, e o Sloka 5 da Estância VII. Para avaliar o amplo alcance deste conceito na obra de pensadores de diversos povos, leia em nossos websites o artigo “As Encarnações de um Poema”. (Nota do Tradutor)

rudimentares, para se revestirem da, e se assimilarem à, substância da cadeia recentemente formada. Eles são os primeiros a alcançarem a forma humana (se podemos dizer que há alguma forma no reino do quase subjetivo), no Globo A da primeira Ronda. São eles, portanto, que abrem caminho e representam o elemento humano durante a segunda e a terceira Rondas, e finalmente produzem as suas sombras no começo da Quarta Ronda para a segunda classe, os que vêm depois deles.

2. As Mônadas que são as primeiras a alcançar o estágio humano durante as três Rondas e meia, tornando-se homens.<sup>449</sup>

3. As atrasadas: as Mônadas que ficaram para trás e devido a impedimentos cármicos não alcançarão o estágio humano durante este ciclo ou Ronda, salvo no caso de uma exceção, que será abordada em outro lugar, como foi anunciado.

A evolução da forma *externa* ou corpo em torno do *astral* é produzida pelas forças terrestres, assim como no caso dos reinos inferiores; mas a evolução do **HOMEM** interno ou real é puramente espiritual. Já não é atualmente uma passagem da Mônada impessoal através de muitas e variadas formas de matéria - dotada na melhor das hipóteses de instinto e consciência em um plano muito diferente - como no caso da evolução externa, mas uma jornada da “alma-peregrina” através de vários *estados não só de matéria*, mas de autoconsciência e autopercepção, ou de

---

<sup>449</sup> Somos aqui forçados a usar a enganosa palavra “homens”, e isso constitui uma clara prova de que os idiomas europeus estão pouco habilitados para expressar estas diferenças sutis.

É evidente que estes “homens” não eram semelhantes aos homens de hoje, nem na forma nem na substância. Por que, então, eles são chamados de “homens”? Porque não há outro termo em qualquer língua ocidental que transmita aproximadamente a ideia correta. A palavra “homens” pelo menos indica que estes seres foram “MANUS”, entidades pensantes, por mais que fossem diferentes de nós em forma e em intelecto. Mas na verdade eles eram mais “deuses” do que “homens”, em relação à espiritualidade e à vida intelectual.

A mesma dificuldade de idioma ocorre ao descrevermos os “estágios” através dos quais passa a Mônada. Desde o ponto de vista metafísico, é naturalmente um absurdo falar do “desenvolvimento” de uma Mônada, ou dizer que *ela* se torna “humana”. Mas qualquer tentativa de preservar a precisão metafísica da linguagem num idioma como o inglês tornaria necessários pelo menos três volumes a mais, na presente obra, e provocaria uma quantidade extremamente cansativa de repetições verbais. É fácil perceber que uma MÔNADA não pode nem progredir nem desenvolver-se, e nem ser afetada pelas mudanças de estado que experimenta. *Ela não é deste mundo nem deste plano*, e pode ser comparada apenas a uma estrela indestrutível de luz e fogo divinos, lançada aqui embaixo em nossa Terra como uma tábua de salvação para as personalidades em que ela habita. Cabe a estas últimas agarrarem-se a ela, e assim, partilhando da sua natureza divina, alcançar a imortalidade. Em si mesma, a Mônada não se agarrará a coisa alguma; mas, como uma “tábua de salvação”, será lançada de uma encarnação para a outra pela incessante corrente de evolução. (Nota de H. P. Blavatsky)

*percepção* a partir de *apercepção*.<sup>450</sup> (Veja “Deuses, Mônadas e Átomos”, na parte III deste volume I.)

A MÔNADA emerge do seu estado de inconsciência espiritual e intelectual; e, evitando os dois primeiros planos - tão próximos do ABSOLUTO que não permitem qualquer correlação com algo de um plano inferior - chega diretamente ao plano da Mentalidade. Mas não há plano algum em todo o universo com uma margem maior, ou um campo maior de ação em suas gradações quase intermináveis de qualidades perceptivas e aperceptivas, do que este plano, que possui por sua vez um plano menor apropriado para cada “forma”, desde a mônada “mineral” até o momento em que aquela mônada floresce graças à evolução como uma MÔNADA DIVINA. Mas o tempo todo ela ainda é a mesma Mônada. Difere apenas em suas encarnações, ao longo de uma permanente sucessão de ciclos de obscurecimento total ou parcial do espírito, ou de obscurecimento total ou parcial da matéria - duas antíteses polares -, enquanto sobe para os reinos da espiritualidade mental, ou desce até à mais profunda materialidade.

Voltemos à obra “O Budismo Esotérico”. Nela é afirmado o seguinte em relação ao enorme período que separa a época mineral no globo A da época humana <sup>451</sup>:

“O pleno desenvolvimento da época mineral do globo A prepara terreno para o desenvolvimento vegetal. Tão logo este se inicia, o impulso da vida mineral inunda o globo B. Quando o desenvolvimento vegetal no globo A é completo e inicia-se o desenvolvimento animal, então o impulso de vida vegetal inunda o globo B e o impulso mineral passa ao globo C. Finalmente chega o impulso da vida humana ao globo A.” (p. 48 da edição brasileira) <sup>452</sup>

E assim sucessivamente, durante três Rondas, após as quais o processo desacelera, e finalmente se interrompe no limiar do nosso Globo, na Quarta Ronda; porque o período humano (do verdadeiro homem físico que virá a existir), o sétimo, agora foi alcançado. Isso é evidente, porque, como foi dito, “..... existem processos de evolução que antecedem a evolução mineral, e assim ocorre que uma onda de evolução, na verdade várias ondas de evolução, precedem à onda mineral em seus progressos em volta das esferas.” (*mesma página 48*)

---

<sup>450</sup> “Apercepção”: termo usado por Leibniz para designar a percepção reflexiva que a mente tem de seus próprios estados internos. (*Dicionário Oxford de Filosofia*, Zahar Editor). HPB escreve poucas páginas mais adiante que a *apercepção*, “junto com a *sensação* dos nervos (mais do que *percepção* dos nervos) expressa o estado da consciência monádica ao longo de todos os Reinos até o ser humano”. (Nota do Tradutor)

<sup>451</sup> A expressão “época humana” é usada aqui por causa da necessidade de dar um nome ao quarto reino, que se segue ao reino animal. Mas na verdade o “homem” do Globo A durante a primeira ronda não é um ser humano, mas apenas o seu protótipo, ou a sua imagem das regiões astrais, sem dimensões. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>452</sup> Páginas 48-49 da quinta edição em inglês. (Nota do Tradutor)

E agora devemos citar outro artigo, “The Mineral Monad” (“A Mônada Mineral”), no livro “Five Years of Theosophy”, pp. 273 e seguintes <sup>453</sup>:

“Há sete reinos. O primeiro grupo inclui três graus de elementais, ou centros nascentes de forças; desde o primeiro estágio de diferenciação para fora de Mulaprakriti (ou mais precisamente, Pradhana, a matéria homogênea primordial), até o seu terceiro grau, isto é, desde a completa inconsciência à semipercepção. O segundo grupo, mais elevado, inclui os reinos desde o vegetal até o humano; o reino mineral forma, portanto, o ponto central ou ponto de mutação nos graus da ‘Essência Monádica’, considerada como uma energia em evolução. Três estágios (subfísicos) no lado elemental; o reino mineral; e três estágios no lado físico objetivo <sup>454</sup>; estes são os sete (primeiros ou preliminares) elos da cadeia evolutiva.”

“Preliminares” porque são preparatórios, e embora pertençam de fato à evolução natural, eles poderiam ser definidos com mais precisão como pertencendo à evolução subnatural. Este processo interrompe-se em seu Terceiro estágio, no limiar do Quarto estágio, e se transforma, no plano da evolução natural, no primeiro estágio dirigido para o humano. Deste modo, com os três reinos elementais, ele forma o dez, o número sefirotal. Neste ponto começa -

“Uma descida do espírito à matéria que é equivalente a uma subida em evolução física; uma nova subida desde os níveis mais profundos de materialidade (o mineral) na direção da *situação anterior*, com uma dissipação correspondente do organismo concreto -; até o Nirvana, o ponto em que desaparece a matéria diferenciada.” (“Five Years of Theosophy”, p. 276.)

Fica claro, portanto, o motivo pelo qual aquilo que é corretamente chamado em “O Budismo Esotérico” de “onda de evolução”, e “de impulso” mineral, vegetal, animal e humano, se interrompe à porta do nosso Globo, no seu Quarto ciclo, ou Ronda. É neste ponto que a Mônada Cósmica (Buddhi) se combinará com o Raio Átmico e se tornará o seu veículo, isto é, ela (Buddhi) acordará para uma apercepção dele (Atma); e assim entrará no primeiro passo de uma nova escada setenária de evolução que a levará finalmente (contando de baixo para cima), ao décimo nível da árvore Sefirotal: a Coroa.

Tudo no universo avança por analogia. “O que está abaixo é como aquilo que está acima.” O homem é o microcosmo do Universo. Aquilo que ocorre no plano espiritual se repete no plano Cósmico. A concretização segue as linhas da abstração; o mais inferior deve corresponder ao mais elevado; e o material ao espiritual. Assim,

---

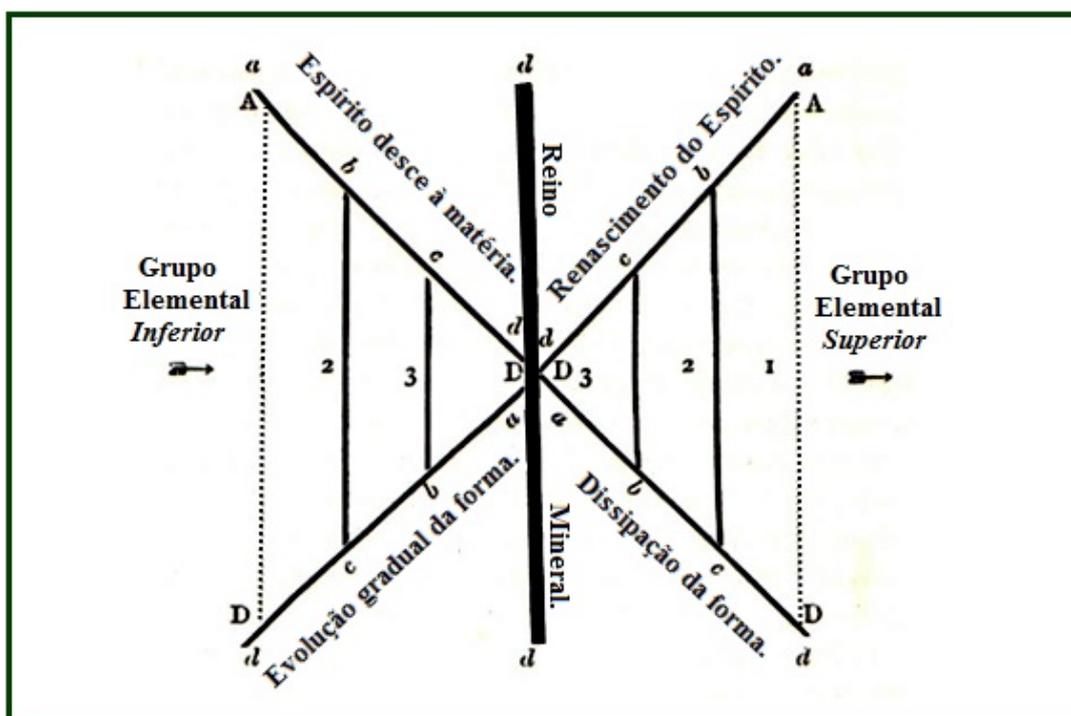
<sup>453</sup> “The Mineral Monad” é parte de um artigo mais longo intitulado “Some Inquiries Suggested by Mr. Sinnett’s Esoteric Buddhism”. Esta citação específica está à p. 276. (Nota do Tradutor)

<sup>454</sup> “Físico”, aqui, significa diferenciado desde o ponto de vista do propósito e do funcionamento cósmicos; este “lado físico”, no entanto, embora seja objetivo para a apercepção dos seres de outros planos, é ainda assim bastante subjetivo para nós em nosso plano. (Nota de H. P. Blavatsky)

correspondendo à Coroa sefirotal (ou tríade superior), existem os três reinos elementais, que precedem o reino mineral (ver diagrama na p. 277 de “Five Years of Theosophy”)<sup>455</sup>. Estes três reinos, usando a linguagem dos Cabalistas, respondem na diferenciação Cósmica aos mundos da Forma e Matéria desde o mundo Super-Espiritual até o mundo Arquetípico.

Cabe perguntar: o que é uma “Mônada”? E que relação ela tem com um átomo? A resposta a seguir se baseia nas explicações dadas em resposta a estas perguntas no artigo citado acima, “The Mineral Monad”, escrito por esta redatora.

<sup>455</sup> Estamos à altura da metade da p. 177 do original em inglês. Reproduzimos o diagrama publicado à p. 277 de “Five Years of Theosophy”, como parte do longo artigo “Some Inquiries Suggested by Mr. Sinnett’s Esoteric Buddhism”:



O texto de “Five Years of Theosophy” explica assim o diagrama: “A linha A-D representa o gradual obscurecimento do espírito à medida que ele se transfere para a matéria concreta; o ponto D indica a posição evolucionária do reino mineral desde o seu incipiente (*d*) até a sua concretização completa (*a*). E *c*, *b*, *a*, no lado esquerdo da imagem, são os três estágios da evolução elemental, isto é, os três estágios sucessivos percorridos pelo impulso espiritual (através dos elementais, tema sobre o qual há escassa permissão para falar), antes de ser aprisionado na forma mais concreta de matéria. E *a*, *b*, *c*, no lado direito, são os três estágios da vida orgânica: o vegetal, o animal e o humano. O total obscurecimento do espírito é a completa perfeição da sua antítese polar, a matéria, e esta ideia é transmitida pelas linhas A-D e D-A. As setas mostram a linha de progresso do impulso evolucionário ao ingressar em seu vórtice e ao expandir-se novamente na subjetividade do ABSOLUTO. A linha central mais grossa, *d-d*, é o Reino Mineral.” (Nota do Tradutor)

“Não há qualquer relação”, diz a resposta à segunda pergunta, “com o átomo ou molécula tal como concebidos atualmente pela ciência. A Mônada não pode ser comparada com o organismo microscópico, antes classificado como infusórios poligástricos, e agora visto como vegetal e classificado como alga; e tampouco é exatamente a Monas <sup>456</sup> dos peripatéticos. Fisicamente ou constitucionalmente a mônada mineral difere, é claro, da mônada humana, que não é física e cuja constituição não pode ser explicada por elementos ou símbolos químicos.” Em resumo, assim como a Mônada espiritual é Uma, Universal, Ilimitada e Indivisível, embora os seus raios formem o que nós, em nossa ignorância, chamamos de “Mônadas Individuais” humanas, assim também a Mônada Mineral, estando no ponto oposto do círculo, é igualmente Uma só, e dela procedem os incontáveis átomos físicos, que a Ciência está começando a ver como individualizados.

De outro modo, como poderíamos explicar matematicamente o progresso evolutivo espiralado dos Quatro Reinos? A “Mônada” é a combinação dos dois últimos “princípios” no ser humano, o sexto e o sétimo, e, na verdade, o termo “mônada humana” só se aplica à alma dual (Atma-Buddhi), e não ao seu princípio espiritual vitalizador mais elevado, Atma, tomado em si mesmo. Mas já que a Alma Espiritual não poderia existir divorciada deste último, Atma, ela tem sido chamada deste modo..... A Essência Monádica, ou melhor (se um termo como este for permitido) Essência Cósmica no mineral, vegetal, e animal, embora seja a mesma através da série de ciclos desde o elemental mais inferior até o Reino dos Devas, ainda assim difere na escala de progressão. Seria muito enganoso imaginar uma Mônada como uma entidade separada, abrindo caminho lentamente por um rumo definido através dos Reinos inferiores, e depois de uma série incalculável de transformações, florescendo como ser humano; em resumo, seria enganoso imaginar que a mônada de um Humboldt <sup>457</sup> foi um dia a mônada de um átomo de hornblenda. <sup>458</sup> Ao invés de dizer “Mônada Mineral”, o mais correto, na ciência física, que diferencia cada átomo, teria sido é claro falar da “Mônada que se manifesta naquela forma de Prakriti conhecida como Reino Mineral”. O átomo, tal como representado na hipótese científica comum, não é uma partícula de alguma coisa, animada por algo psíquico e destinada a florescer como homem depois de longas eras. O átomo é uma manifestação concreta da Energia Universal que em si mesma ainda não se individualizou; é uma manifestação sequencial da *Monas* Universal e única. O oceano (de matéria) só se divide em suas gotas potencialmente constituintes quando a onda do impulso vital chega ao estágio evolutivo do nascimento humano. A tendência na direção de segregar Mônadas individuais é gradual, e nos animais superiores quase chega ao ponto decisivo. Os peripatéticos

---

<sup>456</sup> Como HPB esclarece mais adiante (à p. 614 do volume I, edição original em inglês), a palavra grega “Monas” significa “Unidade” no seu sentido primordial. Desta palavra surge o termo “monismo”, aplicado às filosofias que adotam o princípio da unidade de tudo o que há. (Nota do Tradutor)

<sup>457</sup> Alexander von Humboldt (1769 - 1859) famoso cientista e naturalista. (Nota do Tradutor)

<sup>458</sup> Mineral do grupo dos anfibólitos. (Nota do Tradutor)

aplicavam a palavra *Monas* a todo o Cosmos, no sentido panteístico; e os Ocultistas, ao mesmo tempo que aceitam esta ideia em termos gerais, distinguem os estágios progressivos do surgimento da forma concreta desde o abstrato através de termos como “Mônada Mineral”, “Mônada Vegetal”, “Mônada Animal” (etc.). As palavras significam apenas que a onda da maré da evolução espiritual está passando através daquele arco do seu circuito. A “Essência Monádica” começa a se diferenciar imperceptivelmente na direção da consciência individual quando está no Reino Vegetal. Tal como na definição correta de Leibniz, as Mônadas são coisas não-compostas. Por isso, é a essência espiritual que as vivifica em seus graus de diferenciação que constitui propriamente a Mônada, e não a agregação atômica, que é apenas o veículo e a substância através da qual vibram graus inferiores e superiores de inteligência.

Leibniz concebia as Mônadas como unidades elementares e indestrutíveis dotadas do poder de *dar e receber* em relação a outras unidades, e assim de determinar todos os fenômenos espirituais e físicos. Foi ele que inventou o termo *apercepção*, que, junto com a *sensação* dos nervos (mais do que *percepção* dos nervos) expressa o estado da consciência monádica ao longo de todos os Reinos até o ser humano.

Assim, pode ser errado desde um ângulo estritamente metafísico chamar Atma-Buddhi de MÔNADA, já que numa visão materialista ela é dual e portanto composta. Mas a Matéria é Espírito, e *vice-versa*; o Universo e a Divindade que o informa são impensáveis como separados um do outro; e o mesmo ocorre no caso de Atma e Buddhi. Este último é o veículo de Atma. Buddhi tem a mesma relação com Atma que Adão Cadmon, o Logos cabalístico, tem com En-Soph <sup>459</sup>, ou Mulaprakriti com Parabrahm.

Mais algumas palavras sobre a Lua.

Cabe examinar o que são as “Mônadas Lunares” de que falamos há pouco. A descrição das sete classes de Pitris virá mais tarde, mas algumas explicações gerais podem ser dadas agora. Deve estar claro para todos que eles são Mônadas que, tendo terminado os seus ciclos vitais na cadeia lunar, que é inferior à cadeia terrestre, encarnaram nesta última. Mas há mais alguns detalhes que podem ser acrescentados, embora eles estejam tão próximos da fronteira do proibido que não podem ser tratados de modo completo. A palavra final do mistério é divulgada apenas para os adeptos; mas é possível afirmar que o nosso satélite é apenas o corpo grosseiro dos seus princípios invisíveis. Vendo então que há sete Terras, vemos que há sete Luas, sendo que só a última delas é visível; e que o mesmo ocorre com o Sol, cujo corpo visível é considerado uma Maya, um reflexo, assim como o corpo humano o é. “O verdadeiro Sol e a verdadeira Lua são tão invisíveis quanto o verdadeiro homem”, diz um axioma oculto.

E podemos destacar de passagem que, afinal de contas, não eram tolos aqueles cidadãos antigos que falaram pela primeira vez de “sete luas”. Porque, embora esta

---

<sup>459</sup> En-Soph: o termo também é grafado como “Ain-Soph”. (Nota do Tradutor)

concepção seja agora encarada apenas como uma medida astronômica de tempo, e de forma muito materializada, sob a casca ainda podem ser reconhecidos os traços de uma ideia profundamente filosófica.

Na realidade a Lua é satélite da Terra apenas em um aspecto, isto é, no sentido de que fisicamente ela gira em torno da Terra. Mas em todos os outros aspectos é a Terra que constitui um satélite da Lua, e não o contrário. Por mais surpreendente que possa parecer, o fato não carece de confirmação por parte do conhecimento científico. Ele é comprovado pelas marés, pelas mudanças cíclicas em muitas formas de doenças, que coincidem com as fases lunares. O fato pode ser identificado pelo crescimento das plantas, e fica muito nítido nos fenômenos da gestação e da concepção humanas. A importância da Lua e a sua influência na Terra foram reconhecidas por vários observadores em cada religião antiga, especialmente a religião judaica, e têm sido destacadas por muitos observadores de fenômenos psíquicos e físicos. Mas, de acordo com os conhecimentos da ciência, a ação da Terra sobre a Lua está limitada à atração física, que faz com que ela gire em sua órbita. E se alguém que rejeite a ideia insistir dizendo que este fato é suficiente para provar que a Lua é verdadeiramente um satélite da Terra em outros planos de ação, podemos responder perguntando se uma mãe que gira em torno do berço do seu bebê, cuidando da criança, está subordinada à criança ou depende dela; embora em um sentido ela seja um satélite, no entanto ela é certamente mais velha e mais completamente desenvolvida que a criança cuidada por ela.

É a Lua, portanto, que cumpre o papel mais importante, tanto na formação da Terra, em si, quanto no processo de povoação da Terra por seres humanos. As “Mônadas Lunares”, ou Pitris Lunares, ancestrais do homem, se tornaram em realidade seres humanos. Elas são as “Mônadas” que entram no ciclo de evolução no Globo A, e que, percorrendo a cadeia de planetas, produzem a forma humana como foi mostrado acima. No começo do estágio humano da Quarta Ronda neste Globo, elas “retiram a substância” dos seus duplos astrais desde as formas semelhantes a macacos que haviam sido produzidas na Terceira Ronda. E é esta forma sutil, melhorada, que serve de modelo para que a Natureza construa o homem físico.<sup>460</sup> Estas “Mônadas” ou “centelhas divinas” são portanto os ancestrais “Lunares”, os próprios Pitris. Porque estes “Espíritos Lunares” têm que se tornar “Homens” para que as suas “Mônadas” possam alcançar um plano mais alto de atividade e de autoconsciência, isto é, o plano dos Manasa-Putras, aqueles que transmitem na parte final da Terceira Raça-Raiz uma “mente” às cascas “insensíveis” criadas e informadas pelos Pitris.

Do mesmo modo, depois que os nossos próprios Globos A, B, C, D, etc., separando-se da sua energia vital, tiverem informado e chamado à vida outros centros Laya destinados a viver e a agir em planos ainda mais elevados de existência, as “Mônadas” ou Egos dos homens da sétima Ronda da nossa Terra, os “ancestrais” terrestres, criarão aqueles que serão os seus superiores.

---

<sup>460</sup> Neste sentido transcendente, oculto e num processo que envolve mais de um Globo, o ser humano é “descendente do macaco”. (Nota do Tradutor)

Fica agora claro que existe na Natureza um esquema evolucionário tríplice, para a formação de três *Upadhis periódicos*; ou melhor, três esquemas de evolução distintos, que em nosso sistema estão inextricavelmente entrelaçados e misturados em cada ponto. Estas são as evoluções Monádica (ou espiritual), intelectual e física. Elas são os três aspectos finitos ou reflexos da REALIDADE ÚNICA - o sétimo princípio, ATMA - no campo da Ilusão Cósmica.

1.A evolução monádica, como o nome implica, é o crescimento e o desenvolvimento da Mônada em etapas ainda mais elevadas de atividade, em conjunto com -

2.A evolução intelectual, representada pelos Manasa-Dhyanis (os Devas Solares, ou Agnishwatta Pitris), os “que doam inteligência e consciência” <sup>461</sup> ao homem, e com -

3.A evolução física, representada pelas Chhayas <sup>462</sup> dos Pitris lunares, ao redor das quais a Natureza concretizou o atual corpo físico. Este corpo serve como veículo para o “crescimento” (para usar um termo precário) e para as transformações através de Manas e - devido à acumulação de experiências - para a transformação do finito no INFINITO, do transitório no Eterno e no Absoluto.

Cada um destes três sistemas tem suas próprias leis, e é guiado e regulado por diferentes conjuntos dos mais elevados Dhyanis ou “Logoi”. Cada um é representado na constituição do homem, o Microcosmo do grande Macrocosmo; e é a união nele destas três correntes que faz dele o ser complexo que agora é.

A “Natureza”, vista como Força evolutiva física, nunca poderia produzir a inteligência sem ajuda. Ela só pode criar “formas insensíveis”, como será visto em nossa “ANTROPOGÊNESE”. As “Mônadas Lunares” não podem progredir, porque ainda não tiveram contato suficiente com as formas criadas pela “Natureza” para que possam acumular experiências. São os Manasa-Dhyanis que preenchem a lacuna, e eles representam o poder evolutivo da Inteligência e da Mente - o elo entre “Espírito” e “Matéria” - nesta Ronda.

Deve ser levado em consideração também que as Mônadas que ingressam no ciclo evolutivo no Globo A, na primeira Ronda, estão em estágios de desenvolvimento muito diferentes. Devido a isso o tema se torna um pouco complicado .....  
Recapitulemos.

As Mônadas mais desenvolvidas (as lunares) alcançam a fase germinal <sup>463</sup> na primeira Ronda. Elas se tornam seres humanos terrestres, embora muito etéreos,

---

<sup>461</sup> Veja o texto “Resumindo”, ao final da parte I deste volume I. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>462</sup> Chhayas: sombras. (Nota do Tradutor)

<sup>463</sup> Tendo em consideração a lei da analogia entre o macrocosmo e o microcosmo, cabe registrar que a expressão “fase germinal” é usada no estudo das fases iniciais da vida do feto humano. (Nota do Tradutor)

perto do final da Terceira Ronda, permanecendo no globo durante o período de “obscurcimento” na condição de sementes da futura humanidade da Quarta Ronda, e assim se tornam os pioneiros da Humanidade no começo da atual Quarta Ronda. Outros alcançam o estágio humano só durante Rondas posteriores, na segunda, na terceira, ou na primeira metade da Quarta Ronda. E finalmente, as mais atrasadas de todas, isto é, aquelas que ainda ocupam formas animais depois do ponto de não-retorno na metade da Quarta Ronda, não se transformarão em seres humanos, de modo algum, durante o Manvântara atual. Elas chegarão ao limiar da humanidade apenas no final da sétima Ronda, para serem, por sua vez, recebidos em uma nova cadeia depois do *pralaya* por pioneiros mais antigos, os progenitores da humanidade, ou a Semente-de-Humanidade (*Sishta*), ou seja, os homens que estarão à frente de todos no final destas Rondas.

O estudante dificilmente necessitará mais alguma explicação sobre o papel desempenhado pelo quarto Globo e pela quarta Ronda no esquema da evolução.

Com base nos diagramas anteriores, que são aplicáveis em termos gerais a Rondas, Globos e Raças, fica claro que o quarto membro de uma série ocupa uma posição muito particular. Ao contrário dos outros, o Quarto não tem um Globo “irmão” no mesmo plano que ele, e constitui portanto a base de apoio da “balança” representada pela cadeia em seu conjunto. É a esfera dos ajustes evolutivos finais, é o mundo da balança cármica, o Salão da Justiça onde é alcançado o equilíbrio determinante do rumo futuro da Mônada durante o que resta da sua encarnação no ciclo. E portanto ocorre que, depois que este ponto de mutação é ultrapassado no Grande Ciclo - isto é, depois do ponto médio da Quarta Raça na Quarta Ronda do nosso Globo - já nenhuma Mônada pode ingressar no reino humano. A porta está fechada neste Ciclo e o equilíbrio foi alcançado.<sup>464</sup> Porque se não fosse assim, se não houvesse reencarnação e se uma nova alma fosse criada para cada um dos bilhões de seres humanos que morreram, seria realmente difícil haver espaço para os “Espíritos” desencarnados; e tampouco poderiam ser explicadas a origem e a causa do sofrimento. Foram a ignorância dos princípios ocultos e a aplicação de concepções falsas sob a aparência de educação religiosa que criaram o materialismo e o ateísmo como protestos contra a crença em uma ordem divina das coisas.

As únicas exceções à regra colocada acima são as “raças mudas”, cujas mônadas já estão dentro do estágio humano, devido ao fato de que estes “animais” são posteriores ao homem, e mesmo parcialmente descendentes dele. Os descendentes últimos destes “animais” são os macacos antropóides e outros. Estas “representações humanas” são na verdade apenas as cópias distorcidas da humanidade primitiva. O tema receberá uma atenção detalhada no volume II.

O Comentário, reproduzido em termos gerais, afirma:

---

<sup>464</sup> É neste sentido que a vitória da evolução sobre os fatores antievolutivos ocorre primeiro no plano oculto e invisível. Quando é alcançada a quantidade de carma positivo que assegura a vitória, o êxito evolutivo fica selado, embora a vitória ainda tenha de desdobrar-se, no plano externo, conforme a dinâmica das circunstâncias. (Nota do Tradutor)

1. “Cada forma na terra, e mesmo cada partícula (átomo) no Espaço, tenta em seus esforços no rumo da autoformação seguir o modelo situado para si no ‘HOMEM DIVINO’ ..... A involução e evolução (do átomo), o seu crescimento e desenvolvimento externo e interno, têm todos um só objetivo: o ser humano; o ser humano, como a forma física última e mais elevada nesta Terra; a MÔNADA, em sua absoluta totalidade e sua condição desperta, a culminação das encarnações divinas na Terra.”

2. “Os Dhyanis (Pitris) são aqueles que produziram os seus BHUTAS (duplos) a partir de si mesmos, e cujo RUPA (forma) tornou-se veículo de mônadas (sexto e sétimo princípios) que completaram os seus ciclos de transmigração nos três Kalpas (Rondas) anteriores. Então, eles (os duplos astrais) tornaram-se os homens da primeira Raça Humana da Ronda. Mas eles não estavam completos, e não tinham sentidos.”

Isso será explicado nos próximos volumes.<sup>465</sup> Enquanto isso, o ser humano - ou melhor, a sua Mônada - existe na Terra desde os primeiros momentos desta Ronda. Mas, até a nossa própria Quinta Raça, as formas externas que cobriam aqueles duplos astrais divinos mudaram e se consolidaram a cada sub-raça; e a forma e a estrutura física da fauna mudavam ao mesmo tempo, porque tinham que estar adaptadas às condições sempre mutáveis da vida neste globo durante os períodos geológicos do seu ciclo formativo. Do mesmo modo estas formas continuarão mudando a cada nova Raça-Raiz e a cada *sub-raça principal* até a última da Sétima Raça nesta Ronda.

3. “O ser humano interno, agora oculto, era, então (no começo) o homem externo.<sup>466</sup> Descendente dos Dhyanis (Pitris), ele era ‘o filho semelhante a seu pai’. Assim como o lótus, cuja forma externa assume gradualmente a aparência do

---

<sup>465</sup> Neste trecho específico Helena Blavatsky está mencionando especialmente o volume II da obra. HPB pretendia publicar quatro volumes de “A Doutrina Secreta”. A continuação do projeto dependia do modo mais ético ou menos ético como o conhecimento transmitido nos dois volumes iniciais seria recebido pelos leitores e pelos teosofistas. E o resultado do “teste” é que apenas dois volumes foram publicados. Veja, a respeito, as linhas finais do volume II da presente obra, mencionadas na abertura da presente edição no “Prefácio da Edição Fac-similar Norte-Americana de 1947”. Talvez Helena Blavatsky tenha previsto a futura publicação de edições adulteradas de sua obra, o que de fato ocorreu ainda na década de 1890 sob a direção de Annie Besant e outros indivíduos eticamente desorientados. Saiba-se que os Mestres de Sabedoria têm uma capacidade de enxergar o futuro de curto e longo prazo. Uma das formas pelas quais o movimento teosófico organizado deixou claro que não estava preparado para receber novos ensinamentos esotéricos foi o fato de abandonar o estudo dos ensinamentos originais e publicar ensinamentos falsificados, poucos anos após a morte de HPB. (Nota do Tradutor)

<sup>466</sup> O ser humano fora-do-corpo, durante o sono, pode dar-nos uma vaga ideia. (Nota do Tradutor)

*modelo que tem dentro de si* <sup>467</sup>, assim também a forma do homem no começo evolui de dentro para fora. Depois do ciclo em que o homem começou a procriar sua espécie do mesmo modo que o reino animal atual, ocorreu o contrário. O feto humano segue agora em suas transformações todas as formas que a estrutura física do homem havia assumido ao longo dos três Kalpas (Rondas) durante os esforços tentativos por uma formação plástica em torno da mônada com matéria insensível, porque imperfeita, durante as peregrinações cegas da mônada. Na era atual, o embrião físico é primeiro uma planta, um réptil, um animal mamífero, antes de finalmente tornar-se um ser humano e produzir dentro de si mesmo, por sua vez, a sua própria contraparte etérica. <sup>468</sup> No começo era esta contraparte (o homem astral) que, sendo destituída de sentidos, ficava presa na teia da matéria.”

Mas este “homem” pertence à quarta Ronda. Como foi mostrado, a MÔNADA passou por todas as formas transicionais ao longo de cada um dos reinos da natureza durante as três Rondas anteriores, e foi aprisionada por elas e peregrinou através delas. Mas a mônada que se torna humana *não é o Ser Humano*. Nesta Ronda já nenhuma unidade de qualquer um dos reinos é animada por mônadas destinadas a se tornarem humanas no próximo estágio delas, mas só pelos Elementais inferiores dos seus respectivos reinos. <sup>469</sup> Exceção a isso são os mamíferos mais elevados e semelhantes ao homem, os antropoides destinados a deixarem de existir durante esta nossa raça, quando suas mônadas forem liberadas e passarem para formas astrais humanas (os elementais mais elevados) da Sexta <sup>470</sup> e da Sétima Raças, indo depois disso para as formas humanas mais inferiores na quinta Ronda.

A última Mônada humana encarnou antes do começo da quinta Raça-Raiz. <sup>471</sup> O ciclo da *metempsicose* para a mônada humana está fechado, porque estamos na

---

<sup>467</sup> Sobre o fato de que a miniatura do lótus está presente em sua semente, veja mais acima o comentário (**b**) do Sloka 3, na Estância II. (Nota do Tradutor)

<sup>468</sup> Esta ideia fundamental é recorrente na teosofia autêntica. Veja por exemplo em nossos websites o artigo “Um Cosmo Em Cada Feto Humano”. (Nota do Tradutor)

<sup>469</sup> Estes “Elementais” se tornarão mônadas humanas, por sua vez, apenas no próximo grande manvântara planetário. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>470</sup> A Natureza nunca se repete. Portanto, os antropoides da nossa época não existiram em nenhum momento [**Subnota do Tradutor**: isto é, não existiram *exceto agora*] desde a metade do período Miocênico, quando, como ocorre com todas as misturas raciais, eles começaram a mostrar uma tendência, crescente à medida que passava o tempo, de voltar ao tipo do seu primeiro progenitor, o gigante Lemuriano-Atlante preto e amarelo. É inútil procurar o “Elo Perdido”. Para os cientistas da parte final da Sexta Raça-Raiz, dentro de milhões e milhões de anos, as nossas raças modernas, ou melhor, os seus fósseis, serão equivalentes aos de macacos insignificantes, uma espécie extinta do gênero *homo*. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>471</sup> Tais antropoides constituem uma exceção porque não correspondem a uma intenção da Natureza, mas são o produto direto e a criação do homem “insensível”. Os hindus atribuem uma origem divina aos macacos porque os homens da Terceira Raça eram deuses de outro plano que se haviam tornado mortais “destituídos de sentidos”. Este assunto já foi abordado em “Ísis Sem Véu” doze anos atrás de modo tão claro como era possível naquela época. Nas

Quarta Ronda e na Quinta Raça. O leitor terá de levar em consideração - especialmente se tiver lido “O Budismo Esotérico” - que as Estâncias a seguir neste volume e no volume II falam da evolução apenas em nossa Quarta Ronda. Esta Ronda é o ponto de mutação, a partir do qual a matéria, tendo alcançado o seu ponto mais baixo, começa a esforçar para a frente e a tornar-se espiritualizada com cada nova Raça humana e com cada novo ciclo. Portanto, o estudante deve ter cuidado para não ver contradição onde contradições não existem, já que em “O Budismo Esotérico” fala-se em Rondas em termos gerais, enquanto aqui só é abordada a Quarta Ronda, nossa Ronda atual. Antes, era o trabalho de formação; agora, é o trabalho de reforma e de perfeição evolutiva.

Finalmente, e para concluir este capítulo sobre diversas concepções errôneas que não podem ser ignoradas, vamos mencionar uma afirmativa em “O Budismo Esotérico” que produziu uma impressão desastrosa nas mentes de muitos teosofistas. Uma frase pouco feliz da obra tem sido citada constantemente como

---

pp. 278-279 [**Subnota do Tradutor:** no volume II da edição original em inglês e volume III, p. 244 da edição brasileira] daquela obra sugere-se que - se alguém perguntasse a um brâmane erudito sobre a razão do respeito devido aos macacos “talvez aprendesse - se o brâmane o julgasse digno de uma explicação - que os hindus veem no macaco apenas aquilo que Manu queria que ele fosse: a transformação da espécie mais diretamente relacionada com a família humana - um ramo bastardo enxertado em seu próprio tronco antes da perfeição final desta última. Ele aprenderia, além disso, que aos olhos dos ‘gentios’ cultos, o homem espiritual ou interior é uma coisa e que o seu envoltório físico, terrestre, é outra. Que a natureza física, a grande combinação de correlações físicas de forças que avançam em direção à perfeição, foi obrigada a se servir do material que tinha em mãos; ela modela e remodela enquanto prossegue e, terminando a sua obra no homem, apresenta-o apenas como um tabernáculo apropriado ao obscurecimento do espírito Divino.”

Além disso, é mencionado na mesma página [**Subnota do Tradutor:** veja, na edição brasileira de “Ísis Sem Véu”, a nota de rodapé 77, na p. 255 do volume III] um trabalho científico alemão. Ele diz que um cientista de Hannover havia publicado recentemente um livro intitulado “Ueber die Auflösung der Arten durch Natürliche Zucht-wahl”, no qual ele mostra, com grande habilidade, que Darwin estava inteiramente errado ao vincular a origem do homem ao macaco. Ao contrário, ele sustenta que é o macaco que evoluiu desde a condição humana. Ele mostra que, no começo, os seres humanos eram moral e fisicamente os modelos e protótipos da nossa Raça Humana atual, e da nossa dignidade humana, devido à sua beleza de forma, regularidade de feições, seu desenvolvimento craniano, sua nobreza de sentimentos, seus impulsos heroicos, e à grandeza de suas concepções ideais. Isso é puramente parte das filosofias bramânica, budista e cabalista. O livro é amplamente ilustrado com diagramas, tabelas, etc. A obra afirma que a gradual decadência e degradação do homem, moral e fisicamente, pode ser facilmente localizada ao longo da transformação etnológica até a época atual. E que, assim como uma parte da humanidade já degenerou transformando-se em macacos, assim também o homem civilizado de hoje irá um dia dar lugar a descendentes similares. Se nós pudermos julgar o futuro a partir do presente, parece certamente ser possível que um corpo tão pouco espiritual e tão materialista termine como um símio ao invés de como um anjo seráfico. Mas embora os macacos sejam descendentes do homem, certamente não é verdade que a Mônada humana, depois que alcançou o nível da humanidade, encarne alguma outra vez como um animal. (Nota de H. P. Blavatsky)

prova do materialismo da doutrina. Na p. 48 da quinta edição em inglês <sup>472</sup>, o autor, referindo-se ao progresso dos organismos nos Globos, diz que “o reino mineral não desenvolverá o reino vegetal no globo A até que receba um impulso de fora, do mesmo modo que a Terra não pôde desenvolver o Homem do macaco até que recebeu o impulso de fora.”

Não sabemos ao certo se esta frase expressa literalmente o pensamento do autor ou é apenas um erro involuntário. Consideramos mais provável o segundo caso.

Foi uma surpresa constatar o fato de que “O Budismo Esotérico” tem sido tão escassamente compreendido por alguns teosofistas, que eles chegaram a acreditar que o livro apoia totalmente a ideia Darwiniana de evolução, e especialmente a teoria segundo a qual o homem descende de um ancestral pitecoide. <sup>473</sup> Diz um teosofista: “Suponho que você compreende que três quartas partes dos teosofistas e mesmo não-teosofistas imaginam que no que se refere à evolução do homem o darwinismo e a teosofia estão em harmonia.” Nada semelhante a isso foi dito, nem há qualquer espaço significativo para isso, até onde sei, em “O Budismo Esotérico”. Tem sido afirmado repetidamente que a evolução tal como ensinada pelo Manu e por Kapila, está na base dos ensinamentos modernos, mas nem o Ocultismo nem a Teosofia apoiaram jamais as teorias pouco razoáveis dos atuais darwinistas, e muito menos a ideia de que o homem descende de um macaco. Veremos mais sobre isso, mais adiante. Mas basta examinar a página 57 de “O Budismo Esotérico”, quinta edição em inglês, para encontrar a afirmação de que “O homem pertence a um reino nitidamente separado do dos animais”.<sup>474</sup> Tendo diante de si uma declaração tão clara e inequívoca, é estranho que qualquer estudante sério possa ter perdido o rumo, a menos que seja apontada uma contradição grosseira por parte daquele autor.

Cada Ronda repete em uma escala mais elevada o trabalho evolutivo da Ronda anterior. Com a exceção de alguns antropoides mais avançados, como foi mencionado há pouco, o fluir monádico, ou evolução interior, está paralisado até o próximo Manvântara. É preciso repetir sempre que as Mônadas humanas completamente desenvolvidas devem ser deixadas de lado antes que a nova safra de candidatos apareça neste Globo no começo do novo ciclo. (...)

(.....) (.....) (.....)

**(A tradução prosseguirá)**

000

---

<sup>472</sup> Páginas 47-48 de “O Budismo Esotérico” (Ed. Pensamento, SP). (Nota do Tradutor)

<sup>473</sup> Pitecoide: referente ou semelhante a macacos. (Nota do Tradutor)

<sup>474</sup> Veja a p. 53 da edição brasileira de “O Budismo Esotérico” (Nota do Tradutor)

Este ponto do texto corresponde ao alto da p. **187** do original em inglês, na numeração feita com algarismos arábicos. A numeração arábica começa, no original em inglês, apenas na abertura do Proêmio: antes disso, há 47 páginas iniciais numeradas com algarismos romanos. As páginas contadas com algarismos romanos contêm o material anterior ao Proêmio.

Adiantamos a seguir a tradução de um Fragmento do Volume II da obra.

00000

## AS DOZE ESTÂNCIAS DA ANTROPOGÊNESE:

**O Trecho Inicial do Volume II de “*A Doutrina Secreta*”, pp. 15-21 na edição original em inglês.**

## A ANTROPOGÊNESE NO VOLUME SECRETO

(Trechos Textuais) <sup>475</sup>

### I

1.O Lha que faz girar a quarta é servidor do Lha dos Sete, eles fazem a volta guiando suas carruagens ao redor do seu Senhor, o Olho Único. Seu alento deu vida aos Sete; deu vida ao primeiro.

2.A Terra disse: - “Senhor da Face Brilhante; minha casa está vazia..... envia teus filhos para povoar esta roda. Tu mandaste teus sete filhos para o Senhor da Sabedoria. Ele te vê sete vezes mais perto de si, te sente sete vezes mais. Proibiste aos teus servidores, os pequenos anéis, de pegarem tua luz e teu calor e de interceptarem a tua grande generosidade ao passar. Envia-os agora à tua serva.”

---

<sup>475</sup> Apresentamos aqui apenas 49, entre centenas de Slokas. Nem todos os versos são traduzidos literalmente. Às vezes, empregamos uma perífrase para que o texto seja claro e compreensível, em passagens em que uma tradução literal seria completamente ininteligível. (Nota de H. P. Blavatsky)

3.O “Senhor da Face Brilhante” disse: “Eu te enviarei um fogo quando teu trabalho tiver começado. Ergue tua voz até outros Lokas; pede a teu pai, o Senhor do Lótus, pelos filhos dele ..... A tua gente estará sob a direção dos Pais. Os teus homens serão mortais. Os homens dos Senhor da Sabedoria são imortais, os Filhos Lunares, não. Pára de reclamar. Tuas sete peles ainda estão sobre ti ..... Tu não estás pronta. Teus homens não estão prontos.”

4.Depois de grande sofrimentos ela desembaraçou-se de suas três peles velhas e vestiu suas sete novas peles, e permaneceu na sua primeira.

## II

5.A roda girou durante mais 300 milhões. Ela construiu rupas: pedras suaves que endureceram; plantas duras que se tornaram suaves. O visível do invisível, insetos e as vidas pequenas. Ela os sacudia do seu dorso sempre que eles devastavam a mãe. Depois de 300 milhões ela se tornou redonda. Ela se inclina sobre as suas costas, de lado ..... Ela não queria chamar nenhum filho do Céu, não solicitava nenhum filho da Sabedoria. Ela criava do seu próprio seio. Ela produziu homens-aquáticos, terríveis e maus.

6.Ela própria criou os homens-aquáticos terríveis e maus a partir dos restos de outros, formou-os com a escória e o lodo dos seus primeiros, segundos e terceiros. Os Dhyanis vieram e olharam -; os Dhyanis vieram do claro Pai-Mãe, das regiões brancas, da moradia dos mortais imortais.

7.Eles ficaram descontentes. Nossa carne não está lá. Não há rupas adequados para nossos irmãos da quinta. Não há moradias para as vidas. Eles devem beber águas puras, e não turvas. Vamos secá-las.

8.As chamas vieram. Os fogos com as centelhas; os fogos da noite e os fogos do dia. Eles secaram as águas turvas e escuras. Com seu calor as extinguiram. Vieram os Lhas do Alto e os Lhamayin de Abaixo. Eles mataram as formas que tinham duas e quatro faces. Lutaram contra os homens-cabra, contra os homens com cabeça de cachorro e contra os homens com corpo de peixe.

9.A mãe-água, o grande mar, chorou. Ela ergueu-se e desapareceu na lua que a havia elevado, que lhe havia dado nascimento.

10.Quando eles foram destruídos, a Mãe-terra ficou sem nada. Ela pediu para ser secada.

## III

11.O Senhor dos Senhores veio. Ele separou do corpo dela as águas, e aquilo foi o Céu acima, o primeiro Céu.

12.Os grandes Chohans chamaram os Senhores da Lua, dos corpos aéreos.  
“Produzam homens, homens da sua natureza, deem a eles as suas formas internas.  
Ela construirá a cobertura por fora. Eles serão masculino-femininos. Também  
Senhores da Chama .....”

13.Cada um deles foi para o território que lhe foi destinado; eram sete, cada um na  
sua área. Os Senhores da Chama permaneceram atrás. Eles não queriam vir, não  
queriam criar.

## IV

14.As Sete Hostes, os “Senhores Nascidos-pela-Vontade”, movidos pelo Espírito da  
Doação de Vida, separaram os homens de si, cada um na sua própria região.

15.Nasceram sete vezes sete Sombras de homens futuros, cada homem com sua cor  
e seu tipo. Cada um inferior a seu pai. Os pais, os sem ossos, não podiam dar vida a  
seres dotados de ossos. Seus descendentes eram Bhuta, sem forma e sem mente. Por  
isso eram chamados de Chhaya.

16.Como nascem os Manushya? Os Manus com mentes, como são feitos? Os pais  
chamaram, para ajudá-los, o seu próprio fogo, que é o fogo que queima na Terra. O  
Espírito da Terra chamou em sua ajuda o Fogo Solar. Com seus esforços conjuntos,  
estes três produziram um bom Rupa. Ele podia ficar em pé, caminhar, correr,  
reclinar-se, ou voar. Porém ele ainda era um Chhaya, uma sombra destituída de  
sentidos.....

17.O Alento precisava de uma forma; os Pais a deram. O Alento precisava de um  
corpo denso; a Terra o moldou. O Alento necessitava do Espírito da Vida; os Lhas  
Solares o colocaram, com sua respiração, na sua forma. O Alento necessitava um  
Espelho do seu Corpo; “Nós demos a ele o nosso próprio”, disseram os Dhyanis. O  
Alento necessitava um Veículo de Desejos; “Ele o tem”, disse o Drenador das  
Águas. Mas o Alento necessita de uma mente capaz de abarcar o Universo; “Não  
podemos dar isso”, disseram os Pais. “Nunca tive isso”, disse o Espírito da Terra. “A  
Forma seria destruída se eu lhe desse a minha”, disse o Grande Fogo..... O  
homem permaneceu sendo um Bhuta, vazio e sem sentidos..... Assim os sem-ossos  
deram vida a aqueles que se tornaram homens com ossos na terceira.

## V

18.Os primeiros eram os filhos da Ioga. Seus filhos, os filhos do Pai Amarelo e da  
Mãe Branca.

19.A Segunda Raça foi produto da gemação <sup>476</sup> e da expansão, a assexuada que surgiu da sem-sexo.<sup>477</sup> Assim, ó Lanu, surgiu a Segunda Raça.

20.Seus pais eram Autonascidos. Os Autonascidos, os Chhayas surgidos dos corpos luminosos dos Senhores, os Pais, os Filhos do Crepúsculo.

21.Quando a Raça envelheceu, as águas antigas misturaram-se com as mais recentes. Quando suas gotas ficaram turvas, elas se desfizeram e desapareceram na nova corrente, a corrente quente da vida. O externo da primeira tornou-se o interno da segunda. A velha Asa tornou-se a nova Sombra, e a Sombra da Asa.

## VI

22.Então a segunda produziu os nascidos-de-Ovos, a Terceira. O suor cresceu, suas gotas cresceram, se tornaram firmes e redondas. O sol o aqueceu; a Lua o esfriou e lhe deu forma; o vento o alimentou até o seu amadurecimento. O cisne branco do firmamento estrelado protegia a grande gota. O ovo da raça futura, o Homem-cisne da terceira posterior. Primeiro, masculino-feminino, depois homem e mulher.

23.Os Autonascidos eram os Chhayas: as sombras surgidas dos corpos dos Filhos do Crepúsculo.

## VII

24.Os Filhos da Sabedoria, os Filhos da Noite, prontos para o renascimento, desceram. Viram as formas vis da Primeira Terceira. “Podemos escolher”, disseram os Senhores, “temos sabedoria”. Alguns entraram nos Chhayas. Alguns projetaram a centelha. Alguns postergaram até a Quarta. Com o seu próprio Rupa encheram Kama. Aqueles que entraram se tornaram Arhats. Aqueles que só receberam uma centelha permaneceram destituídos de conhecimento; a centelha queimava com pouca força. A terceira permaneceu sem mente. Os Jivas deles não estavam preparados. Estes foram colocados à parte entre os sete. Eles passaram a ter cabeças-estreitas. Os terceiros estavam prontos. “Vamos habitar estes”, disseram os Senhores da Chama.

25.Como agiram os Manâsa, os Filhos da Sabedoria? Eles rejeitaram os Autonascidos. Eles não estão prontos. Eles rejeitaram os nascidos-por-Suor. Eles não estão bem prontos. Eles não queriam entrar nos primeiros nascidos-de-Ovos.

---

<sup>476</sup> Gemação (“Budding” no original em inglês): Tipo de reprodução assexuada que ocorre em certos organismos e que se dá pelo surgimento de uma massa celular protuberante, que cresce e se diferencia, dando origem a um novo indivíduo. Sinônimo; brotamento. (Ver dicionário “Novo Aurélio da Língua Portuguesa”, edição 1999.) (Nota do Tradutor)

<sup>477</sup> Aqui são dados o espírito e a ideia da frase, já que uma tradução verbal significaria muito pouco para o leitor. (Nota de H. P. Blavatsky)

26. Quando os nascidos-por-Suor produziram os nascidos-de-Ovos, os duplos e os poderosos, os poderosos com ossos, os Senhores da Sabedoria disseram: “Agora nós vamos criar.”

27. A Terceira Raça se tornou o Vahan <sup>478</sup> dos Senhores da Sabedoria. Ela criou os “Filhos da Vontade e da Ioga”, criou-os por Kriyasakti, eles, os Pais Sagrados, os ancestrais dos Arhats.

## VIII

28. Das gotas de suor, do resíduo da substância, da matéria procedente dos cadáveres dos homens e dos animais da roda anterior, e do pó jogado fora, foram produzidos os primeiros animais.

29. Animais com ossos, dragões do abismo e Sarpas <sup>479</sup> voadoras foram acrescentados aos seres que rastejam. Os que rastejam pelo solo obtiveram asas. Os aquáticos de pescoço longo foram os ancestrais das aves do ar.

30. Durante a Terceira Raça, os animais sem ossos cresceram e mudaram: eles se tornaram animais com ossos, os seus Chhayas se tornaram sólidos.

31. Os animais foram os primeiros a se separarem. Eles começaram a procriar. Também o homem duplo se separou. Ele disse: “Façamos como eles; unamo-nos e procriemos.” E assim fizeram.

32. E aqueles que não tinham centelha tomaram para si enormes fêmeas animais. Geraram raças mudas. Eles próprios eram mudos. Mas as suas línguas se soltaram. As línguas da sua prole permaneceram mudas. Procriaram monstros. Uma raça de monstros encurvados, cobertos de cabelos vermelhos, andando em quatro patas. Uma raça muda para que a vergonha não fosse narrada.

## IX

33. Ao verem isso, os Lhas, que não tinham construído os homens, choraram, dizendo:

34. “Os Amanasas degradaram nossas habitações futuras. Isto é Carma. Usemos as outras habitações. Devemos ensinar-lhes melhor, para evitar que ocorra o pior.” Eles fizeram.....

---

<sup>478</sup> *Vahan*. Do sânscrito: veículo, instrumento, aquilo que transporta algo imaterial. (Nota do Tradutor)

<sup>479</sup> *Sarpas*: Do sânscrito: serpentes. (Nota do Tradutor)

35. Então todos os homens foram dotados de Manas. Eles viram o pecado dos que não tinham mente.

36. A Quarta Raça desenvolveu a fala.

37. O Um se converteu em Dois; também todos os seres vivos e rastejantes que ainda eram uma unidade; peixes-pássaros gigantes e serpentes de cabeças com carapaças.

## X

38. Assim, de dois em dois, nas sete regiões, a Terceira Raça deu nascimento aos homens da Quarta Raça; os deuses se converteram em não-deuses; os suras se tornaram a-suras.<sup>480</sup>

39. A primeira, em todas as regiões, tinha a cor da lua; a segunda era amarela como ouro; a terceira, vermelha; a quarta, castanha, que se tornou preta pelo pecado. As primeiras sete ramificações humanas eram todas da mesma cor. As sete ramificações seguintes começaram a misturar-se.

40. Assim a Quarta chegou a ser alta devido ao orgulho. Disseram: “Nós somos os reis, nós somos os deuses.”

41. Tomaram esposas lindas ao olhar. Esposas vindas dos que não tinham mentes, os de cabeça estreita. Criaram monstros. Demônios maldosos, masculinos e femininos, também Khado (Dakini), de mentes pequenas.

42. Construíram templos para o corpo humano. Adoraram o masculino e o feminino. Então o Terceiro Olho deixou de funcionar.

## XI

43. Eles construíram cidades enormes. Construíram com terras e metais raros, e com base nos fogos expelidos, na pedra branca das montanhas e na pedra negra, eles talharam suas próprias imagens, conforme seu tamanho e semelhança, e as adoraram.

44. Construíram grandes imagens com altura de nove yatis<sup>481</sup>, o tamanho dos seus corpos. Fogos internos haviam destruído a terra dos seus pais. A água ameaçava a quarta.

45. Vieram as primeiras grandes águas. Submergiram as sete grandes ilhas.

---

<sup>480</sup> *Suras*: Do sânscrito, Deuses. *A-suras*: não-deuses. (Nota do Tradutor)

<sup>481</sup> *Yati*: Do sânscrito, medida equivalente a três metros. A Quarta Raça era a raça dos gigantes humanos. (Nota do Tradutor)

46.Todos os Sagrados foram salvos, os Não-sagrados, destruídos. Com eles, a maior parte dos animais gigantescos, produzidos do suor da terra.

## XII

47.Poucos homens permaneceram: alguns amarelos, alguns castanhos e pretos, alguns vermelhos permaneceram. Os de cor da lua desapareceram para sempre.

48.A quinta, produzida da estirpe Sagrada, permaneceu; ela foi governada pelos primeiros Reis divinos.

49..... Quem voltou a descer, quem estabeleceu a paz com a quinta, quem a ensinou e a instruiu. ....

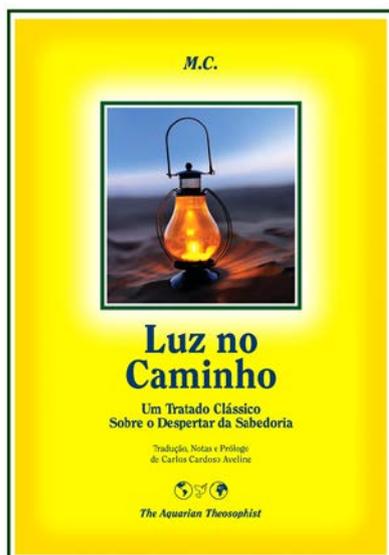
000000000000

**(Final das sete estâncias da Antropogênese, que abrem o vol. II de “A Doutrina Secreta”, pp. 15-21)**

**(A tradução da obra prosseguirá.)**

000

Sobre o mistério do despertar individual para a sabedoria do universo, leia a edição luso-brasileira de “**Luz no Caminho**”, de M. C.



Com tradução, prólogo e notas de Carlos Cardoso Aveline, a obra tem sete capítulos, 85 páginas, e foi publicada em 2014 por “**The Aquarian Theosophist**”.

000